Sófocles completo

Ájax

Tradução de Mário da Gama Kury

O AUTOR

Sófocles nasceu em 496 a.C. em Atenas, onde sua primeira peça foi representada em 468 a.C.; um de seus competidores naquela ocasião foi o já consagrado Ésquilo, vinte e oito anos mais velho. Sófocles foi o vencedor e durante sessenta anos compôs tragédias e dramas satíricos, num total aproximado de 123; deste total chegaram até nós, na íntegra, sete tragédias (*Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona, Filoctetes, As traquínias, Ájax e Electra*), além de um drama satírico quase completo (*Os sabujos*) e numerosos fragmentos esparsos em citações de escritores gregos e latinos. O poeta morreu em 406 a.C. (no mesmo ano em que provavelmente ocorreu a morte de Eurípides).

A OBRA

A peça decorre em frente à tenda de Ájax, no acampamento dos gregos próximo a Troia. Revoltado com a resolução dos chefes gregos de entregar as armas de Aquiles recém-morto por Páris a Odisseu, preterindo-o, Ájax toma a decisão de matar Agamêmnon, comandante dos gregos na guerra, e Menelau, irmão de Agamêmnon, além de outros chefes de contingentes da expedição, durante o sono deles. A deusa Atena priva-o da razão e ele, enfurecido, mata os animais dos rebanhos conquistados pelos gregos, imaginando que assassinava seus chefes. Recuperando a lucidez, Ájax percebe que está perdido e resolve suicidar-se; no intuito de realizar seus desígnios o herói retira-se para um local ermo perto do mar, e depois de um longo e comovente solilóquio se lança sobre sua espada fincada no chão. Seu meio-irmão Teucro aparece, porém tarde demais para salvá-lo; revoltado, Teucro decide desobedecer às ordens de Menelau e de Agamêmnon deixando insepulto o cadáver do herói e privando-o de qualquer homenagem fúnebre. Travam-se longas e violentas discussões entre Teucro, de um lado, e Menelau e Agamêmnon do outro, sem que os chefes gregos mudem de ideia. Finalmente aparece Odisseu, que convence Agamêmnon a permitir a realização dos funerais.

Desde a Antiguidade, o *Ájax*, a tragédia da vaidade ferida, vem recebendo críticas pelo fato de a peça não terminar no momento do suicídio do herói, a ponto de um comentador bizantino dizer que "Sófocles cometeu um erro grosseiro dando continuidade à peça após o suicídio". Este comentário, todavia, é mais significativo em termos de impertinência crítica do que no tocante às qualidades da tragédia ora traduzida. O julgamento final neste campo, em nossa opinião, caberá aos leitores - a cada leitor -, mas se tivermos em mente a importância dos funerais na Grécia antiga, a chamada "segunda parte" da peça, que alguns críticos vão ao extremo de atribuir a outro poeta, aparece como sequência e conclusão naturais da obra, cheia das qualidades da "primeira parte" (veja-se, por exemplo, o impressionante solilóquio de Ájax antes de suicidar-se). Seja como for, a excelência da tragédia justifica sua sobrevivência, e talvez as restrições resultem mais da simplicidade (no sentido de linearidade) do enredo.

Na tradução valemo-nos quase sempre do texto da edição de R.C. Jebb (Cambridge, University Press, 1896). Consultamos também as notas numerosas e esclarecedoras do

mesmo Jebb, além das edições de Paul Masqueray (Paris, Les Belles Letres, 4ª edição, 1946) e de Alfonse Dain e Paul Mazon (mesma editora, 1965).
Seguindo o original, mantivemos na tradução as frequentes mudanças de metro constantes do original, para acentuar as emoções dos personagens.

Época da ação: idade heroica da Grécia.
Local: Troia.
Primeira representação: data incerta (anterior a 441 a.C., quando foi encenada a *Antígona*).

PERSONAGENS

A deusa ATENA.
ODISSEU, filho de Laertes.
ÁJAX, filho de Telamon.
CORO, de marinheiros de Salamina comandados por Ájax, às vezes dividido em dois SEMICOROS.
TÊCMESSA, concubina de Ájax.
MENSAGEIRO.
TEUCRO, meio-irmão de Ájax.
MENELAU
AGAMÊMNON } filhos de Atreu, também chamados Atridas.
EURISACES, filho ainda pequeno de Ájax (personagem mudo).

CENÁRIO
O acampamento grego junto a Troia reduzida a ruínas. O dia amanhece. Vê-se ODISSEU em frente à tenda de ÁJAX; ele se sobressalta ao ouvir a voz de ATENA, que aparece por cima da tenda. ODISSEU a ouve mas não a vê.

ATENA
Sempre te vejo alerta, filho de Laertes,
pronto para surpreender teus inimigos.
Neste momento estás em frente à tenda de Ájax,
perto de suas naus, junto ao acampamento.
Observo-te há poucos instantes; vens seguindo
os movimentos deste herói, examinando
as pegadas recentes, querendo saber
se agora ele se encontra em sua tenda ou não.
Posso dizer que o faro de um cão da Lacônia
te leva ao objetivo sem qualquer desvio;
o homem está lá; ele acaba de entrar
e sua fronte está molhada de suor,
tanto quanto seus braços prestes a enforcar.
Já não terás de imaginar, cheio de dúvidas,
o que esta porta inda te oculta e em vez disso
deves dizer-me por que te cansas assim;

estou a par de tudo e posso auxiliar-te.

ODISSEU

Ah! Voz de Atena, voz de minha deusa amada!
Ouvindo-a, reconheci o teu chamado,
embora ainda estejas longe de meus olhos.
Meu coração recebe-o sofregamente.
Dir-se-ia que ele é um clarim etrusco[1]
falando alto por sua boca de bronze.
Sim! Desta vez ainda me compreendeste;
meus passos giram em volta de um inimigo,
de Ájax protegido por seu grande escudo.
É dele, e não de qualquer outro chefe grego,
que meus passos seguem a pista há algum tempo.
Durante a noite ele cometeu contra nós
um crime incrível - se ele foi de fato o autor,
pois na verdade nada sabemos de certo.
Andávamos sem rumo, eu e minha escolta,
e só por isso me propus esta missão.
Há pouco descobrimos que nossos rebanhos,
conquistados após a batalha final,
foram exterminados pelas mãos de homens,
que também abateram os guardiães das reses.
Os gregos atribuem esse crime a Ájax.
Um de nossos soldados o viu no momento
em que ele pulava sozinho, alucinado,
no meio da planície com a sua espada
inda vermelha de abundante sangue fresco.
A própria testemunha trouxe-me a notícia
em todos os detalhes, e neste momento
estou seguindo a pista do exterminador.
Guiam-me umas poucas pegadas, mas há outras
que até agora me fazem perder a pista;
Não posso imaginar de quem seriam elas..
Estás chegando em boa hora; tua mão
deve indicar-me o caminho certo a seguir,
como fez no passado e fará no futuro.

ATENA

Já sei e vim juntar-me num instante a ti
com o único objetivo de te proteger
na realização desta caçada a Ájax.

ODISSEU

Dize se ajo bem, querida protetora.

ATENA

Não tenhas dúvida; ele é o autor do feito.

ODISSEU
Qual o motivo desta violência insana?

ATENA
O penoso despeito em relação aos gregos
porque não lhe outorgaram as armas de Aquiles.

ODISSEU
Por que, então, a louca matança do gado?

ATENA
Alucinado, ele pensava que tingia
as mãos convulsas no sangue de vossos chefes.

ODISSEU
Seus planos visavam, de fato, os chefes gregos[2]?

ATENA
Se eu não agisse ele os teria exterminado.

ODISSEU
Foi dele o plano desta golpe audacioso?
De onde veio esta ideia temerária?

ATENA
Ele saiu à noite para vos matar
dissimuladamente e sem acompanhantes.

ODISSEU
E executou o plano só, até o fim?

ATENA
Ele chegou às portas das tendas dos chefes[3].

ODISSEU
E lá cessou a sua fúria homicida?

ATENA
Eu o contive. Espalhei sobre seus olhos
a ilusão solerte de um triunfo horrível
e o dirigi assim para vossos rebanhos,
presas de guerra ainda à espera da partilha,
entregues aos vossos guardadores de bois.
Ele precipitou-se sobre os animais
fazendo uma carnificina pavorosa
entre as chifrudas reses enquanto avançava.
Em seu delírio, ora lhe parecia
que aprisionava os dois atridas e os matava
com suas próprias mãos, e ora imaginava
que eliminava um chefe e em seguida outro

a cada nova arremetida contra os animais.
E eu incentivava o homem furioso
e o impelia para o fundo dessa rede
em que estava encontrando a sua perdição.
Depois de saciada a cólera mortífera
vi-o amarrando os animais ainda vivos
e conduzindo-os até a própria tenda,
como se se tratasse de prisioneiros
e não de bois cornudos; lá recomeçou
a maltratá-los, dando a nítida impressão
de estar lidando com criaturas humanas
em vez de bestas. Mas minha intenção agora
é que deponhas como testemunha única
dessa demência óbvia junto aos gregos todos.
Não tenhas medo; fica aí e não receies
que ele te faça mal; desviarei de ti
o seu olhar e não serás reconhecido.

ATENA desce até as proximidades da porta da tenda de ÁJAX, que está no interior da mesma, e lhe dirige a palavra.

Tu, que amarraste com fortes cordas os braços
de teus cativos e os puseste para trás!
Sai! Sou eu quem te chama, Ájax! Sai daí!
Ouve-me e vem até a porta desta tenda!

ODISSEU
Que estás fazendo, Atena? Para de chamá-lo!

ATENA
Fica tranquilo. Queres parecer covarde?

ODISSEU
Não! Deixa-o na tenda! Basta, pelos deuses!

ATENA
Mas, que receias? Trata-se apenas de um homem.

ODISSEU
De um inimigo. Fique ele atrás da porta.

ATENA
Zombar de um inimigo é doce zombaria.

ODISSEU
É bom saber que ele inda está em sua tenda.

ATENA
Tens medo de ver frente a frente um homem louco?

ODISSEU
Se ele não fosse louco eu não teria medo.

ATENA
Ele não te verá, inda que estejas perto.

ODISSEU
Que dizes? Seus olhos não veem, mesmo abertos?

ATENA
Obscurecê-los-ei; não serás visto; acalma-te.

ODISSEU
Quando um deus nos ajuda, nada é impossível.

ATENA
Faze silêncio, então, e permanece aí.

ODISSEU
Se queres, fico, mas prefiro outro lugar.

ATENA

Dirigindo-se a Ájax no interior da tenda.

Estou chamando-te pela segunda vez!
Não és atencioso com tua aliada.

Abre-se a porta da tenda. Ájax aparece com a espada ensanguentada nas mãos.

ÁJAX
Salve, filha de Zeus, divina Atena! Salve!
Ah! Quanto me ajudaste! Quero oferecer-te
por estas belas presas que matei na caça
um condigno troféu de ouro maciço.

ATENA
Falaste bem, mas dize: mergulhaste a espada
no sangue dos guerreiros grego muitas vezes?

ÁJAX
Não negarei; posso vangloriar-me disto.

ATENA
Teu braço armado ergueu-se até contra os atridas?

ÁJAX
Ergueu-se, e nunca mais eles me humilharão.

ATENA
Se compreendo bem, os dois já não existem.

ÁJAX
Sim; está mortos. Tirem-me as armas agora!

ATENA
Bravo! Mas onde está o filho de Laertes[4]?
Qual foi o seu destino? Ele fugiu de ti?

ÁJAX
Perguntas onde está a raposa maldita?

ATENA
Sim; penso em Odisseu, em teu grande inimigo.

ÁJAX
Nenhum dos hóspedes foi tão bem-vindo, deusa;
ele está sentado lá dentro, acorrentado.
Ainda não não tive vontade de matá-lo.

ATENA
Que farias primeiro? Em que vantagens pensas

ÁJAX
Antes eu mesmo o amarrarei com minhas mãos
a um pilar que fica abaixo de meu teto.

ATENA
Para fazer ainda o que ao infeliz?

ÁJAX
Seu dorso nu há de ficar arroxeado
por meu açoite até que eu o veja sem vida.

ATENA
Não tortures tão cruelmente o desgraçado!

ÁJAX
Seja como quiseres, deusa, em tudo mais.
Se queres, satisfaze teus outros desejos,
mas este é o mal que lhe reservo, e nenhum outro.

ATENA
Se isso te dará prazer, que seja assim.
Vai logo, então, golpeia-o sem compaixão
e não freies nenhum de teus terríveis ímpetos!

ÁJAX
Vou completar minha tarefa. Quanto a ti,

apenas peço que estejas sempre a meu lado
como a boa aliada que foste até hoje.

Ájax volta à tenda e fecha a porta.

ATENA

Viste, Odisseu, como é grande o poder dos deuses?
Quem mostraria em tempo algum maior prudência
e também mais bravura na hora de agir?

ODISSEU

Até onde posso saber, ninguém, Atena.
Compadeço-me dele em seu grande infortúnio
embora seja o pior dos meus inimigos,
pois ele está atado a um destino horrível.
Medito ao mesmo tempo sobre a minha sorte
e sobre a deste herói, pois vejo claramente
que somos sombras ou efêmeros fantasmas
vivendo a nossa vida como os deuses querem.

ATENA

Se é assim, impregna-te destes conceitos,
faze o maior esforço para que teus lábios
jamais digam quaisquer palavras insolentes
contra nenhuma divindade. Não assumas
uma atitude altiva se prevaleceres
sobre outras criaturas nesta vida breve
em valentia ou em riqueza; um dia apenas
reduz a nada as tolas pretensões humanas
ou então as exalça. Os homens mais prudentes
são sempre amados pelos deuses, mas os maus
são justamente detestados entre eles.

ATENA *desaparece e ODISSEU afasta-se. Entra o CORO.*

CORO

Quando tens sorte ficamos alegres,
filho de Telamon[5], ilustre rei
de Salamina, a ilha celebrada,
cujos embasamentos são banhados
pelas ondas do mar. Mas quando atingem-te
golpes de Zeus divino ou se levantam
dos batalhões de combatentes gregos
rumores repassados de calúnias
contra tua pessoa, inquietamo-nos
como se fôssemos pombos que sentem
os olhos se turvarem nas alturas.
Para nossa vergonha detectamos
durante a noite há pouco tempo finda
murmúrios incisivos contra ti:

dizem que apareceste nas pastagens
onde correm as éguas assustadas
e massacraste os rebanhos dos gregos
- parte de nossos despojos de guerra
com muitos sacrifícios conquistados
por nossas finas lanças -, dizimando-os
com tua espada sedenta de sangue.
São estas as histórias inventadas
pelo astuto Odisseu e sussurradas
aos ouvidos de todos os guerreiros
em seu trabalho de persuasão.
Agora és o alvo das denúncias;
tudo que ele propala ganha crédito,
e cada ouvinte, mais que o delator,
exulta de maneira desdenhosa
com teus exacerbados sofrimentos.
Aponta para os grandes tuas flechas
e elas logo atingirão o alvo.
Se alguém lançasse contra nós, humildes,
acusações iguais às que te atingem,
quem lhe daria crédito entre os gregos?
São vítimas da inveja os poderosos,
mas sem os grandes homens os pequenos
são como um paredão que desmorona
por falta da devida proteção.
Para que um muro se mantenha erguido
as pedras de menores dimensões
têm de juntar-se inevitavelmente
aos blocos grandes e estes aos pequenos.
E os tolos não têm no devido tempo
a mínima noção destas verdades.
São tolos[6] os que clamam contra ti
e sendo poucos somos impotentes
para neutralizar os seus ataques
quando não estás próximo de nós.
Mas já que longe de teu firme olhar
eles fazem ruído como pássaros
em bandos numerosos na presença
de um grande abutre, com toda a certeza
o terror os domina e quando, enfim,
apareceres repentinamente,
todos se prostrarão por terra, mudos,
incapazes sequer de usar a voz.
Então foi Ártemis, filha de Zeus,
que se compraz em dominar os touros
- ah, gritaria horrível de se ouvir,
mãe de nosso pudor! -, que em altos brados
te lançou contra o rebanho pacato
presa de guerra dos valentes gregos?
Foste algum dia menos generoso

com ela depois de alguma vitória?
Deixaste-a frustrada, por acaso,
sem as devidas oferendas ótimas
de gloriosos despojos de guerra,
sem sacrifícios de animais silvestres?
Seria, então, o próprio Eniálio[7],
deus revestido da couraça brônzea,
que, depois de te oferece o apoio
de sua lança, teria motivos
de queixa contra ti, senhor, e armou
uma cilada mas trevas da noite
para vingar-se assim de tua afronta?
Jamais, filho de Telamon, tu mesmo
perderias o senso até chegar
ao ponto de atacar qualquer rebanho!
Não! Foi um mal mandado pelo céu
que desabou sobre tua cabeça!
Queiram Zeus soberano e Febo e Apolo[8]
dar fim depressa aos murmúrios dos gregos!
Mas se furtivamente os chefes deles,
dois combativos reis, ou este príncipe
da raça infame dos filhos de Sísifo[9]
obstinam-se na invenção de histórias
deste teor, não deves, senhor nosso,
ficar em tua tenda à beira-mar,
alimentando pérfidos rumores.
Vamos! Levanta-te! Deixa o assento
em que há tanto tempo estás inerte,
nesta passividade inquietante!
Assim fazes subir até o céu
a chama que anuncia teu desastre!
A insolência de teus inimigos
agora alastra-se incontidamente
até os vales abertos aos ventos.
Todos zombam de nós com más palavras
e a mágoa mora em nossos corações.

Entra TÊCMESSA[10]

TÊCMESSA

Há diante de nós muitos motivos,
marinheiros leais das naus de Ájax,
sobrinhos de Erecteu filho da Terra[11],
para lamentações intermináveis,
pois nos preocupamos com razão
com a linhagem do rei Telamon,
longe de Salamina, sua pátria.
Neste momento o grande, o respeitado,
o feroz Ájax, deve estar deitado
no chão de sua tenda, triste vítima

de um furacão que lhe escurece a alma!

CORO

Depois da calma a noite recém-finda
nos trouxe um desencanto esmagador.
Fala, filha do frígio Teleutas,
pois Ájax ardoroso fez de ti
sua cativa e agora mulher
e te protege com seu grande amor.
Deves saber de algo e nos dirás
palavras mensageiras da verdade.

TÊCMESSA

Mas, pode-se explicar o inexplicável?
Equivalente à morte é o evento
cujo relato ireis ouvir de mim.
Vítima de um acesso de loucura,
Ájax, nosso excelente amigo Ájax,
deixou praticamente de existir
durante a noite finda; basta olhar
no interior de sua ampla tenda
as muitas vítimas ensanguentadas,
sacrificadas pelas mãos de um homem;
ele é o autor de uma hecatombe horrível.

CORO

Ah! São fatídicas, esmagadoras,
estas notícias que nos trazes hoje
do herói fogoso!... Os gregos, insensíveis,
divulgam-nas; um terrível rumor
as amplifica. Temos muito medo
dos grandes males ainda por vir.
Quando for descoberto, o responsável
será por certo condenado à morte
por haver empunhado a espada negra
para imolar durante seu delírio
os nossos bois e os pastores montados.

TÊCMESSA

Ainda tenho a impressão de vê-lo
chegando das pastagens - sim, pastagens! -,
trazendo os bois atados uns aos outros.
Algumas reses ele degolou
em sua tenda; de outras separou
os flancos de uma extremidade a outra,
partindo-as completamente ao meio.
Continuando, ele tomou nos braços
um par de carneiros[12] de patas brancas;
de um deles ele cortou a cabeça
e depois de arrancar com a mão a língua

lançou-a ao solo. O outro ele amarrou
em pé num dos esteios existentes
em sua tenda e depois, apanhando
uma longa correia apropriada
para prender cavalos, fez com ela
um duplo açoite dos mais ruidosos,
usando-o para atacar a besta
enquanto a insultava, transtornado.
com torrentes de palavras terríveis
que só um deus, e nunca um dos mortais,
teria sido capaz de ensinar-lhe[13].

CORO

Está chegando a hora de cobrirmos
nossas cabeças com véus e fugirmos
furtivamente, ou então sentarmo-nos
nos bancos onde os remadores ficam
a bordo de nossas velozes naus,
e de impeli-las com força total,
pelos caminhos do mar insondável.
sob os golpes lançados contra nós
pelos dois reis irmãos, filhos de Atreu.
Temos medo de morrer alvejados
por pedras, atacados cruelmente
em companhia do herói infeliz
que um destino espantoso esmaga aqui.

TÊCMESSA

Tudo acabou; sem a luz de um relâmpago,
a tempestade que tinha caído
sobre sua cabeça já passou.
Ájax recuperou a lucidez
mas somente para ser atingido
por novos e piores sofrimentos.
Rememorar os males que ele mesmo
se infligiu sem participação
de qualquer companheiro, só lhe deixa
entrever sofrimentos infinitos.

CORIFEU

Se o acesso acabou, em minha opinião
tudo vai melhorar; finda a perturbação,
o mal agora nos parece menos grave.

TÊCMESSA

Se te fosse dado escolher, dize-me logo
qual poderia ser a tua preferência:
ser venturoso enquanto os amigos se afligem,
ou partilhar as muitas amarguras deles,
acabrunhados por terríveis sofrimentos?

CORIFEU
Um duplo mal, mulher, é a pior desgraça.

TÊCMESSA
Então o mal cessou, mas nossas dores não.

CORIFEU
Que dizes? Não posso entender tuas palavras.

TÊCMESSA
O nosso amigo, vítima da insanidade,
sentia-se feliz com o mal que o desvairava,
enquanto nós, desarvorados a seu lado,
sabíamos que nossa mente estava sã.
Recuperada agora a lucidez por ele,
iremos vê-lo inteiramente dominado
por uma incrível amargura; nós, porém,
sofremos, tão desesperados quanto antes.
Não há nisto dois males em vez de um apenas?

CORIFEU
Concordo e temo que venha de um deus o golpe.
E como poderíamos ter qualquer dúvida
se, livre de seu mal, ele não nos parece
nada melhor do que quando inda estava aflito?

TÊCMESSA
É esta a minha opinião; quero que saibas.

CORIFEU
Mas, como teve início o mal? Como a demência
dominou Ájax? Conta-nos as tuas penas.
pois te diriges a pessoas que as partilham.

TÊCMESSA
És nosso amigo; logo ficarás sabendo.
Chegava ao fim a noite. As fogueiras noturnas
já não luziam. Ájax empunhou num átimo
a sua espada de dois gumes, pois lhe veio
subitamente a decisão de se lançar
a uma guerra sem razão nem objetivo.
Eu ponderei dizendo-lhe: "Que fazes, Ájax?
Por que começas a marchar sem ser chamado?
Não recebeste uma mensagem, não ouviste
o som de nenhuma trombeta. A esta hora
todos os combatentes gregos inda dormem."
Ele me respondeu em escassas palavras
com o refrão invariável: "O silêncio,
mulher, é o ornamento maior das mulheres."

Compreendi e me calei; ele saiu.
Não sou capaz de te dizer o que ocorreu
no acampamento, mas ele voltou mais tarde
trazendo touros, cães, pastores, e além disso
um certo número de ovelhas e carneiros.
Ele matou na tenda alguns deles na hora
cortando-lhes logo as cabeças; de outra vítimas
levantou os focinhos e as decapitou;
outros foram exterminados a pancadas.
Ájax brutalizou diversos animais
atados como estavam, e precipitou-se
sobre o rebanho como se estivesse agindo
contra criaturas humanas. De repente,
aparecendo à porta ele se dirigiu
a pessoas imaginárias, vomitando
uma torrente de terríveis invectivas
contra os dois reis filhos de Atreu e logo após
contra Odisseu, entre estrondosas gargalhadas.
Ah, que vingança altiva ele tinha a impressão
de estar tirando contra eles! Logo após
o herói voltou à sua tenda, e com o tempo,
aos poucos e não sem terríveis sofrimentos,
recuperou finalmente a razão - coitado!
Ao ver o vulto do desastre que causara,
desesperado ele deu murros na cabeça,
gritou, caiu - mais uma queda a acrescentar
às incontáveis do rebanho dizimado -,
arrancando com as unhas tufos de cabelos.
Durante muito tempo Ájax ficou parado,
silencioso e abismado. Finalmente
falou comigo, apenas para ameaçar-me
dos mais terríveis males se eu não lhe dissesse
tudo que se passou com ele, e quis saber
qual era mesmo o seu estado. Eu, caro amigo,
dominada pelo terror, disse-lhe tudo
que aconteceu - ao menos tudo que sabia.
Nesse momento começou a soluçar
assustadoramente, como nunca fez,
ele, que não cessava de dizer outrora
que chorar é coisa de fracos e covardes.
Não se tratava de gritos de dor intensa;
eram gemidos roucos (pensei que escutava
mugidos de algum touro). Agora está ali,
aniquilado por seu enorme infortúnio,
sem querer aceitar alimentos e água,
imóvel e prostrado em meio aos animais
sacrificados antes pela sua espada.
Sem dúvida nenhuma Ájax premedita
uma desgraça, a crer nos sombrios presságios
de suas falas e queixumes. Age, amigo!

Quis ver-te justamente por estas razões.
Entra na tenda! Ajuda-o se achas que podes
fazer algo por mim! Homens iguais a ele
cedem apenas às palavras dos amigos.

CORIFEU

Ah! Têcmessa! Ah! Nobre filha de Teleutas!
Tuas palavras expressivas me amedrontam!
As desventuras de Ájax, nosso herói, lançaram-no
numa agonia delirante, irreversível.

Ouve-se a voz de Ájax entre gemidos no interior da tenda.

ÁJAX

Ai! Ai de mim!

TÊCMESSA

Temo que ele piore com o passar do tempo;
não ouves os gemidos comoventes de Ájax?

CORIFEU

Ele parece estar doente, ou se lamenta
lembrando-se por certo de algum mal passado,
cujas repercussões ainda está sentindo.

ÁJAX

Ai! Meu filho! Meu filho!

TÊCMESSA

Ai! Infeliz de mim!
Como sou infeliz! Ele te chama agora,
nosso filhinho! Que terá Ájax em mente?
Tu, Eurisaces, onde estarás neste instante?
Minha infelicidade é muito grande! Enorme!

ÁJAX

Do interior da tenda.

Estou chamando Teucro[14]! Onde está Teucro?
Ele inda corre sem parar em busca
de despojos de guerra enquanto eu morro?

CORO

Ájax parece lúcido. Vamos entrar!
Abra-se a porta! É possível que me vendo
ele recobre um pouco da serenidade.

TÊCMESSA

Estou em frente à porta; abri-la-ei agora.
Poderás ver a sua obra e seu estado.

TÊCMESSA abre a porta. Vê-se ÁJAX desolado entre os animais por ele massacrados.

ÁJAX

Ah! Marinheiros meus! Ah! Meus amigos!
Somente vós permaneceis fiéis
às leis da lealdade! Vede a vaga
que se elevou para me aniquilar,
inflada há pouco tempo contra mim
por uma tormenta destruidora
que me atacou e acaba de envolver-me!

CORIFEU

Ai! Ai de mim! Pareces uma testemunha
verídica demais! Teu ato, por si mesmo,
prova sem deixar dúvidas que enlouqueceste.

ÁJAX

Executantes de tarefa árdua
dos marinheiros, meus caros amigos
que embarcastes para ferir as ondas
com vossos remos! Afinal vos vejo
em condições de pôr fim à desdita
que está me aniquilando! Vinde! Vinde!
Peço-vos! Ajudai-me! Destruí-me!

CORIFEU

Desejo ouvir de ti palavras mais propícias.
Não insistas em agravar tua desgraça
impondo à tua dor remédios dolorosos!

ÁJAX

Vedes o herói valente, audacioso,
que nunca estremeceu nas duras lutas
contra inimigos em qualquer lugar,
aquele cujo braço amedrontava
até as feras imunes ao medo?
Hoje zombam de mim às gargalhadas!...

TÊCMESSA

Imploro-te, Ájax, meu senhor! Não digas isto!

ÁJAX

Saia já daqui! Volta teus calcanhares
e vai embora! Ai! Pobre de mim!...

TÊCMESSA

Ah! Pelos deuses todos! Cede às minhas preces
e luta por recuperar a lucidez!

ÁJAX

Como sou infeliz! Com minhas mãos
pus contra mim os gênios vingadores!...
Precipitei-me contra os bois chifrudos
e contra os alvos e belos carneiros,
banhando-me no sangue escuro deles!...

CORIFEU

Por que te entregas a tão grande desespero?
Aconteceu; o que é não deixará de ser.

ÁJAX

Ah, tu, que espreitas tudo, tu, que estás
em toda parte, artífice de males,
tu, filho de Laertes, mais nojento
de todos os canalhas deste exército!
Que gargalhadas longas, jubilosas,
deves estar dando por minha causa!

CORIFEU

É sempre com o beneplácito dos deuses
que nós, simples mortais, choramos ou sorrimos.

ÁJAX

Ah! Se eu pudesse vê-lo, mesmo assim,
em meio a este desespero imenso
em que me encontro agora! Ai de mim!

CORIFEU

Não deves proferir palavras desdenhosas.
Não vês ainda a desventura a que chegaste?

ÁJAX

Ah! Zeus, progenitor de meus avós!
Faze com que o pérfido Odisseu,
o terrível canalha, morra logo
e com ele pereçam os dois reis[15]!
Depois não me incomodo de morrer.

TÊCMESSA

Se estes são teus votos, deseja também
que eu morra juntamente contigo, senhor!
Por que continuar vivendo se morreres?

ÁJAX

Ah! Trevas, toda minha luz! Ah! Érebo[16]

esplendoroso para mim! Levai-me
para viver convosco! Sim! Levai-me!
Já não sou digno de elevar os olhos
à procura dos bons deuses
e até dos homens!... Veio atormentar-me
e mata-me a filha de Zeus supremo[17],
deusa dotada de grande poder.
Que terra ainda me receberá?
Onde procurarei refugiar-me
se minha boa fama, amigos meus,
morreu com as vítimas mortas por mim,
e se sou condenado a um triunfo
cuja conquista me leva à loucura?
Queiram os céus que todos os soldados
de nosso exército cheguem aqui
segurando uma lança em cada mão,
dispostos a me tirarem a vida!

TÊCMESSA

Ah! Infeliz de mim! Terei de ouvir o herói
por excelência usar palavras que jamais
pensou até há pouco tempo em proferir?

ÁJAX

Ah! Estreito de vagas estrondosas,
barrancos, grutas e belas pastagens
perto do mar! Só por pensar em vós
demorei tanto, tanto tempo em Troia
sem sequer repousar! Nunca, jamais
podereis ver-me desfrutando a vida
(estejam certos deste fato os homens
de mente sã! Ah! Ondas do Escamandro[18],
tão próximas de mim, tão agradáveis
a todos os argivos! Nunca mais
vereis o homem que fui até ontem,
homem tão bravo que Troia arrogante
- direi aqui palavras presunçosas -,
até há pouco não vira outro igual
no exército vindo da terra grega!
Mas vede agora a humilhação
que o reduziu praticamente a nada!...

CORIFEU

Não posso defender-te nem deixar que fales
envolto no infortúnio imenso que te abate.

ÁJAX

Menos agitado.

Ai! Ai! Quem poderia há pouco imaginar
que este meu nome corresponderia agora
tão bem aos males reservados para mim[19]?
É hora de repetir duas ou três vezes
"Ai! Ai!" enquanto enfrento esses reveses todos!
Meu pai voltou há algum tempo desta terra
próxima ao Ida[20], onde com sua bravura
fez jus ao primeiro lugar entre os soldados
vindos da Grécia antes desta expedição.
trazendo para sua casa grande glória
sem qualquer mácula[21]. E eu, sendo seu filho,
dotado de valor igual, cheguei a Troia,
e aqui meu braço realizou feitos dignos
dos dele, mas agora estou aqui, morrendo,
vítima do desprezo dos chefes argivos!
Mas de uma coisa ao menos eu tenho certeza:
se ainda vivo Aquiles tivesse querido
deixar as suas armas a um dos amigos
a fim de consagrar o valor de um herói,
tê-las-ia entregue a mim, somente a mim,
em minhas próprias mãos. Mas na realidade
os dois atridas, graças a intrigas sórdidas
ofereceram-nas ao maior dos vilões;
eles menosprezaram minha valentia
e se minha alma e meus olhos desatinados
não me tivessem compelido a desviar-me
de meus propósitos, nunca mais eles dois
profeririam contra qualquer um dos gregos
uma sentença tão ignóbil quanto a deles!
Foi necessário que a filha do grande Zeus
de olhar feroz, deusa indomável, no momento
em que eu erguia o braço forte contra eles,
me tirasse a razão, pondo em meu coração
a raiva furiosa, por causa da qual
tive de mergulhar ambas as minhas mãos
no sangue destes animais, enquanto os dois
riem de mim agora porque se livraram
- ai, ai de mim! - da punição bem merecida,
frustrando minha decisão. Mas quando um deus
deseja nossa ruína, até o mais covarde
supera o mais valente. Que farei agora?
As divindades obviamente me detestam;
todo o exército dos gregos me abomina;
sou odiado pela cidade de Troia
e por esta planície onde combatemos.
E como poderia eu, para voltar
a Salamina, deixar nossa frota aqui,
deixar sós os atridas e cruzar os mares?
Que espetáculo ofereceria eu
no dia de me apresentar a Telamon,

meu pai? Suportaria ele depois disto
minha presença se eu enfim lhe aparecesse
sem títulos de glória que me distinguissem,
e sem o prêmio inestimável da bravura
que outrora lhe foi concedido em sua terra
com a coroa portadora de nobreza
e outras honrarias tão caras aos homens?
Não! Esta ideia me parece intolerável!
Iria eu até os muros dos troianos
para enfrentá-los e, depois de um feito heroico,
cair sem vida pondo fim a tantos males?
Mas esta solução sem dúvida encheria
os dois atridas de alegria. Impossível!
Melhor seria imaginar uma façanha
capaz de convencer o meu idoso pai
de que, nascido dele, não sou um soldado
sem coração! É realmente vergonhoso
querer viver por muito tempo quando a vida
é uma sucessão constante de amarguras.
Que prazer nos traria o perpassar dos dias
se eles nos afastam da morte fatal
apenas para ouvirmos expressões de escárnio?
Eu não admiraria um homem que soubesse
apenas alimentar esperanças vãs.
Viver com honra ou perecer honradamente
é o lema para quem de fato nasceu nobre!
E basta. Ouvistes tudo que eu tinha a falar.

CORIFEU

Ninguém poderá pretender que nos disseste
palavras enganosas, Ájax; ela vêm
de teu modo de ser. Agora silencia
e deixa teus amigos certos te afastarem
dessa resolução; renega estas ideias!

TÊCMESSA

Ai, Ájax, meu senhor! Não há maior desgraça
para um mortal do que ser joguete da sorte.
Sou filha de um pai livre, cujos bens imensos
fizeram dele um homem muito poderoso,
talvez nunca igualado por qualquer dos frígios[22],
e eis-me hoje aqui como simples cativa.
Foi esta obviamente a decisão dos deuses
e mais ainda de teu braço. Sendo assim,
conjuro-te por Zeus de nossa lareira
e pelo leito que selou nossa união:
poupa-me por favor das palavras cruéis
que eu teria de ouvir dos inimigos teus
se me deixasses sob o jugo de outro homem!
No triste dia em que morreres e no qual,

deixando a vida, ter-me-ás também deixado,
nesse dia funesto - podes ter certeza! -
levada à força - ai de mim! - pelos argivos,
serei, assim como teu filho, destinada
a ter como alimento o pão dado aos escravos.
E com palavras rudes meu novo senhor
lançar-me-á aos gritos seus duros insultos:
"Agora podeis ver a companheira de Ájax,
do mais impetuoso herói de nosso exército!
Olhai-a, reduzida à condição de escrava
depois de a invejarem por sua ventura."
Eis as palavras que me serão dirigidas
e enquanto me perseguir meu cruel destino
expressões como estas te envergonharão,
a ti, senhor, e a todos os teus consanguíneos.
Escuta a voz da honra! Ela não consente
que abandones teu pai nos anos da velhice,
que abandones também a tua mãe idosa,
a esta hora dirigindo suas súplicas
aos deuses para que retornes vivo à pátria.
Tem piedade também de teu filho, Ájax!
Desejarias que, carente dos cuidados
devidos à infância, ele se criasse
muito longe de ti, completamente só,
nas mãos de algum tutor indiferente a ele?
Que sorte miserável queres infligir-nos,
a ele e a mim, morrendo agora? Nada vejo
para onde possa voltar meus olhos tristes,
nada e ninguém além de ti! A tua lança
destruiu minha triste pátria, e outro golpe
da sorte adversa fez caírem neste chão
meu pai e minha mãe, levados pela Morte
para morarem nas profundezas do inferno.
Quem poderia para mim substituir
riqueza e pátria, quem senão tu, senhor?
A minha vida está em ti, somente em ti,
e tu, Ájax, também deves pensar em mim.
É um dever dos homens jamais esquecerem
o bem que se lhes faz; favor chama favor.
Quem, por descaso, deixa perder-se a memória
de um benefício, jamais, em tempo algum,
será considerado um homem bem-nascido.

CORIFEU

Seria ótimo, se teu coração
sentisse tanta piedade como o meu;
ouve as ponderações de tua companheira!

ÁJAX

Ela merecerá de mim plenos louvores

se obedecer às minhas determinações.

TÊCMESSA
Obedecer-te-ei em tudo, amado Ájax.

ÁJAX
Traze-me, então, meu filho, pois desejo vê-lo
TÊCMESSA
Eu tinha muito medo e o tirei daqui.

ÁJAX
Queres dizer: quando meu mal manifestou-se.

TÊCMESSA
Se ele estivesse perto talvez perecesse.

ÁJAX
Seu fim se ajustaria ao meu triste destino.

TÊCMESSA
Tive o cuidado de afastá-lo deste risco.

ÁJAX
Concorcom com teu ato e com tua prudência.

TÊCMESSA
Que serviços ainda te posso prestar?

ATENA
Deixa-me ver meu filho e conversar com ele.

TÊCMESSA
Nossos servos o guardam bem perto daqui.

ÁJAX
Por que ainda não chegou? Traze-o logo!

TÊCMESSA
Teu pai te chama, filho meu querido.
Traga-o já até aqui seu preceptor!

ÁJAX
Ele já vem? Ou tua voz não o alcança?

TÊCMESSA
Vejo o escravo aproximando-se com ele.

ÁJAX recebe Eurisaces das mãos do escravo

ÁJAX

Dá-me logo o menino! Ele não terá medo
ao ver o sangue ainda fresco pelo chão
se de fato é meu filho e se por sorte herdou
as qualidades de seu desditoso pai;
se assim não for, deve amoldar-se sem demora
aos modos rudes de seu pai e ter a alma
igual à minha. Desejo-te apenas, filho,
toda a ventura que teu triste pai não teve;
quanto ao restante, assemelha-te a ele em tudo
e nada terás em comum com os homens maus.
Invejo-te neste momento, filho meu,
porque não percebes a nossa desventura:
nada sentir é a melhor coisa da vida.
Essa inocência chega ao fim quando aprendemos
a grande diferença entre alegria e dor.
Quando tiveres consciência, nunca deixes,
diante de inimigos, de mostrar quem és
e de que pai nasceste. Até lá alimenta-te
de leves brisas e dirige tua vida
com vistas a proporcionar à tua mãe
a mais pura satisfação. Entre os aqueus
- tenho certeza - ninguém será insolente
a ponto de fazer-te afrontas humilhantes,
embora eu já não viva. Deixarei contigo
um guardião bastante forte e confiável
para cuidar de ti e para te educar;
seu nome é Teucro e ele não se queixará
de suas penas, por mais longe que hoje esteja
à caça de inimigos nossos. Quanto a vós,
bons marinheiros e soldados reunidos,
peço vosso incondicional apoio a Teucro
para poder cumprir a missão que lhe dou.
Para isso levai ao seu conhecimento
minha vontade agora expressa. Seu dever
é conduzir meu filho à nossa pátria amada,
onde deve mostrá-lo a Telamon, meu pai,
e a Eribeia, minha mãe; em Salamina
ele terá o encargo de cuidar de ambos
na velhice penosa, até chegar a hora
de irem para o último retiro - o Hades[23].
Com referência às minhas armas, não desejo
que elas sejam oferecidas em concurso
diante dos chefes aqueus, principalmente
do causador de toda a minha desventura.
Aceita neste instante, meu querido filho,
este escudo, motivo do teu próprio nome,
o nome de Eurisaces[24]; deverás usá-lo
valendo-te desta correia bem pregada
aos sete duros couros de outros tantos bois.
As minhas outras armas serão enterradas

juntamente comigo para todo o sempre.

Dirigindo-se a TÊCMESSA.

Vamos! Depressa! Toma esta criança agora!
Depois, fecha a porta da tenda com ferrolhos
em vez de aparecer gemendo em frente a ela
(sabemos que as mulheres gostam de chorar).
Não tardes a fechar a porta! Não convém
a um bom médico, mulher, ficar dizendo
fórmulas mágicas misturadas com lágrimas
quando a doença já exige cirurgia.

CORIFEU

Estou sentindo medo ouvindo-o dizer
com tanta ênfase palavras incisivas...

TÊCMESSA

Ah! Ájax, meu senhor!... Que estarás planejando
no íntimo de teu dorido coração?

ÁJAX

Não faças questão de saber, nem me interrogues;
devemos dominar-nos em certos momentos.

TÊCMESSA

Ai! Ai de mim! Meu desespero é muito grande!
Por nosso filho, pelos deuses, não nos faltes!

ÁJAX

Fatigas-te demais, mulher. Inda não sabes
que nada mais estou devendo às divindades?

TÊCMESSA

Desejo ouvir de ti palavras menos lúgubres...

ÁJAX

E tu, dirige-te a quem pode ainda ouvir-te!

TÊCMESSA

Não queres escutar-me?

ÁJAX

Falas muito, Têcmessa.

TÊCMESSA

Porque estou horrorizada, meu senhor...

ÁJAX

Fazendo menção de entrar na tenda e dirigindo-se a um servo.

Vem fechar esta porta sem demora, servo!

TÊCMESSA

Ah! Pelos deuses! Deixa-me tocar-te ainda!

ÁJAX

Demonstras grande ingenuidade se pretendes
tentar mudar o meu temperamento agora!

ÁJAX entra na tenda. Saem TÊCMESSA e seu filho.

CORO

Insigne Salamina! Estás feliz
entre as ondas que açoitam tuas praias,
famosa para sempre, enquanto nós,
desventurados, há tempo demais,
estamos acampados neste solo
perto do monte Ida, onde sem trégua
durante longos, incontáveis meses,
nos consumimos na expectativa
tendo apenas uma esperança amarga:
a de chegar um dia ao negro Hades
abominável. Neste instante Ájax,
presa de um frenesi, obra dos deuses,
indiferente à nossa inquietação
- ai, ai de nós! - força-nos a sofrer
mais uma provação. Tu o mandaste
há tantos anos embarcar conosco
como um herói sempre vitorioso
nos combates mais acirrados. Hoje,
alheio a tudo neste desespero,
ele é motivo de grande agonia
para todos os seus bons companheiros.
E os feitos de seu braço, até há pouco
provas de valentia incomparável,
apenas acentuam nesta hora
a ingratidão dos atridas ingratos[25].
Quando a triste mãe dele, recurvada
sob o peso dos anos da velhice
e agora encanecida pela idade,
souber que a mente de seu nobre filho
está em ruínas, há de dar - coitada! -
um grito lancinante, lancinante
como o canto queixoso de algum pássaro,
de um rouxinol ferido pela dor;
com gemidos terrivelmente agudos
ela demonstrará seu sofrimento
enquanto suas mãos irão bater

com golpes surdos em sua cabeça
para arrancar-lhe os cabelos alvíssimos.
Descer ao Hades nos braços da Morte
é o mal menor que pode acontecer
a quem está doente de demência
quando, marcado pelo sangue nobre
para ser o mais valente dos gregos
em suas muitas, exaustivas lutas,
demonstra sua incapacidade
de ser fiel a antigos propósitos
para apegar-se a outros que o transtornam.
Ah! Telamon! Ah! Pai muito infeliz!
Que terrível desastre alguém irá
anunciar-te acerca de teu filho!
Nunca nenhum dos divinos eácidas[26]
foi vítima de um fado mais cruel!

ÁJAX reaparece à porta da tenda empunhando uma espada.

ÁJAX

O tempo, em seu constante, inexorável curso,
mostra o que estava ainda escondido nas sombras
enquanto nos impede de ver claramente
o que fulgura à luz do dia. Nada existe
digno de fato do nome de inesperado
e todos vemos que falham da mesma forma
o juramento mais solene e mais sagrado
e o mais inabalável de nossos propósitos.
Eu mesmo, que há algumas horas demonstrava
uma firmeza inflexível como o ferro
recém-endurecido pela rubra têmpera,
estou sentindo enfraquecer-se lentamente
a força de minha linguagem incisiva,
só por ouvir uma mulher. A compaixão
tenta impedir-me de deixá-la aqui viúva
e o filho órfão entre tantos inimigos.
Irei imediatamente às praias planas
para banhar-me e para me purificar
de minhas culpas e escapar desta maneira
do pesado rancor da deusa. Avançarei
depois até algum lugar nunca pisado
por pés humanos; lá, cavando o solo virgem,
enterrarei o ferro desta minha espada,
arma odiosa, mais que todas detestada,
de tal maneira que ninguém jamais a veja:
que a Noite e o Hades a recebam e a ocultem
nas profundezas da Mãe-Terra! Desde o dia
de mau agouro em que minhas mãos receberam
das mãos de Heitor[27] este presente singular

do maior de meus inimigos, nenhum bem
obtive dos argivos. O velho provérbio
mostrou logo depois sua veracidade:
"Não são presentes os presentes de inimigos;
não esperes tirar qualquer proveito deles".
Também eu no futuro saberei ceder
diante dos bons deuses; terei de aprender
a prestar aos atridas minhas homenagens;
eles são nossos chefes e devo render-me;
não pode haver dúvida quanto a isto.
As divindades mais terríveis sempre curvam-se
diante de direitos jamais contestados.
O longo inverno acompanhado pela neve
dá lugar ao verão portador de colheitas.
O carro soturno da noite se recolhe
quando aparecem os alvos corcéis do dia,
deixando-o brilhar com todo o seu fulgor.
O sopro dos ventos temíveis adormece
o mar sem fim cheio de vagas estrondosas.
O sono onipotente, finda a noite escura,
liberta os seres que fizera adormecer,
pois não pode manter indefinidamente
o seu domínio benfazejo sobre eles.
E nós, não devemos mostrar discernimento?
Pois quanto a mim, neste momento percebi
que só devemos odiar um inimigo
com a ideia de lhe querer bem mais tarde;
quanto aos amigos, não pretendo desde agora
dar-lhes ajuda senão com o pensamento
de que eles não serão amigos para sempre.
É diminuto o número de criaturas
cuja amizade é uma guarida segura.
Mas tudo correrá bem para todos nós.

Dirigindo-se a TÊCMESSA, que voltava.

Entra, mulher, e pede aos deuses que perfaçam
plenamente os desejos de meu coração.
E vos, amigos, também deveis acatá-los
tanto quanto minha mulher, e quando Teucro
chegar à minha tenda devereis dizer-lhe
que pense em mim e seja bom para convosco.
Estou partindo para onde devo ir.
Daí atenção às minhas recomendações
e se assim for talvez descobrireis bem cedo
que apesar desta minha imensa desventura
inda posso encontrar a desejada paz.

Sai ÁJAX e TÊCMESSA entra na tenda

CORO

Vibramos de alegria, esvoaçamos
de incontidos desejos! Pan! Ah! Pan![28]
Aparece-nos, Pan, tu, que visitas
com tanto gosto nossas longas praias;
deixa o Cileno e seus picos rochosos
batidos pela neve! Aparece-nos,
deus guia do coro dos outros deuses!
Vem comandar nossas danças em Nisa[29]
ou lá em Cnossos, tu, que agora sabes
sem recorrer a mestres! Neste instante
só podemos pensar em nossas danças.
Venha também nosso senhor Apolo,
o deus de Delos, e atravesse logo
o mar Icário[30] com sua imagem
bem conhecida pelos seus devotos,
para juntar-se a nós, atento sempre
às nossas preces muito fervorosas!
Ares nos livra de um desgosto horrível.
Ah! Já chegou mais uma vez a hora!
Chegou a hora, Zeus, na qual o brilho
de um belo dia cobre nossas naus,
maravilhoso, prestes a estender-se
sobre as ondas do mar sem fim, o dia
em que nosso muito querido Ájax,
deixando num instante de pensar
em suas mágoas, logo obedece
ao ritual dos santos sacrifícios,
já imbuído no sagrado espírito
da necessária disciplina rígida.
O tempo onipotente apaga tudo
que ocorre neste mundo; quanto a nós,
não cremos em impossibilidades
desde o momento em que nosso senhor,
mudado contra toda expectativa,
pôs fim a seu furor contra os atridas
e às suas querelas ferocíssimas.

Entra um Mensageiro dirigindo-se ao Coro.

MENSAGEIRO

Quero contar-vos antes de mais nada, amigos,
um acontecimento recém-ocorrido.
Teucro chegou aqui, vindo dos montes Mísios[31],
mas enquanto ele vem para o centro da praça
onde se reúnem os chefes, ouve insultos
dos gregos todos. Ele avança hostilizado
pelos soldados que, formando um grande círculo,
a par da novidade apareceram logo
e o cobrem de censuras; à sua direita

e à sua esquerda, nenhum combatente o poupa.
Todos o chamam de irmão de um alucinado
cujo desejo é fazer mal ao nosso exército,
e dizem que ele não escapará da morte
por apedrejamento. É tão intenso o ódio
que as mãos já tiram as espadas das bainhas
e as vibram contra o vento. A querela se abranda
depois de ter crescido assustadoramente,
graças à intervenção dos soldados mais velhos.
Dirigindo-se ao CORIFEU.

Mas, onde está neste momento Ájax? Dize-me,
pois desejo informá-lo do acontecimento.
Devo fazer depressa um relato completo
ao grego mais interessado em conhecê-lo.

CORIFEU

Não o encontrarás agora em sua tenda;
ele saiu para pôr em prática
seus planos mais recentes, de conformidade
com os sentimentos dele finalmente expostos.

MENSAGEIRO

Ai! Ai de mim! O meu mandante me enviou
tarde demais (ou pensará que me atrasei?).

CORIFEU

Mas, como se pode falar em negligência
nesta situação delicada e premente?

MENSAGEIRO

Teucro quer impedir a saída de Ájax
de sua tenda até ele mesmo chegar.

CORIFEU

Se ele partiu foi por estar persuadido
a percorrer o bom caminho; seu desejo
é reconciliar-se com todos os deuses.

MENSAGEIRO

Quantas palavras cheias de tola candura
(se Calcas[32] realmente for bom adivinho)!...

CORIFEU

Que dizes, homem? Que sabes sobre este assunto?

MENSAGEIRO

Revelarei agora tudo que conheço,
pois eu mesmo fui testemunha desse fato.
No círculo dos soberanos componentes
do Conselho Real, somente o vate Calcas

se levantou. Passando pelos dois atridas
e pondo afetuosamente a sua mão
na mão de Teucro, disse-lhe com veemência
que de qualquer maneira retivesse Ájax
em sua tenda enquanto o dia cintilasse,
e o impedisse, usando todos os recursos,
de sair dela se quisesse vê-lo vivo,
pois só no mesmo dia, apenas neste dia,
em sua opinião, a cólera de Atena
inda o perseguiria. "As criaturas ímpares
e altivas - repetia o adivinho sábio -
são o alvo do peso das grandes desgraças
mandadas pelos deuses. Este é o destino
daqueles que, tendo nascido apenas homens,
se atrevem a ter pensamentos sobre-humanos.
Ájax foi insensato no momento em que,
deixando o lar, ouviu do pai conselhos bons:
'Na luta deseja a vitória, filho meu,
mas sempre com o beneplácito divino.'
Sua resposta insana e insolente foi:
'Com a divina ajuda, pai, até um homem
sem qualquer mérito seria vencedor.
De minha parte estou totalmente seguro
de obter a glória sem a proteção dos deuses!'
Esta foi a resposta cheia de jactância.
Em outra ocasião, quando a divina Atena
quis incitá-lo a voltar o braço homicida
contra os troianos, ele teve a ousadia
de dirigir-lhe estas palavras espantosas
além de todos os limites: 'Vai, senhora,
vai ajudar os outros soldados argivos;
meus batalhões jamais recuarão, Atena,
onde quer que eu esteja!' Com estas palavras
ele atraiu contra si mesmo justamente
a cólera implacável da deusa ofendida,
pois não eram humanos os seus pensamentos.
Se apesar disso ele puder sobreviver
a este dia, talvez possamos salvá-lo,
se alguma divindade quiser ajudar-nos."
O adivinho nada mais teve a dizer.
Teucro se levantou imediatamente
e me mandou trazer sem perder um minuto
as instruções já reveladas quando entrei.
Segue-as rigorosamente; se falharmos,
nosso herói morrerá, ou Calcas nada sabe.

CORIFEU

Dirigindo-se a TÊCMESSA, que estava no interior da tenda.

Infortunada Têcmessa, triste mulher,
vem e julga tu mesma esta notícia urgente
trazida por um mensageiro recém-vindo;
ela nos rasga a carne e nos deixa prostrados.

TÊCMESSA

Saindo da tenda.

Mal tive uma ligeira trégua, mensageiro,
em minhas aflições sem fim, e logo chegas
para me despertar! Como sou infeliz!

CORIFEU
Ouve este homem; ele nos revelará
o destino de Ájax para atormentar-nos.

TÊCMESSA
Ah! Homem! Que dirás? Estaremos perdidos?

MENSAGEIRO
Ignoro tua própria sorte. Quanto a Ájax,
se ele realmente já saiu daqui
não sei de coisa alguma com certeza, Têcmessa.

TÊCMESSA
Ájax saiu; meu coração, cheio de angústia,
pergunta-se o que vens anunciar-nos, homem!

MENSAGEIRO
Teucro deu ordens para o retermos na tenda
e não o deixarmos sair daqui sozinho.

TÊCMESSA
Onde está Teucro? Por que fala assim o homem?

CORIFEU
Ele chegou há pouco e teme que a saída
de Ájax venha a ser a sua perdição.

TÊCMESSA
Ai! Infeliz de mim! De quem ouviste isto?

MENSAGEIRO
Do vate Calcas, filho famoso de Têstor.
Hoje decide-se a vida ou a morte de Ájax.
TÊCMESSA
Como sou infeliz, amigos! Preservai-me
de ser aqui um simples joguete da sorte.

Ide! Apressai-vos! Um de vós deve fazer
o necessário para que Teucro apareça
com a máxima presteza aqui no acampamento,
e os outros devem revistar agora mesmo
todos os cantos desde o leste até o oeste,
em busca de sinais desta saída trágica!
Só agora percebo que ele me enganou,
privando-me das atenções habituais...
Ai! Ai de mim! Que poderei fazer, meu filho?
Não devemos permanecer aqui imóveis!
Não! Não! Irei até onde puder levar-me
a minha força! Apressemo-nos! Partamos!
A hora não é para ficarmos parados,
quando se trata de salvar um grande homem
que avança velozmente ao encontro da morte!

CORIFEU

Estou pronto a marchar; já falamos demais.
Seguir-se-ão com rapidez passos e atos!

Sai precipitadamente o CORIFEU, acompanhado pelos homens do CORO e por TÊCMESSA. A cena desloca-se para um prado à beira-mar onde se destacam algumas moitas. Vê-se junto a uma delas Ájax fixando sua espada no solo com a ponta para cima.

ÁJAX

Está firme a espada para o sacrifício,
pronta a varar meu corpo da melhor maneira,
se ainda posso demorar-me em falatórios.
Ela foi o presente de um anfitrião[33]
abominado por minha alma e por meus olhos,
e agora está fixada no solo inimigo
de Troia detestada, depois de afiada
na pedra que desgasta o ferro, e bem plantada
com o maior desvelo para me trazer,
como um grande favor, a morte imediata.
Já estou pronto. Agora, Zeus, és o primeiro,
como convém, a quem devo implorar ajuda.
Não pretendo pedir-te um favor muito grande.
Concede-me somente a graça de mandar
um mensageiro a Teucro dando-lhe a notícia,
para que ele seja o primeiro a levantar
meu corpo traspassado pela espada férrea
molhada com meu sangue quente. Não desejo
que ele, encontrado antes por meus inimigos,
seja pasto de cães e de aves carniceiras.
Eis tudo que espero de ti agora, Zeus.
Invoco depois dele Hermes Infernal[34],
guia dos mortos. Peço-lhe que me entorpeça

suavemente, e que num salto ao mesmo tempo
fácil e rápido eu consiga atravessar
a longa espada no meu corpo. Ainda invoco
as virgens inflexíveis, divinas Erínias[35]
de calcanhares rápidos, que sempre observam
os males praticados pelos homens maus.
Fiquem elas sabendo como vou morrer
- pobre de mim! - por causa dos filhos de Atreu
e os faça perecerem miseravelmente
- ah, miseráveis! -; e da mesma forma que elas
verão meu próprio sangue derramado aqui,
eles pereçam sob os golpes de parentes
depois de derramarem por seu turno o sangue!
Avante, Erínias, vingadoras expeditas!
Participai deste banquete e não poupeis
nenhum dos súditos dos dois chefes argivos!
E tu, sol cintilante que guias teu carro
pelas alturas do insondável firmamento,
quando vires a terra de meus ancestrais
retrai as rédeas recobertas de ouro puro
para comunicar a minha desventura
e meu fim melancólico a meu velho pai
e a minha mãe - coitada! E quando a infeliz
receber a notícia, logo sairão
de sua boca soluços intermináveis
que repercutirão pela cidade inteira.
Mas, de que serve lamentar-me inutilmente?
Devo entregar-me por inteiro à minha obra,
e com a máxima presteza! Ah! Morte! Ah! Morte!
Chegou a hora! Vem! Olha bem para mim!
No outro mundo ainda falarei contigo,
pois estarás perto de mim a todo instante.
Tu, ao contrário, claridade deste dia,
e tu, sol em teu carro! Desejo saudar-vos
pela última vez! Nunca mais vos verei!
Luz e solo sagrados da terra natal!
Ah! Salamina, que sempre serves de assento
à lareira da casa dos antepassados!
Atenas muito ilustre com teu povo irmão[36]!
E vós, fontes e rios que meus olhos viram
nestas planícies troianas, agradeço-vos!
Adeus, vós todos que me haveis dessedentado!
Dirijo-vos as minhas últimas palavras.
A partir deste instante falarei apenas
com os habitantes das profundezas do inferno!

ÁJAX lança-se sobre sua espada. Seu corpo fica encoberto por uma moita. Entra o CORO, dividido a princípio em dois SEMICOROS, examinando as moitas.

PRIMEIRO SEMICORO

Penas seguem-se a penas, sempre penas!
Onde não estiveram nossos passos?
Onde? Nenhum lugar sabe dizer
o seu segredo... Estejamos atentos!
Já ouvimos ruídos por aqui!

SEGUNDO SEMICORO

Somos nós, companheiros de viagem.

PRIMEIRO SEMICORO

E que tendes a nos dizer agora?

SEGUNDO SEMICORO

Examinamos cuidadosamente
o lado a oeste de nossas naus.

PRIMEIRO SEMICORO

Pudestes descobrir o que buscamos?

SEGUNDO SEMICORO

Cansamo-nos demais e nada vimos.

PRIMEIRO SEMICORO

Nada encontramos depois de passar
por todo o lado que dá para o leste.
Em parte alguma há sinais do homem.

CORO

Não há, então, pessoa alguma aqui
no meio destes rudes pescadores
que passam horas em busca de peixes,
ou algum deus sentado no alto Olimpo,
ou entre os rios que correm do Bósforo,
ninguém que tenha visto em qualquer parte,
andando sem destino, aquele homem
de coração feroz, e nos ajude
gritando para nos orientar?
Ficamos desolados meditando
que estamos apenas desperdiçando
o nosso tempo e também nosso alento,
sem encontrar nesta corrida inútil
um sinal favorável, sem achar
o homem infeliz que procuramos.

Ouve-se um grito vindo de uma das moitas.

TÊCMESSA

Ai! Ai de mim!

CORIFEU
De quem será o grito ouvido neste instante,
proveniente de uma destas moitas próximas?

TÊCMESSA
Ai! Infeliz de mim!

CORIFEU
É da esposa, da cativa, pobre Têcmessa,
que vejo mergulhada em tantas aflições.

TÊCMESSA
Eis para mim a morte, o fim, a ruína, amigo!...

CORO
Que lhe terá acontecido agora?

TÊCMESSA
Ájax está ali no chão, banhado em sangue
ainda quente, traspassado pelo ferro
oculto aos nossos olhos por seu corpo inerte.

CORO
Ah! Nossas esperanças de retorno!
Matando-te, senhor, deixas sem vida
teus fiéis companheiros de viagem!
Ai! Ai! Mulher de coração partido!

TÊCMESSA
Este era o seu destino. Gemeis com razão.

CORIFEU
De que mãos ele se valeu para morrer?

ATENA
De suas próprias mãos. Tudo é bastante claro;
a espada plantada no chão, que lhe atravessa
o corpo morto, denúncia o assassino.

CORO
Ai! Ai de nós! Que trágico desastre!
Verteste assim o sangue, solitário,
despercebido de teus bons amigos.
E nós, alheios a tudo que ouvíamos,
sem nada saber do que acontecia,
não pudemos cumprir nosso dever.
Onde? Onde jaz o nosso chefe agora,
o rude Ájax de nome fatídico[37]?

TÊCMESSA

Ele não poderá ser visto por enquanto.
É meu dever cobrir-lhe o corpo com um manto,
para ocultá-lo da cabeça até os pés.
Ninguém - nem o mais íntimo de seus amigos -
teria coragem de vê-lo como está,
expelindo pelo nariz e pelo golpe
de sua espada todo o sangue quase negro.
Ah! Que farei? Qual dos amigos o erguerá?
Teucro, talvez? Ele chegaria a propósito
se viesse ajudar-me a preparar o corpo
de seu irmão. Ai! Ájax tão desventurado!
Quem foste até há pouco e agora quem és!...
Mereces os lamentos até de inimigos.

CORO

Ah! Infeliz! Devias - vemos bem -
chegar ao fim cumprindo teu destino,
teu fado extremamente doloroso,
com esse coração irredutível...
Por que, forçosamente, sem parar,
deixavas escapar tantos queixumes
cheios de ódio contra os dois atridas,
levado por uma aversão funesta?
O pleito pelas armas desastrosas
está na origem destes nossos males,
desde o dia funesto em que o criaram
para entregá-las ao mais valoroso
entre os guerreiros gregos cá em Troia.

TÊCMESSA

Ai! Ai de mim!

CORIFEU

Sei muito, muito bem, que a infelicidade
traspassa teu coração cheio de bondade.

TÊCMESSA

Ai de mim!

CORIFEU

Não causa admiração, mulher, que intensifiques
teus sentidos soluços no momento amargo
de ser privada de um amigo como Ájax.

TÊCMESSA

Apenas imaginas, mas minha alma sente
e sofre muito mais do que eu desejaria.
Concordo plenamente com tuas palavras.

Dirigindo-se ao filho, que a acompanhara nas buscas.

Ah, Filho meu! Agora seremos escravos
e algum senhor nos dará ordens no futuro!...

CORO

Dirigindo-se a TÊCMESSA.

Ai! Ai de nós! É muito inquietante
a expectativa do procedimento
dos dois chefes atridas implacáveis
contra ti e teu filho no futuro
após este acontecimento horrível.
Salvem-te agora as divindades, Têcmessa!

TÊCMESSA

Não estaríamos onde eu e ele estamos
sem o consentimento dos augustos deuses.

CORIFEU

Eles impõem-nos um fardo insuportável,
esmagador, com sua carga de amarguras.

TÊCMESSA

Sim! Isto é obra de Palas[38], filha de Zeus,
deusa terrível, para glória de Odisseu.

CORO

Venceu, enfim, o herói perseverante
graças a seu caráter maleável;
ele deve estar rindo às gargalhadas
do desastroso acesso de loucura
- ai, ai de nós! -, e, com o vencedor[39],
enquanto ouvem as informações,
riem os dois filhos de Atreu ilustre.

TÊCMESSA

Que riam à vontade e vibrem, triunfantes,
com o infortúnio enorme deste grande homem!
Se os dois irmãos não o amavam quando vivo,
depois de morto certamente chorarão
sentindo muito sua falta nos combates.
Os homens pouco inteligentes só percebem
o valor dos bens que possuem quando os perdem.
Se a morte dele é para mim uma desgraça
maior ainda que a alegria dos atridas
ao menos para Ájax ela será doce,
pois satisfaz o seu desejo de morrer.
Por que, então, iriam insultá-lo agora

com suas gargalhadas? Deixando esta vida
ele curvou-se à vontade das divindades,
não aos desejos dos dois reis! E depois disto
Odisseu poderá desperdiãr seu tempo
mostrando-se insolente; para todos eles
Ájax já não existe. Para mim, morrendo
ele inda vive em minhas dores e soluços.

TÊCMESSA retorna à tenda de ÁJAX. Ouvem-se gemidos de TEUCRO, que entra lentamente em cena.

TEUCRO
Ai! Ai de mim!

CORIFEU
Silenciemos! Tenho a impressão de ouvir
a voz de Teucro, e seu clamor lembra desastres.

TEUCRO
Ájax querido, cara imagem fraternal,
tiveste realmente a infelicidade
apregoada há pouco pela voz geral?

CORIFEU
Sim, Teucro; ele morreu. Podes ter a certeza.

TEUCRO
Cai sobre mim o peso do destino atroz!...

CORIFEU
Ele já não existe; disso não há dúvidas.

TEUCRO
Ah! Infeliz de mim! Ai! Quanta desventura!...

CORIFEU
Sim, Teucro! Tens muitas razões para gemer.

TEUCRO
Ah! Dor cruel!...

CORIFEU
Cruel demais, Teucro inditoso!...

TEUCRO
Ai! ai de mim!... Que aconteceu ao filho dele?
Em que lugar da Trôade ele está agora?

CORIFEU

Deve estar só e bem perto de nossas tendas.

TEUCRO

Cumpre-nos evitar que algum soldado grego
venha tentar tirá-lo de nossos cuidados,
como acontece com os filhotes das leoas
privadas de seus machos. Vai! Vai sem demora!
Ajuda-nos! O mundo sempre está disposto
a desdenhar os mortos depois de enterrados.

CORIFEU

O próprio Ájax, enquanto vivia, Teucro,
queria convocar-te para vir cuidar
de seu filhinho, como já estás fazendo.

TEUCRO

Aproximando-se do local onde estava o cadáver de ÁJAX.

Eis o espetáculo mais doloroso, amigos,
de quantos viram os meus olhos até hoje,
e o mais penoso dos caminhos numerosos
já percorridos por meu pobre coração!
Ele me trouxe até aqui na hora em que,
ciente de seu triste fim, Ájax caríssimo,
acelerei ao máximo meus longos passos
para seguir tuas pegadas. Um murmúrio
tão repentino como se estivesse vindo
de divindades, circulou subitamente
por nosso exército: acabavas de matar-te!
Ouvindo-o, deixei desarvorado as tropas
para gemer com o coração partido; agora,
vendo-te morto é como se eu também morresse!
Ai! Ai de mim! Percebo repentinamente
toda a extensão de minha enorme desventura!
Ah! Cena funesta demais, espelho nítido
de uma coragem tão cruel! Quanto tristeza
tua morte lançou em minha vida, irmão!
Para onde poderei ir? A que amigos
me juntarei, eu, que não soube socorrer-te
em meio às tuas penas? Nosso velho pai,
rei Telamon, por certo me receberá
com gestos de afeição e cordialidade
quando eu voltar a Salamina só, sem ti...
Seria assim, se mesmo a um filho vencedor
ele não apareceria certamente
com um sorriso doce nestas circunstâncias?
Crês que ele se constrangeria e pouparia
justas injúrias contra mim, mero bastardo,

filho de uma cativa de sangue inimigo,
eu, que talvez por medo te houvesse traído,
querido Ájax, ou - quem sabe? - por perfídia
quisesse obter, valendo-me de tua morte,
tuas prerrogativas no poder, no trono?
Severo como é, ele há de dizer isto,
mais revoltado ainda por sua velhice,
sempre disposto a exasperar-se e querelar
com razão ou sem ela. Enfim, serei banido,
repudiado pelos meus compatriotas,
que falarão de mim como simples escravo
e não um homem livre como quero ser.
São estes os augúrios para meu retorno.
Mas desde a Trôade só terei inimigos;
ninguém me apoiará e tudo sofrerei
por causa de tua trágica morte, irmão.
Ai! Ai de mim! Que poderei fazer agora?
Como conseguirei tirar de teu cadáver
esta espada afiada, este ferro cruel,
arma assassina causadora de teu fim?
Agora sabes como Heitor[40], embora morto,
iria finalmente destruir-te aqui!

Dirigindo-se ao CORO.

Meditai sobre a sorte destes dois guerreiros.
Foi com o cinto oferecido a Heitor por Ájax
que aquele, preso ao carro e rasgando seu corpo,
foi arrastado e mutilado sem piedade,
enquanto Ájax, o novo dono da espada
como um presente oferecido por Heitor,
morreu atravessado pela mesma arma
sobre a qual se lançou numa queda mortal.
Terá sido uma Fúria[41] que forjou o ferro,
e terá sido Hades, artesão cruel,
que preparou aquele cinto? Quanto a mim,
aqui, como em qualquer outro lugar, direi
convictamente que todas as divindades
se esmeram em tramar o destino dos homens.
Muitos mortais recusam-se a pensar assim;
defendam eles tais ideias; eu, porém,
hei de manter com a máxima firmeza as minhas.

CORIFEU

Nada mais digas. Trata agora do sepulcro
onde Ájax vai jazer em paz e das palavras
que terás de pronunciar na ocasião.

Vendo MENELAU à distância.

Percebo agora um inimigo que talvez,
como terrível malfeitor que sempre foi,
venha chegando para rir de nossa dor.

TEUCRO

Qual dos guerreiros gregos já vês avançando?

CORIFEU

É Menelau, por quem cruzamos tantos mares.

TEUCRO

Já o vi e de perto o identifico agora.

Entra Menelau.

MENELAU

Dirigindo-se a TEUCRO.

Que estás fazendo aqui? Não te dou permissão
para levar o morto; deixa-o onde está!

TEUCRO

Por que todo este desperdíio de palavras?

MENELAU

Minha vontade é esta, e também de Agamêmnon.

TEUCRO

E quais são as razões para pronunciá-las?

MENELAU

A razão é que todos nós imaginávamos
ter trazido de nossa terra um aliado,
amigo de todos os outros bravos gregos,
mas no momento exato da comprovação
vimos nele um homem pior que qualquer frígio.
Não tentou ele massacrar o nosso exército
e não saiu em guerra contra todos nós
durante a noite para nos exterminar
com sua espada? E se uma divindade amiga
não tivesse desfeito antes a emboscada
estaríamos mortos, vítimas da sorte
que o atingiu aqui, e todos jazeríamos
espalhados no chão, sem vida, como ele,
sordidamente, enquanto ele estaria vivo!
Para nossa alegria os deuses desviaram
a demência insolente dele e a lançaram
sobre nossos bois e carneiros, e é por isso
que não há hoje homem com poder bastante

para levar o corpo dele à sepultura;
e sendo assim, lançado sobre a areia fulva
seu corpo irá nutrir as aves carniceiras
abandonado em plena praia. Sê prudente,
então, e não provoques ondas de furor.
Se não pudemos dominá-lo enquanto vivo,
queiras ou não iremos obrigá-lo agora
a ser enfim obediente após a morte,
e nossos próprios braços o prepararão,
já que ele nunca se dispôs em sua vida
a escutar uma simples palavra nossa.
É típico dos traidores pretenderem
estar acima das ordens dos comandantes
quando são só alguns dos muitos comandados.
Jamais as leis vigentes em qualquer cidade
seriam respeitadas como devem ser
se não houvesse reis; jamais qualquer exército
ostentaria sempre a sábia disciplina
sem o reforço do temor e reverência.
O homem deve perceber que, mesmo quando
sua estatura iguala a do maior gigante,
está sujeito a sucumbir a um mal qualquer.
Quem guarda no seu coração ao mesmo tempo
o decoro e receio, com toda a certeza
traz em si mesmo e sempre a sua salvação.
Terás de acreditar que a terra onde se pode
exercitar sem qualquer freio a insolência
e agir como se quer, mesmo na calmaria
acabará por afundar. Que em mim prospere
sempre o temor compatível com as circunstâncias!
Não devemos imaginar que, procedendo
de acordo com nossa vontade, não teríamos
em tempo algum qualquer desgosto neste mundo.
Cada coisa na vida tem a sua hora.

Apontando para o cadáver de ÁJAX.

Ainda ontem este homem se mostrava
brutal e insolente, e hoje é minha vez
de ser altivo. Reitero a advertência
de não levar à sepultura este cadáver,
a menos que, cuidando de lhe dar um túmulo,
queiras ser conduzido agora para o teu.

CORIFEU

Não fales em princípios sábios, Menelau,
apenas para alardear com arrogância
maior empáfia diante de heróis mortos!

TEUCRO

Não, meus amigos; não posso admirar-me quando
às vezes vejo alguma criatura humana
que pelo sangue nada é, fazer tolices,
se ouço alguém na aparência bem-nascido
dizer palavras tolas numa discussão.
Partamos do princípio, Menelau. Supões
que tu mesmo trouxeste Ájax para cá
na qualidade de aliado compulsório?
Não foi, então, por espontânea vontade
nem como senhor de si mesmo que ele veio?
Que pretensões tinhas para ser o seu chefe?
Com que direito queres falar como rei
a homens que só Ájax veio comandando?
Partiste como rei de Esparta, Menelau,
e não como nosso senhor da expedição.
Não há qualquer dispositivo de comando
que te dê o direito de mandar em Ájax,
mais do que Ájax para poder dirigir-te.
Vieste sob ar ordens de outro comandante
e não como chefe de todos os guerreiros.
Chefia teus subordinados e lhes fala
com a enpafia normal; mas, quanto a Ájax,
independentemente de tuas palavras
- tuas ou de qualquer dos outros chefes gregos -
pretendo dar-lhe a sepultura merecida
e teu estardalhaço não me assustará.
Se ele veio para a guerra com seus homens
não foi por causa de tua mulher - de Helena -
como se se tratasse de pobres soldados
premidos por uma miséria absoluta,
mas para ser fiel aos juramentos feitos.
Nem penses que foi somente para seguir-te
(não o preocupavam pessoas medíocres).
Portanto, se estás vindo traze outros arautos
e mais ainda o próprio comandante-em-chefe;
a todo o alarido que possas fazer
não pensarei sequer em volta a cabeça,
sendo tu a pessoa que és realmente.

CORIFEU

Estas palavras não agradam a meu gosto
quando estamos cercados de infelicidade.
Expressões excessivamente duras ferem-nos,
por mais judiciosas que elas possam ser.

MENELAU

Não é pequena a arrogância deste arqueiro...

TEUCRO

Ele age altivamente porque tem razão.

MENELAU
Serias mais altivo por trás de um escudo?

TEUCRO
Apesar destas armas todas que te enfeitam,
mesmo com o peito nu eu te defrontaria.

MENELAU
Em tua terra falar bem é ter coragem...

TEUCRO
Quando temos direito somos mais altivos.
MENELAU
Em tua opinião a justiça deseja
o triunfo de Ájax, de meu assassino?

TEUCRO
Teu assassino? Esta palavra é muito estranha...
Embora assassinado inda estás vivo, homem?

MENELAU
Um deus salvou-me; para Ájax, estou morto.

TEUCRO
Salvou-te algum dos deuses; não o menosprezes.

MENELAU
Mas como? Dizes que desprezo as leis divinas?

TEUCRO
Se me impedes de sepultar um morto, digo.

MENELAU
Se este morto era um de nossos inimigos,
seria indecoroso dar-lhe sepultura.

TEUCRO
Alguma vez viste Ájax diante de ti
ao lado dos troianos, contra os quais lutávamos?

MENELAU
Eu tinha ódio a ele, e ele me odiava,
e tu sabias desta circunstância, Teucro.

TEUCRO
Subornaste os juízes para espoliá-lo[42]!

MENELAU
A culpa, então, foi dos juízes, e não minha.

TEUCRO
E com ardis compraste os escrutinadores.

MENELAU
Estas palavras custarão um alto preço
a qualquer um dos gregos que as pronunciar!
TEUCRO
Não tanto quanto me pagarás em seguida!

MENELAU
Inda tenho a dizer-te umas poucas palavras:
este defunto nunca será sepultado!

TEUCRO
Minha resposta é: eu o sepultarei!

MENELAU
Em certa ocasião vi um homem ousado
só em palavras; ele falava demais
aos marinheiros, incitando-os a partirem
apesar do mau tempo, mas não poderias
tirar de sua boca uma simples palavra
quando ele tinha de enfrentar uma borrasca;
envolvido em seu manto, ele não reagia
sequer aos pontapés de um simples marinheiro.
Ele bem poderia ter a sua boca
tão arrogante quanto a tua; uma só nuvem
de reduzidas proporções prenunciando
os ventos de uma forte tempestade próxima
abafaria logo todos os seus gritos...

TEUCRO
Eu encontrei também há algum tempo um homem
cheio de tolas pretensões, que era insolente
enquanto uma pessoa estava inanimada
por causa de seus infortúnios; nessa hora
alguém de feições parecidas com as minhas
e com a minha índole, viu-o e disse-lhe:
"Não maltrate os mortos, homem! Se insistires
irás certamente sofrer!" Eis a lição
dada por ele em frente àquele tolo.
Tenho-o diante dos olhos novamente;
a minha impressão é de que tu és ele.
Minha maneira de falar é enigmática?

MENELAU
Vou retirar-me; eu me envergonharia muito
se alguém soubesse que prefiro usar palavras
para punir se posso castigar de fato!

TEUCRO

Vai já embora! Sinto uma grande vergonha
de ouvir tolices do presunçoso que és!

Sai MENELAU.

CORIFEU

Chegou ao ápice uma querela terrível;
vai, Teucro, apressa-te tanto quanto puderes;
manda cavar imediatamente um fosso
onde Ájax achará a sepultura úmida
que há de preservar pelos anos por vir
entre todos os homens a sua memória.

Entra TÊCMESSA com seu filho.

TEUCRO

Mas eis aqui, chegando no momento exato,
o filho e a mulher do morto; ambos pretendem
cumprir como convém os seus deveres fúnebres
perto da sepultura de Ájax infeliz.
Vem criancinha, vem para mais perto dele;
toca entre preces o pai que te deu a vida;
ajoelha-te aí pedindo proteção,
tendo nas mãos cabelos em sinal de luto
- os meus, os teus e também os de tua mãe.
Os suplicantes nada têm de mais precioso.
Se algum dos comandantes gregos pretender
tirar-te à força de perto deste cadáver,
queiram os deuses que essa criatura torpe
- ah, miserável! -, vá embora torpemente
expulso desta terra e nunca encontre noutra
um túmulo condigno, e veja sua raça
ser destruída até a última raiz,
como eu agora corto de minha cabeça
este cacho de meus cabelos! Tu, menino,
guarda-o bem; não deixes que ninguém te afaste;
prende-te ao chão onde se apoiam teus joelhos!

Dirigindo-se ao CORO.

E vós, mostrai que sois varões, e não mulheres,
e defendei até que eu esteja de volta
a tumba de Ájax contra tudo e contra todos!

Sai TEUCRO.

CORO

Quando terminará esta sequência
de anos sem repouso, e em que tempo

este período que nos traz apenas
as dores do cansaço insuportável
dos combatentes nos campos de Troia
para tristeza e vergonha da Grécia
terá enfim o desejado termo?
Por que não se eclipsou no imenso éter
ou no inferno, destino de todos,
o homem que mostrou à raça grega
a fúria de armas ímpias em conjunto?
Ah! Dores causadoras de outras dores!
Foi ele quem nos privou do contato
encantador das coroas de flores,
das taças fundas e do som suave
das flautas - ah, maldito! - e os prazeres
do leito em plena noite! Quanto a nós,
ele nos afastou do amor - do amor!
Ainda nos demoramos aqui
- ai, ai de nós! -, deitados no chão duro,
com os cabelos úmidos do orvalho
de todas as noites intermiáveis!
Jamais, em tempo algum, esqueceremos
Troia inclemente! Até há pouco, ao menos,
contávamos com Ájax valoroso,
nossa defesa mais eficiente
contra os frequentes ataques noturnos
e contra as muitas lanças inimigas.
Mas hoje Ájax deixou de existir,
vítima do destino tenebroso...
E de agora em diante, que prazer
- sim, que prazer - inda nos restará?
Ah! Se pudéssemos estar agora
no cabo à beira-mar cheio de bosques
onde termina o planalto de Súnion[43],
para homenagear a insigne Atenas!

TEUCRO volta precipitadamente à cena.

TEUCRO

Voltei correndo depois de ver Agamêmnon,
chefe dos gregos, vindo em nossa direção.
Não tenho dúvidas de que ele está chegando
para agredir-me com suas falas brutais.

Entra AGAMÊMNON com sua escolta.

AGAMÊMNON

Dirigindo-se a TEUCRO.

És tu, então, o autor das palavras ferinas

ditas impunemente contra mim aqui,
de acordo com relatos de meus comandados!
Sim, tu, filho de uma cativa! Que farias
se tivesses nascido de mãe livre, Teucro?
Discursarias do alto de tua grandeza
como um pavão orgulhoso dos esporões,
pois hoje, quando nada és, queres mostrar-te
o defensor altivo de quem nada era,
e gritas aos bons deuses que não somos chefes
nem da frota dos gregos nem de nosso exército,
e nem de ti. E mais: que Ájax pereceu,
de acordo com as tuas próprias convicções,
sendo ele mesmo, e mais ninguém, o seu senhor!
Não é assustador ouvir estes ultrajes
da boca de um escravo? E quem é esse homem
que louvas enfaticamente em altos brados?
Onde ele esteve? Onde foi visto a qualquer tempo
em lugares onde eu também não estivesse?
Nós, gregos, não contamos com outros guerreiros
além do teu?

Dirigindo-se ao CORO.

Instituímos realmente
uma competição funesta há pouco tempo
entre os argivos para ver quem merecia
herdar as armas do finado herói Aquiles;
agora, por causa da revolta de Teucro,
teremos de levar a fama de covardes,
e se, insatisfeitos com nossa recusa
a concordar, já que ele não foi escolhido
na deliberação a que afinal chegaram
nossos juízes, ides lançar rudemente
insultos incessantes contra nossos rostos,
ou ofender-nos ignominiosamente
porque ele foi vencido na competição?
Em face de vosso procedimento insólito
nenhuma das humanas leis seria estável.
Teríamos, então, de preterir aqueles
que a sã justiça aponta como vencedores
e pôr em primeiro lugar o concorrente
que está no último? Jamais! É necessário
agir honestamente nestas circunstâncias.
Os fanfarrões de compleição monumental
não são os concorrentes mais merecedores
de consideração; os homens de bom senso
em toda parte têm flancos longos, mas um aguilhão
basta para obrigá-los a marchar em ordem.

Voltando a dirigir-se a TEUCRO.

Quanto a ti mesmo, Teucro, esse apetrecho simples
te acalmará se te faz falta a sensatez,
tu, que por um defunto, por quem é agora
apenas uma sombra, não sentes receios
de aparecer aqui esbanjando arrogância
para dizer os impropérios que te ocorrem.
Não queres mesmo ser um homem razoável?
Ainda não pudeste perceber quem és?
Pondera e traz em teu lugar um homem livre,
detentor de direitos, para defender
a tua causa junto a nós, cidadãos livres.
Sou incapaz de compreender as tuas falas,
pois não me é familiar a língua bárbara[44]...

TEUCRO

Dirigindo-se ao cadáver de ÁJAX.

A gratidão devida a um herói maior,
agora morto, apaga-se muito depressa
nos corações humanos, e este homem, Ájax,
hoje não acha uma única palavra
para recordar-se de ti, que tantas vezes
puseste em risco a tua vida nos combates!
E todo o teu passado acaba de perder-se,
lançado aos quatro ventos.
Dirigindo-se a AGAMÊMNON.

Quero ouvir de ti,
que nos impinges longos e tolos discursos:
não conservaste na memória aquele dia
em que os soldados gregos estavam cercados
em seus postos determinados pelos chefes,
já sem qualquer esperança de salvação,
quando este herói veio sozinho e nos livrou
de uma derrota sem remédio enquanto as chamas
já crepitavam nas popas de nossas naus
e Heitor, saltando por cima do fosso fundo
pulava em direção às quilhas das galeras?
Quem, naquele momento, afastou o desastre
definitivamente? Dize: não foi ele
o autor do feito, ele, de quem dizes hoje
que nunca esteve onde também não estivesses?
Não foi ele quem fez pelos soldados gregos
tudo que o momento exigia? Ainda mais:
quando, sozinho diante do bravo Heitor,
eleito pela sorte e não obedecendo
a qualquer ordem ele mesmo quis lutar,
não deixando que se lançasse entre os soldados

um sinal distintivo - algum torrão de barro
endurecido -, mas seu próprio nome escrito,
tirou-o logo num salto ágil e certeiro
do capacete posto em primeiro lugar[45].
Sim, esta foi sua atitude, e depois dele
estava eu, escravo e filho de uma bárbara!
Em que pensavas há poucos instantes, tu,
digno de piedade, quando esbravejavas?
Não sabes quem foi teu avô, o antigo Pêlops?
Um bárbaro - um frígio! E esse Atreu[46],
também, que te engendrou? O ímpio maior,
o homem que serviu a seu irmão - coitado! -
a carne de seus próprios filhos! E tu mesmo
não nasceste de uma cretense que, pilhada
por seu progenitor nos braços de um amante,
foi atirada ao mar para servir de pasto
aos peixes mudos? Tu, fruto desse adultério,
te entregas sem propósito à maledicência,
amesquinhando assim um homem como eu,
filho de Telamon famoso que, depois
de obter a glória ímpar de ser o soldado
mais valoroso de seu tempo, se casou
com a mãe de quem nasci, rainha por seu sangue,
pois era filha de Laomedon, um rei,
dada como presa de guerra valiosa
pelo filho de Alcmene[47] a Telamon, meu pai.
E eu, herói duplamente filho de heróis,
iria desonrar um homem de meu sangue,
que está ali abandonado no chão frio,
correndo o risco de ser deixado por ti
para ser alimento de aves carniceiras?
Não te envergonhas de dizer-me essas palavras?
Fica sabendo: se insistires em lançar
o cadáver de Ájax num lugar qualquer,
terás de deixar lá nossos três corpos juntos
- o meu, o teu e o dele! Será mais glorioso
para mim mesmo perecer lutando aqui
por causa dele do que combatendo ainda
pela mulher de teu irmão ou pela tua!
Sê comedido, então, não apenas por mim
mas principalmente por ti. Se me ofenderes,
arrepender-te-ás um dia por ter sido
impetuoso em vez de agir prudentemente!

Entra ODISSEU.

CORIFEU

Rei Odisseu! Terás chegado em boa hora
se tua vinda compelir estes dois homens
a se entenderem, e não a se confrontarem.

ODISSEU

Que há, amigos meus? Ouvi inda de longe
os gritos dos nobres atridas no debate
em torno do cadáver deste herói finado.

AGAMÊMNON

E não te pareceram infamantes, rei,
os impropérios que este homem nos dizia?

ODISSEU

Que impropérios? Desculpo de bom grado
os ofendidos que por sua vez ultrajam.

AGAMÊMNON

Se ouviste que o tratei de maneira ofensiva
é porque recebi o mesmo tratamento.

ODISSEU

Que te fez ele para provocar insultos?

AGAMÊMNON

Ele afirmou que não deixará insepulto
este defunto, e sua decisão final
é enterrá-lo embora eu tenha proibido.

ODISSEU

Posso falar-te francamente e ser-te útil
agora como tenho sido no passado?

AGAMÊMNON

Fala; se eu não agisse assim demonstraria
carência de bom senso. Em minha opinião
és meu melhor amigo entre todos os gregos.

ODISSEU

Ouve-me, então: em nome de todos os deuses
não abandones impiamente este cadáver.
Não te deixes vencer pela brutalidade
nem permitas que teu rancor chegue ao extremo
de desconsiderar um direito sagrado.
Ájax passou a ser meu pior inimigo
em todo o exército desde o momento mesmo
em que me tornei dono das armas de Aquiles,
mas apesar de tudo não vou responder
a seu rancor imenso com qualquer afronta;
não poderei negar, tampouco, que vi nele
o homem mais valente entre todos os gregos
acampados há tanto tempo em frente a Troia,

à exceção de Aquiles. Se eu quisesse agora
infligir-lhe uma afronta, mostraria a todos
uma conduta má. Seria um atentado
às leis divinas muito mais que a ele mesmo.
Se morre um homem corajoso não podemos
menosprezá-lo, ainda que ele fosse o alvo
de nosso ódio mais intenso enquanto vivo.

AGAMÊMNON
Como? Quando o defendes ficas contra mim.

ODISSEU
Eu o odiava enquanto era justo odiá-lo.

AGAMÊMNON
Ele morreu; podes espezinhá-lo agora.

ODISSEU
Não devem alegrar-te os sucessos inglórios.

AGAMÊMNON
Nem sempre é fácil a um rei ser piedoso.

ODISSEU
Mas é fácil ouvir os conselhos de amigos.

AGAMÊMNON
Os amigos leais devem ouvir os reis.

ODISSEU
Mesmo ouvindo os amigos inda mandas neles.

AGAMÊMNON
Esforça-te por relembrar como era o homem
a quem queres prestar agora esta homenagem.

ODISSEU
Devo admitir que ele foi inimigo meu
mas era também um herói sem qualquer dúvida.

AGAMÊMNON
Que pretendes fazer nesta situação?
Respeitas a tal ponto um inimigo morto?

ODISSEU
Seus méritos foram maiores que seu ódio.

AGAMÊMNON
Eis as contradições nas quais caem os homens...

ODISSEU
É assim mesmo. Alguns amigos nossos,
hoje fiéis, mais tarde hostilizar-nos-ão.

AGAMÊMNON
E vens elogiar aqui esses amigos?

ODISSEU
Mas nunca elogiei as almas inflexíveis.

AGAMÊMNON
Queres que os gregos nos vejam como covardes?

ODISSEU
Dize melhor: apenas como homens normais.

AGAMÊMNON
Em suma: devo permitir o funeral?

ODISSEU
E não é este o fim que um dia nós teremos?

AGAMÊMNON
De fato, os homens pensam somente em si mesmos...

ODISSEU
E não devo pensar antes de tudo em mim?

AGAMÊMNON
A decisão aqui é tua; não é minha.

ODISSEU
Fala como quiseres; de qualquer maneira
estarás sendo generoso e isto é tudo.

AGAMÊMNON
Então fica sabendo: já estou disposto
a conceder-te mais ainda do que pedes;
aquele homem, entretanto, aqui na terra
ou no reino das sombras, será para mim
eternamente o maior de meus inimigos.
Mas poderás fazer tudo que te aprouver.

Sai AGAMÊMNON.

CORIFEU
Ah! Odisseu! Quem se atrever a pôr em dúvida
tua sabedoria inata é um demente!

ODISSEU

Irei mais longe; vou dizer-te agora, Teucro,
que passo a dedicar-te desde este momento
uma estima tão grande quanto era meu ódio.
Desejo sepultar contigo este defunto
e partilhar os teus cuidados sem poupar
as atenções devidas aos homens valentes.

TEUCRO

Aprovo plenamente estas palavras tuas,
nobre Odisseu. Desmentes de forma cabal
a minha expectativa. Foste até há pouco
o pior inimigo deste herói finado
entre todos os gregos presentes em Troia
e terás sido o único a lhe dar apoio.
Recusas-te a impor um espantoso ultraje,
tu, vivo, a este morto, e a seguir o exemplo
desse chefe atacado repentinamente
de insanidade que, segundo seu irmão,
veio até nós querendo apenas insultá-lo.
negando-lhe o sepulcro. Possam afinal
o venerável Pai, soberano do Olimpo,
e também de Erínias[48] que não esquecem,
e afinal a Justiça, julgar duramente
e sem apelação os dois irmãos ignóbeis
e condená-los a morrer penosamente,
da mesma forma que eles queriam deixar
sem sepultura o herói digno de outra sorte!
Mas inda hesito, filho do velho Laertes,
em aceitar a tua ajuda neste enterro,
pois teria receios de assim procedendo
causar algum desgosto ao morto lá no Hades.
Feita a ressalva, estou disposto a receber
o teu apoio, e se tiveres intenção
de convidar outros companheiros do exército,
não ficaremos desgostosos. Cuidarei,
eu mesmo, das formalidades a cumprir.
Devo dizer-te que estás sendo para nós,
neste momento triste, um generoso amigo.

ODISSEU

Reitero meu desejo, mas se não concordas
aceito a tua decisão e me retiro.

Sai ODISSEU.

TEUCRO

Dirigindo-se ao CORO.

Agora basta; não percamos tempo.

Ajamos! Aprontemos nossas mãos
para cavar um fosso bem profundo.
Ponde logo no fogo um caldeirão
para a devida purificação.
Compete a alguns de vós trazer da tenda
agora mesmo a armadura de Ájax.

Dirigindo-se ao filho de ÁJAX, e depois aos demais presentes.

E tu, menino, passa ternamente
as mãos nos flancos de teu pai defunto;
ajuda-nos tanto quanto puderes
a levantar seu corpo. As veias dele,
ainda quentes, estão derramando
jorros escuros do sangue restante.
Avançai todos que ostentais o nome
de seus amigos, pois deveis prestar
as homenagens ao herói perfeito.
Jamais tereis um chefe mais valente!

CORO
Nós, homens, tomamos conhecimento
de muitas coisas porque são visíveis,
mas o futuro e o nosso destino,
nunca existiu um único adivinho
capaz de conhecê-los com certeza.

FIM

NOTAS AO ÁJAX

1. Os clarins de bronze feitos na Etrúria eram famosos na Antiguidade.
2. Literalmente "argivos", provenientes de Argos, onde reinava Agamêmnon, comandante dos gregos na guerra de Troia.
3. Os "chefes" eram Agamêmnon e Menelau, filhos de Atreu, também chamados atridas.
4. O "filho" de Laertes" é Odisseu.
5. O "filho de Telamon" é Ájax.
6. A repetição "tolos... tolos" está no original.
7. Eniálio: nome alternativo de Ares, o deus da guerra dos gregos.
8. Febo é um dos epítetos de Apolo, significando "luminoso".
9. Sísifo: Odisseu teria nascido da união ilícita de Sísifo, o mais astuto dos gregos, com Antícleia, mulher de Laertes (pai de Odisseu).
10. Têcmessa era filha de um nobre troiano e coube a Ájax como um dos despojos de guerra.

11. Os salamínios, da mesma raça dos atenienses, eram considerados autóctones, pois Erecteu era antepassado de uns e outros.
12. O "par de carneiros", na alucinação de Ájax, seriam Agamêmnon e Menelau.
13. Ájax pensava que estivesse atacando Agamêmnon e Menelau; veja-se a menção logo abaixo, onde os atridas são os "dois heróis".
14. Teucro era meio-irmão e companheiro de Ájax.
15. Os dois reis são Agamêmnon e Menelau.
16. Érebo: a personificação das trevas do inferno, filho de Caos e da Noite.
17. Aqui a "filha de Zeus" é Atena, deusa protetora de Odisseu.
18. Escamandro: rio que atravessava a cidade de Troia, na Trôade.
19. *Aiai*, exclamação de dor em grego, lembra *Aias*, a forma grega do nome do herói.
20. O Ida era uma montanha próxima a Troia.
21. Telamon, pai de Ájax, participou da primeira expedição contra Troia e seu rei Laomedon, organizada por Heraclés, o herói maior das lendas gregas.
22. Os troianos eram também conhecidos como frígios, já que Troia era parte da Frígia, na Ásia Menor.
23. O Hades era o inferno nas profundezas da terra, para onde iam os mortos. Além disso era o nome da divindade maior do próprio inferno.
24. *Eurysakes* em grego significa "portador de escudo largo".
25. A repetição "ingratidão... ingratos" está no original.
26. Eácidas: descendentes de Éaco, irmão de Telamon (pai de Ájax); Éaco era famoso por sua devoção ao deuses, e veio a ser depois da morte um dos juízes dos mortos no Hades.
27. Heitor era o herói maior dos troianos na guerra contra os gregos. O "presente" fora o escudo que Ájax ostentava.
28. Pan era o deus grego dos pastores e da vida bucólica. Cileno era uma das montanhas da Arcádia, onde teria nascido Hermes, o deus pai de Pan, e o próprio Pan.
29. "Danças em Nisa": danças delirantes executadas pelos devotos embriagados de Diôniso. Vejam-se *As bacantes*, de Eurípides. As danças de Cnossos eram executadas pelos Coribantes cretenses em honra de Zeus e de Apolo.
30. Chamava-se Icário o mar em que Ícaro teria caído quando o sol fundiu a cera que juntava suas asas ao corpo.
31. Mísia: região da Ásia Menor, adjacente a Troia.
32. Calcas, filho de Têstor, era o adivinho oficial da expedição grega.
33. O "anfitrião" fora Heitor; veja-se a nota 40.
34. Hermes Infernal: uma das atribuições do deus Hermes era levar as almas dos mortos às profundezas do Hades.
35. As Erínias - as Fúrias da mitologia latina - eram divindades incumbidas de punir os crimes mais perversos, principalmente entre consanguíneos.
36. Os salamínios consideravam-se irmãos de raça dos atenienses.
37. Veja-se a nota 19.
38. Palas: nome alternativo de Atena, às vezes chamada de Palas Atena.
39. Odisseu tinha vencido Ájax na disputa pelas armas de Aquiles após a morte deste herói na guerra de Troia.
40. Heitor, o herói maior dos troianos na guerra entre eles e os gregos. Foi ele quem ofereceu cavalheirescamente sua espada a Ájax em homenagem à bravura deste nos combates.
41. Veja-se a nota 35.

42. No dia em que as armas de Aquiles recém-morto por Páris deveriam ser adjudicadas ao mais valente dos gregos.
43. O planalto de Súnion, a pouca distância de Atenas, ficava em frente à ilha de Salamina, terra natal de Ájax e de seus comandados.
44. Para humilhar Teucro, Agamêmnon alude à circunstância de ele ser filho de Talamon (portanto meio-irmão de Ájax) com uma estrangeira, de quem Teucro teria aprendido a língua bárbara.
45. Trata-se de um sorteio entre os combatentes para designar quem enfrentaria o adversário num combate singular. As outras alusões são a outras modalidades de sorteio mais sujeitas a trapaças.
46. Atreu era o pai de Agamêmnon e de Menelau.
47. O "filho de Alcmene" é Heraclés, o maior dos heróis gregos.
48. Veja-se a nota 35. O "venerável Pai", no verso anterior, é Zeus.

Sófocles, *Ájax*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 3ª edição, s/d.

Antígona

Tradução de Mário da Gama Kury

A PEÇA

Representada pela primeira vez em 441 a.C., em Atenas.

Após a morte de Édipo em Colono, Antígona retornou com Ismene a Tebas, onde seus irmãos Etéocles e Polinices disputavam a sucessão do pai no trono da cidade. Os dois haviam chegado a um acordo segundo o qual se revezariam por períodos de um ano, a começar por Etéocles. Este, porém, transcorrido o primeiro período combinado, não quis ceder o lugar a Polinices, que se retirou dominado pelo rancor para a cidade de Argos - rival de Tebas; lá, após casar-se com a filha do rei Adrasto (*Àdrastos*), pleiteou e obteve apoio deste à sua ideia de obrigar Etéocles, pela força das armas, a entregar-lhe o trono de conformidade com o pactuado. Adrasto pôs à disposição de Polinices um forte exército. Etéocles, conhecendo os preparativos do irmão, aprontou a cidade para enfrentar os inimigos e incumbiu sete chefes tebanos de defender as sete portas da cidade em oposição aos sete chefes argivos, reservando para si mesmo o encargo de enfrentar Polinices. Após renhida luta os sete chefes tebanos e os outros tantos argivos entremataram-se; Etéocles e Polinices tombaram mortos um pela mão do outro. Creonte, irmão de Jocasta e tio de Antígona, assumiu então o poder, e seu primeiro ato após subir ao trono foi proibir o sepultamento de Polinices, sob pena de morte para quem o tentasse, enquanto ordenava funerais de herói para Etéocles, morto em defesa da cidade pelo irmão que o atacava.

A peça inicia-se ao amanhecer do dia seguinte à noite em que os invasores argivos haviam sido finalmente derrotados.

O tema principal da *Antígona* é um choque do direito natural, defendido pela heroína, com o direito positivo, representado por Creonte. Ao longo da peça, porém, surgem ainda os temas do amor, que leva Hêmon (filho de Creonte) ao suicídio; do orgulho, que leva Creonte ao desespero; do protesto dos jovens contra a prepotência dos pais.

A decisão de Antígona de conceder as honras fúnebres a Polinices apesar do edito proibitivo de Creonte, movida pela convicção de que *seu* direito era mais válido, é o eixo em torno do qual gira a maior parte da peça.

Nesse drama de rara beleza poética que, segundo Brecht (*Notas sobre a adaptação da* Antígona, página 74, volume X do *Teatro Completo*, Paris, L'Arche, 1962), se inclui entre os maiores poemas do Ocidente, Sófocles levantou, como dissemos acima, questões fundamentais para o espírito humano, principalmente a do limite da autoridade do Estado sobre a consciência individual, e a do conflito entre as leis da consciência - não escritas - e o direito positivo. A sua *Antígona* é o primeiro grito de protesto contra a onipotência dos governantes e a prepotência dos adultos (quanto a este último aspecto, veja-se o áspero diálogo entre Creonte e Hêmon, principalmente os versos 816/817 e 828/829). Nela Creonte encarna o dever de obediência às leis do Estado, e a heroína simboliza o dever de dar ouvidos à própria consciência. Esta obra de Sófocles é o único exemplo em que o tema central de um drama grego é um problema prático de conduta, envolvendo aspectos morais e políticos, que poderiam ser discutidos, com fundamentos e interesse idênticos, em qualquer época e país.

Jebb, na introdução à sua edição comentada da *Antígona*, coloca o tema central da peça em termos precisos, que resumem o seu conflito marcante:

"Da mesma forma que Creonte ultrapassou o limite devido quando, em seu edito, infringiu a lei divina, Antígona também o ultrapassou ao desafiar o edito. O drama seria, então, o conflito entre duas pessoas, cada uma das quais defende um princípio intrinsecamente sadio, mas o defende erradamente; e ambas, portanto, devem ser castigadas." E finaliza citando Hegel (*Religionsphilosophie*, II, 114): "Do ponto de vista da Justiça Eterna, ambas estavam erradas, porque agiam unilateralmente, mas ao mesmo tempo ambas estavam certas." (R. C. Jebb, *Antígona*, página XXI da terceira edição, Cambridge, 1928). O mesmo Jebb, em seus *Essays and Addresses* (página 31, Cambridge, 1907), sintetiza o problema de maneira ainda mais feliz:

"Mas a questão não é um simples conflito entre a lei do Estado e os deveres religiosos; é um conflito entre a lei do Estado imposta com excessivo rigor, e uma afeição natural colocada acima das leis. Creonte está certo na letra e errado no espírito; Antígona está certa no espírito e errada na letra." E conflitos desse gênero constituem a essência do trágico, de conformidade com a observação de Hegel em sua *Estética* (tradução de Ch. Bénard, segunda edição, página 521, Paris, 1875):

"O trágico, originariamente, consiste em que, no círculo da colisão, as duas partes opostas, consideradas isoladamente, têm um *direito* por si mesmas. Por outro lado, só podendo realizar o que há de verdadeiro e positivo em seu objetivo e seu caráter como negação e violação da outra força igualmente justa, elas serão levadas, malgrado sua moralidade ou antes por causa dela, a cometer faltas." Filósofos e juristas, desde Aristóteles até Giorgio del Vecchio, têm citado a *Antígona* em apoio às suas teses. O filósofo grego, por exemplo, menciona a peça nas seguintes passagens de sua *Retórica*:

1373 b 6 e seguintes: “Pois realmente há, como todos de certo modo intuem, uma justiça e uma injustiça naturais, compulsórias para todas as criaturas humanas, mesmo para as que não têm associação ou compromisso com as outras. É isso que a *Antígona* de Sófocles claramente quer exprimir quando diz que o funeral de Polinices era um ato justo apesar da proibição; ela pretende dizer que era justo por *natureza*: “…não é de hoje, não é de ontem, é desde os tempos mais remotos, que elas vigem sem que ninguém possa dizer quando surgiram.” (versos 518/520 desta tradução.) 1375 a 31 e seguintes: “Devemos enfatizar que os princípios da equidade são permanentes e imutáveis, e que a lei universal tampouco muda, pois se trata da lei natural, ao passo que as leis escritas muitas vezes mudam. Esse é o significado dos versos da *Antígona* de Sófocles, onde Antígona defende que, ao enterrar seu irmão, violou as leis de Creonte, mas não violou as leis não escritas.” Mais de 2.000 anos depois Giorgio del Vecchio, em sua *Filosofia do Direito* (tradução francesa, Paris, 1935), ainda recorre a Sófocles para ilustrar ideias semelhantes:

“Da mesma forma que a *Antígona* de Sófocles, por exemplo, invoca altivamente as leis naturais contra as ordens de um poder arbitrário, sempre houve consciências humanas para afirmar e reivindicar as razões da verdadeira justiça contra a violência, embora esta se revestisse de todas as formas da legalidade.” (Página 17). E: “É bem conhecido o exemplo da *Antígona* de Sófocles, que invoca contra a tirania as *leis não escritas*, superiores às leis escritas.” (p.412)

Época da ação: idade heroica da Grécia.
Local: Tebas.
Primeira representação: 441 a.C., em Atenas (data aproximada).

PERSONAGENS

ANTÍGONA, ISMENE } filhas de Édipo e de Jocasta

CREONTE, rei de Tebas como sucessor de Édipo, e irmão de Jocasta.
GUARDA
HÊMON, filho de Creonte e de Eurídice
TIRÉSIAS, adivinho
EURÍDICE, mulher de Creonte
PRIMEIRO MENSAGEIRO
SEGUNDO MENSAGEIRO
CORO de anciãos tebanos

FIGURANTES MUDOS
CRIADOS
CRIADAS
GUARDAS
MENINO, guia de Tirésias

Cenário: *O frontispício do palácio real, na ágora de Tebas, onde reina CREONTE. Nasce o dia seguinte à derrota dos argivos comandados por POLINICES, que haviam iniciado a fuga na noite expirante. Estão em cena ANTÍGONA e ISMENE.*

ANTÍGONA
Minha querida Ismene, irmã do mesmo sangue,
conheces um só mal entre os herdados de Édipo
que Zeus[1] não jogue sobre nós enquanto vivas?
Não há, de fato, dor alguma, ou maldição,
afronta ou humilhação que eu não esteja vendo
no rol das tuas desventuras e das minhas.
Já tens conhecimento do decreto novo
que o rei, segundo dizem, promulgou agora
e mandou publicar pela cidade inteira?
Já te falaram dele, ou tu não vês ainda
os males que ameaçam os amigos nossos,
premeditados pelos nossos inimigos?

ISMENE
Sobre os amigos não ouvi notícia alguma,
Antígona, fosse agradável, fosse triste,
desde que nos levaram nossos dois irmãos
mortos no mesmo dia um pela mão do outro.
Já desapareceram os soldados de Argos
durante a noite recém-finda, e mais não sei,
nem mesmo se sou mais feliz ou infeliz.

ANTÍGONA
Eu já previa e te chamei aqui por isso;
apenas tu irás ouvir-me e mais ninguém.

ISMENE
Que há? Estás inquieta com as más notícias?

ANTÍGONA
Pois não ditou Creonte que se desse a honra
da sepultura a um de nossos dois irmãos
enquanto a nega ao outro? Dizem que mandou
proporcionarem justos funerais a Etéocles
com a intenção de assegurar-lhe no além-túmulo
a reverência da legião dos mortos; dizem,
também, que proclamou a todos os tebanos
a interdição de sepultarem ou sequer
chorarem o desventurado Polinices:
sem uma lágrima, o cadáver insepulto
irá deliciar as aves carniceiras
que hão de banquetear-se no feliz achado.
Esse é o decreto imposto pelo bom Creonte
a mim e a ti (melhor dizendo: a mim somente);
vê-lo-ás aparecer dentro de pouco tempo

a fim de alardear o edito claramente
a quem ainda o desconhece. Ele não dá
pouca importância ao caso: impõe aos transgressores
a pena de apedrejamento até a morte
perante o povo todo. Agora sabes disso
e muito breve irás tu mesma demonstrar
se és bem-nascida ou filha indigna de pais nobres.

ISMENE
Mas, nessas circunstâncias, infeliz irmã,
teria eu poderes para te ajudar
a desfazer ou a fazer alguma coisa?

ANTÍGONA
Decide se me ajudarás em meu esforço.

ISMENE
Em que temeridade? Qual a tua ideia?

ANTÍGONA
Ajudarás as minhas mãos a erguer o morto?

ISMENE
Vais enterrá-lo contra a interdição geral?

ANTÍGONA
Ainda que não queiras ele é teu irmão
e meu; e quanto a mim, jamais o trairei.

ISMENE
Atreves-te a enfrentar as ordens de Creonte?

ANTÍGONA
Ele não pode impor que eu abandone os meus.

ISMENE
Pobre de mim! Pensa primeiro em nosso pai,[2]
em seu destino, abominado e desonrado,
cegando os próprios olhos com as frementes mãos
ao descobrir os seus pecados monstruosos;
também, valendo-se de um laço retorcido,
matou-se a mãe e esposa dele - era uma só -
e, num terceiro golpe, nossos dois irmãos
num mesmo dia entremataram-se (coitados!),
fraternas mãos em ato de extinção recíproca.
Agora que restamos eu e tu, sozinhas,
pensa na morte inda pior que nos aguarda
se contra a lei desacatarmos a vontade
do rei e a sua força. E não nos esqueçamos
de que somos mulheres e, por conseguinte,

não poderemos enfrentar, só nós, os homens.
Enfim, somos mandadas por mais poderosos
e só nos resta obedecer a essas ordens
e até a outras inda mais desoladoras.
Peço indulgência aos nossos mortos enterrados
mas obedeço, constrangida, aos governantes;
ter pretensões ao impossível é loucura.

ANTÍGONA
Não mais te exortarei e, mesmo que depois
quisesses me ajudar, não me satisfarias.
Procede como te aprouver; de qualquer modo
hei de enterrá-lo e será belo para mim
morrer cumprindo esse dever: repousarei
ao lado dele, amada por quem tanto amei
e santo é o meu delito, pois terei de amar
aos mortos muito, muito tempo mais que aos vivos.
Eu jazerei eternamente sob a terra
e tu, se queres, foge à lei mais cara aos deuses.

ISMENE
Não fujo a ela; sou assim por natureza;
não quero opor-me a todos os concidadãos.

ANTÍGONA
Alega esses pretextos, mas não deixarei
sem sepultura o meu irmão muito querido.

ISMENE
Ah! Infeliz! Quanta preocupação me causas!

ANTÍGONA
Não deves recear por mim; cuida de ti!

ISMENE
Ao menos não reveles a ninguém teus planos;
oculta-os bem contigo e eu farei o mesmo.

ANTÍGONA
Não faças isso! Denuncia-os! Se calares,
se não contares minhas intenções a todos,
meu ódio contra ti será maior ainda!

ISMENE
Ferve o teu coração pelo que faz gelar!

ANTÍGONA
Mas dou satisfação àqueles que, bem sei,
tenho o dever de, mais que a todos, agradar.

ISMENE
Se houvesse meios… Mas desejas o impossível.

ANTÍGONA
Quando sentir faltar-me a força, pararei.

ISMENE
Mas o impossível não se deve nem tentar.

ANTÍGONA
Falando dessa forma ganharás meu ódio
e te exporás a ser odiada pelo morto
eterna e justamente. Deixa-me enfrentar,
nesta loucura apenas minha, esses perigos;
assim me livro de morrer envergonhada.

ISMENE
Se crês que deves, vai, mas parte com a certeza
de que apesar de agires insensatamente
és verdadeira amiga para teus amigos.

Saem ANTÍGONA e ISMENE em direções opostas. Entra o CORO.

CORO
Raio de sol, mais bela claridade
já vista em Tebas,[3] a de sete portas,
brilhaste finalmente, olho do dia,
pairando sobre o manancial de Dirce.[4]
Puseste em fuga o célere guerreiro
de escudo branco, que viera de Argos
com toda a sua presunção marcial
disposto a conquistar a nossa terra;
persuadido pela fala ambígua
de Polinices, como se águia fora
precipitou-se em direção à terra
gritando forte e assustadoramente,
coberto com plumagem cor de neve,[5]
profusamente armado e protegido
com o elmo ornado de ondulante crina.
Sobrevoou hiante as nossas casas
e corvejou no umbral das sete portas
brandindo espadas ávidas de morte,
mas teve de voltar sem que as mandíbulas
fartasse em nosso sangue e que os archotes
resinosos de Hefesto consumissem[6]
a coroa de torres da cidade,
tão pavoroso foi em suas costas
o estrondo de Ares,[7] oponente invicto
dos inimigos do dragão tebano.[8]

Zeus, em verdade, odeia mais que tudo
a presunção das línguas atrevidas
e ao vê-los vir, numa torrente imensa,
na ostentação de suas muitas armas
douradas, fulminou com labaredas
aquele que se imaginava prestes
a proclamar vitória em sua meta
- o topo das muralhas da cidade.
Golpeado, ele se projetou no chão
estrepitosamente, segurando
ainda a tocha acesa em sua mão,
ele que havia pouco, delirante
de ardor insano se precipitara
impetuosamente contra nós,
movido por seu ódio tormentoso.
Seus golpes, todavia, não trouxeram
os resultados esperados; antes,
a cada um dos outros inimigos
o deus da guerra, sempre ao nosso lado,
impôs o seu destino, semeando
em torno deles todos o extermínio.
Nas sete portas, enfrentando os nossos,
seus sete chefes foram derrotados,
deixando as armas de maciço bronze
como tributo a Zeus - árbitro único
da decisão de todas as batalhas -,
exceto aqueles dois infortunados
nascidos de um só pai e uma só mãe,
que um contra o outro ergueram as espadas,
ambos irresistíveis, para enfim
compartilharem uma mesma morte.
Mas a Vitória de glorioso nome
está conosco agora e rejubila-se
com Tebas, dona de incontáveis carros;
hoje devemos esquecer a guerra
apenas finda; visitemos logo,
em meio a danças que entrem pela noite,
os templos, um por um, de nossos deuses.
E seja Baco[9] o nosso condutor,
ele, que faz tremer o chão de Tebas!

Aproxima-se CREONTE acompanhado de guardas.

Vejo, porém, já próximo de nós,
o novo rei, filho de Meneceu,
senhor da terra após as provações
que há pouco tempo os deuses nos mandaram.
Alguma preocupação o move,
pois em convocação geral nos chama,
a nós anciãos, para deliberar.

CREONTE
Senhores: eis de novo salva e aprumada
a nau de nossa terra pelas divindades,
após a dura tormenta que a sacudiu.
Apenas vós fostes chamados entre o povo
por emissários meus mandados de propósito,
primeiro porque sei que fostes bons, fiéis
e obedientes ao poder real de Laio;[10]
depois porque, quando Édipo era rei aqui,
e após a sua morte, a vossa lealdade
inabalável inda sustentou seus filhos.
Agora, todavia, que eles sucumbiram
em dupla morte, golpeando e golpeados
com suas próprias mãos impuras, em razão
do parentesco próximo entre mim e os mortos
hoje detenho o trono e suas regalias.
Não é possível conhecer perfeitamente
um homem e o que vai no fundo de sua alma,
seus sentimentos e seus pensamentos mesmos,
antes de o vermos no exercício do poder,
senhor das leis. Se alguém, sendo o supremo guia
do Estado, não se inclina pelas decisões
melhores e, ao contrário, por algum receio
mantém cerrados os seus lábios, considero-o
e sempre o considerarei a mais ignóbil
das criaturas; e se qualquer um tiver
mais consideração por um de seus amigos
que pela pátria, esse homem eu desprezarei.
Pois eu - e seja testemunha o grande Zeus
onividente - não me calaria vendo
em vez da segurança a ruína dominar
o povo, e nunca trataria os inimigos
de minha terra como se fossem amigos.
A salvação de Tebas é também a nossa,
em minha opinião; se navegarmos bem,
com a nau a prumo, não nos faltarão amigos.
Com semelhantes normas manterei intacta
a glória da cidade, e pauta-se por elas
o edito que mandei comunicar ao povo
há pouco, relativamente aos filhos de Édipo:
que Etéocles, morto lutando pela pátria,
desça cercado de honras marciais ao túmulo
e leve para o seu repouso eterno tudo
que só aos mortos mais ilustres se oferece;
mas ao irmão, quero dizer, a Polinices,
que regressou do exílio para incendiar
a terra de seus pais e até os santuários
dos deuses venerados por seus ascendentes
e quis provar o sangue de parentes seus

e escravizá-los, quanto a ele foi ditado
que cidadão algum se atreva a distingui-lo
com ritos fúnebres ou comiseração;
fique insepulto o seu cadáver e o devorem
cães e aves carniceiras em nojenta cena.
São estes os meus sentimentos e jamais
concederei aos homens vis maiores honras
que as merecidas tão somente pelos justos.
Só quem quiser o bem de Tebas há de ter
a minha estima em vida e mesmo após a morte.

CORIFEU
Assim te apraz, filho de Meneceu, Creonte,
tratar amigos e inimigos desta terra,
e tens poder - eu reconheço - para impor
a lei de tua escolha, seja em relação
aos mortos, seja a nós, que ainda estamos vivos.

CREONTE
Cuidai, então, de que se cumpram minhas ordens.

CORIFEU
Dá esse encargo tão pesado a alguém mais jovem.

CREONTE
A guarda do cadáver caberá a outros.

CORIFEU
Qual é, então, a ordem que nos dás ainda?

CREONTE
Sede implacáveis com os rebeldes ao edito.

CORIFEU
Ninguém é louco a ponto de buscar a morte.

CREONTE
Seria esta, na verdade, a recompensa.
A expectativa de vantagens, todavia,
levou inúmeros mortais à perdição.

Entra um GUARDA em atitude hesitante.

GUARDA

Dirigindo-se a CREONTE.

Não vou dizer, senhor, que chego assim sem fôlego[11]
por apressar meus pés para ser mais veloz.
Meus pensamentos muitas vezes me fizeram

parar, dar meia-volta em minha caminhada.
Minha alma muitas vezes me falou assim:
“Pobre de ti! Por que te apressas a chegar
“aonde a punição te espera, inevitável?
“Coitado! Atrasas-te de novo? E se Creonte
“souber por outro não irás também sofrer?”
Nesse debate eu percorria meu caminho
com passos indecisos, de maneira tal
que nunca mais a curta estrada se acabava.
Mas finalmente decidi que deveria
chegar a ti; e embora eu quase nada saiba,
ainda assim estou aqui para falar,
pois a se confirmarem minhas esperanças
somente sofrerei o que for meu destino.

CREONTE
Quais os motivos desse teu abatimento?

GUARDA
Falar-te-ei primeiro do que me interessa;
eu nada fiz, nem sei quem praticou a ação;
qualquer castigo para mim seria injusto.

CREONTE
És maneiroso em teus rodeios defensivos;
demonstras que me vais dizer algo de novo.

GUARDA
Vacila-se antes de dizer coisas terríveis…

CREONTE
Por que não falas, afinal, e vais embora?

GUARDA
Então eu vou falar! O morto… alguém há pouco
o sepultou e foi-se embora; apenas pôs
alguma terra seca recobrindo as carnes
e praticou deveres outros de piedade.

CREONTE
Que dizes? Quem? Que homem se atreveu a tanto?

GUARDA
Não sei. Não conseguimos ver marcas de pás,
nem sulcos feitos por enxada; o chão estava
bem liso, duro e seco, sem sinais de rodas;
o autor da ação é desses que não deixam pistas.
Quando o vigia da manhã nos alertou
para o acontecido, uma surpresa triste
tomou conta de nós; não víamos o morto,

embora ele não estivesse bem sepulto,
pois era muito pouca a terra que o cobria,
como se fosse posta pela mão de alguém
querendo apenas evitar um sacrilégio.
E não havia em volta rastro algum à vista,
nem de animal selvagem, nem de um cão qualquer
que houvesse vindo até o cadáver e o movesse.
Então brotaram entre nós palavras ásperas
de sentinelas acusando sentinelas.
Até a brigas nós teríamos chegado
sem que os presentes impedissem; um por um,
todos nos acusamos uns depois dos outros,
mas afinal a culpa não foi apurada,
pois nada fora percebido por ninguém.
Já íamos pegar com as mãos ferros em brasa,[12]
atravessar o fogo aceso e pelos deuses
jurar convictos que não éramos autores
nem cúmplices na trama ou na realização.
Por fim, depois de nossas investigações
terem falhado, um guarda se manifestou,
fazendo-nos baixar o rosto para o chão,
apavorados, pois não nos abalançávamos
a contestá-lo e víamos que era impossível
fugir a uma desgraça se lhe obedecêssemos;
ele nos disse que era nossa obrigação
comunicar-te o fato imediatamente
e não pensar em ocultá-lo; a sugestão
foi logo aceita e no sorteio - ai!, ai de mim! -
me coube o prêmio de trazer-te a novidade.
E estou aqui, contra teu gosto e contra o meu,
pois ninguém aprecia quem dá más notícias.

CORIFEU
Meu coração, senhor, indaga há muito tempo
se esse acontecimento não se deve aos deuses.

CREONTE
Cala-te logo, antes que cresça minha cólera
com tua fala, salvo se queres mostrar
senilidade e insensatez ao mesmo tempo.
É insuportável escutar-te quando dizes
que os deuses podem ter cuidado do cadáver.
Seria por inusitada recompensa
a um benfeitor que lhe dariam sepultura,
a ele, que chegou para queimar seus templos
cercados de colinas e os tesouros sacros
e para aniquilar a sua terra e leis?
Ou vês os deuses distinguirem criminosos?
Jamais! Desde o princípio havia na cidade
homens que murmuravam coisas desse gênero

e meneavam a cabeça contra mim
secretamente; relutavam em curvar-se
e, como súditos, dar a cerviz ao jugo.
Sei muito bem que os guardas foram corrompidos
e subornados para agir assim por eles.
Nunca entre os homens floresceu uma invenção
pior que o ouro; até cidades ele arrasa,
afasta os homens de seus lares, arrebata
e impele almas honestas às ações mais torpes
e incita ainda os homens ao aviltamento,
à impiedade em tudo. Mas, quem age assim
por interesse, um dia paga o justo preço.

Voltando-se para o GUARDA.

Se a Zeus ainda agrada a minha reverência,
escuta e dize aos outros guardas: juro agora
que se não descobrirdes o real autor
desse sepultamento e não o conduzirdes
à frente de meus olhos, simplesmente a morte
não há de ser pena bastante para vós;
sereis dependurados todos, inda vivos,
até que alguém confesse o crime! Sabereis
de quem é vantajoso receber dinheiro
de hoje em diante e aprendereis ao mesmo tempo
que não é bom querer ganhar de qualquer modo;
vereis que o lucro desonesto leva os homens
com mais frequência à ruína que à prosperidade!

GUARDA
Permites que se fale, ou devo simplesmente
dar meia-volta e retirar-me neste instante?

CREONTE
Não vês o quanto a tua voz me ofende agora?

GUARDA
É nos ouvidos ou na alma que ela dói?

CREONTE
Por que te esmeras em saber onde é a dor?

GUARDA
O autor te fere o coração; eu, os ouvidos.

CREONTE
É… Nota-se que és bem-falante de nascença.

GUARDA

Talvez, mas esse feito eu não praticaria.

CREONTE
Fizeste mais: vendeste a alma por dinheiro!

GUARDA
Ah! é terrível quando, embora preparado
para ser bom juiz, um homem julga mal!…

CREONTE
Diverte-te com teu brilhante julgamento,
mas, se não descobrirdes, tu e teus colegas,
o autor do feito, acabareis por convencer-vos
de que somente mágoas traz o ganho ilícito!

CREONTE retorna ao palácio.

GUARDA
Será melhor, então, achá-lo sem demora.
Mas, seja ele descoberto ou não - a sorte
é que vai decidir - indubitavelmente
não me verás de novo aqui; se desta vez
me salvo, contra a minha expectativa e crença,
é meu dever agradecer, e muito, aos deuses!

O GUARDA afasta-se precipitadamente.

CORO
Há muitas maravilhas, mas nenhuma[13]
é tão maravilhosa quanto o homem.
Ele atravessa, ousado, o mar grisalho,
impulsionado pelo vento sul
tempestuoso, indiferente às vagas
enormes na iminência de abismá-lo;
e exaure a terra eterna, infatigável,
deusa suprema, abrindo-a com o arado
em sua ida e volta, ano após ano,
auxiliado pela espécie equina.
Ele captura a grei das aves lépidas
e as gerações dos animais selvagens:
e prende a fauna dos profundos mares
nas redes envolventes que produz,
homem de engenho e arte inesgotáveis.
Com suas armadilhas ele prende
a besta agreste nos caminhos íngremes;
e doma o potro de abundante crina,
pondo-lhe na cerviz o mesmo jugo
que amansa o fero touro das montanhas.
Soube aprender sozinho a usar a fala

e o pensamento mais veloz que o vento
e as leis que disciplinam as cidades,
e a proteger-se das nevascas gélidas,
duras de suportar a céu aberto,
e das adversas chuvas fustigantes;
ocorrem-lhe recursos para tudo
e nada o surpreende sem amparo;
somente contra a morte clamará
em vão por um socorro, embora saiba
fugir até de males intratáveis.
Sutil de certo modo na inventiva
além do que seria de esperar,
e na argúcia, que o desvia às vezes
para a maldade, às vezes para o bem,
se é reverente às leis de sua terra
e segue sempre os rumos da justiça
jurada pelos deuses ele eleva
à máxima grandeza a sua pátria.
Nem pátria tem aquele que, ao contrário,
adere temerariamente ao mal;
jamais quem age assim seja acolhido
em minha casa e pense igual a mim!

Percebendo o GUARDA, que volta conduzindo ANTÍGONA.

Deixa-me pasmo este portento incrível!
Como negar, se a vejo, que esta moça
é a própria Antígona? Ah? Desventurada
e filha de desventurado pai
- de Édipo! Que significa isso?
Trazem-te por desprezo às leis reais,
surpreendida em ato tresloucado?

GUARDA
Aqui está a autora da façanha; há pouco
pilhamo-la enterrando-o. Onde está Creonte?

CORIFEU
Está voltando do palácio em boa hora.

CREONTE
Que é isso? E por que meu regresso é oportuno?

GUARDA
Nada devia ser jurado pelos homens,
senhor, pois basta refletir para notar
que a ideia é enganadora. Eu mesmo prometi
que não havia de voltar tão cedo aqui,
depois de ouvir as tuas duras ameaças
de há pouco, assustadoras; mas, considerando

que as alegrias, quando não as esperamos
nos dão maior contentamento, retornei,
embora contrariando um juramento meu,
trazendo esta donzela, que surpreendemos
cuidando de finalizar o funeral.
Não houve, desta vez, sorteio. Não! A mim
e a mais ninguém foi concedida esta ventura.
Agora podes segurá-la, interrogá-la,
julgá-la, meu senhor, tu mesmo, como queiras.
E quanto a mim, tenho o direito de estar livre
das confusões que antes me assustaram tanto.

CREONTE
Onde prendeste, e como, esta que vens trazendo?

GUARDA
Ela enterrava o homem: sabes tudo agora.

CREONTE
Percebes o que dizes? Falas com certeza?

GUARDA
Vi-a quando, apesar de tua proibição,
cuidava ainda de enterrar melhor o morto.
São claras e evidentes as minhas palavras?

CREONTE
E como a viram e pilharam em delito?

GUARDA
O fato aconteceu assim: quando voltamos,
com aquelas tuas ameaças horrorosas
pesando sobre nós, tiramos toda a terra
que recobria o corpo e cuidadosamente
despimos o cadáver meio decomposto;
então nós nos sentamos no alto da colina,
tendo a favor o vento para que o fedor
não viesse contra nós. Estava cada um
bem acordado e se esforçava por manter
alerta o seu vizinho com descomposturas,
se alguém se descuidava da tarefa dura.
Assim passou o tempo até que o sol brilhante
chegou a meio céu em sua caminhada
e começou a nos queimar com seu calor;
nesse momento um vento repentino e forte
soprou em turbilhão - celeste turbulência -
pela campina toda, desfolhando as árvores
das redondezas. O ar em volta escureceu
e para suportar o flagelo divino

tivemos de fechar os olhos. Ao cessar
aquilo, muito tempo após, vimos a moça;
ela gritava agudamente, como um pássaro
amargurado ao ver deserto o caro ninho,
sem suas crias. Ela, vendo o corpo nu,
gemendo proferiu terríveis maldições
contra quem cometera a ação; amontoou
com as mãos, de novo, a terra seca e levantando
um gracioso jarro brônzeo derramou
sobre o cadáver abundante libação.
Corremos quando vimos aquele espetáculo
e todos juntos seguramo-la, mas ela
não demonstrou estar com medo; então pusemo-nos
a interrogá-la sobre o seu procedimento
passado e atual; para alegria minha,
e dó ao mesmo tempo, ela nada negou.
É bom livrarmo-nos de males mas é triste
lançar amigos nossos na infelicidade.
Mas, isso tudo para mim neste momento
importa menos do que a minha salvação.

Após alguns instantes de silêncio geral.

Tu, então, que baixas o rosto para o chão,
confirmas a autoria desse feito, ou negas?

ANTÍGONA
Fui eu a autora; digo e nunca negaria.

CREONTE

Dirigindo-se ao GUARDA.

Já podes ir na direção que te aprouver,
aliviado e livre de suspeita grave.

Sai o GUARDA. CREONTE dirige-se a ANTÍGONA.

Agora, dize rápida e concisamente:
sabias que um edito proibia aquilo?

ANTÍGONA
Sabia. Como ignoraria? Era notório.

CREONTE
E te atreveste a desobedecer às leis?

ANTÍGONA
Mas Zeus não foi o arauto delas para mim,
nem essas leis são as ditadas entre os homens

pela Justiça, companheira de morada
dos deuses infernais; e não me pareceu
que tuas determinações tivessem força
para impor aos mortais até a obrigação
de transgredir normas divinas, não escritas,
inevitáveis; não é de hoje, não é de ontem,
é desde os tempos mais remotos que elas vigem,
sem que ninguém possa dizer quando surgiram.
E não seria por temer homem algum,
nem o mais arrogante, que me arriscaria
a ser punida pelos deuses por violá-las.
Eu já saiba que teria de morrer
(e como não?) antes até de o proclamares,
mas, se me leva a morte prematuramente,
digo que para mim só há vantagem nisso.
Assim, cercada de infortúnios como vivo,
a morte não seria então uma vantagem?
Por isso, prever o destino que me espera
é uma dor sem importância. Se tivesse
de consentir em que ao cadáver de um dos filhos
de minha mãe fosse negada a sepultura,
então eu sofreria, mas não sofro agora.
Se te pareço hoje insensata por agir
dessa maneira, é como se eu fosse acusada
de insensatez pelo maior dos insensatos.

CORIFEU
Evidencia-se a linhagem da donzela,
indômita, de pai indômito; não cede
nem no momento de enfrentar a adversidade.

CREONTE

Dirigindo-se a ANTÍGONA.

Fica sabendo que os espíritos mais duros
dobram-se muitas vezes; o ferro mais sólido,
endurecido e temperado pelo fogo,
é o que se vê partir-se com maior frequência,
despedaçando-se; sei de potros indóceis
que são domados por um pequenino freio.
Quem deve obediência ao próximo não pode
ter pensamentos arrogantes como os teus.

Dirigindo-se ao CORO.

Ela já se atrevera, antes, a insolências
ao transgredir as leis apregoadas; hoje,
pela segunda vez revela-se insolente:
ufana-se do feito e mostra-se exultante!

Pois homem não serei - ela será o homem! -
se esta vitória lhe couber sem punição!
Embora fosse minha irmã a sua mãe
- mais próxima de mim, portanto, pelo sangue,
que todos os parentes meus, fiéis devotos
do grande Zeus no santuário de meu lar -
nem ela nem a irmã conseguirão livrar-se
do mais atroz destino, pois acuso a outra
de cúmplice na trama desse funeral.
E chamem-na; via-a lá dentro há pouco tempo;
estava transtornada, como que incapaz
de dirigir a sua mente. Muitas vezes
o íntimo de quem não age retamente,
na sombra, indica a traição antes do feito.
Além do mais, odeio quem, pilhado em falta,
procura dar ao crime laivos de heroísmo.

Saem os guardas para buscar ISMENE.

ANTÍGONA
Prendeste-me; desejas mais que a minha morte?

CREONTE
Não quero mais; é tudo quanto pretendia.

ANTÍGONA
Então, por que demoras? Em tuas palavras
não há - e nunca haja! - nada de agradável.
Da mesma forma, as minhas devem ser-te odiosas.
E quanto à glória, poderia haver maior
que dar ao meu irmão um funeral condigno?

Designando o CORO com um gesto.

Eles me aprovariam, todos, se o temor
não lhes tolhesse a língua, mas a tirania,
entre outros privilégios, dá o de fazer
e o de dizer sem restrições o que se quer.

CREONTE
Só tu, entre os tebanos, vês dessa maneira.

ANTÍGONA
Eles também, mas silenciam quando surges.

CREONTE
Não coras por pensar, só tu, diversamente?

ANTÍGONA
Não há vergonha alguma em nos compadecermos

dos que nasceram das entranhas de onde viemos.

CREONTE
E aquele que morreu lutando contra o outro
também não era teu irmão, do mesmo sangue?

ANTÍGONA
Do mesmo sangue, de um só pai e uma só mãe.

CREONTE
Por que, então, distingues impiamente o outro?

ANTÍGONA
O morto não confirmará essas palavras.

CREONTE
Confirmará, se a distinção o iguala ao ímpio.

ANTÍGONA
Foi como irmão que ele morreu, não como escravo.

CREONTE
Destruindo a cidade; o outro, defendendo-a.

ANTÍGONA
A morte nos impõe as suas próprias leis.

CREONTE
Mas o homem bom não quer ser igualado ao mau.

ANTÍGONA
Quem sabe se isso é consagrado no outro mundo?

CREONTE
Nem morto um inimigo passa a ser amigo.

ANTÍGONA
Nasci para compartilhar amor, não ódio.

CREONTE
Se tens de amar, então vai para o outro mundo,
ama os de lá. Não me governará jamais
mulher alguma enquanto eu conservar a vida!

Aproxima-se ISMENE, vindo do palácio entre guardas.

CORO
Vejo transpor a porta agora Ismene
chorando lágrimas de irmã e amiga;
paira uma nuvem sobre sua fronte

escurecendo as cores de seu rosto
e umedecendo-lhe a formosa tez.

CREONTE
Vamos, tu que, dissimulada como víbora
em minha própria casa, insidiosamente
sugavas o meu sangue, sem que eu percebesse
que alimentava duas pestes e conluios
contra o meu trono, dize-me: confirmarás
também a participação naquele enterro,
ou negarás, jurando desconhecimento?

ISMENE
Eu pratiquei a ação, se ela[14] consente nisso;
sou cúmplice no crime e aceito as consequências.

ANTÍGONA
Mas nisso não terás o apoio da justiça,
pois nem manifestaste aprovação à ideia
nem eu te permiti participar da ação.

ISMENE
Notando os sofrimentos teus, não me envergonho
de percorrer contigo o mar de tuas dores.

ANTÍGONA
Os mortos sabem quem agiu, e o deus dos mortos;
não quero amiga que ama apenas em palavras.

ISMENE
Não me julgues indigna de morrer contigo,
irmã, e honrar o morto com os ritos sagrados.

ANTÍGONA
Não compartilhes minha morte, nem aspires
a feitos que não foram teus; basta que eu morra.

ISMENE
Que valerá a vida para mim sem ti?

ANTÍGONA

Com um sorriso sarcástico.

Indaga de Creonte, pois só pensas nele!

ISMENE
Por que me afliges sem proveito para ti?

ANTÍGONA
Se rio e o meu riso te faz sofrer, lastimo.

ISMENE
Como te poderei ser útil, mesmo agora?

ANTÍGONA
Salva-te, Ismene. Não te invejo por fugires.

ISMENE
Pobre de mim! Não participo de teu fim?

ANTÍGONA
A tua escolha foi a vida; a minha, a morte.

ISMENE
Mas não ficaram por dizer minhas palavras.

ANTÍGONA
A uns parecerás sensata; a outros, eu.

ISMENE
De qualquer modo, nossas faltas são iguais.

ANTÍGONA
Não te preocupes; estás viva, mas minha alma
há tempo já morreu, para que eu sirva aos mortos.

CREONTE
Afirmo que uma destas moças neste instante
nos revelou sua demência; a outra é insana,
sabidamente, desde o dia em que nasceu.

ISMENE
É, rei, mas a razão inata em todos nós
está sujeita a mutações nos infelizes.

CREONTE
Isto se deu com a tua, quando preferiste
ser má em companhia de pessoas más.

ISMENE
Sem ela, que prazer teria eu na vida?

CREONTE
Não digas “ela”; não existe mais.

ISMENE
Irás matar, então, a noiva de teu filho?

CREONTE
Ele pode lavrar outras terras mais férteis.

ISMENE
Isso não foi o que ele e ela pactuaram.

CREONTE
Detesto, para os filhos meus, mulheres más.

ANTÍGONA
Como teu pai te avilta, meu querido Hêmon!

CREONTE
Molestas-me demais com esse casamento!

CORIFEU
Vais mesmo arrebatá-la de teu próprio filho?

CREONTE
A morte impedirá por mim o casamento.

CORIFEU
Parece resolvido que ela irá morrer.

CREONTE
Parece a ti e a mim. Não haja mais delongas:
levai-as para dentro, servos! São mulheres
e agora serão confinadas, como as outras.
Além do mais, mesmo as pessoas corajosas
tentam fugir se ameaçadas pela morte.

Saem os guardas levando ANTÍGONA e ISMENE, CREONTE permanece em cena, meditativo.

CORO
Felizes são aqueles cuja vida
transcorre isenta de todos os males,
pois os mortais que um dia têm os lares
desarvorados pelas divindades
jamais se livrarão dos infortúnios
por todas as seguidas gerações.
Da mesma forma a vaga intumescida,
soprada pelo vento impetuoso
da Trácia, quando varre o mar profundo
revolve em turbilhões a areia negra
e a leva às praias onde a faz bramir
entre gemidos, estrondosamente.
Vejo às antigas infelicidades
da casa dos labdácidas[15] juntarem-se
as novas desventuras dos defuntos,

e as gerações mais novas não resgatam
as gerações passadas. Um dos deuses
agarra-se insaciável a elas todas
e as aniquila; não há salvação.
O pálido lampejo de esperança
que sobre o último rebento de Édipo
surgira, esvai-se agora na poeira
dos deuses infernais, ensanguentada
pelo arrebatamento das palavras
e por corações cheios de furor.
Que orgulho humano, Zeus, será capaz
de opor limites ao poder só teu,
que nem o Sono precursor do fim
de todos vence, nem o perpassar
infatigável do tempo divino?[16]
Governas o fulgor maravilhoso
do Olimpo como soberano único,
imune ao tempo que envelhece tudo.
E no porvir, tal como no passado
a lei para os mortais será mantida:
nada haverá de realmente grande
em suas vidas sem desgraças juntas.
É um conforto para muitos homens
a instável esperança; para outros
é uma ilusão de seus desejos frívolos
insinuando-se junto aos ingênuos
até que aos pés lhes chegue o fogo ardente.
Pois com sabedoria alguém falou
as célebres palavras: "cedo ou tarde,
o mal parecerá um bem àquele
que os deuses resolveram desgraçar".
E são momentos poucos e fugazes
os que ele vive livre da desdita.

Aproxima-se HÊMON.
Mas, Hêmon vem aí, o filho teu
mais novo; estará ele angustiado
com o fim de sua prometida, Antígona,
e amargurado com as frustradas núpcias?

CREONTE
Já saberemos, e melhor que por profetas.
Ficaste enraivecido com teu pai, meu filho,
quando soubeste da sentença irrevogável
imposta à tua noiva? Ou somos sempre amigos,
seja qual for minha atitude quanto a ti?

HÊMON
Sou teu, meu pai. Com teus conselhos úteis traças
minha conduta certa; casamento algum

me importa mais que tua reta orientação.

CREONTE
Deve ser esta, justamente, a diretriz
inquebrantável de teu coração, meu filho:
ser dócil à vontade de teu pai em tudo.
Desejam para isso os homens em seus lares
crianças obedientes que eles engendraram
para mais tarde devolver aos inimigos
dos pais o mal que lhes fizeram, e também
honrar, como seus pais honraram, os amigos.
Mas, de quem teve apenas filhos imprestáveis,
só poderíamos dizer que semeou
muitos motivos de aflição para si mesmo
e muitas gargalhadas para os inimigos.
Jamais deves perder o senso, filho meu,
pela volúpia de prazeres, por mulheres,
ciente de que tal satisfação esfria
quando a mulher com quem convives é perversa.
Existirá, então, ferida mais pungente
que uma esposa má? Deves repudiá-la
como inimiga; deixa a moça desposar
alguém lá no outro mundo. Já que a surpreendi,
só ela na cidade toda, em ostensiva
oposição às minhas ordens, não serei
um mentiroso diante da cidade: mato-a!
Que invoque Zeus, o protetor do parentesco,
se lhe aprouver. Se eu for criar parentes meus
na desobediência, inevitavelmente
hei de enfrentá-la com maior razão nos outros.
Aquele que na própria casa é cumpridor
de seus deveres, mostrar-se-á também correto
em relação ao seu país. Se alguém transgride
as leis e as violenta, ou julga ser capaz
de as impingir aos detentores do poder,
não ouvirá em tempo algum meus elogios;
muito ao contrário, aquele que entre os homens todos
for escolhido por seu povo, deve ser
obedecido em tudo, nas pequenas coisas,
nas coisas justas e nas que lhe são opostas.
Estou seguro de que esse homem obediente
será bom governante como foi bom súdito
e na tormenta das batalhas ficará
firme no posto, agindo como companheiro
bravo e leal. Mas a anarquia é o mal pior;
é perdição para a cidade e faz desertos
onde existiam lares; ela é causadora
de defecções entre as fileiras aliadas,
levando-as à derrota. A submissão, porém,
é a salvação da maioria bem mandada.

Devemos apoiar, portanto, a boa ordem,
não permitindo que nos vença uma mulher.
Se fosse inevitável, mal menor seria
cair vencido por um homem, escapando
à triste fama de mais fraco que as mulheres!

CORIFEU
Só o tempo já vivido não nos deixa errar,
tuas palavras nos parecem bem faladas.

HÊMON
Os deuses, pai, implantam no homem a razão
- o bem maior de todos. Se falaste certo
acerca dessas coisas, não posso dizer
(jamais em minha vida eu seja capaz disso!).
Mas outros também podem ter boas ideias.
É meu dever notar por ti, naturalmente,
tudo que os outros dizem, fazem ou censuram,
pois o teu cenho inspirador de medo impede
os homens simples de pronunciar palavras
que firam teus ouvidos. Eu, porém, na sombra,
ouço o murmúrio, escuto as queixas da cidade
por causa dessa moça: “Nenhuma mulher”,
comentam, “mereceu jamais menos que ela
“essa condenação - nenhuma, em tempo algum,
“terá por feitos tão gloriosos quanto os dela
“sofrido morte mais ignóbil; ela que,
“quando em sangrento embate seu irmão morreu
“não o deixou sem sepultura, para pasto
“de carniceiros cães ou aves de rapina,
“não merece, ao contrário, um áureo galardão?”
Este é o rumor obscuro ouvido pelas ruas.
Com relação a mim, meu pai, nenhum dos bens
é mais precioso que tua satisfação.
Existiria para os filhos ornamento
mais enobrecedor que a fama gloriosa
de um pai feliz, ou para um pai a de seus filhos?
Não tenhas, pois, um sentimento só, nem penses
que só tua palavra e mais nenhuma outra
é certa, pois se um homem julga que só ele
é ponderado e sem rival no pensamento
e nas palavras, em seu íntimo é um fútil.
Não há vergonha alguma, mesmo sendo sábio,
em aprender cada vez mais, sem presunções.
Não vês, ao lado das torrentes engrossadas
pelas tormentas, como as árvores flexíveis
salvam-se inteiras, e as que não podem dobrar-se
são arrancadas com a raiz? Da mesma forma,
aquele que mantém as cordas do velame
sempre esticadas, sem às vezes afrouxá-las,

faz emborcar a nau e finaliza a viagem
com a quilha para cima. Exorto-te: recua
em tua ira e deixa-te mudar! E se eu,
embora jovem, posso dar-te opiniões,
afirmo que nos homens o ideal seria
nascer já saturados de toda a ciência,
mas, se não é assim, devemos aprender
com qualquer um que fale para nosso bem.

CORIFEU
Convém, senhor, que aprendas com as palavras dele
se há nelas algo de oportuno; e tu, também,
com as de teu pai; falaram bem ambos os lados.

CREONTE
Posso, na minha idade, receber lições
de sensatez de alguém da natureza dele?

HÊMON
Se houver razões. Sou jovem? Olha mais, então,
para os meus atos que para os meus poucos anos.

CREONTE
Crês que exaltar rebeldes é ato louvável?

HÊMON
Eu não te exortaria a respeitar os maus.

CREONTE
E por acaso ela não sofre desse mal?

HÊMON
Não falam deste modo os cidadãos de Tebas.

CREONTE
Dita a cidade as ordens que me cabe dar?

HÊMON
Falaste como se fosses jovem demais!

CREONTE
Devo mandar em Tebas com a vontade alheia?

HÊMON
Não há cidade que pertença a um homem só.

CREONTE
Não devem as cidades ser de quem as rege?

HÊMON
Só, mandarias bem apenas num deserto.

CREONTE

Dirigindo-se ao CORO.

Ele parece um aliado da mulher!

HÊMON
Se és mulher, pois meus cuidados são contigo.

CREONTE
Discutes com teu pai, pior das criaturas?

HÊMON
Porque agindo assim ofendes a justiça.

CREONTE
Ofendo-a por impor respeito ao meu poder?

HÊMON
Tu mesmo o desrespeitas ultrajando os deuses.

CREONTE
Caráter sórdido, submisso a uma mulher!

HÊMON
Não me verás submisso diante de baixezas!

CREONTE
A tua fala toda, ao menos, é por ela!
HÊMON
Por ti, por mim e pelos deuses dos finados!

CREONTE
Jamais te casarás com ela ainda viva!

HÊMON
Pois ela morrerá levando alguém na morte!

CREONTE
O atrevimento leva-te a tais ameaças?

HÊMON
É atrevimento refutar ideias vãs?

CREONTE
Chorando aprenderás que vão é o teu saber!

HÊMON
Queres falar apenas, sem ouvir respostas?

CREONTE
Não tagareles tanto, escravo de mulher!

HÊMON
Não fosses tu meu pai, dir-te-ia um insensato!

CREONTE
Isto é verdade? Pelos céus, fica sabendo:
essas censuras torpes não te alegrarão!

Dirigindo-se a um servo.

Vai já buscar essa mulher insuportável
para que morra logo ao lado de seu noivo
aqui presente, diante de seus próprios olhos!

HÊMON
Não deves esperar que ela morra ao meu lado
(nem penses nisto!), nem me verás nunca mais.
Guarda essa fúria para teus dóceis amigos!

HÊMON sai precipitadamente.

CORIFEU
A cólera, senhor, levou-o em disparada.
A mente aflita é perigosa nesta idade.

CREONTE
Pode ele praticar em sua retirada
ações além da força humana, ou meditá-las;
não salvará de seu destino as duas moças!

CORIFEU
Pretendes realmente exterminar as duas?

CREONTE
A que não o tocou não morre. Lembras bem.

CORIFEU
Já decidiste como há de morrer a outra?

CREONTE
Levando-a por deserta estrada hei de enterrá-la
numa caverna pedregosa, ainda viva,
deixando-lhe tanto alimento quanto baste
para evitar um sacrilégio; não desejo
ver a cidade maculada. Lá, em prece

ao deus dos mortos - único que ela venera -
talvez obtenha a graça de não perecer,
ou finalmente aprenderá, embora tarde,
que cultuar os mortos é labor perdido.

CORO
Amor, invicto no combate, Amor
dissipador de todas as riquezas,
que após vaguear nos mares e em recônditos
esconderijos afinal repousas
no doce rosto das moças em flor!
Nenhum dos imortais pode evitar-te
nenhum dos homens de existência efêmera;
e perde logo o senso quem te encontra.
Até os justos forças à injustiça,
desnorteando-lhe o pensamento,
e levas a essas lutas pais e filhos.
Venceu o claro olhar da noiva bela,
inspirador desse desejo igual
às majestosas leis da natureza,
joguete de Afrodite irresistível.

Aparece ANTÍGONA, conduzida por guardas.

Mas eu, diante do que vejo agora,
sinto que as leis também não me refreiam
e não consigo reprimir as lágrimas
ao vislumbrar Antígona marchando
para esse leito onde se acaba tudo.

ANTÍGONA
Concidadãos de minha pátria, vede-me
seguindo o meu caminho derradeiro,
olhando o último clarão do sol,
que nunca, nunca mais contemplarei.
O deus dos mortos,[17] que adormece a todos,
leva-me viva para os seus domínios[18]
sem que alguém cante o himeneu por mim,
sem que na alcova nupcial me acolha
um hino; caso-me com o negro inferno.

CORO
Mas partes para o mundo tenebroso
dos mortos gloriosa e exalçada,
sem que as doenças aniquiladoras
te houvessem atingido, sem que as armas
mortíferas ferissem o teu corpo;
é por tua vontade e decisão
que tu, apenas tu entre os mortais,
descerás viva à região das sombras.

ANTÍGONA
Falaram-me de uma estrangeira, há muito,
filha de Tântalo,[19] da terra frígia,
e de seu triste fim no alto do Sípilo,[20]
aprisionada por muitos rochedos
que em volta dela, como hera tenaz
cresciam sempre; e ainda hoje contam
que a chuva não cessava de molhar-lhe
o corpo agonizante, nem a neve,
enquanto as lágrimas que lhe desciam
dos olhos orvalhavam o seu colo.
Prepara-me o destino enterro igual.

CORO
Ela era deusa, nascida de deuses,
e nós, mortais, nascidos de mortais,
Será, porém, honroso para ti,
que agora chegas ao momento extremo,
dizerem que o destino te igualou
aos deuses, viva e mesmo após a morte.

ANTÍGONA
Ah! Vosso escárnio já me está ferindo!
Pergunto, pelos deuses padroeiros:
por que não esperais que eu seja morta
e me insultais assim perante todos?
Minha cidade! Povo afortunado
de minha terra! Tu, fonte Dirceia,[21]
e chão sagrada da guerreira Tebas!
Ao menos como testemunhas tomo-vos
para que todos vejam de que modo,
sem ser sequer chorada por amigos,
e condenada por que leis eu vou
para esse cárcere todo de pedras
que será meu insólito sepulcro!
Como serei desventurada ali,
nem pertencendo aos vivos, nem aos mortos!

CORO
Tu te lançaste aos últimos extremos
de atrevimento e te precipitaste
de encontro ao trono onde a justiça excelsa
tem sede, minha filha; pode ser
que na presente provação expies
pecados cometidos por teu pai.

ANTÍGONA
Trouxeste-me à memória o mais pungente
dos fatos - o destino de meu pai,

três vezes manifesto,[22] o de nós todos,
labdácidas famosos. Ah! Horrores
do tálamo materno! Ah! Teus abraços
incestuosos, minha mãe, com o pai
de quem nasci! Como sou infeliz!
E para eles vou assim, maldita,
sem ter chegado às bodas! Meu irmão
infortunado! Que união a nossa!
Transformas-me, morrendo, em morta viva!

CORO
Inspiram piedade atos piedosos
mas o poder, para seus detentores,
não se sujeita a transgressão alguma;
perdeu-te a tua índole indomável.

ANTÍGONA
Sem que me chorem, sem amigo algum,
sem cantos de himeneu sou arrastada
- pobre de mim! - por sôfrego caminho!
Para desgraça minha nunca mais
poderei ver a santa luz do sol!
E dos amigos nem um só lamenta
esse meu doloroso fim sem lágrimas!

Reaparece CREONTE.

CREONTE

Aos guardas que conduzem ANTÍGONA.

Acaso não sabeis que hinos e lamúrias
na hora de morrer jamais acabariam
se houvesse o mínimo proveito em entoá-los?
Ides, ou não, levá-la imediatamente?
E quando a houverdes encerrado, como eu disse,
em sua cavernosa sepultura, só,
abandonada para, se quiser, morrer
ou enterrar-se ainda viva em tal abrigo,
estarão puras nossas mãos: não tocarão
nesta donzela. Mas há uma coisa certa:
ela será privada para todo o sempre
da convivência com habitantes deste mundo.

ANTÍGONA
Túmulo, alcova nupcial, prisão eterna,
cova profunda para a qual estou seguindo,
em direção aos meus que a morte[23] muitas vezes
já acolheu entre os finados! Eu, a última
e sem comparação a mais desventurada,

vou para lá, antes de haver chegado ao termo
de minha vida! Mas uma esperança eu tenho:
meu pai há de gostar de ver-me, e tu também
gostarás muito, minha mãe, e gostarás
também, irmão querido, pois quando morreste
lavei-te e te vesti com minhas próprias mãos
e sobre tua sepultura eu espargi
as santas libações. E agora, Polinices,
somente por querer cuidar de teu cadáver
dão-me esta recompensa! Mas na opinião
da gente de bom senso todo o meu cuidado
foi justo. Sim! Se houvera sido mãe de filhos,
ou se o esposo morto apodrecesse exposto,
jamais enfrentaria eu tamanhas penas
tendo de opor-me a todos os concidadãos![24]
Que leis me fazem pronunciar estas palavras?
Fosse eu casada e meu esposo falecesse,
bem poderia encontrar outro, e de outro esposo
teria um filho se antes eu perdesse algum;
mas, morta minha mãe, morto meu pai, jamais
outro irmão meu viria ao mundo. Obedeci
a essas leis quando te honrei mais que a ninguém.
Creonte acha, porém, que errei, que fui rebelde,
irmão querido! Assim ele me leva agora,
cativa em suas mãos; um leito nupcial
jamais terei, nem ouvirei hinos de bodas,
nem sentirei as alegrias conjugais,
nem filhos amamentarei; hoje, sozinha,
sem um amigo, parto - ai! infeliz de mim! -
ainda viva para onde os mortos moram!
Que mandamentos transgredi das divindades?
De que me valerá - pobre de mim! - erguer
ainda os olhos para os deuses? Que aliado
ainda invocarei se, por ser piedosa,
acusam-me de impiedade? Se isso agrada
aos deuses me conformo, embora sofra muito,
com minha culpa, mas se os outros são culpados,
que provem penas pelo menos tão pesadas
quanto as que injustamente me impuseram hoje!

CORIFEU
De novo os mesmos ventos violentos
vêm vergastar-lhe a alma com seu sopro.

CREONTE
Seus condutores hão de arrepender-se,
então, por demorarem a levá-la!

ANTÍGONA
Ai! Ai de mim! Depois destas palavras

sinto-me ainda mais perto da morte!

CREONTE
Não posso acalentar-te com a ilusão
de que não será esse o desenlace.

ANTÍGONA
Cidade de meus pais, solo de Tebas
e deuses ancestrais de nossa raça!
Levam-me agora, não hesitam mais!
Vede-me, ilustres próceres de Tebas
- a última princesa que restava -,
as minhas penas e quem as impõe
apenas por meu culto à piedade!

Sai ANTÍGONA, levada pelos guardas.

CORO
Desdita igual sofreu Dânae formosa,[25]
forçada a permutar a luz celeste
por brônzeo calabouço; numa alcova
prenderam-na, secreta como um túmulo.
E sua estirpe, filha - minha filha! -
era das mais ilustres e a semente
de Zeus, que lhe viera em áurea chuva,
ela guardava e nela germinava.
A força do destino, todavia,
é formidável; as riquezas, guerras,
muralhas, negras naus, não lhe resistem.
Grilhões dominaram o fogoso filho
de Drias,[26] soberano dos edônios;
ele pagou, assim, por seus insultos
frenéticos quando foi dominado
e preso por Diôniso num cárcere
de pedras; lá, sua arrogância estúpida
aos poucos consumiu-se na loucura.
Ele aprendeu a conhecer o deus
que num delírio insano provocara
com a insolência de suas palavras,
quando quis extinguir o furor sacro
das moças possuídas pelo deus[27]
e o fogo dionisíaco, irritando
as Musas, admiradoras das flautas.
E junto às fundas águas Cianeias[28]
dos mares gêmeos, nas praias do Bósforo,
na direção do Salmideso[29] trácio,
Ares, vizinho da cidade, viu
ambos os filhos de Fineu[30] feridos
por golpe infame da feroz mulher
que os tornou cegos; ela, por vingança,

arrancou-lhes das órbitas os olhos
com as próprias mãos sangrentas, empunhando,
em vez de facas, finas lançadeiras.
Choravam na agonia os malsinados
a triste sina de terem nascido
de mal casada mãe, cuja linhagem
recuava todavia aos Erecteidas[31]
de nobre raça; em cavernas remotas
criara-se enfrentando as tempestades
de Bóreas, seu pai, correndo rápida
como um corcel pelas altas montanhas,
essa filha de deuses; mas as Parcas
eternas também a feriram, filha.

Entra TIRÉSIAS, guiado por um menino.

TIRÉSIAS

Agitado.

Nosso caminho foi um só, chefes de Tebas,
dois vendo pelos olhos de um, pois quem é cego
precisa, para caminhar, de alguém que o guie.

CREONTE
Então, velho Tirésias, quais as novidades?

TIRÉSIAS
Já vou dizê-las; quanto a ti, crê no profeta.

CREONTE
Nunca fui desatento às tuas advertências.

TIRÉSIAS
Por isso tens guiado bem esta cidade.

CREONTE
A minha experiência atesta esse proveito.

TIRÉSIAS
Ouve: de novo está pendente a tua sorte.

CREONTE
Que há? Tuas palavras fazem-me tremer.

TIRÉSIAS
Pelos indícios, que ouvirás, de minha arte,
já saberás. Estava eu no antigo assento
profético onde as aves todas se reúnem

dentro do alcance dos sentidos que me restam,
quando um clamor confuso ouvi de aves estrídulas
gritando maus presságios ininteligíveis.
E deduzi que umas às outras se feriam
com as garras, mortalmente (o estrépito das asas
não me deixava dúvidas). De imediato
tentei, amedrontado, recorrer ao fogo
em flamejante altar, ansioso por augúrios;
das vítimas, porém, não se elevavam chamas:
liquefazia-se a gordura sobreposta
às coxas e molhava as brasas crepitantes,
de onde saía só desagradável fumo;
o fel se evaporava, os ossos descobriam-se
nas coxas, encharcadas por muita gordura.
Assim fiquei sabendo por este menino,
que nos rituais divinatórios os presságios
não se manifestavam, pois ele é meu guia
como eu sou guia de outros. E é por tua causa,
por tuas decisões, que está enferma Tebas.
Nossos altares todos e o fogo sagrado
estão poluídos por carniça do cadáver
do desditoso filho de Édipo, espalhada
pelas aves e pelos cães; por isso os deuses
já não escutam nossas preces nem aceitam
os nossos sacrifícios, nem sequer as chamas
das coxas; nem os pássaros dão sinais claros
com seus gritos estrídulos, pois já provaram
gordura e sangue de homem podre. Pensa, então,
em tudo isso, filho. Os homens todos erram
mas quem comete um erro não é insensato,
nem sofre pelo mal que fez, se o remedia
em vez de preferir mostrar-se inabalável;
de fato, a intransigência leva à estupidez.
Cede ao defunto, então! Não firas um cadáver!
Matar de novo um morto é prova de coragem?
Pensei só no teu bem e é por teu bem que falo.
Convém ouvir a fala do bom conselheiro
se seus conselhos são para nosso proveito.

CREONTE
Tu, ancião, e todos vós, fazeis-me o alvo
de vossas flechas, como arqueiros; não me poupa
também, agora, o teu poder divinatório.
Há muito tempo a tua confraria explora-me
e faz de mim o seu negócio; prossegui,
lucrai; negociai, se for vossa vontade,
o electro lá de Sardes[32] ou da Índia o ouro,
mas aquele cadáver não enterrareis;
nem se quiserem as próprias águias de Zeus
levar pedaços de carniça até seu trono,

nem mesmo por temor de tal profanação
concordaria eu com o funeral, pois sei
que homem nenhum consegue profanar os deuses.
Mostram sua vileza os homens mais astutos,
velho Tirésias, ao tentar dissimular
pensamentos indignos com belas palavras,
preocupados tão somente com mais lucros.

TIRÉSIAS
Ah! Saberá alguém, ou imaginará…

CREONTE
Que dizes? Falas como se todos soubéssemos.

TIRÉSIAS
…que o bom conselho é a riqueza mais preciosa?

CREONTE
Tal como, penso eu, a insânia é o mal pior.

TIRÉSIAS
Estás enfermo, e gravemente, desse mal.
CREONTE
Para não insultar um adivinho, calo-me.

TIRÉSIAS
Mas, já disseste que menti nos vaticínios.

CREONTE
Por ser gananciosa a raça dos profetas.

TIRÉSIAS
E a dos tiranos ama só o ganho sórdido.

CREONTE
Sabes que estás falando com teu próprio rei?

TIRÉSIAS
Sei, pois graças a mim salvaste esta cidade.

CREONTE
És sábio, mas também amigo da injustiça.

TIRÉSIAS
Forças-me a revelar coisas ocultas na alma.

CREONTE
Revela, mas não lucrarás com tua fala.

TIRÉSIAS

Na parte que te cabe, também penso assim.

CREONTE
Pois não barganharás com a minha decisão!

TIRÉSIAS
Então fica sabendo, e bem, que não verás
o rápido carro do sol dar muitas voltas
antes de ofereceres um parente morto
como resgate certo de mais gente morta,
pois tu lançaste às profundezas um ser vivo
e ignobilmente o sepultaste, enquanto aqui
reténs um morto sem exéquias, insepulto,
negado aos deuses ínferos. Não tens, nem tu,
nem mesmo os deuses das alturas, tal direito;
isso é violência tua ousada contra os céus!
Estão por isso à tua espreita as vingativas,
terríveis Fúrias dos infernos e dos deuses,
para que sejas vítima dos mesmos males.
Vê bem se é por ganância que digo estas coisas!
Num tempo não muito distante se ouvirão
gemidos de homens e mulheres de teu lar.
Levantam-se como inimigas contra ti
as terras todas cujos numerosos filhos
dilacerados só tiveram funerais
feitos por cães, por feras ou por aves lépidas
que a cada uma das cidades onde tinham
seus lares levaram sacrílegos miasmas.
Já que me provocaste, vou dizer agora:
as flechas dirigidas ao teu coração
fui eu que as disparei em minha indignação,
certeiras como as de um arqueiro experiente;
e da pungência delas não escaparás.

Dirigindo-se ao menino que o trouxera.

Menino, leva-me de volta à nossa casa;
lance ele a sua cólera contra os mais moços,
e aprenda a usar a língua com moderação,
e traga dentro de seu peito sentimentos
melhores que os alardeados neste instante!

Sai TIRÉSIAS, guiado pelo menino.

CORIFEU
Senhor, esse homem retirou-se após dizer
terríveis profecias e desde que vi
os meus cabelos, antes negros, alvejarem,
ele jamais previu mentiras à cidade.

CREONTE
Sei disso, eu mesmo, e tenho o coração perplexo.
Ceder é duro, mas só por intransigência
deixar que a cólera me arruine, é também duro.

CORIFEU
Cuidado, Creonte, filho de Meneceu!

CREONTE
Que devo então fazer? Dize e obedecerei.
CORIFEU
Vai à caverna subterrânea e solta a moça.
Para o cadáver insepulto, faze um túmulo.

CREONTE
É o teu conselho? Achas melhor que eu ceda agora?

CORIFEU
E sem demora, rei; a punição divina
caminha por atalhos e com pés velozes
e logo alcança os que praticam más ações.

CREONTE
Pobre de mim! Penosamente renuncio
à minha decisão e passo a proceder
segundo o teu conselho; não insistirei
neste combate vão contra o inevitável.

CORIFEU
Vai já e age! Não incumbas outros disso!

CREONTE
Irei imediatamente. E vós, criados,
marchai. Marchai, presentes e também ausentes,
depressa, até o lugar por todos conhecido,
portando em vossas mãos a ferramenta própria!
Já que mudou de rumo a minha opinião,
irei soltar Antígona, eu que a prendi.
Agora penso que é melhor chegar ao fim
da vida obedecendo às leis inabaláveis.

CORO
Deus de múltiplos nomes, alegria
da virgem Cadmeia,[33] da mesma raça
de Zeus tonitruante, protetor
da Itália gloriosa, tu, que reinas
no fundo vale aonde todos vão,
sacrário de Deméter Eleusínia,[34]
Baco, patrono da cidade-mãe
das Bacantes, de Tebas que se alonga

pelo caminho líquido do Ismeno[35]
sobre a semente do dragão feroz![36]
A tocha inquieta ardendo sobre o monte
de duas pontas viu-te lá por onde
se precipitam as ninfas Corícias,[37]
tuas Bacantes, e a fonte Castália.
Vens das escarpas, recobertas de hera,
dos píncaros de Nisa e das encostas
verdes de vinhas sobrecarregadas
de cachos, e teu nome é celebrado
em cantos imortais quando visitas
as ruas da cidade ilustre - Tebas -,
tão distinguidas por ti mesmo quanto
por tua mãe que um raio fulminou.
E agora, que a cidade e o povo todo
são presas de um flagelo violento,
vem, com teus purificadores pés,
pelas alturas do monte Parnaso
ou cruza, então, o ruidoso passo![38]
Tu, condutor das danças das estrelas
ígneas, maestro das noturnas vozes,
criança de Zeus poderoso, rei,
mostra-te a nós com o séquito das Tíades[39]
de Naxos, que em bailados delirantes,
intermináveis, pela noite adentro
te adoram, Íaco,[40] rei generoso!

Entra o primeiro MENSAGEIRO.

1º MENSAGEIRO
Vós, que morais nas vizinhanças do palácio
de Cadmo e de Anfíon, escutai-me agora:
nenhum sucesso nesta vida pode ser
por muito tempo elogiado ou censurado.
A boa sorte põe de pé, o azar derriba
felizes e infelizes incessantemente
e nem os adivinhos podem confirmar
o que o destino prefixou para os mortais.
Creonte ainda há pouco tempo parecia
digno de inveja em minha própria opinião;
ele salvara um dia de seus inimigos
este solo cadmeu e nele era monarca
incontestado e glorioso pai, também,
de nobres filhos; hoje tudo está perdido.
Quando os mortais não podem mais sentir prazeres
já não os considero criaturas vivas,
mas míseros cadáveres que ainda respiram.
Se queres, amontoa em tua própria casa
riquezas mil e vive com a magnificência
de um rei; mas, se isso não te traz contentamento,

eu não daria nem a sombra da fumaça
por todo o resto, pois não há para os mortais
nada que seja comparável ao prazer.

CORIFEU
Que novos males para nosso rei revelas?

1º MENSAGEIRO
Morreram… E a causa da morte são os vivos.

CORIFEU
Mas quem matou? E quem foi morto? Dize logo!

1º MENSAGEIRO
Hêmon morreu; matou-o mão ligada a ele.

CORIFEU
A mão paterna? Ou terá sido a dele mesmo?

1º MENSAGEIRO
Foi ele, em fúria contra o crime de seu pai.

CORIFEU
Ah! Adivinho! Era verdade o que dizias!

1º MENSAGEIRO
Isso é passado. Cumpre-nos pensar no resto.

CORIFEU
Mas, vejo aproximar-se a infeliz Eurídice,
esposa de Creonte; ela vem do palácio
para saber do filho, ou, talvez, por acaso.

Entra EURÍDICE.

EURÍDICE
Ouvi vossas palavras, cidadãos presentes,
quando saía para reverenciar
com orações a deusa Palas.[41] No momento
em que os ferrolhos do portão eu recolhia
para poder passar, feriram-me os ouvidos
notícias tristes de tragédia na família;
o susto fez-me recuar, cheia de medo,
e desmaiei nos braços de minhas criadas
Dizei-me novamente qual foi a mensagem;
eu não a ouço como estranha a tais desgraças.

1º MENSAGEIRO
Falar-te-ei na condição de testemunha,
minha cara senhora, e não omitirei

sequer uma palavra da verdade toda.
Por que haveria eu de te agradar agora
se logo os fatos poderiam revelar
minha mentira? É reta a via da verdade.
Segui com teu esposo, como guia, até
a desolada elevação onde jazia
inda por sepultar, impiamente, o corpo
de Polinices, pasto de saciados cães.
À deusa das encruzilhadas e a Plutão[42]
oramos, para suavizar a sua cólera;
lavamos o cadáver com água lustral
e com recém-colhidos galhos em seguida
incineramos aqueles restos mortais;
com a terra onde ele veio ao mundo preparamos
um sepulcro saliente para as suas cinzas.
Encaminhamo-nos depois na direção
do leito nupcial de pedra onde estaria
a noiva prometida à Morte. Inda de longe
ouviu algum dos nossos o som de gemidos
pungentes, vindos daquela estranha alcova
onde não eram celebrados ritos fúnebres;
e quem ouviu veio contar ao rei Creonte.
Quanto mais perto ele chegava do lugar,
mais o envolviam os confusos sons de gritos
doridos, e ele disse entre soluços lúgubres:
"Como sou infeliz! Será que eu adivinho?
"Estarei indo agora pelo mais funesto
"de todos os caminhos jamais percorridos?
"Recebe-me a voz de meu filho? Ide depressa,
"aproximai-vos, servos, e quando chegardes
"à tumba removei a lápide que a fecha,
"passai pela abertura e ide até a entrada
"para verificar se é mesmo a voz de Hêmon
"que escuto, ou se sou enganado pelos deuses!"
Foram cumpridas logo as ordens de nosso senhor
desalentado; no interior do calabouço
vimos pendente a moça, estrangulada em laço
improvisado com seu próprio véu de linho;
Hêmon, cingindo-a num desesperado abraço
estreitamente, lamentava a prometida
que vinha de perder, levada pela morte,
e os atos de seu pai, e as malsinadas núpcias.
Quando este o viu, entre gemidos horrorosos
aproximou-se dele e com a voz compungida
chamou-o: "Ah! Infeliz! Que estás fazendo aí?
"Que ideia te ocorreu? Qual a calamidade
"que assim te faz perder o senso? Sai, meu filho!
"Eu te suplico! Imploro!" O moço, todavia,
olhando-o com expressão feroz, sem responder
cuspiu-lhe em pleno rosto e o atacou sacando

a espada de dois gumes; mas o pai desviou-se
e recuou, fazendo-o errar o golpe; então,
com raiva de si mesmo, o desditoso filho
com todo o peso de seu corpo se deitou
sobre a aguçada espada que lhe traspassou
o próprio flanco; no momento derradeiro
de lucidez, inda enlaçou a virgem morta
num languescente abraço, e em golfadas súbitas
lançou em suas faces lívidas um jato
impetuoso e rubro de abundante sangue.
E jazem lado a lado agora morto e morta,
cumprindo os ritos nupciais - ah! infelizes! -
não nesta vida, mas lá na mansão da Morte,
mostrando aos homens que, dos defeitos humanos,
a irreflexão é incontestavelmente o máximo.

EURÍDICE volta silenciosamente ao palácio.

CORIFEU

Após alguns momentos de silêncio geral.

Que se há de pensar disso? Ela se retirou
sem proferir uma palavra, boa ou má.

1º MENSAGEIRO
Também estou atônito, porém espero
que, diante da notícia acerca de seu filho,
não lhe pareça decoroso lamentar-se
em público e prefira prantear lá dentro,
em seu palácio, o luto familiar com as servas.
Ela não há de ter ficado transtornada
a ponto de cometer algum desatino.

CORIFEU
Não sei… Silêncios excessivos me parecem
tão graves quanto o exagerado, inútil pranto.

1º MENSAGEIRO
É, mas entrando no palácio saberemos
se ela não dissimula algum plano secreto
em seu magoado coração. Disseste bem;
pode haver ameaças nos grandes silêncios.

Sai o primeiro MENSAGEIRO. Entra CREONTE, trazendo o corpo coberto de HÊMON.

CORIFEU
Mas, eis ali o próprio rei que chega
trazendo em suas mãos, revelador,

o testemunho não de alheia insânia,
mas de erros que ele mesmo cometeu.

CREONTE
Erros cruéis de uma alma desalmada![43]
Vede, mortais, o matador e o morto,
do mesmo sangue! Ai! Infeliz de mim
por minhas decisões irrefletidas!
Ah! Filho meu! Levou-te, inda imaturo,
tão prematura morte - ai! ai de mim! -
por minha irreflexão, não pela tua!

CORIFEU
Como tardaste a distinguir o que era justo!

CREONTE
Ah! Hoje sei quão infeliz eu sou,
mas penso que algum deus, com muita força,
golpeou-me na cabeça e me impeliu
para os caminhos da ferocidade
- pobre de mim! - calcando sob os pés
e destruindo todo o meu prazer!
Ah! Sofrimento dos sofridos homens!

Sai do palácio o segundo MENSAGEIRO, correndo.

2º MENSAGEIRO

Quantas desgraças tens de suportar, senhor!
Uma trazes contigo, nos teus próprios braços,
e em tua casa há outra, que logo verás!

CREONTE
Ainda pode haver males piores que este?

2º MENSAGEIRO
Morreu tua mulher, mãe infeliz do morto,
há pouco, vítima de golpe bem recente.

CREONTE
Ah! Boca inexorável dos infernos!
Por que me estás matando? Sim! Por quê?
Tu, mensageiro da calamidade
triste até de narrar, que vais contar-me?
Ai! Ai de mim! Matas um homem morto!
Que dizes, meu rapaz? Que tens ainda
a me falar? Ai! Infeliz de mim!
É o fim sangrento de minha mulher,
caída nesta sucessão de mortes?

Abre-se a porta do palácio e aparece o cadáver de EURÍDICE, coberto, trazido por criados.

2º MENSAGEIRO
Ei-la presente; já deixou sua morada.

CREONTE
Ai! Ai de mim! Contemplo neste instante
outra calamidade - é a segunda,
pobre de mim! Qual o destino - qual! -
que inda me espera? Trouxe há pouco tempo
meu filho nos meus braços - ai de mim! -
e vejo aqui em frente outro cadáver!
Ah! Mãe desventurada! Ah! Filho meu!

2º MENSAGEIRO
Ela cerrou as pálpebras, envolta em trevas
ferindo-se com fina faca ao pé do altar,
depois de lamentar a morte gloriosa
de Megareu,[44] primeiro morto, e logo a deste,
amaldiçoando-te nos últimos momentos,
a ti, ao assassino de seus próprios filhos.

CREONTE
Ai! Infeliz de mim! Tremo de medo!
Por que alguém não me golpeia
no peito com uma espada de dois gumes?
Sou um miserável - coitado de mim! -
abismado em misérias horrorosas!

2º MENSAGEIRO
A morta que aqui vês te atribuiu a culpa
desta calamidade e até da anterior.

CREONTE
Como lhe veio a morte violenta?

2º MENSAGEIRO
Com as próprias mãos ela se apunhalou no fígado
logo que soube da desgraça atroz do filho.

CREONTE
Ai! Ai de mim! O autor destas desgraças
sou eu e nunca as atribuirão
a qualquer outro entre os mortais, pois eu,
só eu as cometi, pobre de mim!
Fui eu, e falo apenas a verdade!
Levai-me imediatamente, escravos,
para bem longe, pois não sou mais nada!

CORIFEU
É boa a tua sugestão, se pode haver
algo de bom entre tão numerosos males.
Quanto mais breve for o mal, tanto melhor.

CREONTE
Venha! Aconteça a última das mortes
- a minha! - e traga o meu dia final,
o mais feliz de todos! Venha! Venha,
pois não quero viver nem mais um dia!

CORIFEU
Isto é futuro; antes, cuidemos do presente;
trate do resto quem tiver essa incumbência.

CREONTE
Já disse o meu desejo numa súplica.

CORIFEU
Nada mais peças, pois não podem os mortais
livrar-se do destino a eles prefixado.

CREONTE
Levem para bem longe este demente
que sem querer te assassinou, meu filho,
e a ti também, mulher! Ai! Ai de mim!
Não sei qual dos dois mortos devo olhar
nem para onde devo encaminhar-me!

Pondo as mãos sobre o cadáver de HÊMON.

Tudo perdi contigo, que ora sinto
em minhas mãos, e com nova desgraça
inda mais dura esmaga-me o destino!

CREONTE é levado lentamente para o palácio.

CORO

Acompanhando a lenta retirada de CREONTE.

Destaca-se a prudência sobremodo
como a primeira condição para a felicidade. Não se deve
ofender os deuses em nada.[45]A desmedida empáfia nas palavras
reverte em desmedidos golpes
contra os soberbos que, já na velhice,
aprendem afinal prudência.

FIM

NOTAS À *ANTÍGONA*

1. *Zeus*: o deus maior da mitologia grega (o Júpiter dos latinos).

2. Os detalhes relativos aos infortúnios de Édipo e de Jocasta constituem a parte final do É*dipo Rei*, de Sófocles.

3. Tebas era cercada de muralhas e se entrava na cidade através de sete portas, entre torres que formavam a "coroa da cidade" (veja-se o verso 133).

4. *Manancial de Dirce*: Tebas estava situada entre as nascentes de Dirce e o rio Ismeno.

5. Alusão aos penachos brancos que encimavam os elmos dos guerreiros de Argos, também ornados de "abundante crina" em sua parte posterior.

6. *Hefesto*: deus do fogo dos gregos (o Vulcano dos latinos).

7. *Ares*: o deus da guerra e das mortes violentas em geral na mitologia grega (o Marte dos latinos).

8. *Dragão tebano*: alusão à suposta origem dos primeiros habitantes de Tebas, que teriam nascido dos dentes de um dragão morto por Cadmos, fundador da cidade, ao chegar ao local onde ela se situaria. Dos dentes semeados teriam nascido soldados inteiramente armados, os primeiros tebanos.

9. *Baco*: um dos nomes de Diôniso, deus padroeiro de Tebas, condutor das Bacantes em suas danças delirantes, que faziam "tremer o chão de Tebas".

10. *Laio*: antigo rei de Tebas, pai de Édipo.

11. Sófocles revela magnificamente, nesta cena, sua arte de criar tipos, delineando-os com perfeição por meio apenas de suas próprias falas.

12. Práticas já usadas entre os gregos da idade heroica para provar a inocência de acusados.

13. É notável o contraste, certamente premeditado por Sófocles, entre o hino de exaltação dos poderes maravilhosos do homem diante da natureza, criando até as leis que regem os povos e mantêm os Estados, e a prisão de Antígona, logo após esse coro de louvores à sapiência humana. Veja-se, a propósito, Werner Jaeger, *Paideia*, página 259 da tradução espanhola (edição em um volume), que sublinha o uso da ironia trágica por Sófocles. A repetição "maravilhas… maravilhosa" (como inúmeras outras nas tragédias de Sófocles) está no original.

14. *Ela*: Antígona.

15. *Labdácidas*: descendentes de Lábdaco, pai de Laio e avô de Édipo.

16. *Tempo divino*: literalmente: "divinos meses".

17. *O deus dos mortos*: literalmente "Hades", divindade principal do reino das sombras para onde iam os mortos e, por extensão, a sua própria morada. No verso 919, "região das sombras" corresponde também a Hades no original.

18. *Para seus domínios*: literalmente "para as margens do Aqueronte", rio que os mortos atravessavam para nunca mais voltar, ao entrar no reino das sombras. No verso 911, "com o negro inferno", literalmente "com o Aqueronte".

19. *Filha de Tântalo*: Níobe. Segundo a lenda, orgulhosa com o número e a beleza de seus filhos, ela vangloriava-se de ser superior a Leto, mãe de Apolo e de Ártemis, que lhe exterminaram todos os filhos, menos Clóris. Níobe, de tanta dor, petrificou-se.

20. *Sípilo*: montanha da Frígia, pátria de Níobe.

21. Veja-se a nota 4.

22. *Três vezes manifesto*: alusão às desditas de três gerações dos labdácidas (Laio,

Édipo e seus filhos).

23. *Morte*: literalmente "Perséfone", mulher de Hades, deusa dos mortos.

24. *Tendo de opor-me a todos os concidadãos* é dito, aqui, em tom sarcástico, pois Antígona repete as palavras de Ismene no verso 88.

25. *Dânae*: filha de Acrísio, rei lendário de Argos, e de Eurídice. Seu pai, prevenido por um oráculo de que um filho de Dânae o mataria, quis evitar a consumação da predição e, para isso, encerrou a filha numa torre de bronze. Tudo foi inútil, pois Zeus, vencido pela beleza de Dânae, introduziu-se na torre transformado em chuva de ouro, fecundou a virgem e lhe deu um filho - Perseu -, que matou afinal o avô.

26. O filho de Drias é Licurgo que, por haver menosprezado o culto de Diôniso (veja-se a nota 9), foi cegado por Zeus e encerrado numa caverna no monte Pangeu pelos Edônios, seus súditos, por inspiração de Diôniso.

27. *Bacantes*: sacerdotisas de Diôniso, ou Baco, que celebravam o deus em danças e cantos orgiásticos.

28. Á*guas Cianeias*: local em que ficavam as ilhotas rochosas situadas nas proximidades da passagem do mar Negro para o Bósforo.

29. *Salmideso*, baía do mar Negro.

30. Fineu, que tivera de Cleópatra dois filhos (Pléxipo e Pandion), abandonou a mulher para casar-se com outra. A madrasta furou os olhos dos dois filhos de Fineu e de Cleópatra e os encerrou numa caverna.

31. *Erecteidas*: descendentes do rei Erecteu, sexto rei de Atenas.

32. *Sardes*: Capital da Lídia, na Ásia Menor, famosa por suas riquezas e pelo luxo de seus habitantes.

33. *Virgem Cadmeia*: Semele, que, amada por Zeus, se tornou mãe de Diôniso, ou Baco.

34. *Deméter*: deusa da fecundidade da terra, cultuada principalmente no famoso templo de Elêusis (nas proximidades de Atenas).

35. *Ismeno*: rio que atravessa Tebas.

36. *Dragão feroz*: veja-se a nota 8.

37. *Ninfas Corícias*: ninfas habitantes da caverna Corícia, no monte Parnaso, onde também ficava a fonte Castália mencionada no verso 1253.

38. *Ruidoso passo*: o estreito do Euripo, entre a Eubeia e a Beócia.

39. *Tíades*: outro nome das Bacantes.

40. *Íaco*: epíteto de Baco, significando "ruidoso".

41. *Palas*: uma das designações de Atena, deusa da mitologia grega (a Minerva dos latinos).

42. *A deusa das encruzilhadas*: Hécate, deusa ligada às práticas mágicas. *Plutão*: um dos nomes de Hades.

43. *Alma desalmada*: o jogo de palavras, como todos os que abundam nas peças de Sófocles, está no original. Veja-se adiante o verso 1418.

44. *Megareu*: outro filho de Creonte e de Eurídice, morto na defesa de Tebas. A "calamidade anterior" referida no verso 1454 é a morte de Megareu.

45. Destaca-se em todas as tragédias de Sófocles a extrema religiosidade do autor, e seu respeito irrestrito às crenças tradicionais, inclusive aos oráculos.

Sófocles, *Antígona*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 15ª reimpressão, 1989.

Édipo rei

Tradução de Mário da Gama Kury

A PEÇA

Representada pela primeira vez provavelmente em 430 a.C. em Atenas.

As vicissitudes de Édipo e de seus descendentes eram um dos temas preferidos pelos tragediógrafos gregos. Para citar somente os dramaturgos cujas obras sobreviveram, temos de Ésquilo (que também compôs um *Édipo* do qual nos restam fragmentos) os *Sete Chefes contra Tebas*, de Sófocles, o *Édipo Rei*, o *Édipo em Colono* e a *Antígona* (que não constituem uma trilogia propriamente dita por terem sido apresentados em datas diferentes), e de Eurípides as *Fenícias*. Somente os descendentes de Atreu, com Agamêmnon à frente, mereceram atenção equivalente, tendo sido o assunto de *Agamêmnon*, das *Coéforas* e das *Eumênides* de Ésquilo, da *Electra* de Sófocles, e da

Electra e do *Orestes* de Eurípides.

Os antecedentes da lenda em que Sófocles se inspirou para compor o *Édipo Rei* (e as outras duas peças aqui apresentadas) são bem conhecidos, mas convém resumi-los para poupar a atenção dos leitores, que deve ser inteiramente dedicada ao desenrolar da tragédia, um primor de composição tanto do ponto de vista puramente literário como - e principalmente - teatral.

Laio (*Laios*), filho de Lábdaco (*Lábdacos*) nutrira em sua juventude uma paixão mórbida por Crísipo (*Crísipos*), filho de Pêlops, inaugurando assim, segundo alguns autores gregos, os amores homossexuais. Laio raptou Crísipo e foi amaldiçoado por Pêlops, que desejou a Laio o castigo de morrer sem deixar descendentes.[3] Posteriormente Laio casou-se com Jocasta (*Iocaste*), irmã de Creonte (*Crêon*), e tornou-se rei de Tebas. Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo por seus amores antinaturais com Crísipo, se nascesse um filho dele e de Jocasta esse filho o mataria, Laio tornou-se pai de um menino. Para tentar fugir à predição do oráculo, mandou Jocasta dar o recém-nascido a um dos pastores de seus rebanhos, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. A ordem foi abandoná-lo no monte Citéron (*Citáiron*) para morrer naquela região inóspita, na esperança de fugir assim à decisão divina. O pastor, entretanto, movido pela piedade, salvou a vida do filho de Laio e de Jocasta e o entregou a um companheiro de profissão, que costumava levar os rebanhos de Pôlibo (*Pôlibos*), rei de Corinto, às pastagens situadas no vale do Citéron. Esse pastor levou o menino, chamado Édipo em alusão a seus pés feridos e inchados (*Oidípous* = Pés Inchados), a seu senhor, o rei Pôlibo, que não tinha filhos e vivia lamentando-se por isso. Pôlibo e sua mulher Mérope criaram Édipo como se fosse filho deles. Quando Édipo chegou à maioridade foi insultado por um habitante de Corinto, embriagado, que o chamou de filho adotivo. Diante dessa revelação Édipo se dirigiu sozinho a Delfos, para consultar o oráculo de Apolo (*Apôlon*) a respeito de sua ascendência. O deus nada lhe disse quanto à sua pergunta, mas revelou-lhe que ele um dia mataria seu pai e se casaria com sua própria mãe. Édipo, supondo que Pôlibo fosse seu pai e Mérope fosse sua mãe, resolveu não voltar jamais a Corinto. Naquela época os habitantes de Tebas estavam alarmados com a Esfinge, que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro, pondo em perigo a cidade toda. Em sua fuga ele passava pelos arredores de Tebas quando, em uma encruzilhada de três caminhos, avistou um carro em que vinha um homem idoso seguido por criados. O homem gritou-lhe insolentemente que deixasse o caminho livre para seus cavalos passarem e um dos criados da comitiva espancou Édipo. Este reagiu e matou o homem que vinha no carro, sem saber que se tratava de Laio, seu pai, e os criados que o acompanhavam, à exceção de um, que fugiu. Em seguida Édipo chegou a Tebas e, passando pela calamitosa Esfinge, decifrou o enigma que esta lhe propôs. A Esfinge desapareceu e Tebas, salva daquele flagelo, fez de Édipo o rei da cidade e lhe deu em casamento Jocasta, viúva de Laio e, portanto, mãe de Édipo. Estavam assim realizadas as duas predições do oráculo, embora Édipo e Jocasta permanecessem na ignorância da imensidade de seu infortúnio. Por muitos anos Édipo governou Tebas como um grande e valente rei; de seu casamento com Jocasta nasceram duas filhas - Antígona (*Antigone*) e Ismene - e dois filhos - Polinices (*Polineices*) e Etéocles -, que cresciam em meio à paz

e à prosperidade aparentemente presentes no palácio real. Os deuses, todavia, estavam atentos aos fatos nefandos resultantes da desobediência aos seus oráculos, e no devido tempo fizeram tombar sobre Tebas uma peste que lhe dizimava os habitantes. Compelido pela calamidade, Édipo enviou seu cunhado Creonte a Delfos a fim de consultar o oráculo sobre as causas da peste e os meios de contê-la. Nesse ponto começa o *Édipo Rei*.

A peça gira em torno da descoberta por Édipo dos fatos terríveis que motivaram o castigo divino - a peste. Sob certos aspectos o *Édipo Rei* pode ser considerada a primeira peça policial conhecida. Com efeito, a partir da volta de Creonte com a resposta do oráculo, há um crime - o assassínio de Laio -, um investigador interessado em elucidá-lo e punir o culpado, a busca às testemunhas, ao assassino, interrogatório e finalmente a descoberta do criminoso. E a descoberta resulta quase inteiramente da insistência do próprio criminoso em elucidar os fatos. Édipo, que já mandara Creonte, seu cunhado, consultar o oráculo, desencadeando os acontecimentos que levariam à identificação do culpado, manda buscar o adivinho Tirésias (*Teiresias*) e o obriga a falar, apesar da relutância do velho profeta. Insistindo sempre em seu propósito, Édipo dá ordens para trazerem à sua presença o idoso pastor, testemunha em sua juventude do assassinato de Laio. Levado por essa obstinação em descobrir o assassino - em descobrir-se - Édipo chega a pensar num conluio de Tirésias e Creonte para destituí-lo do poder. Essa acusação obriga Creonte a aparecer para defender-se, dando origem a uma discussão que resulta na interferência de Jocasta, interferência esta que apressa a descoberta. Tudo isso ocorre dentro de um encadeamento perfeito. Os acontecimentos surgem uns dos outros com a naturalidade da vida real, embora com a precisão, a força e a beleza da arte, que nas mãos de Sófocles e no *Édipo Rei* chega à perfeição. O único elemento fortuito dessa sequência de acontecimentos encadeados é o aparecimento do mensageiro vindo de Corinto, puramente acidental mas de grande importância, pois foi a sua revelação, com a melhor das intenções, de que Édipo não era filho de Pôlibo e de Mérope, que precipitou a descoberta. Essa exceção, todavia, parece destinar-se a demonstrar que, ao lado da inexorável justiça divina, o acaso, sob a aparência dos fatos simples da vida, concorre igualmente para a descoberta e punição dos culpados. Também nesse detalhe Sófocles foi genial.

O *Édipo Rei*, entretanto, é muito mais que uma simples peça policial; é talvez a mais bela de todas as tragédias gregas e, certamente, uma das mais perfeitas de todos os tempos.

Um dos juízes mais severos - Aristóteles - elogia de tal forma o *Édipo Rei* que, embora não o diga expressamente, demonstra considerá-la a tragédia por excelência, tantas são as referências feitas à mesma. Vale a pena citar os trechos da *Poética* relativos à peça.

a) "*Peripécia* é a mudança, dentro da peça, de um estado de coisas para o seu oposto, de acordo com nossa descrição, sendo essa mudança, além do mais, como estávamos dizendo, provável ou inevitável. Por exemplo, o mensageiro no *Édipo*, que veio para alegrar o rei e livrá-lo da ansiedade a respeito de sua mãe, revelando-lhe seu verdadeiro parentesco, e fez exatamente o contrário." *Poética*, 1452 a 23 e seguintes.b) "A espécie por excelência de descoberta é a que coincide com a peripécia,

como a relacionada com a descoberta no *Édipo*." 1452 a 32 e seguintes.c) "Essa é a espécie de homem que não é essencialmente virtuoso e justo e, todavia, não é por maldade ou vilania intrínsecas que ele cai em desgraça; é antes por um erro de discernimento, sendo ele um dos que ocupam altas posições e desfrutam de grande prosperidade, como Édipo." 1453 a 9 e seguintes; Aristóteles refere-se ao herói para uma tragédia.d) "O medo e a piedade às vezes resultam do espetáculo, e às vezes são suscitados pela estrutura mesma e pelos incidentes da peça, que são o melhor meio para mostrar o melhor poeta. Com efeito, o enredo deve ser armado de tal forma que, mesmo sem ver os fatos desenrolarem-se, aquele que simplesmente ouve o seu relato fique tocado pelo terror e pela piedade diante dos incidentes. É justamente esse efeito que a simples recitação do *Édipo* produz sobre nós." 1453 b 1 e seguintes.e) "Ou eles (os protagonistas) podem praticar os atos, mas sem perceber o horror inerente aos mesmos, descobrindo isso mais tarde, como acontece no *Édipo* de Sófocles." 1453 b 29 e seguintes.f) "Nada deve haver de improvável nos incidentes presentes. Se isso for inevitável, que seja então fora da tragédia, como as improbabilidades no *Édipo* de Sófocles." 1454 b 6 e seguintes.g) "A melhor descoberta, todavia, é a resultante dos próprios incidentes, quando a grande surpresa sobrevém por meio de um incidente plausível, como no *Édipo* de Sófocles." 1455 a 16 e seguintes.h) "O efeito mais concentrado é mais agradável que o resultante do recurso a longos intervalos de tempo para diluir a ação; veja-se, por exemplo, o *Édipo* de Sófocles." 1462 b 1 e seguintes. O *Édipo Rei* de Sófocles é, portanto, a mais típica das tragédias gregas, e por isso é uma das mais citadas por Aristóteles em apoio às suas definições e concepções. Também se pode dizer que esta peça ocupa um lugar à parte em relação às demais tragédias, como uma tragédia por si mesma, "eine Tragödie seiner eignen Gattung" segundo Goethe (citado por Campbell em sua edição de Sófocles, página 111 do primeiro volume, Oxford, Clarendon Press, 1879, segunda edição). Ainda segundo Campbell, essa singularidade reside no perfeito uso dos vários elementos de arte trágica grega, que em outras peças, mesmo de Sófocles, não são desenvolvidos em toda a sua potencialidade.

Essa perfeição transparece em cada detalhe. Pode-se dizer que no *Édipo Rei* cada verso tem um propósito. Tal cuidado na composição impõe aos leitores, para a fruição completa da peça, a obrigação de uma leitura cuidadosa, com a atenção concentrada continuamente no desenrolar dos acontecimentos e, principalmente, na feitura, na carpintaria da tragédia e em suas qualidades literárias que, se a tradução não impedir, transparecerão do princípio ao fim, desde o cuidado com a linguagem de cada verso até a harmonia do conjunto. Talvez a preocupação perfeccionista de Sófocles no *Édipo Rei* se deva, ao menos em parte, à brutalidade do tema. O autor, com seu senso estético extraordinário, deve ter intuído que somente um tratamento artístico adequado evitaria que a peça descambasse para o escabroso. E atingiu o seu objetivo, pois apesar do tema o *Édipo Rei* é um verdadeiro impacto de beleza trágica.

Época da ação: idade heroica da Grécia.
Local: Tebas.
Primeira representação: 430 a.C., em Atenas (data aproximada).

PERSONAGENS
ÉDIPO, rei de Tebas
JOCASTA, mulher de Édipo
CREONTE, irmão de Jocasta
TIRÉSIAS, velho adivinho
SACERDOTE
MENSAGEIRO
PASTOR
CRIADO
CORIFEU
CORO de anciãos tebanos

FIGURANTES MUDOS
MENINO, guia de Tirésias

SUPLICANTES
CRIADOS e CRIADAS

Cenário

Praça fronteira ao palácio real em Tebas. Ao fundo, no horizonte, o monte Citéron. Em frente a cada porta do palácio há um altar. Sobre os altares veem-se ramos de loureiro e de oliveira trazidos por numerosos tebanos, ajoelhados nos degraus dos altares como suplicantes. No meio deles, em pé, vê-se um ancião, o SACERDOTE de Zeus. Abre-se a porta principal do palácio. Aparece ÉDIPO, com seu séquito, que se dirige aos suplicantes em tom paternal. Queima-se incenso nos altares.

ÉDIPO
Meus filhos, nova geração do antigo Cadmo,[1]
por que permaneceis aí ajoelhados
portando os ramos rituais de suplicantes?
Ao mesmo tempo enche-se Tebas da fumaça
de incenso e enche-se também de hinos tristes
e de gemidos. Não reputo justo ouvir
de estranhas bocas, filhos meus, as ocorrências,
e aqui estou, eu mesmo, o renomado Édipo.

Dirigindo-se ao SACERDOTE de Zeus.

Vamos, ancião, explica-te! Por tua idade
convém que sejas porta-voz de todos eles.

Dirigindo-se a todos.

Por que essa atitude? Que receio tendes?
Que pretendeis? Apresso-me em assegurar-vos
que meu intuito é socorrer-vos plenamente;
se não me sensibilizassem vossas súplicas
eu estaria então imune a qualquer dor.

SACERDOTE
Édipo, rei de meu país, vês como estamos
aglomerados hoje em volta dos altares
fronteiros ao palácio teu; somos pessoas
de todas as idades; uns ainda frágeis
para maiores voos, envelhecidos outros
ao peso de anos incontáveis já vividos;
alguns são sacerdotes, como eu sou de Zeus;
aqueles são a fina flor da mocidade;
enfim contemplas todo o povo desta terra
presente em praça pública e trazendo ramos
trançados em coroas, gente rodeando[2]
os templos gêmeos da divina Palas, onde[3]
o deus Ismênio profetiza pelo fogo.[4]
Tebas, de fato, como podes ver tu mesmo,
hoje se encontra totalmente transtornada

e nem consegue erguer do abismo ingente de ondas
sanguinolentas a desalentada fronte;
ela se extingue nos germes antes fecundos
da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos
e nos abortos das mulheres, tudo estéril.
A divindade portadora do flagelo[5]
da febre flamejante ataca esta cidade;
é a pavorosa peste que dizima a gente
e a terra de Cadmo antigo, e o Hades lúgubre[6]
transborda de nossos gemidos e soluços.
Não te igualamos certamente à divindade,
nem eu nem os teus filhos que cercamos hoje
teu lar, mas te julgamos o melhor dos homens
tanto nas fases de existência boa e plácida
como nos tempos de incomum dificuldade
em que somente os deuses podem socorrer-nos.
Outrora libertaste a terra do rei Cadmo
do bárbaro tributo que nos era imposto
pela cruel cantora, sem qualquer ajuda[7]
e sem ensinamento algum de nossa parte;
auxiliado por um deus, como dizemos
e cremos todos, devolveste-nos a vida.
E agora, Édipo, senhor onipotente,
viemos todos implorar-te, suplicar-te:
busca, descobre, indica-nos a salvação,
seja por meio de mensagens de algum deus,
seja mediante a ajuda de um simples mortal,
pois vejo que os conselhos de homens mais vividos
são muitas vezes oportunos e eficazes.
Vamos, mortal melhor que todos, exortamos-te:
livra nossa cidade novamente! Vamos!
Preserva tua fama, pois vemos em ti
por teu zelo passado nosso redentor!
Jamais pensemos nós que sob o reino teu
fomos primeiro salvos e depois perdidos!
Não! Salva Tebas hoje para todo o sempre!
Com bons augúrios deste-nos, na vez primeira,
ventura até há pouco tempo desfrutada.
Mostra-te agora igual ao Édipo de outrora!
Se tens de ser o governante desta terra,
que é tua, é preferível ser senhor de homens
que de um deserto; nem as naus, nem baluartes
são coisa alguma se vazios, sem ninguém.

ÉDIPO
Ah! Filhos meus, merecedores de piedade!
Sei os motivos que vos fazem vir aqui;
vossos anseios não me são desconhecidos.
Sei bem que todos vós sofreis mas vos afirmo
que o sofrimento vosso não supera o meu.

Sofre cada um de vós somente a própria dor;
minha alma todavia chora ao mesmo tempo
pela cidade, por mim mesmo e por vós todos.[8]
Não me fazeis portanto levantar agora
como se eu estivesse entregue ao suave sono.
Muito ao contrário, digo-vos que na verdade
já derramei sentidas, copiosas lágrimas.
Meu pensamento errou por rumos tortuosos.
Veio-me à mente apenas uma solução,
que logo pus em prática: mandei Creonte,
filho de Meneceu, irmão de minha esposa,
ao santuário pítico do augusto Febo[9]
para indagar do deus o que me cumpre agora
fazer para salvar de novo esta cidade.
E quando conto os muitos dias transcorridos
desde a partida dele, sinto-me inquieto
com essa demora estranha, demasiado longa.
Mas, quando ele voltar, eu não serei então
um homem de verdade se não fizer tudo
que o deus ditar por intermédio de Creonte.

Os anciãos do CORO, que se haviam agrupado em volta de ÉDIPO enquanto ele falava, fazem um gesto indicando alguém que se aproxima.

SACERDOTE
Sim, vejo que falaste a tempo; neste instante
apontam-me Creonte; ei-lo de volta, enfim.

Entra CREONTE, apressado, coroado de bagas de loureiro, com aspecto alegre.

ÉDIPO
Traga-nos ele, deus Apolo, a salvação
resplandecente como seu próprio semblante!
SACERDOTE
Ele parece alegre; as bagas de loureiro[10]
em forma de coroa são um bom sinal.

ÉDIPO
Ele já pode ouvir-nos; logo o escutaremos.

Dirigindo-se a CREONTE.

Filho de Meneceu, príncipe, meu cunhado,
transmite-nos depressa o que te disse o deus!

CREONTE
Foi favorável a resposta, pois suponho
que mesmo as coisas tristes, sendo para bem,
podem tornar-se boas e trazer ventura.

ÉDIPO
Mas, que resposta ouviste? Estas palavras tuas
se por um lado não me trazem mais temores
por outro são escassas para dar-me alívio.

CREONTE

Indicando os tebanos ajoelhados.

Se é teu desejo ouvir-me na presença deles
disponho-me a falar. Ou levas-me a palácio?

ÉDIPO
Quero que fales diante dos tebanos todos;
minha alma sofre mais por eles que por mim.

CREONTE
Revelarei então o que ouvi do deus.
Ordena-nos Apolo com total clareza
que libertemos Tebas de uma execração
oculta agora em seu benevolente seio,
antes que seja tarde para erradicá-la.

ÉDIPO
Como purificá-la? De que mal se trata?

CREONTE
Teremos de banir daqui um ser impuro
ou expiar morte com morte, pois há sangue
causando enormes males à nossa cidade.

ÉDIPO
Que morte exige expiação? Quem pereceu?

CREONTE
Laio, senhor, outrora rei deste país,
antes de seres aclamado soberano.

ÉDIPO
Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo.

CREONTE
Ele foi morto: o deus agora determina
que os assassinos tenham o castigo justo,
seja qual for a sua posição presente.

ÉDIPO
Onde os culpados estarão? Onde acharemos
algum vestígio desse crime muito antigo?

CREONTE
Em nossa terra, disse o deus; o que se busca
encontra-se, mas foge-nos o que deixamos.

ÉDIPO
Foi no palácio, foi no campo ou em terra estranha
que assassinaram Laio como nos falaste?

CREONTE
Disse ele, quando foi, que ia ouvir o deus
e nunca mais voltou aos seus, à sua terra.

ÉDIPO
Nenhum arauto ou companheiro de viagem
viu algo que pudesse orientar-nos hoje?

CREONTE
Todos estão agora mortos, salvo um
que desapareceu com medo e pouco disse.

ÉDIPO
Que disse? É pouco, mas um mínimo detalhe
talvez nos leve a descobertas decisivas
se nos proporcionar um fio de esperança.

CREONTE
Falou que alguns bandidos encontraram Laio
e o trucidaram, não com a força de um só homem
pois numerosas mãos se uniram para o crime.

ÉDIPO
Como teria ousado tanto o malfeitor
sem conspirata em Tebas e sem corrupção?

CREONTE
Tivemos essa ideia, mas após o crime
nenhum de nós em meio a males mais prementes
pôde cuidar naquela hora de vingá-lo.

ÉDIPO
Que males, no momento em que o poder caía,
vos impediram de aclarar o triste evento?

CREONTE
A Esfinge, entoando sempre trágicos enigmas,
não nos deixou pensar em fatos indistintos;
outros, patentes, esmagavam-nos então.

ÉDIPO

Pois bem; eu mesmo, remontando à sua origem,
hei de torná-los evidentes sem demora.
Louve-se Febo, sejas tu também louvado
pelos cuidados que tiveste quanto ao morto;
verás que vou juntar-me a ti e secundar-te
no esforço para redimir nossa cidade.
E não apagarei a mácula por outrem,
mas por mim mesmo: quem matou antes um rei
bem poderá querer com suas próprias mãos
matar-me a mim também; presto um serviço a Laio
e simultaneamente sirvo à minha causa.

Dirigindo-se aos tebanos ajoelhados.

Vamos depressa, filhos! Vamos, levantai-vos
desses degraus! Levai convosco os vossos ramos
de suplicantes; quando decorrer o tempo
reúna-se de novo aqui a grei de Cadmo
e dedicar-me-ei de todo ao meu intento.
Querendo o deus, quando voltarmos a encontrar-nos[11]
teremos satisfeito este nosso desejo,
pois o contrário será nossa perdição.

SACERDOTE
Sim, filhos meus, ergamo-nos; foi para isso
que aqui nos reunimos todos neste dia.
E possa Febo, inspirador das predições,
juntar-se a nós, ele também, para salvar-nos
e nos livrar deste flagelo para sempre!

Retiram-se ÉDIPO, CREONTE, o SACERDOTE e o povo. Permanece em cena o CORO, composto de anciãos, cidadãos notáveis de Tebas.

CORO
Doce palavra de Zeus poderoso,[12]
que vens trazendo da faustosa Delfos
à ilustre Tebas? Tenho meu espírito
tenso de medo; tremo de terror,
deus salutar de Delos, e pergunto,[13]
inquieto, por que sendas me conduzes,
novas, talvez, ou talvez repetidas
após o lento perpassar dos anos.
Dize-me, filha da Esperança áurea,[14]
voz imortal! Invoco-te primeiro,
filha do grande Zeus, eterna Atena,
e tua irmã, guardiã de Tebas, Ártemis[15]
que tem assento em trono glorioso
na ágora de forma circular
e Febo, que de longe lança flechas:
aparecei, vós três, em meu socorro!

Se de outra vez, para afastar de nós
flagelo igual que nos exterminava
pudestes extinguir as longas chamas
da desventura, vinde a nós agora!
Ah! Quantos males nos afligem hoje!
O povo todo foi contagiado
e já não pode a mente imaginar
recurso algum capaz de nos valer!
Não crescem mais os frutos bons da terra;
mulheres grávidas não dão à luz,
aliviando-se de suas dores;
sem pausa, como pássaros velozes,
mais rápidas que o fogo impetuoso
as vítimas se precipitam céleres
rumo à mansão do deus crepuscular.[16]
Tebas perece com seus habitantes
e sem cuidados, sem serem chorados,
ficam no chão, aos montes, os cadáveres,
expostos, provocando novas mortes.
Esposas, mães com seus cabelos brancos,
choram junto aos altares, nos degraus
onde gemendo imploram compungidas
o fim de tão amargas provações.
E o hino triste repercute forte
ao misturar-se às vozes lamentosas.
Diante disso, filha rutilante[17]
de Zeus supremo, outorga-nos depressa
a tua sorridente proteção!
Faze também com que Ares potente[18]
que agora nos ataca esbravejando
e sem o bronze dos escudos queima-nos[19]
vá para longe, volte-nos as costas,
procure o leito imenso de Anfitrite[20]
ou as revoltas vagas do mar Trácio,[21]
pois o que a noite poupa o dia mata!
Zeus pai, senhor dos fúlgidos relâmpagos,
esmaga esse Ares, Zeus, com teus trovões!
O meu desejo, Apolo, é que dispares
com teu arco dourado flechas rápidas,
inevitáveis, para socorrer-nos,
para nos proteger; o mesmo espero
das tochas fulgurantes com que Ártemis
percorre os montes lícios; meu apelo[22]
também dirijo ao deus da tiara de ouro,
epônimo de Tebas, Baco alegre[23]
de rosto cor de vinho, companheiro
das Mênades, para que avance e traga
a todos nós a tão pedida ajuda
com seu archote de brilhante chama
contra esse deus que nem os deuses prezam![24]

ÉDIPO reaparece, vindo do palácio, e dirige-se ao CORIFEU.

ÉDIPO
Suplicas proteção e alívio de teus males.
Sem dúvida serão ouvidas tuas preces
se deres a atenção devida à minha fala
e tua ação corresponder às circunstâncias.
Quero dizer estas palavras claramente,
alheio aos vãos relatos, preso à realidade.
Hei de seguir, inda que só, o rumo certo;
o indício mais sutil será suficiente.
Já que somente após os fatos alegados
honraram-me os tebanos com a cidadania
declaro neste instante em alta voz, cadmeus:[25]
ordeno a quem souber aqui quem matou Laio,
filho de Lábdaco, que me revele tudo;
ainda que receie represálias, fale!
Quem se denunciar não deverá ter medo;
não correrá outro perigo além do exílio;
a vida lhe será poupada. Se alguém sabe
que o matador não é tebano, é de outras terras,
conte-me logo, pois à minha gratidão
virá juntar-se generosa recompensa.
Mas se ao contrário, cidadãos, nada disserdes
e se qualquer de vós quiser inocentar-se
por medo ou para proteger algum amigo
da imputação de assassinato, eis minhas ordens:
proíbo terminantemente aos habitantes
deste país onde detenho o mando e o trono
que acolham o assassino, sem levar em conta
o seu prestígio, ou lhe dirijam a palavra
ou lhe permitam irmanar-se às suas preces
ou sacrifícios e homenagens aos bons deuses
ou que partilhem com tal homem a água sacra!
Que todos, ao contrário, o afastem de seus lares
pois ele comunica mácula indelével
segundo nos revela o deus em seu oráculo.
Eis, cidadãos, como demonstro acatamento
ao deus e apreço ao rei há tanto tempo morto.
O criminoso ignoto, seja ele um só
ou acumpliciado, peço agora aos deuses
que viva na desgraça e miseravelmente!
E se ele convive comigo sem que eu saiba,
invoco para mim também os mesmos males
que minhas maldições acabam de atrair
inapelavelmente para o celerado!
Exorto-vos a proceder assim, tebanos,
em atenção a mim, ao deus, por esta terra
que em frente aos vossos olhos está perecendo

entregue pelos numes à esterilidade.
Ainda que essa purificação forçosa
não vos houvera sido imposta pelo deus,
não deveríeis deixar Tebas maculada
pois era o morto um homem excelente, um rei;
cumpria-vos esclarecer os fatos logo.
Considerando que hoje tenho em minhas mãos
o mando anteriormente atribuído a Laio
e que são hoje meus seu leito e a mulher
que deveria ter-lhe propiciado filhos,
e finalmente que se suas esperanças
por desventura não houvessem sido vãs,
crianças concebidas por uma só mãe
teriam estreitado laços entre nós
(mas a desgraça lhe caiu sobre a cabeça),
por todos esses ponderáveis fundamentos
hei de lutar por ele como por meu pai[26]
e tomarei as providências necessárias
à descoberta do assassino do labdácida,[27]
progênie do rei Polidoro, descendente[28]
de Cadmo e Agenor, os grandes reis de antanho.
E quanto aos desobedientes, peço aos deuses
que a terra não lhes dê seus frutos e as mulheres
não tenham filhos deles, e sem salvação
pereçam sob o peso dos males presentes
ou vítimas de mal muitas vezes maior.
Mas, para vós, cadmeus que concordais comigo,
possa a justiça sempre estar do vosso lado
e não vos falte nunca a proteção divina!

CORIFEU
Escuta, então, senhor; tuas imprecações
compelem-me a falar. Não fui o assassino,
nem sei quem foi; cabia a Febo, deus-profeta,
que nos mandou punir agora o criminoso,
dizer-nos quem outrora cometeu o crime.

ÉDIPO
São justas as tuas palavras, mas ninguém
detém poder bastante para constranger
os deuses a mudar os seus altos desígnios.

CORIFEU
Veio-me à mente uma segunda ideia; exponho-a?

ÉDIPO
Mesmo a terceira, se tiveres, quero ouvir.

CORIFEU
Sei que Tirésias venerável é o profeta

mais próximo de Febo; se lhe perguntares,
dele ouviremos a revelação dos fatos.

ÉDIPO
Não descurei desse recurso; aconselhado
há pouco por Creonte, já mandei buscá-lo.
Espanta-me que ainda não tenha chegado.

CORIFEU
E quanto ao mais, só há rumores vãos, remotos.

ÉDIPO
Quais os rumores? Quero conhecê-los todos.

CORIFEU
Dizem que Laio foi morto por andarilhos.

ÉDIPO
Também ouvi dizer, mas não há testemunhas.

CORIFEU
Mas se o culpado for sensível ao temor,
não há de resistir quando tiver ciência
de tua dura, assustadora imprecação.

ÉDIPO
Quem age sem receios não teme as palavras.

CORIFEU

Vendo TIRÉSIAS aproximar-se.

Já vejo aproximar-se quem vai descobri-lo.
Estão trazendo em nossa direção o vate
guiado pelos deuses, único entre os homens
que traz em sua mente a lúcida verdade.

Entra TIRÉSIAS, idoso e cego, conduzido por um menino.

ÉDIPO
Tu, que apreendes a realidade toda,
Tirésias, tanto os fatos logo divulgados
quanto os ocultos, e os sinais vindos do céu
e os deste mundo (embora não consigas vê-los),
sem dúvida conheces os terríveis males
que afligem nossa terra; para defendê-la,
para salvá-la, só nos resta a tua ajuda.
Se ainda não ouviste de meus mensageiros,
Apolo revelou ao meu primeiro arauto
que só nos livraremos do atual flagelo

se, descoberto o assassino do rei Laio,
pudermos condená-lo à morte ou ao exílio.
Nesta emergência então, Tirésias, não nos faltes,
não nos recuses a revelação dos pássaros[29]
nem os outros recursos de teus vaticínios;
salva a cidade agora, salva-te a ti mesmo,
salva-me a mim também, afasta de nós todos[30]
a maldição que ainda emana do rei morto!
Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre
de um homem é ser útil aos seus semelhantes
até o limite máximo de suas forças.

TIRÉSIAS
Pobre de mim! Como é terrível a sapiência
quando quem sabe não consegue aproveitá-la!
Passou por meu espírito essa reflexão
mas descuidei-me, pois não deveria vir.

ÉDIPO
Qual a razão dessa tristeza repentina?

TIRÉSIAS
Manda-me embora! Assim suportarás melhor
teu fado e eu o meu. Deixa-me convencer-te!

ÉDIPO
Carecem de justiça tais palavras tuas
e de benevolência em relação a esta terra
que te nutriu, pois não quiseste responder.

TIRÉSIAS
Em minha opinião a tua longa fala
foi totalmente inoportuna para ti.
Então, para que eu não incorra em erro igual…

TIRÉSIAS faz menção de afastar-se.

ÉDIPO
Não, pelos deuses, já que sabes não te afastes!
Eis-nos aqui à tua frente, ajoelhados
em atitude súplice, toda a cidade!

TIRÉSIAS
Pois todos vós sois insensatos. Quanto a mim,
não me disponho a exacerbar meus próprios males;
para ser claro, não quero falar dos teus.

ÉDIPO
Que dizes? Sabes a verdade e não a falas?
Queres trair-nos e extinguir nossa cidade?

TIRÉSIAS
Não quero males para mim nem para ti.
Por que insistes na pergunta? É tudo inútil.
De mim, por mais que faças nada saberás.

ÉDIPO
Não falarás, então, pior dos homens maus,
capaz de enfurecer um coração de pedra?
Persistirás, inabalável, inflexível?

TIRÉSIAS
Acusas-me de provocar a tua cólera?
Não vês aquilo a que estás preso e me censuras?

ÉDIPO
E quem resistiria à natural revolta
ouvindo-te insultar assim nossa cidade?

TIRÉSIAS
O que tiver de vir virá, embora eu cale.

ÉDIPO
Mas tens de revelar-me agora o que há de vir!

TIRÉSIAS
Nada mais digo; encoleriza-te, se queres;
cede à mais cega ira que couber em ti!

ÉDIPO
Pois bem. Não dissimularei meus pensamentos,
tão grande é minha cólera. Fica sabendo
que em minha opinião articulaste o crime
e até o consumaste! Apenas tua mão
não o matou. E se enxergasses eu diria
que foste o criminoso sem qualquer ajuda!

TIRÉSIAS
Teu pensamento é este? Então escuta: mando
que obedecendo à ordem por ti mesmo dada
não mais dirijas a palavra a esta gente
nem a mim mesmo, pois és um maldito aqui![31]

ÉDIPO
Quanta insolência mostras ao falar assim!
Não vês que aonde quer que vás serás punido?

TIRÉSIAS
Sou livre; trago em mim a impávida verdade!

ÉDIPO
De quem a recebeste? Foi de tua arte?

TIRÉSIAS
De ti; forçaste-me a falar, malgrado meu.

ÉDIPO
Que dizes? Fala novamente! Vamos! Fala!
Não pude ainda compreender tuas palavras.

TIRÉSIAS
Não percebeste logo? Queres que eu repita?

ÉDIPO
Parece-me difícil entender-te. Fala!

TIRÉSIAS
Pois ouve bem: és o assassino que procuras!

ÉDIPO
Não me dirás palavras tão brutais de novo!

TIRÉSIAS
Devo falar ainda para enfurecer-te?

ÉDIPO
Prossegue, se quiseres. Falarás em vão!

TIRÉSIAS
Apenas quero declarar que, sem saber,
manténs as relações mais torpes e sacrílegas
com a criatura que devias venerar,
alheio à sordidez de tua própria vida!

ÉDIPO
Crês que te deixarei continuar falando
tão insolentemente sem castigo duro?

TIRÉSIAS
Se ao lado da verdade há sempre força, creio.

ÉDIPO
Pois há, exceto para ti. Em tua boca
torna-se débil a verdade; tens fechados
teus olhos, teus ouvidos e até mesmo o espírito!

TIRÉSIAS
És um desventurado, dizendo impropérios
que todos os tebanos dentro de algum tempo

proferirão sinceramente contra ti.

ÉDIPO
Tua existência é uma noite interminável.
Jamais conseguirás fazer-me mal, Tirésias
nem aos demais que podem contemplar a luz!

TIRÉSIAS
Nisto estás certo. Os fados não determinaram
que minhas mãos te aniquilassem. Cuida Apolo
de conduzir-te ao fim, e os deuses tudo podem.
ÉDIPO

Após alguns instantes de reflexão.

São tuas estas invenções, ou de Creonte?

TIRÉSIAS
Ele não é a causa de teus muitos males;
tu mesmo os chamas sobre ti e mais ninguém.

ÉDIPO
Bens deste mundo, e força, e superior talento,
dons desta vida cheia de rivalidades,
que imensa inveja provocais, preciosas dádivas!
Por causa do poder que Tebas me outorgou
como um presente, sem um gesto meu de empenho,
Creonte, em tempos idos amigo fiel,
agora se insinua insidiosamente
por trás de mim e anseia por aniquilar-me,
levado por um feiticeiro, charlatão,
conspirador que só tem olhos para o ouro
e é cego em sua própria arte e em tudo mais!
Pois dize! Quando foste um vate fidedigno?
Por que silenciaste diante dos tebanos
ansiosos por palavras esclarecedoras
na época em que a Esfinge lhes propunha enigmas?[32]
E não seria de esperar que um forasteiro
viesse interpretar os versos tenebrosos;
o dom profético te credenciaria,
mas não o possuías, como todos viram,
nem por inspiração das aves, nem dos deuses.[33]
Pois eu cheguei, sem nada conhecer, eu, Édipo,[34]
e impus silêncio à Esfinge; veio a solução
de minha mente e não das aves agoureiras.
E tentas derrubar-me, exatamente a mim,
na ânsia de chegar ao trono com Creonte!
Creio que a purificação desta cidade
há de custar-vos caro, a ti e ao teu comparsa!
Não fosses tu um velho e logo aprenderias

à força de suplícios que não deverias
chegar assim a tais extremos de insolência!

CORIFEU
Em nossa opinião a cólera inspirou
tanto as palavras de Tirésias como as tuas,
senhor. E não é disso que necessitamos,
mas de serenidade para executar
depressa e bem as ordens nítidas do deus.

TIRÉSIAS
Embora sejas rei tenho direito, Édipo,
de responder-te, pois me julgo igual a ti.
Ao menos isso eu posso. Não me considero
teu servidor, mas de Loxias, deus-profeta;[35]
tampouco estou na dependência de Creonte.
Minha cegueira provocou injúrias tuas.
Pois ouve: os olhos teus são bons e todavia
não vês os males todos que te envolvem,
nem onde moras, nem com que mulher te deitas.
Sabes de quem nasceste? És odioso aos teus,
aos mortos como aos vivos, e o açoite duplo
da maldição de tua mãe e de teu pai
há de expulsar-te um dia em vergonhosa fuga
de nossa terra, a ti, que agora tudo vês
mas brevemente enxergarás somente sombras!
E todos os lugares hão de ouvir bem cedo
os teus lamentos; logo o Citéron inteiro[36]
responderá aos teus gemidos dolorosos
quando afinal compreenderes em que núpcias
vivias dentro desta casa, onde encontraste
após viagem tão feliz um porto horrível.
Também ignoras muitas outras desventuras
que te reduzirão a justas proporções
e te farão igual aos filhos que geraste.
Sentir-te-ás um dia tão aniquilado
como jamais homem algum foi neste mundo!

ÉDIPO
Tolerarei tais impropérios vindos dele?
Maldito sejas pelos deuses neste instante!
Por que não te retiras já deste lugar?

TIRÉSIAS
Eu não teria vindo aqui se não mandasses.

ÉDIPO
É que eu não esperava ouvir tais disparates.
Se fosse previdente não me apressaria
a convidar-te a vir até o meu palácio.

TIRÉSIAS
Consideras-me louco mas para teus pais,
que te puseram neste mundo, fui sensato.

ÉDIPO
Que pais? Espera! Que homem me deu a vida?

TIRÉSIAS
Verás num mesmo dia teu princípio e fim.

ÉDIPO
Falaste vagamente e recorrendo a enigmas.

TIRÉSIAS
Não és tão hábil para decifrar enigmas?

ÉDIPO
Insultas-me no que me fez mais venturoso.

TIRÉSIAS
Dessa ventura te há de vir a perdição.

ÉDIPO
Mas eu salvei esta cidade: é quanto basta.

TIRÉSIAS

Dirigindo-se ao menino que o guiava.

Então irei embora. Tu, menino, leva-me.

ÉDIPO
Leve-te logo! Aqui me ofendes; longe, não.

TIRÉSIAS
Já me retiro mas direi antes de ir,
sem nada recear, o que me trouxe aqui,
pois teu poder não basta para destruir-me.
Agora ouve: o homem que vens procurando
entre ameaças e discursos incessantes
sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo,
está aqui em Tebas e se faz passar
por estrangeiro, mas todos verão bem cedo
que ele nasceu aqui e essa revelação
não há de lhe proporcionar prazer algum;
ele, que agora vê demais, ficará cego;
ele, que agora é rico, pedirá esmolas
e arrastará seus passos em terras de exílio,
tateando o chão à sua frente com um bordão.

Dentro de pouco tempo saberão que ele
ao mesmo tempo é irmão e pai dos muitos filhos
com quem vive, filho e consorte da mulher
de quem nasceu; e que ele fecundou a esposa
do próprio pai depois de havê-lo assassinado!
Vai e reflete sobre isso em teu palácio
e se me convenceres de que agora minto
então terás direito de dizer bem alto
que não há sapiência em minhas profecias!

TIRÉSIAS retira-se guiado pelo menino. ÉDIPO volta ao palácio.

CORO
Quem perpetrou com as mãos ensanguentadas
indescritíveis, torpes atentados
segundo a voz fatídica da pedra[37]
de onde provém o oráculo de Delfos?
Para o culpado já chegou a hora
de iniciar súbita fuga igual
à dos corcéis velozes como os ventos
pois o filho de Zeus, divino Apolo,
armado de relâmpagos ardentes
lança-se contra ele juntamente
com as infalíveis, as terríveis Fúrias.[38]
No Parnaso coberto de alta neve[39]
acaba de estrondar a ordem clara:
que todos saiam em perseguição
do criminoso até agora ignoto,
errante pelas selvas e cavernas
e rochas, ofegante como um touro.
Seguindo a trilha adversa que o isola
dos homens o infeliz tenta escapar
aos rígidos oráculos oriundos
do âmago da terra, mas em vão:[40]
eles, eternamente vivos, cercam-no.
Terríveis, sim, terríveis são as dúvidas
que o adivinho pôs em minha mente;[41]
não creio, não descreio, estou atônito.
Adeja o meu espírito indeciso,
perplexo entre o passado e o presente.
Que controvérsia pode ter havido
entre os labdácidas e o descendente[42]
de Pôlibo? Nem nos tempos remotos[43]
nem hoje sou capaz de vislumbrar
realidades que me deem provas
contra a inteireza e a boa fama de Édipo
e me decidam a tirar vingança
de um assassínio ainda envolto em trevas
optando pela causa dos labdácidas.
Apolo e Zeus têm olhos para tudo.

Eles conhecem as ações dos homens
mas um mortal, um simples adivinho,
não pode convencer-me; é inaceitável,
embora no saber um homem possa
ultrapassar os outros muitas vezes.
Jamais, antes de ver ratificada
a fala do adivinho, darei crédito
à acusação lançada contra Édipo;
sim, foi aos olhos dos tebanos todos
que outrora a Esfinge veio contra ele
e todos viram que Édipo era sábio
e houve razões para que fosse amado
por nosso povo. Diante desses fatos
jamais o acusarei de qualquer crime.

Entra CREONTE agitado.

CREONTE
Fiquei sabendo, cidadãos, que nosso rei
lançava contra mim acusações terríveis;
não me disponho a suportá-las; eis-me aqui.
Se em nossos infortúnios de hoje ele imagina
que em atos ou palavras lhe fiz injustiças,
não quero prosseguir vivendo sob o peso
de tal imputação; o dano que me causa
essa suspeita não é pouco, é mesmo enorme
se na cidade, se por vós, por meus amigos,
sou acusado de traição ao nosso rei.

CORIFEU
Talvez aquela injúria tenha tido origem
mais no arrebatamento que na reflexão.

CREONTE
Como terá podido Édipo supor
que a culpa é minha se o adivinho mentiu?

CORIFEU
Ele falou assim, não sei pensando em quê.

CREONTE
Estava firme o seu olhar, o ânimo firme
quando ele me acusou dessa maneira insólita?

CORIFEU
Não sei; não gosto de encarar os poderosos.

Vendo ÉDIPO reaparecer, vindo do palácio.

Mas ele próprio está saindo do palácio.

ÉDIPO

Dirigindo-se bruscamente a CREONTE.

Que fazes, tu que estás aí? Ainda ousas
chegar a mim, tu que seguramente queres
tirar-me a vida e despojar-me do poder
abertamente? Pois vejamos! Dize agora:
chegaste à conclusão de que sou um covarde
ou insensato, para conceber projetos
tão sórdidos? Acreditavas que eu não via
tuas maquinações e não as puniria
havendo-as descoberto? Dize, pelos deuses:
não é conduta de demente cobiçar,
sem bens e sem amigos, o poder sem par
que vem do povo numeroso e da riqueza?

CREONTE
Que podes esperar de mim falando assim?
Deixa-me responder, pois sou igual a ti,
e julga livremente após haver-me ouvido.

ÉDIPO
És hábil em palavras; sinto-me inclinado
a ouvir-te, embora sejas inimigo pérfido.

CREONTE
Primeiro, quero refutar essas palavras.

ÉDIPO
Primeiro, não me digas que não és culpado!

CREONTE
Se crês que a intransigência cega é um bem, enganas-te.

ÉDIPO
Se crês que a ofensa não será punida, iludes-te.

CREONTE
Concordo com tuas palavras, mas revela-me
o grande mal que em tua opinião te fiz!

ÉDIPO
Persuadiste-me ou não me persuadiste
a consultar o venerável adivinho?

CREONTE
Ainda agora sou da mesma opinião.

ÉDIPO
E quanto tempo já passou desde que Laio…

CREONTE
Que fez o falecido rei? Não compreendo.

ÉDIPO
…morreu, ferido pela mão de um assassino?

CREONTE
Contar-se-ia uma sequência longa de anos.

ÉDIPO
E já Tirésias nesse tempo era adivinho?

CREONTE
Ele já era sábio e reverenciado.

ÉDIPO
E ele aludiu então a mim alguma vez?

CREONTE
Que eu sabia, nunca, ao menos em minha presença.

ÉDIPO
Não te ocorreu mandar investigar o crime?

CREONTE
Fizemo-lo, decerto, e nada descobrimos.

ÉDIPO
Por que esse adivinho sábio nada disse?

CREONTE
Não sei. Quando não compreendo, silencio.

ÉDIPO
Mas não ignoras, e dirias de bom grado…

CREONTE
Não calarei, se for de meu conhecimento.

ÉDIPO
…que sem haver entendimento entre ele e ti
jamais afirmaria ele que fui eu
o causador da morte trágica de Laio.

CREONTE
Sabes o que ele disse, mas eu também tenho

direito de fazer-te agora umas perguntas.

ÉDIPO
Pergunta! Não serei por isso o criminoso.

CREONTE
Quem sabe?… Desposaste minha irmã Jocasta?

ÉDIPO
Só posso responder afirmativamente.

CREONTE
Partilhas o poder com ela em mando igual?
ÉDIPO
Faço-lhe todas as vontades no governo.

CREONTE
Depois de ti e dela não sou eu quem manda?

ÉDIPO
É certo, e este fato agrava a tua culpa.

CREONTE
Segue meu pensamento e mudarás de ideia.
Medita, para começar, neste detalhe:
crês que jamais homem algum preferiria
o trono e seus perigos a tranquilo sono
tendo poder idêntico sem arriscar-se?
Pois quanto a mim ambiciono muito menos
a condição de rei que o mando nela implícito;
pensam assim todos os homens comedidos
em seus desejos. Sem me expor, obtenho agora
tudo de ti; ou não? Porém se eu fosse rei
teria de ceder a muitas injunções.
Por que motivo, então, me tentaria o trono
mais que essa onipotência livre de percalços?
Não sou ainda cego, a ponto de almejar
mais que a influência e o proveito consequente.
Já sou por todos festejado, já me acolhem
todos solícitos, e todos que precisam
de ti primeiro me procuram; todos eles
conseguem tudo por interferência minha.
Como haveria eu, então, de desprezar
o que já tenho para obter o que insinuas?
Seria tolo esse procedimento pérfido.
O plano que imaginas não me atrairia
e eu não o realizaria inda ajudado.
Queres a prova? Sem demora vai a Delfos
e informa-te se relatei fielmente o oráculo.
Ainda vou mais longe: se me convenceres

de haver-me conluiado com o velho adivinho
merecerei dupla condenação à morte:
a minha e a tua. Não me acuses com base
em vagas, pálidas suspeitas sem me ouvir.
Fere a justiça apelidar levianamente
os bons de maus ou os maus de bons. E desprezar
um amigo fidedigno, em minha opinião
é o mesmo que menosprezar a própria vida,
o bem mais precioso. Com o passar dos anos
seguramente reconhecerás tudo isso,
pois só com o tempo se revela o homem justo;
mas basta um dia para descobrir o pérfido.

CORIFEU
Creio, senhor, que ele falou sensatamente,
como quem faz esforços para não errar;
quem julga afoitamente não é infalível.

ÉDIPO
Se empregam afoiteza para derrubar-me
insidiosamente, devo ser afoito
ao defender-me; se eu não estiver atento
os planos deles podem transformar-se em fatos
e os meus fracassarão inevitavelmente.

CREONTE
E que pretendes? Exilar-me desta terra?

ÉDIPO
Desejo a tua morte, e não o teu exílio.

CREONTE
Serias justo se provasses minha culpa.

ÉDIPO
Comportas-te como se não devesses nunca
ceder e obedecer ao detentor do mando.

CREONTE
A retidão faz falta em tuas decisões.

ÉDIPO
Quando se trata de meus interesses, não.

CREONTE
O meu também mereceria igual cuidado.

ÉDIPO
És mau, Creonte!

CREONTE
Não queres compreender!

ÉDIPO
Mas deves-me da mesma forma obediência!

CREONTE
Se mandas mal, não devo.

ÉDIPO
Meu povo! Meu povo!

CREONTE
Também pertenço ao povo, que não é só teu!

CORIFEU

Vendo JOCASTA sair do palácio.

Cessai, senhores, pois Jocasta vem saindo
de seu palácio em boa hora para vós.
Com a vinda dela creio que deveis pôr termo
sem mais demora ao vosso desentendimento.

Entra JOCASTA, vinda do palácio.

JOCASTA
Por que vos enfrentais nessa disputa estéril
desventurados? Não pensais? E não corais,
de pejo por alimentar vossas querelas
em meio a tais calamidades para Tebas?
Entra, Édipo, e tu, Creonte, volta ao lar.
Não deve uma frivolidade transformar-se
em causa de aflição mais grave para vós.

CREONTE
Parece justo ao teu esposo, minha irmã,
tratar-me rudemente. Édipo quer que eu opte
entre dois males: ou o exílio doloroso
da terra de meus pais, ou vergonhosa morte.

ÉDIPO
Confirmo. Tenho convicção, mulher, de que ele
tramou a minha queda e quis realizá-la.
CREONTE
Não tenha eu agora bem algum e morra
maldito pelos deuses se de qualquer forma
mereço essas acusações sem fundamento!

JOCASTA
Em nome das augustas divindades, Édipo,
suplico-te que creias nas palavras dele,
primeiro pelo juramento recém-feito
perante os deuses, e depois por reverência
a mim e aos cidadãos presentes. Dá-lhe crédito!

CORIFEU
Reflete, atenta bem, consente!
Suplico-te, senhor! Consente!

ÉDIPO
Em que desejas que eu consinta?

CORIFEU
Concorda com Creonte; nunca
ele foi insensato, e hoje
chegou até o juramento!

ÉDIPO
Sabes o que me estás pedindo?

CORIFEU
Se peço é porque sei, senhor.

ÉDIPO
Aclara, então, o que disseste.

CORIFEU
Não deves acolher jamais
rumores vagos, não provados,
para fazer acusações
desprimorosas ao amigo
que tem suspensas maldições
sobre a cabeça se mentir.

ÉDIPO
Não deves ignorar, então,
que pedes simultaneamente
a minha morte e o meu exílio!

CORIFEU
Não, pelo Sol, o deus mais alto!
Que eu morra no pior suplício,
abandonado pelos deuses,
pelos amigos, se passou
por minha mente esse propósito!
Em meu constante sofrimento
já tenho a alma lacerada
por ver as chagas desta terra;

aos muitos males que nos ferem
agora vêm juntar-se novos!

ÉDIPO
Pois viva ele em paz, então,
ainda que por isso eu morra
ou seja expulso desta terra
envilecido; é tua prece,
e não a dele, que me toca
e excita minha piedade.
Meu ódio há de segui-lo sempre!

CREONTE
Vejo que cedes contrafeito
mas te censurarás mais tarde,
quando essa cólera passar.
Temperamentos como o teu
atraem sempre sofrimentos.

ÉDIPO
Não vais então deixar-me em paz?
Por que não abandonas Tebas?

CREONTE
Sim, partirei, pois não quiseste
compreender-me; sei, porém,
que meus concidadãos presentes
aprovam meu procedimento.

Sai CREONTE.

CORIFEU
Dirigindo-se a JOCASTA, após o silêncio subsequente à saída de CREONTE.
Por que tardas, senhora, a levar
nosso rei de regresso ao palácio?

JOCASTA
Fá-lo-ei quando ouvir teu relato.

CORIFEU
Levantaram-se vagas suspeitas
provocadas por simples palavras.
A injustiça, bem sabes, ofende.

JOCASTA
Tua fala refere-se aos dois?

CORIFEU
Tanto a Édipo quanto a Creonte.

JOCASTA
Que diziam os dois no debate?

CORIFEU
Basta. Creio que basta ficarmos
onde a rude querela cessou.
Nossa terra já está muito aflita.

ÉDIPO

Que até então estivera absorto, em atitude de profunda meditação.

Vês aonde chegaste, apesar
de movido por boa intenção,
não querendo amparar minha causa
e deixando abalar-se a afeição
que deverias sentir por teu rei?

CORIFEU
Muitas vezes te disse, senhor,
que eu seria o maior dos estultos,
criatura sem raciocínio,
se algum dia pensasse em deixar-te,
em faltar ao herói que sozinho
libertou minha terra querida
quando outrora a desgraça a extinguia.[44]
Inda agora, se podes, meu rei,
vem mostrar-te seu guia seguro!

JOCASTA
Por que razão, senhor (dize-me pelos deuses),
permites que essa cólera feroz te vença?

ÉDIPO
Dir-te-ei, mulher, pois te honro mais que a essa gente:
a causa foi Creonte com sua torpeza.

JOCASTA
Prossegue, se és capaz de recordar ainda
como a querela começou entre ele e ti.

ÉDIPO
Ele me acusa, a mim, de ter matado Laio.

JOCASTA
Foi por ciência própria ou por ouvir dizer?

ÉDIPO
Seu porta-voz foi um malévolo adivinho;
de sua própria boca nada nós ouvimos.

JOCASTA
Não há razões, então, para inquietação;
ouve-me atentamente e ficarás sabendo
que o dom divinatório não foi concedido
a nenhum dos mortais; em escassas palavras
vou dar-te provas disso. Não direi que Febo,
mas um de seus intérpretes, há muito tempo
comunicou a Laio, por meio de oráculos,
que um filho meu e dele o assassinaria;
pois apesar desses oráculos notórios
todos afirmam que assaltantes de outras terras
mataram Laio há anos numa encruzilhada.
Vivia nosso filho seu terceiro dia
quando rei Laio lhe amarrou os tornozelos
e o pôs em mãos de estranhos, que o lançaram logo
em precipícios da montanha inacessível.
Naquele tempo Apolo não realizou
as predições: o filho único de Laio
não se tornou o matador do próprio pai;
não se concretizaram as apreensões do rei
que tanto receava terminar seus dias
golpeado pelo ser que lhe devia a vida.
Falharam os oráculos; o próprio deus
evidencia seus desígnios quando quer,
sem recorrer a intérpretes, somente ele.

ÉDIPO
Após alguns instantes de silêncio, demonstrando preocupação.

Minha alma encheu-se de temores e a aflição
subiu-me à mente ouvindo-te falar, senhora…

JOCASTA
Que ânsia te possui para dizeres isso?

ÉDIPO
Terias dito há pouco que mataram Laio
em uma encruzilhada. Ou foi engano meu?

JOCASTA
Assim falaram e repetem desde então.

ÉDIPO
E onde ocorreu o evento lamentável? Sabes?

JOCASTA
A região chama-se Fócis; as estradas
de Delfos e de Dáulia para lá convergem.

ÉDIPO
Quando se deu o fato? Podes recordar-te?

JOCASTA
Pouco antes de assumires o poder aqui.

ÉDIPO
Zeus poderoso! Que fazes de mim agora?

JOCASTA
Qual o motivo dessa inquietação, senhor?

ÉDIPO
Não me interrogues. Antes quero que respondas:
Como era Laio e quantos anos tinha então?
JOCASTA
Ele era alto; seus cabelos começavam
a pratear-se. Laio tinha traços teus.

ÉDIPO
Ai! Infeliz de mim! Começo a convencer-me
de que lancei contra mim mesmo, sem saber,
as maldições terríveis pronunciadas hoje!

JOCASTA
Que dizes? Tenho medo de encarar-te, Édipo!

ÉDIPO
É horrível! Temo que Tirésias, mesmo cego,
tenha enxergado, mas ainda quero ouvir
uma palavra tua para esclarecer-me.

JOCASTA
Também estou inquieta mas responderei
a todas as tuas perguntas. Faze-as, pois.

ÉDIPO
Era pequena a escolta que seguia Laio,
ou numerosa guarnição o protegia
por se tratar de um homem poderoso, um rei?

JOCASTA
Seus seguidores eram cinco ao todo; entre eles
contava-se um arauto; um carro só levava-os.

ÉDIPO
Ah! Deuses! Tudo agora é claro! Mas, quem foi
que outrora te comunicou esses detalhes?

JOCASTA

Um serviçal que se salvou, ao regressar.

ÉDIPO
Inda se encontra no palácio esse criado?

JOCASTA
Não. Ao voltar, vendo-te no lugar de Laio,
tomou-me as mãos e suplicou-me que o mandasse
aos campos para apascentar nossos rebanhos,
pois desejava estar bem longe da cidade.
Fiz-lhe a vontade, pois o servo parecia
merecedor de recompensa inda maior.

ÉDIPO
Será possível tê-lo aqui em pouco tempo?

JOCASTA
Seguramente; mas por que esse desejo?

ÉDIPO
Temo, senhora, haver falado além da conta;
por isso tenho pressa em vê-lo e interrogá-lo.

JOCASTA
Ele virá mas creio merecer também
uma palavra tua sobre teus receios.

ÉDIPO
Não te recusarei, pois resta-me somente
uma esperança. A quem senão a ti, senhora,
eu falaria livremente nesse transe?

Pausa.

Meu pai é Pôlibo, coríntio, minha mãe,
Mérope, dórica. Todos consideravam-me[45]
o cidadão mais importante de Corinto.
Verificou-se um dia um fato inesperado,
motivo de surpresa enorme para mim
embora no momento não me preocupasse,
dadas as circunstâncias e os participantes.
Foi numa festa; um homem que bebeu demais
embriagou-se e logo, sem qualquer motivo,
pôs-se a insultar-me e me lançou o vitupério
de ser filho adotivo. Depois revoltei-me;
a custo me contive até findar o dia.
Bem cedo, na manhã seguinte, procurei
meu pai e minha mãe e quis interrogá-los.
Ambos mostraram-se sentidos com o ultraje,
mas inda assim o insulto sempre me doía;

gravara-se profundamente em meu espírito.
Sem o conhecimento de meus pais, um dia
fui ao oráculo de Delfos mas Apolo
não se dignou de desfazer as minhas dúvidas;
anunciou-me claramente, todavia,
maiores infortúnios, trágicos, terríveis;
eu me uniria um dia à minha própria mãe
e mostraria aos homens descendência impura
depois de assassinar o pai que me deu vida.
Diante dessas predições deixei Corinto
guiando-me pelas estrelas, à procura
de pouso bem distante, onde me exilaria
e onde jamais se tornariam realidade
- assim pensava eu - aquelas sordidezas
prognosticadas pelo oráculo funesto.
Cheguei um dia em minha marcha ao tal lugar
onde, segundo dizes, o rei pereceu.
E a ti, mulher, direi toda a verdade agora.
Seguia despreocupado a minha rota;
quando me aproximei da encruzilhada tríplice
vi um arauto à frente de um vistoso carro
correndo em minha direção, em rumo inverso;
no carro viajava um homem já maduro
com a compleição do que me descreveste há pouco.
O arauto e o próprio passageiro me empurraram
com violência para fora do caminho.
Eu, encolerizado, devolvi o golpe
do arauto; o passageiro, ao ver-me reagir
aproveitou o momento em que me aproximei
do carro e me atingiu com um dúplice aguilhão,
de cima para baixo, em cheio na cabeça.
Como era de esperar, custou-lhe caro o feito:
no mesmo instante, valendo-me de meu bordão
com esta minha mão feri-o gravemente.
Pendendo para o outro lado, ele caiu.
E creio que também matei seus guardas todos.
Se o viajante morto era de fato Laio,
quem é mais infeliz que eu neste momento?
Que homem poderia ser mais odiado
pelos augustos deuses? Estrangeiro algum,
concidadão algum teria o direito
de receber-me em sua casa, de falar-me;[46]
todos deveriam repelir-me.
E o que é pior, fui eu, não foi outro qualquer,
quem pronunciou as maldições contra mim mesmo.
Também maculo a esposa do finado rei
ao estreitá-la nestes braços que o mataram!
Não sou um miserável monstro de impureza?
E terei de exilar-me e em minha vida errante
não poderei jamais voltar a ver os meus

nem pôr de novo os pés no chão de minha pátria,
pois se o fizesse os fados me compeliriam
a unir-me à minha mãe e matar o rei Pôlibo,
meu pai, a quem eu devo a vida e tudo mais!
Não, não, augusta majestade de meus deuses!
Fazei com que esse dia nunca, nunca chegue!
Fazei com que se acabe a minha vida antes
de essa vergonha imensa tombar sobre mim!

CORIFEU
Tudo isso nos aterroriza, a nós também,
senhor, mas sê esperançoso até que fale
a testemunha e esclareça os fatos todos.

ÉDIPO
É a única esperança que me resta, esse homem,
esse pastor, só ele, nada e mais ninguém!

JOCASTA
Mas, que certeza a vinda dele pode dar-te?

ÉDIPO
Dir-te-ei: se o seu relato coincidir com o teu,
livrar-me-ei dessa iminente maldição.

JOCASTA
A que relato meu, tão sério, te referes?

ÉDIPO
Ouvi de ti há pouco que, segundo ele,
os assassinos foram vários assaltantes.
Se ele vier e reiterar a afirmação,
o criminoso não sou eu; somente um homem
não equivale a vários. Mas, se ele falar
de um homem só, de apenas um, então, senhora,
a imputação se aplicará a mim, sem dúvida.

JOCASTA
Ele falou exatamente como eu disse
e agora não irá mudar o seu relato.
Toda a cidade pôde ouvi-lo, além de mim.
Se, entretanto, ele afastar-se das palavras
já divulgadas, inda assim não provará
que o crime perpetrado contra Laio há tempo
correspondeu à predição oracular,
pois Febo declarou que ele terminaria
seus dias morto pelas mãos de um filho meu.
Mas Laio não morreu golpeado por meu filho;
meu pobre filho faleceu muito antes dele.
Também, de hoje em diante não mais olharei

à esquerda ou à direita em busca de presságios.[47]

ÉDIPO
E tens razão. Quanto ao escravo, manda alguém
buscá-lo e não negligencies minhas ordens.

JOCASTA
Tua vontade será feita sem demora.
Nada faria contra teus desejos. Vamos.

JOCASTA e ÉDIPO entram no palácio.

CORO

Seja-me concedido pelos fados
compartilhar da própria santidade
não só em todas as minhas palavras
como em minhas ações, sem exceção,
moldadas sempre nas sublimes leis
originárias do alto céu divino.
Somente o céu gerou as santas leis;
não poderia a condição dos homens,
simples mortais, falíveis, produzi-las.
Jamais o oblívio as adormecerá;
há um poderoso deus latente nelas,
eterno, imune ao perpassar do tempo.
O orgulho é o alimento do tirano;
quando ele faz exagerada messe
de abusos e temeridades fátuas
inevitavelmente precipita-se
dos píncaros no abismo mais profundo
de males de onde nunca mais sairá.
A emulação, porém, pode ser útil
se visa ao benefício da cidade;
que a divindade a estimule sempre
e não me falte a sua proteção.
Mas o homem que nos atos e palavras
se deixa dominar por vão orgulho
sem recear a obra da justiça
e não cultua propriamente os deuses
está fadado a doloroso fim,
vítima da arrogância criminosa
que o induziu a desmedidos ganhos,
a sacrilégios, à loucura máxima
de profanar até as coisas santas.
Quem poderá, então, vangloriar-se,
onde tais atentados têm lugar,
de pôr-se a salvo dos divinos dardos?
Se crimes como esses são louvados,
por que cantamos os sagrados coros?

Não mais irei ao centro sacrossanto[48]
do mundo reverenciar Apolo,
nem ao muito falado templo de Abas,[49]
nem ao de Olímpia, se essas predições,[50]
não forem confirmadas pelos fatos,
de tal forma que se possam citá-las
como um exemplo para os homens todos.
Deus todo-poderoso, se mereces
teu santo nome, soberano Zeus,
demonstra que em tua glória imortal
não és indiferente a tudo isso!
Desprezam os oráculos ditados
a Laio, como se nada valessem;
Apolo agora não é adorado
com o esplendor antigo em parte alguma;
a reverência aos deuses já se extingue.

Entra JOCASTA vinda do palácio, com criadas portando oferendas.

JOCASTA

Veio-me o pensamento, cidadãos ilustres,
de dirigir-me aos deuses em seus santuários
levando-lhes nas mãos coroas e perfumes.
Sobem à mente de Édipo, como soubestes,
inquietações sem número e nosso senhor
não interpreta, como fora razoável,
as novas predições à luz das mais antigas;
muito ao contrário, ele se curva a quem lhe fala,
desde que lhe relatem fatos tenebrosos.
Se nada consegui com minhas advertências,
volto-me para ti, divino Apolo Lício,[51]
que em teu altar estás mais próximo de nós,
prostrada e súplice com minhas oferendas;
peço-te que, purificando-nos da mácula,
possas trazer-nos afinal a salvação.
Todos (por que negar?) sentimos medo hoje,
iguais a nautas ao notarem que o piloto
perde o domínio do timão e desespera.

JOCASTA depõe as oferendas sobre o altar de Apolo e se prosterna diante dele, enquanto as criadas queimam incenso. Vendo o MENSAGEIRO chegar, JOCASTA junta-se ao CORO.

MENSAGEIRO

Dirigindo-se aos anciãos do CORO.

Pergunto-vos onde é o palácio do rei Édipo;
dizei-me, sobretudo, onde ele próprio está.

CORIFEU
Vês o palácio dele; o rei está lá dentro;
à tua frente está sua mulher e mãe[52]
dos filhos dele. Eis a resposta, forasteiro.

MENSAGEIRO

Dirigindo-se a JOCASTA.

Auguro-te felicidade para sempre
entre gente feliz, perfeita companheira
do homem que viemos procurar em Tebas.

JOCASTA
Desejo-te ventura idêntica, estrangeiro,
em retribuição aos votos generosos.
Mas, dize ao que vieste e que mensagem trazes.

MENSAGEIRO
Notícias favoráveis para a tua casa,
senhora, e para teu real esposo, Édipo.

JOCASTA
De que se trata? De que terra estás chegando?

MENSAGEIRO
Vim de Corinto. Espero que minhas palavras
hão de trazer-te algum prazer - seguramente
elas trarão - mas podem também afligir-te.

JOCASTA
Quais são essas palavras de eficácia ambígua?

MENSAGEIRO
Os habitantes todos de Corinto querem
fazer de Édipo seu rei, segundo afirmam.

JOCASTA
O quê? Já não detém o mando o velho Pôlibo?

MENSAGEIRO
Não mais; a morte acaba de levá-lo ao túmulo.

JOCASTA
Estou ouvindo bem? Rei Pôlibo morreu?

MENSAGEIRO

Quero também morrer se não digo a verdade!

JOCASTA

Dirigindo-se a uma de suas criadas.

Corre, mulher! Vai sem demora anunciar
o fato ao teu senhor! Oráculos dos deuses!
A que ficastes reduzidos neste instante!
Rei Édipo exilou-se apenas por temor
de destruir um dia a vida desse homem
agora morto pelos fados, não por ele!

Entra ÉDIPO.

ÉDIPO
Cara mulher, Jocasta, por que me fizeste
sair de meu palácio para vir aqui?
JOCASTA
Ouve a mensagem deste forasteiro e vê
aonde levam os oráculos dos deuses.

ÉDIPO
Quem é este homem? Que vem ele anunciar-me?

JOCASTA
É de Corinto. Vem comunicar que Pôlibo,
teu pai, já não existe; acaba de morrer.

ÉDIPO
Que dizes, estrangeiro? Fala-me tu mesmo!

MENSAGEIRO
Se assim desejas, falo: Pôlibo morreu.

ÉDIPO
Por traição, ou foi de morte natural?

MENSAGEIRO
Os males mais ligeiros matam gente idosa.

ÉDIPO
O infeliz foi vítima de uma doença?

MENSAGEIRO
Foi, e dos muitos anos que ele viu passarem.

ÉDIPO
Por quê, mulher, devemos dar tanta atenção
ao fogo divinal da profetisa pítica
ou, mais ainda, aos pios das etéreas aves?[53]

Segundo antigas predições eu deveria
matar meu próprio pai; agora ele repousa
debaixo da pesada terra e quanto a mim
não pus as mãos ultimamente em qualquer arma.

Ironicamente.

(Ele foi vítima, talvez, da grande mágoa
que minha ausência lhe causou; somente assim
eu poderia motivar a sua morte…)
De qualquer forma Pôlibo pertence agora
ao reino de Hades e também levou com ele
as tristes profecias. Não, esses oráculos
carecem todos de qualquer significado.

JOCASTA
Há quanto tempo venho usando essas palavras?

ÉDIPO
Dou-te razão, mas o temor desatinava-me.

JOCASTA
Pois não lhes dês mais atenção de hoje em diante.

ÉDIPO
Não deveria amedrontrar-me a perspectiva
de partilhar o tálamo de minha mãe?

JOCASTA
O medo em tempo algum é proveitoso ao homem.
O acaso cego é seu senhor inevitável
e ele não tem sequer pressentimento claro
de coisa alguma; é mais sensato abandonarmo-nos
até onde podemos à fortuna instável.
Não deve amedrontrar-te, então, o pensamento
dessa união com tua mãe; muitos mortais
em sonhos já subiram ao leito materno.
Vive melhor quem não se prende a tais receios.

ÉDIPO
Seria válida tua argumentação
se minha mãe já fosse morta, mas é viva,
e embora julgue justas as tuas palavras
não tenho meios de evitar esse temor.

JOCASTA
De qualquer modo é grande alívio para ti
saber que Pôlibo, teu pai, está no túmulo.

ÉDIPO

Concordo, mas receio aquela que está viva.

MENSAGEIRO

Que durante o diálogo de JOCASTA com ÉDIPO tentara intrometer-se.
E que mulher é causa desse teu receio?

ÉDIPO
Falo de Mérope, viúva do rei Pôlibo.

MENSAGEIRO
Ela é capaz de motivar os teus temores?

ÉDIPO
Há um oráculo terrível, estrangeiro…

MENSAGEIRO
Podes expô-lo, ou é defeso a um estranho?

ÉDIPO
Vais conhecê-lo: disse Apolo que eu teria
de unir-me à minha própria mãe e derramar
com estas minhas mãos o sangue de meu pai.
Eis a razão por que há numerosos anos
vivo afastado de Corinto, embora saiba
que é doce ao filho o reencontro com seus pais.

MENSAGEIRO
Deve-se o teu exílio, então, a tais receios?

ÉDIPO
Eu não queria assassinar meu velho pai.

MENSAGEIRO
Por que inda não te livrei desses temores,
senhor, se vim movido por bons sentimentos?

ÉDIPO
Se for assim terás de mim o justo prêmio.

MENSAGEIRO
Estou aqui, sem dúvida, com a intenção
de beneficiar-me quando regressares…

ÉDIPO
Não voltarei a aproximar-me de meus pais!

MENSAGEIRO
Não sabes o que fazes, filho; bem se vê…
ÉDIPO

Como, ancião? Desfaze minhas muitas dúvidas!

MENSAGEIRO
…se essas razões inda te afastam de Corinto.

ÉDIPO
Temo que Febo se revele um deus exato.

MENSAGEIRO
Inda receias a união com tua mãe?

ÉDIPO
Exatamente, ancião; eis meu temor de sempre.

MENSAGEIRO
Sabes que nada justifica os teus receios?

ÉDIPO
Mas, como não temer se nasci deles dois?

MENSAGEIRO
Pois ouve bem: não é de Pôlibo o teu sangue!

ÉDIPO
Que dizes? Pôlibo não é então meu pai?

MENSAGEIRO
Tanto quanto o homem que te fala, e nada mais.

ÉDIPO
Nada és para mim e és igual ao meu pai?

MENSAGEIRO
Ele não te gerou, e muito menos eu.

ÉDIPO
Por quê, então, ele chamava-me de filho?

MENSAGEIRO
O rei te recebeu, senhor, recém-nascido
- escuta bem -, de minhas mãos como um presente.

ÉDIPO
E ele me amava tanto, a mim, que lhe viera
de mãos estranhas? É plausível esse afeto?

MENSAGEIRO
Levou-o a isso o fato de não ter um filho.

ÉDIPO
E antes de dar-me a ele havias-me comprado,
ou por acaso me encontraste abandonado?

MENSAGEIRO
Achei-te lá no Citéron, num vale escuro.

ÉDIPO
Por que motivos percorrias tais lugares?

MENSAGEIRO
Levava meu rebanho ao pasto, nas montanhas.

ÉDIPO
Eras pastor, então, a soldo de um senhor?

MENSAGEIRO
Era, mas te salvei naquele tempo, filho.

ÉDIPO
E como estava eu quando me descobriste?

MENSAGEIRO
Lembro-me bem de teu estado deplorável;
teus tornozelos inda testemunham isso.

ÉDIPO
Fazes-me recordar antigas desventuras!…

MENSAGEIRO
Desamarrei teus tornozelos traspassados…

ÉDIPO
Segue-me esse defeito horrível desde a infância.

MENSAGEIRO
Teu próprio nome te relembra esse infortúnio.[54]
ÉDIPO
Sabes se o devo à minha mãe ou ao meu pai?

MENSAGEIRO
Não sei. Quem te entregou a mim deve saber.

ÉDIPO
Não me encontraste então tu mesmo, forasteiro?

MENSAGEIRO
Não, meu senhor; trouxe-te a mim outro pastor.

ÉDIPO

Quem era ele? Podes identificá-lo?

MENSAGEIRO
Ele era tido como servidor de Laio.

ÉDIPO
Do antigo rei deste país, queres dizer?

MENSAGEIRO
Exato; era pastor do rei que mencionaste.

ÉDIPO
Esse pastor inda está vivo? Posso vê-lo?

MENSAGEIRO

Dirigindo-se aos anciãos do CORO.

Sois do país. Deveis saber melhor que eu.

ÉDIPO

Dirigindo-se aos mesmos.

Algum de vós sabe quem é esse pastor?
Algum de vós o viu no campo ou na cidade?
Quem sabe? Eis o momento de aclarar-se tudo.

CORIFEU
Trata-se justamente - creio - do pastor
que há pouco desejavas ver; Jocasta pode
esclarecer como ninguém essa questão.

ÉDIPO

Dirigindo-se a JOCASTA, que acompanhava o diálogo com visível agitação.

Pensas, mulher, que o homem que mandei buscar
há pouco é o mencionado pelo forasteiro?

JOCASTA

Agitada.

A quem aludes? Como? Não penses mais nisto!…
Afasta da memória essas palavras fúteis.

ÉDIPO
Seria inadmissível que, com tais indícios,
eu não trouxesse à luz agora a minha origem.

JOCASTA
Peço-te pelos deuses! Se inda te interessas
por tua vida, livra-te dessas ideias!

À parte.

Já é demasiada a minha própria angústia!

ÉDIPO
Mesmo se for provado que sou descendente
de tripla geração de escravos, nem por isso,
mulher, irás sofrer qualquer humilhação.

JOCASTA
Nada me importa! Escuta-me! Por favor: para!

ÉDIPO
Malgrado teu, decifrarei esse mistério.

JOCASTA
Move-me apenas, Édipo, teu interesse,
e dou-te o mais conveniente dos conselhos!

ÉDIPO
Admito, mas esse conselho me desgosta.

JOCASTA
Ah! Infeliz! Nunca, jamais saibas quem és!

ÉDIPO
Ninguém trará até aqui esse pastor?

Um escravo sai correndo para procurar o pastor. ÉDIPO dirige-se ao MENSAGEIRO e aos anciãos do CORO.

Não vos preocupeis com a senhora; orgulha-se
de seus antepassados nobres e opulentos.

JOCASTA
Ai de mim! Ai de mim! Infeliz! Eis o nome
que hoje mereces! Nunca mais ouvirás outro!

JOCASTA retira-se precipitadamente em direção ao palácio.

CORIFEU
Por que tua mulher se retirou, senhor,
arrebatada por um desespero insano?
Não seja seu silêncio aceno de desgraças!

ÉDIPO
Irrompa o que tiver de vir, mas minha origem,
humilde como for, insisto em conhecê-la!
Ela, vaidosa como são sempre as mulheres,
talvez tenha vergonha de minha ascendência
obscura, mas eu sinto orgulho de ser filho
da Sorte benfazeja e isso não me ofende.
Eis minha mãe; nesta existência já provei[55]
o anonimato e agora vivo em culminâncias.
Eis minha origem, nada poderá mudá-la.
Não há razões para deixar de esclarecê-la.

CORO[56]
Se minha inspiração é verdadeira
e tenho a mente alerta neste instante,
não, Citéron, não, pelo Olimpo santo,[57]
não deixarás de ver no plenilúnio
nossa homenagem por haveres sido
o abrigo e o sustento do rei Édipo
entregue aos teus cuidados maternais.
Iremos festejar-te e dançaremos
no chão que alimentou nosso senhor.
Sê-nos propício, Febo protetor!
Quem te gerou, meu filho, e te criou
entre as donzelas de anos incontáveis,[58]
após haver-se unido a Pan, teu pai,[59]
errante nas montanhas, ou depois
de um amoroso amplexo de Loxias?
Ele ama todas as planuras rústicas.
Hermes também, que reina no Cileno[60]
onde o divino Baco é morador
nos altos montes, te acolheu um dia,
rebento de uma ninfa do Helicon,[61]
seu entretenimento preferido.

Vê-se à distância, aproximando-se, o velho pastor de Laio, entre serviçais de ÉDIPO.

ÉDIPO
Se é lícito conjecturar, anciãos tebanos,
sobre um mortal que vejo pela vez primeira,
eis o pastor cuja presença desejávamos.
Sua velhice extrema o assemelha muito
a este mensageiro. Além de outros indícios,
creio reconhecer em seus acompanhantes
os serviçais que a mando meu foram buscá-lo.

Dirigindo-se ao CORIFEU.

Mas tu, que anteriormente viste este pastor,
por certo tens opinião melhor a dar.

CORIFEU
Posso reconhecê-lo, se queres saber;
ele servia a Laio e lhe era mais fiel,
como pastor, que todos os demais campônios.

ÉDIPO
Dize-me agora, forasteiro de Corinto:
é este mesmo o homem de quem nos falaste?

MENSAGEIRO
É ele; aqui o tens diante de teus olhos.

ÉDIPO

Dirigindo-se ao pastor recém-chegado.

Olha-me bem, ancião; responde a umas perguntas que te farei:
Serviste antigamente a Laio?

PASTOR
Eu era seu escravo; ele não me comprou;
desde pequeno fui criado em casa dele.

ÉDIPO
Como vivias? Que fazias para Laio?

PASTOR
Segui durante toda a vida seus rebanhos.

ÉDIPO
Em que lugares demoravas por mais tempo?

PASTOR
No Citéron, às vezes; outras vezes, perto.

ÉDIPO

Indicando o MENSAGEIRO.

Podes dizer se te recordas deste homem?

PASTOR
Qual era o seu ofício? Mostra-me o tal homem.

ÉDIPO
É este aqui. Já o encontraste alguma vez?

PASTOR
Não posso responder de súbito… Não lembro…

MENSAGEIRO
Não é surpreendente a sua hesitação;
ele esqueceu, mas vou reavivar depressa
sua memória. É certo que nos conhecemos
no monte Citéron; seu rebanho era duplo,
o meu era um só e éramos vizinhos;
durou três anos essa nossa convivência
da primavera até o outono. Vindo o inverno[62]
eu regressava com o rebanho aos meus estábulos
e ele trazia as muitas reses do rei Laio
aos seus currais. Não era assim? Agora lembras?

PASTOR
É bem verdade, mas passaram tantos anos…

MENSAGEIRO
Vamos adiante. Lembras-te de que me deste
uma criança um dia para eu tratar
como se fosse um filho meu? Ou esqueceste?

PASTOR
Não ouvi bem. Qual a razão dessa pergunta?

MENSAGEIRO

Indicando ÉDIPO.

Aqui está a frágil criancinha, amigo.

PASTOR
Queres a tua perdição? Não calarás?

ÉDIPO
Não deves irritar-te, ancião; tuas palavras,
não as deste estrangeiro, podem agastar-nos.

PASTOR
Que falta cometi, meu amo generoso?

ÉDIPO
Não respondeste à indagação sobre a criança.

PASTOR
Esse homem fala sem saber; perde seu tempo.

ÉDIPO

Preferes responder por bem ou constrangido?
PASTOR
Não deves maltratar um velho! Tem piedade!

ÉDIPO
Não vamos amarrar-lhe logo as mãos às costas?

PASTOR
Sou mesmo um desgraçado! Qual a tua dúvida?

ÉDIPO
Levaste-lhe a criança a que ele se refere?

PASTOR
Levei. Ah! Por que não morri naquele dia?

ÉDIPO
É o que te espera agora se silenciares.

PASTOR
Será pior ainda se eu falar, senhor!

ÉDIPO
Estás emaranhando-te em rodeios vãos.

PASTOR
Não, meu senhor! Entreguei-lhe o recém-nascido.

ÉDIPO
De quem o recebeste? Ele era teu, ou de outrem?

PASTOR
Não era meu; recebi-o das mãos de alguém…

ÉDIPO
Das mãos de gente desta terra? De que casa?

PASTOR
Não, pelos deuses, rei! Não me interrogues mais!

ÉDIPO
Serás um homem morto se não responderes!

PASTOR
Ele nascera… no palácio do rei Laio!
ÉDIPO
Simples escravo, ou então… filho do próprio rei?

PASTOR
Quanta tristeza! É doloroso de falar!

ÉDIPO
Mais doloroso de escutar, mas não te negues.

PASTOR
Seria filho dele, mas tua mulher
que deve estar lá dentro sabe muito bem
a origem da criança e pode esclarecer-nos.

ÉDIPO
Foi ela mesma a portadora da criança?

PASTOR
Sim, meu senhor; foi Jocasta, com as próprias mãos.

ÉDIPO
Por que teria ela agido desse modo?

PASTOR
Mandou-me exterminar a tenra criancinha.

ÉDIPO
Sendo ela a própria mãe? Não te parece incrível?

PASTOR
Tinha receios de uns oráculos funestos.

ÉDIPO
E quais seriam os oráculos? Tu sabes?

PASTOR
Diziam que o menino mataria o pai.

ÉDIPO

Indicando o MENSAGEIRO.

Por que deste o recém-nascido a este ancião?

PASTOR
Por piedade, meu senhor; pensei, então,
que ele o conduziria a um lugar distante
de onde era originário; para nosso mal
ele salvou-lhe a vida. Se és quem ele diz,
julgo-te o mais infortunado dos mortais!

ÉDIPO

Transtornado.

Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se!
Ah! Luz do sol. Queiram os deuses que esta seja
a derradeira vez que te contemplo! Hoje
tornou-se claro a todos que eu não poderia
nascer de quem nasci, nem viver com quem vivo
e, mais ainda, assassinei quem não devia!

ÉDIPO sai correndo em direção ao palácio. O MENSAGEIRO sai por um lado, o PASTOR por outro.

CORO

Lento e triste.

Vossa existência, frágeis mortais,
é aos meus olhos menos que nada.
Felicidade só conheceis
imaginada; vossa ilusão
logo é seguida pela desdita.
Com teu destino por paradigma,
desventurado, mísero Édipo,
julgo impossível que nesta vida
qualquer dos homens seja feliz!
Ele atirava flechas mais longe
que os outros homens e conquistou
(assim pensava, Zeus poderoso)
incomparável felicidade.
Fez mais ainda, pois conseguiu
matar a virgem misteriosa[63]
de garras curvas e enigmas bárbaros.
Quando ele veio de longes terras
sua presença foi para nós
aqui em Tebas um baluarte;
graças a ele sobrevivemos.
Desde esse tempo, Édipo heroico,
nós te chamamos de nosso rei
e nos curvamos diante de ti,
senhor supremo da grande Tebas.
E existe hoje qualquer mortal
cuja desdita seja maior?
Quem foi ferido por um flagelo
e um sofrimento mais violentos?
Quem teve a vida tão transtornada?
Édipo ilustre, muito querido!
Tu és o filho que atravessou
a mesma porta por onde antes
teu pai entrara; nela te abrigas
num matrimônio jamais pensado!
Como puderam, rei meu senhor,
as sementeiras do rei teu pai

dar-te acolhida, silenciosas,
por tanto tempo? Como, infeliz?
O tempo eterno, que tudo vê,
mostrou um dia, malgrado teu,
as tuas núpcias abomináveis
que já duravam de longa data
e te fizeram pai com a mulher
de quem és filho, com tua mãe!
Filho de Laio: prouvera aos céus
que estes meus olhos nunca, jamais
te houvessem visto! Ah! Por que viram?
Gemo e soluço. Dos lábios meus
só saem gritos, gritos de dor!
E todavia graças a ti
foi-nos possível cerrar os olhos
aliviados e respirar
tranquilamente por muito tempo.[64]

Entra um CRIADO vindo do palácio, com uma expressão de assombro.

CRIADO
Varões ilustres desta terra, sempre honrados,
que fatos ouvireis, que dores sentireis,
que luto vos aguarda como cidadãos
inda fiéis à gente e à casa dos labdácidas!
Nem mesmo as águas do Istros e do Fásis juntas[65]
agora purificariam esta casa,
tão grandes são os males que ela hoje encobre!
Logo ela vai expor à luz outras desgraças,
conscientes desta vez, e não involuntárias;
os sofrimentos são inda maiores quando
autor e vítima são uma só pessoa.

CORIFEU
Gemíamos sentidamente pelos fatos
já conhecidos; vais contar-nos novos males?

CRIADO
Direi depressa e ouvireis também depressa:
Jocasta não existe mais, nossa rainha!

CORIFEU
Ah! Infeliz Jocasta! E como foi a morte?

CRIADO
Com as próprias mãos ela deu fim à existência.
Talvez fosse melhor poupar-vos dos detalhes
mais dolorosos, pois os fatos lastimáveis
não se desenrolaram em vossa presença.
Contudo sabereis o que sofreu Jocasta,

até onde eu puder forçar minha memória.
Quando a infeliz transpôs a porta do seu quarto
lançou-se como louca ao leito nupcial;
com as duas mãos ela arrancava seus cabelos.
Depois fechou as portas violentamente,
chamando aos gritos Laio há tanto tempo morto,
gritando pelo filho que trouxera ao mundo
para matar o pai e que a destinaria
a ser a mãe de filhos de seu próprio filho,
se merecessem esse nome. Lamentava-se
no leito mesmo onde ela havia dado à luz
- dizia a infeliz - em dupla geração
aquele esposo tido de seu próprio esposo
e os outros filhos tidos de seu próprio filho!
Como em seguida ela morreu, não sei contar.
Aos gritos Édipo acorreu, mas também ele
não pôde presenciar a morte da rainha.
Os nossos olhos não se despregavam dele
correndo como um louco em todos os sentidos,
pedindo em altos brados que um de nós lhe desse
logo um punhal, gritando-nos que lhe disséssemos
onde se achava sua esposa (esposa não,
mas a mulher de cujo seio maternal
saíram ele próprio e todos os seus filhos).
Em seu furor não sei que deus fê-lo encontrá-la
(não foi nenhum de nós que estávamos por perto).
Então, depois de dar um grito horripilante,
como se alguém o conduzisse ele atirou-se
de encontro à dupla porta: fez girar os gonzos,
e se precipitou no interior da alcova.
Pudemos ver, pendente de uma corda, a esposa;
o laço retorcido ainda a estrangulava.
Ao contemplar o quadro, entre urros horrorosos
o desditoso rei desfez depressa o laço
que a suspendia; a infeliz caiu por terra.
Vimos, então, coisas terríveis. De repente
o rei tirou das roupas dela uns broches de ouro
que as adornavam, segurou-os firmemente
e sem vacilação furou os próprios olhos,
gritando que eles não seriam testemunhas
nem de seus infortúnios nem de seus pecados:
“nas sombras em que viverei de agora em diante”,
dizia ele, “já não reconhecereis
aqueles que não quero mais reconhecer!”
Vociferando alucinado, ainda erguia
as pálpebras e desferia novos golpes.
O sangue que descia em jatos de seus olhos
molhava toda a sua face, até a barba;
não eram simples gotas, mas uma torrente,
sanguinolenta chuva em jorros incessantes.

São ele e ela os causadores desses males,
e os infortúnios do marido e da mulher
estão inseparavelmente entrelaçados.
Ambos provaram antes a felicidade,
herança antiga; hoje lhes restam só gemidos,
vergonha, maldição e morte, ou, em resumo,
todos os males, todos, sem faltar um só!

CORIFEU
E agora o desditoso rei está mais calmo?

CRIADO
Ele esbraveja e manda que abram o palácio
e mostrem aos tebanos logo o parricida,
o filho cuja mãe… não posso repetir
suas sacrílegas palavras; ele fala
em exilar-se e afirma que não ficará
neste palácio, vítima das maldições
por ele mesmo proferidas. Deveremos
levar-lhe apoio, dar-lhe um guia, pois seu mal
é muito grande para que ele o sofra só.
Logo ele vai aparecer. As portas abrem-se.
Vereis um espetáculo que excitaria
piedade até num inimigo sem entranhas!

Aparece ÉDIPO, com os olhos perfurados, vindo do palácio.

CORIFEU
Ah! Sofrimento horrível para os olhos,
o mais horrível de todos que vi!
Ah! Que loucura, infortunado Édipo,
tombou neste momento sobre ti?
Que divindade consumou agora
teu trágico destino inelutável,
prostrando-te com males que ultrapassam
a intensidade máxima da dor?
Ah! Como és infeliz! Faltam-me forças
para encarar-te, e eu desejava tanto
fazer indagações, ouvir-te, olhar-te;
é muito forte a sensação de horror
que teu aspecto lastimável causa!

ÉDIPO
Ai de mim! Como sou infeliz!
Aonde vou? Aonde vou? Em que ares
minha voz se ouvirá? Ah! Destino!…
Em que negros abismos me lanças?

CORIFEU
Num turbilhão de imensa dor, insuportável

até na descrição, até à simples vista!

ÉDIPO
Nuvem negra de trevas, odiosa,
que tombaste do céu sobre mim,
indizível, irremediável,
que não posso, não posso evitar!
Infeliz! Infeliz outra vez!
Com que ponta aguçada me ferem
o aguilhão deste meu sofrimento
e a lembrança de minhas desgraças?

CORIFEU
É natural que se teus males crescem tanto
os teus gemidos também sejam redobrados,
pois pesam-te nos ombros redobradas penas.

ÉDIPO
Ah! Amigo! És o único amigo
que me resta, pois inda te ocupas
deste cego em que me transformei.
Ai de mim! Sei que estás muito perto;
mergulhado na noite eu ainda
reconheço-te a voz, companheiro!

CORIFEU
Terríveis atos praticaste! Como ousaste
cegar teus próprios olhos? Qual das divindades
deu-te coragem para ir a tais extremos?

ÉDIPO
Foi Apolo! Foi sim, meu amigo!
Foi Apolo o autor de meus males,
de meus males terríveis; foi ele!
Mas fui eu quem vazou os meus olhos.
Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz!
Para que serviriam meus olhos
quando nada me resta de bom
para ver? Para que serviriam?

CORO
Nada dizes além da verdade.

ÉDIPO
Que haveria de olhar ou amar?
Que palavras ainda ouviria
com prazer, meus amigos? Nenhuma!
Só me resta pedir-vos: levai-me
para longe daqui sem demora.
Eu vos peço: levai, meus amigos,

o maldito, motivo de horror,
odiado por deuses e homens!

CORIFEU
Quantos motivos tens para lamentações!
São grandes os teus males e inda sofres mais
por teres a noção de sua enormidade.
Ah! Se eu jamais te houvesse conhecido, Édipo!

ÉDIPO
Por que vive esse homem que outrora
num recanto deserto livrou
os meus pés das amarras atrozes
e salvou-me da morte somente
para ser infeliz como sou?
Se eu tivesse morrido mais cedo
não seria o motivo odioso
de aflição para meus companheiros
e também para mim nesta hora!

CORIFEU
Essa é também a minha opinião sincera.

ÉDIPO
E jamais eu seria assassino
de meu pai e não desposaria
a mulher que me pôs neste mundo.
Mas os deuses desprezam-me agora
por ser filho de seres impuros
e porque fecundei - miserável! -
as entranhas de onde saí!
Se há desgraça pior que a desgraça,
ela veio atingir-me, a mim, Édipo!

CORIFEU
Não sei como justificar tua atitude.
Talvez fosse melhor morrer que viver cego.

ÉDIPO
Não tentes demonstrar que eu poderia agir
talvez de outra maneira, com maior acerto.
Não quero teus conselhos. Como encararia
meu pai no outro mundo, ou minha mãe, infeliz,
depois de contra ambos perpetrar tais crimes
que nem se me enforcassem eu os pagaria?
Teria eu algum prazer vendo o semblante
dos pobres filhos meus, nascidos como foram?
Não, certamente já não poderia vê-los,
nem a minha cidade, nem seus baluartes,
nem as imagens sacrossantas de seus deuses,

eu, o mais infeliz entre os desventurados!
Após haver vivido em Tebas a existência
mais gloriosa e bela eu mesmo me proibi
de continuar a usufruí-la ao ordenar
que todos repelissem o maldito ser,
impuro para os deuses, da raça de Laio.
Depois de ter conhecimento dessa mácula
que pesa sobre mim, eu poderia ver
meu povo sem baixar os olhos? Não! E mais:
se houvesse ainda um meio de impedir os sons
de me chegarem aos ouvidos eu teria
privado meu sofrido corpo da audição
a fim de nada mais ouvir e nada ver,
pois é um alívio ter o espírito insensível
à causa de tão grandes males, meus amigos.

Pausa.

Ah! Citéron! Por que tu me acolheste um dia?
Por que não me mataste? Assim eu não teria
jamais mostrado aos homens todos quem eu sou!
Ah! Pôlibo e Corinto! Ah! Palácio antigo
que já chamei de casa de meus pais! Que nódoas
maculam hoje aquele que vos parecia
outrora bom e tantos males ocultava!…
Pois hoje sou um criminoso, um ser gerado
por criminosos como todos podem ver.
Ah! Tripla encruzilhada, vales sombreados,
florestas de carvalhos, ásperos caminhos,
vós que bebestes o meu sangue, derramado
por minhas próprias mãos - o sangue de meu pai -
ainda tendes a lembrança desses crimes
com que vos conspurquei? Pois outros cometi
depois. Ah! Himeneu! Deste-me a existência
e como se isso não bastasse inda fizeste
a mesma sementeira germinar de novo!
Mostraste ao mundo um pai irmão dos próprios filhos,
filhos-irmãos do próprio pai, esposa e mãe
de um mesmo homem, as torpezas mais terríveis
que alguém consiga imaginar. Mostraste-as todas!

Pausa.

Mas vamos logo, pois não se deve falar
no que é indecoroso de fazer. Levai-me!
Depressa, amigos! Ocultai-me sem demora
longe daqui, bem longe, não importa onde;
matai-me ou atirai-me ao mar em um lugar
onde jamais seja possível encontrar-me!
Aproximai-vos e não tenhais nojo, amigos,

de pôr as vossas mãos em mim, um miserável.
Crede-me! Nada receeis! Meu infortúnio
é tanto que somente eu, e mais ninguém,
serei capaz de suportá-lo nesta vida!

Entra CREONTE.

CORIFEU
Para atender ao teu pedido e aconselhar-te
chega Creonte em boa hora; ele tornou-se
o único guardião de Tebas, sucedendo-te.

ÉDIPO
Que poderia eu dizer-lhe e esperar dele?
Antes fui por demais injusto com Creonte.

CREONTE
Não vim até aqui para insultar-te, Édipo,
nem para censurar teus erros no passado.
Mas vós, homens de Tebas, se não respeitais
as gerações dos homens, reverenciai
ao menos esta luz do sol, nutriz de tudo.
Sede mais recatados; não queirais mostrar
assim sem véus este ente impuro, tão impuro
que nem a terra, nem a chuva abençoada,
nem mesmo a luz agora poderão tocar.
Levai-o logo até o palácio; é sobretudo
aos consanguíneos, só a eles, que as desditas
de seus parentes, tanto vistas como ouvidas,
inspiram piedade. Não deveis tardar!

ÉDIPO
Escuta-me, Creonte, pelos deuses peço-te,
a ti, que, contrariando a minha expectativa,
te mostras bom para com este criminoso
pior que todos: é no teu próprio interesse,
e não no meu, que antes de ir quero falar.

CREONTE
E que pretendes conseguir de mim ainda?

ÉDIPO
Lança-me fora desta terra bem depressa,
em um lugar onde jamais me seja dado
falar a ser humano algum e ser ouvido.

CREONTE
Eu já teria satisfeito o teu desejo
se não quisesse antes indagar do deus
qual deve ser minha conduta nesta hora.

ÉDIPO
Mas o divino mandamento é conhecido:
mate-se o parricida, mate-se o impuro!

CREONTE
Sim, isso já foi dito, mas nesta emergência
convém saber exatamente o que fazer.

ÉDIPO
Consultarás então o oráculo a propósito
de um miserável como eu? Será preciso?

CREONTE
E desta vez crerás em suas predições.

ÉDIPO
Suplico-te além disso que tu mesmo cuides
de um funeral conveniente à infeliz
inda insepulta no palácio; cumprirás
apenas um dever, pois ela tem teu sangue.
Jamais permitas, quanto a mim, que eu inda habite
a terra de meus ancestrais; deixa-me antes
viver lá nas montanhas, lá no Citéron,
a pátria triste que meus pais me destinaram
para imutável túmulo quando nasci;
assim eu morrerei onde eles desejaram.
Há uma coisa, aliás, que tenho como certa:
não chegarei ao fim da vida por doença
nem males semelhantes, pois se me salvei
da morte foi para desgraças horrorosas.
Mas siga então seu curso meu destino trágico,
qualquer que seja ele. Quanto aos filhos meus
varões, não devem preocupar-te, pois são homens;
onde estiverem não carecerão jamais
de nada para subsistir; mas minhas filhas
tão infelizes, dignas de tanta piedade,
que partilharam de minha abundante mesa,
e cujas mãos eu dirigi aos pratos próprios,
zela por elas, peço-te por tudo, e deixa-me
tocá-las uma vez ainda com estas mãos
e deplorar a sua desventura enorme!
Atende-me, Creonte, rei de raça nobre!
Sentindo-as pelo toque destas minhas mãos,
creria que inda as tenho como quando as via.

Ouve-se o choro de crianças nas proximidades.

Que ouço, deuses? Devem ser as minhas filhas,
as minhas duas filhas muito amadas, perto,

chorando! Foi Creonte que se condoeu
e mandou virem as crianças? É verdade?

CREONTE
Foi, sim. Mandei trazê-las. Eu sabia, Édipo,
que a ânsia de revê-las te invadia a alma.

Entram ANTÍGONA e ISMENE, ainda crianças, trazidas por uma criada.

ÉDIPO
Sejas feliz por as deixares vir, Creonte!
Protejam-te os augustos deuses mais que a mim!
Minhas crianças, onde estais? Vinde até mim!
Vinde até minhas mãos… fraternas. Foram elas
- estas mãos - que privaram meus olhos da luz,
olhos outrora brilhantes de vosso pai!
Eu nada via então, desconhecia tudo,
minhas pobres crianças, e vos engendrei
no ventre de onde eu mesmo antes saíra! Choro!
Choro por vós, pois já não posso contemplar-vos,
pensando nas inumeráveis amarguras
que ides suportar ao longo desta vida.
A que assembleias dos tebanos, a que festas
ireis sem regressar ao lar antes da hora,
chorando lágrimas sem conta? E quando houverdes
chegado à idade florescente do himeneu,
quem, minhas filhas, quem terá a ousadia
de carregar convosco todas as torpezas
que serão sempre a maldição de minha raça
e da que nascerá de vós? Que falta agora
à vossa desventura? Vosso pai matou
seu próprio pai e desposou a própria mãe,
de quem ele nasceu, e vos gerou depois
nas entranhas onde há mais tempo foi gerado!
Eis as injúrias que sempre tereis de ouvir!
E quem vos há de desposar? Quem, minhas filhas?
Ninguém! Ninguém, crianças, e definhareis
estéreis e na solidão! E tu, Creonte,
que agora és pai - apenas tu - destas crianças,
pois a mãe delas e eu nada mais somos, ouve:
não abandones estas criaturas frágeis,
do mesmo sangue teu, à sua própria sorte!
Esperam-nas sem ti a fome e a mendicância.
Não lhes imponhas uma vida igual à minha.
Tem piedade delas, vendo-as, nesta idade,
privadas de qualquer apoio, salvo o teu:
faze um sinal de assentimento, homem bom!
Sê generoso! Toca-me com tua mão![66]

CREONTE atende ao pedido de ÉDIPO.

E vós, minhas crianças, se já possuísseis
entendimento eu vos daria um só conselho:
apenas desejai, onde estiverdes, filhas,
viver uma existência mais feliz que a minha!

CREONTE
Já choraste demais. Volta agora ao palácio, infeliz.

ÉDIPO
Tuas ordens são desagradáveis, mas devo segui-las.

CREONTE
Ages bem. Tudo é bom quando é feito na hora oportuna.

ÉDIPO
Por acaso já sabes em que condições eu irei?
CREONTE
Só depois de tu mesmo as dizeres poderei sabê-las.

ÉDIPO
Deverás afastar-me de Tebas, Creonte, exilando-me.

CREONTE
Só o deus poderá decidir quanto ao teu banimento.

ÉDIPO
Mas os deuses me odeiam!

CREONTE
Talvez ouvirão teu pedido.

ÉDIPO
És sincero, Creonte?

CREONTE
Só falo depois de pensar.

ÉDIPO
Então leva-me!

CREONTE
Vamos depressa! Libera as crianças.

ÉDIPO
Não as tires de mim, por favor!

CREONTE
Não pretendas mandar.
Teu poder de outros tempos agora deixou de existir.

ÉDIPO, conduzido por CREONTE, encaminha-se lentamente para o palácio, seguido a certa distância pelas filhas e pela criada.

CORIFEU
Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!
Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;
ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes
em seus dias passados de prosperidade invulgar.
Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu!
Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade
antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante
sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!

FIM

NOTAS AO *ÉDIPO REI*

1. *Cadmo*: fundador de Tebas, cidade principal da Boiotia (Beócia), região do sudeste da Grécia.

2. *Ramos trançados em coroas*: insígnias dos suplicantes.

3. *Palas*: um dos nomes de Atena, deusa da mitologia grega.

4. *Deus Ismênio*: Apolo, deus da mitologia grega, patrono dos oráculos.

5. *A divindade portadora do flagelo*: Ares, deus da mitologia grega (veja-se a nota 18).

6. *Hades*: a região subterrânea para onde iam os mortos segundo as crenças dos antigos gregos, e também o deus maior do mundo dos mortos.

7. *Cruel cantora*: a Esfinge, monstro fabuloso com cabeça e busto de mulher, corpo de leoa, cauda em forma de serpente, asas de ave, garras de leoa e voz humana. Fixara-se nas vizinhanças de Tebas e mantinha toda a região alarmada por causa dos enigmas que cantava, devorando quem não os decifrasse. Um oráculo declarara que a Esfinge se destruiria a si própria no dia em que seus enigmas fossem decifrados. Um deles era: "que animal anda com quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três à tarde?". Diante da situação calamitosa criada pelos enigmas da Esfinge, Creonte, que em consequência da morte de Laio detinha o poder em Tebas, teria prometido o trono e sua irmã Jocasta (viúva de Laio) em casamento a quem livrasse a região do monstro, decifrando-lhe os enigmas. Édipo teria conseguido vencer a Esfinge, respondendo que o animal aludido no enigma transcrito acima era o homem que na infância (manhã da vida) usava as mãos e os pés para engatinhar; depois (meio-dia) usava os pés, e na velhice (tarde) tinha de recorrer a um bordão para poder caminhar.

8. *Por mim mesmo*: os espectadores atenienses deviam sentir, nesse "por mim mesmo" aparentemente inocente, um primeiro toque da ironia trágica habilmente manejada por Sófocles, pois o que Édipo dizia (talvez por mero formalismo) aplicava-se na realidade mais a ele, que muito haveria de chorar por seus próprios infortúnios.

9. *Santuário pítico do augusto Febo*: nome antigo de Delfos, cidade em que ficava o famoso templo e oráculo de Apolo, era Pito. Febo era um dos epítetos de Apolo (Phoibos = luminoso).

10. *Bagas de loureiro*: o templo de Apolo em Delfos ficava num bosque de loureiros. Os consulentes do oráculo coroavam-se com um ramo de loureiro carregado de bagas.

11. *O deus*: Apolo, que ordenara a punição do culpado.

12. *Doces palavras*: O oráculo. Embora o deus dos oráculos fosse Apolo, atribuía-se a Zeus, o deus maior da mitologia grega, a inspiração, em última instância, da comunicação entre os deuses e os mortais.

13. *Deus salutar de Delos*: Apolo, que teria nascido em Delos (uma das ilhas Cíclades), onde possuía um templo. Apolo era cultuado no templo de Delos, considerado por alguns uma das sete maravilhas do mundo antigo, sob o epíteto de *Paian*, cujo significado é Salvador (aquele que cura os males físicos).

14. *Filha da esperança áurea, voz imortal*: a pitonisa, que proferia os oráculos no templo de Apolo em Delfos (antiga Pito; veja-se a nota 9).

15. *Ártemis*: deusa da caça da mitologia grega.

16. *Deus crepuscular*: Hades, deus dos mortos e, por extensão, o lugar para onde iam os mortos (veja-se a nota 6).

17. *Filha rutilante*: Ártemis, guardiã de Tebas (veja-se o verso 198).

18. *Ares*: deus da destruição, seja pela guerra, seja por outras calamidades.

19. *Sem o bronze dos escudos*: sem que houvesse guerra.

20. *Leito imenso de Anfitrite*: Anfitrite era uma das Nereides (divindades dos mares), exercendo seu domínio sobre o atual Oceano Atlântico, que é o *leito imenso de Anfitrite*.

21. *Mar Trácio*: mar situado na parte oriental do Mediterrâneo.

22. *Montes lícios*: da Lícia, região da Ásia Menor, preferida por Ártemis, para suas caçadas.

23. *Baco*: divindade das mais antigas da mitologia grega, especialmente cultuada em Tebas. As Mênades eram suas sacerdotisas e o acompanhavam em suas correrias orgiásticas pelas montanhas, que eram seus domínios.

24. *Contra esse deus*: Ares. Veja-se a nota 18.

25. *Cadmeus*: os habitantes de Tebas, descendentes de Cadmos, fundador lendário da cidade. Veja-se a nota 1.

26. *Como por meu pai*: Édipo usa, inconscientemente, uma expressão correspondente à realidade.

27. *Labdácida*: Laio, filho de Lábdaco (veja-se o verso 265).

28. *Polidoro*, *Cadmos*, *Agenor*: antepassados ilustres de Laio, antigos reis de Tebas.

29. *A revelação dos pássaros*: o voo dos pássaros era um dos sinais a que os adivinhos recorriam para seus vaticínios.

30. *Salva-me a mim também*: a ironia trágica de mais esta frase contrastará com a revelação que o próprio Tirésias irá fazer e que será o primeiro passo para a perdição de Édipo.

31. Tirésias refere-se às imprecações lançadas por Édipo contra o assassino de Laio, ignorando que o criminoso era ele mesmo (vejam-se os versos 277 e seguintes).

32. *Em que a Esfinge lhes propunha enigmas*: literalmente "em que a cadela lhes dizia versos" (veja-se a nota 7). No verso 273: "versos tenebrosos" eram os enigmas da Esfinge.

33. *Inspiração das aves*: veja-se a nota 29.

34. *Sem nada conhecer, eu, Édipo*: no texto original deste verso há uma aliteração, recurso muito usado pelos poetas gregos: *medên eidós Oidípous*.

35. *Loxias*: um dos epítetos de Apolo, significando "oblíquo", em alusão à dubiedade dos oráculos desse deus.

36. *Citéron*: montanha da Boiotia cortada por vales verdejantes, visível de Tebas. Haverá ainda muitas alusões ao Citéron no decurso da tragédia.

37. *A voz fatídica da pedra de Delfos*: a pitonisa do templo de Delfos proferia os oráculos sentada numa pedra.

38. *Fúrias*: em grego *Erínies*, divindades vingadoras dos crimes entre consanguíneos, às vezes chamadas eufemisticamente de Eumênides (Benévolas).

39. *Parnaso*: montanha da região de Fócis (centro-sul da Grécia), uma das mais altas da Europa. Seu cume coberto de neve era visível de Corinto; Delfos, com seu templo e oráculo famosos, ficava situada nas encostas do Parnaso.

40. Â*mago da terra*: por causa do oráculo, Delfos era considerado o centro - o âmago - do mundo.

41. *O adivinho*: Tirésias.

42. *Labdácidas*: veja-se a nota 27.

43. *Descendente de Pôlibo*: ainda se supunha que Édipo fosse realmente filho de

Pôlibo, rei de Corinto.

44. Alusão à Esfinge, vencida por Édipo. Veja-se a nota 7.

45. *Dórica*: da Dóris, região da Grécia próxima da Fócis.

46. *De falar-me*: em consequência das imprecações do próprio Édipo quando, desconhecendo que matara Laio, resolveu descobrir o assassino (vejam-se os versos 264 e seguintes).

47. *À esquerda e à direita*: para observar a direção do voo dos pássaros, indicadora de presságios bons ou maus. Vejam-se as notas 29 e 33.

48. *Centro sacrossanto do mundo*: literalmente "umbigo". Veja-se a nota 40.

49. *Abas*: localidade próxima de Delfos, onde havia outro oráculo.

50. *Olímpia*: cidade situada na Élis, região da Grécia. Nela havia um oráculo de Zeus, também famoso.

51. *Apolo Lício*: "Lício" era um dos epítetos de Apolo.

52. Terminando o verso com "… sua mulher e mãe" e deslocando "dos filhos dele" para o início do verso seguinte, procurou-se conservar o efeito do original onde a sequência das palavras, interrompida por um *enjambement*, dá lugar a uma ambiguidade momentânea, condizente com as verdadeiras relações entre Jocasta e Édipo, ainda desconhecidas a essa altura.

53. *Aos pios das etéreas aves*: o pio das aves tinha significação especial para os adivinhos.

54. O original pressupõe que Édipo (*Oidípous*) seja composto de *oidao* (incho) e *pous* (pés). O nome do herói significaria "pés inchados".

55. *Eis minha mãe*: frase de duplo sentido, que tanto pode referir-se à sorte, de quem Édipo acabara de falar, como a Jocasta, que se retirara havia poucos momentos.

56. Iludido pelas palavras do mensageiro e pelo efeito por elas produzido sobre Édipo, o coro entrega-se a manifestações de alegria nesse hiporquema (parte coral em ritmo vivaz, apropriado à dança que o acompanhava). Sófocles gostava de incluir esses hiporquemas em suas peças para produzir um efeito contraditório, pouco antes da catástrofe (em sentido técnico, "catástrofe" é o ponto da tragédia em que ocorre a reviravolta para pior, na sorte do protagonista). Maurice Croiset, na *Histoire de la littérature grecque*, vol. III, página 274, diz a propósito: "Trata-se de produzir um sentimento efêmero de júbilo, devido quase sempre a um equívoco e, para traduzir essa alegria súbita, sua poesia assume uma leveza de ímpeto que atrai naturalmente a dança." Compare-se: Sófocles, *Traquínias*, versos 205-224.

57. *Olimpo*: montanha elevada na Grécia central, morada dos deuses. Para o Citéron, veja-se a nota 36.

58. *Donzelas de anos incontáveis*: as Ninfas, divindades das florestas, habitantes do Citéron.

59. *Pan*: divindade dos bosques, companheiro das Ninfas.

60. *Hermes*: deus que também amava a vida em contacto com a natureza e procurava a companhia das Ninfas.

61. *Helicon*: montanha na Boiotia, na fronteira da Fócis consagrada às Musas.

62. *Outono*: literalmente "Arcturo", estrela principal da constelação do Boieiro, que marcava a volta do outono.

63. *A virgem misteriosa*: a Esfinge.

64. Ao destruir a Esfínge, Édipo restituíra a tranquilidade aos tebanos, permitindo-lhes cerrar os olhos para dormir.

65. *Istros e Fásis*: Istros era a antiga denominação do Danúbio; o Fásis (atualmente Faoz, na Armênia) desembocava, como o Istros, no mar Negro, e era considerado pelos antigos o maior rio da Ásia.

66. Os espectadores atenienses sabiam que, ao contrário do que pedira Édipo, Creonte mandaria matar Antígona mais tarde, pelo fato de ela querer prestar as honras fúnebres a um de seus irmãos (veja-se a *Antígona*). O conhecimento dessa circunstância devia tornar ainda maior a desgraça de Édipo aos olhos do público ateniense.

Sófocles, *Édipo rei*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 15ª reimpressão, 1989.

As traquínias

Tradução de Maria do Céu Zambuja Fialho

INTRODUÇÃO

O MITO DE HÉRACLES

Héracles, a cuja agonia assiste o espectador de *As traquínias*, era, por demais, conhecido pelo grego do século V a. C., que lhe prestava culto de herói, se acostumara à narrativa (poética ou não) das suas façanhas, invocava a sua proteção contra os flagelos, sob o epíteto de *alexikarkos*, e se habituara ao convívio com a sua figura, tão frequentemente representada na cerâmica helênica de uso doméstico.

Com efeito, grande foi entre os gregos (e posteriormente também entre os romanos) a popularidade do filho de Zeus e do seu ciclo de lendas e trabalhos. Sobre a sua origem, pouco mais podemos que formular hipóteses. Nilsson a faz recuar à época micênica, associando-a ao aparecimento de Zeus e de Hera, de cujo nome parece se ter formado o do herói (*Hera-Klês* - "fama de Hera"). Certo é que Homero já o conhece, bem como a lenda do seu nascimento e dos seus trabalhos. À luta com Hades faz já referência a *Ilíada*, V. 395 e segs., e Atena, em *Il*., VIII, 362 e segs., refere, entre os trabalhos a que Héracles foi submetido por Euristeu, o feito de trazer à luz do sol, com a sua ajuda, o cão dos infernos. Do seu destino final, já a epopeia homérica apresenta variantes - enquanto a *Nekya* da *Odisseia* fala de Héracles a vaguear pelo Hades, com o seu arco e a sua flecha, outros passos o dão vivo no Olimpo como esposo de Hebe.

Segundo a tradição, os trabalhos a que Héracles fora sujeito por seu primo Euristeu, rei de Micenas, a quem servia por desígnio e aversão de Hera, fixou-os Pisandro de Rodes no número de 12, em obra escrita por volta do ano 600 a. C. Cerca de um século depois, aparece a mais antiga representação escultórica desses trabalhos, no número já consagrado, que ornamentava as métopas do templo de Zeus em Olímpia. Observa Burkert que é a partir daquela data que o herói começa a ser representado com a pele de leão, um dos seus atributos.

Das figuras mitológicas representadas na cerâmica, desde bem cedo a de Héracles torna-se uma das preferidas, muitas vezes acompanhado por Atena, algumas vezes em apoteose no Olimpo, mas sobretudo em cenas alusivas a algum dos seus 12 trabalhos, ou mesmo lutando contra outras entidades mitológicas, não incluídas no cânone tradicional dos seus combates. Vários são os monstros marinhos ou fluviais com que se defronta - entre eles Aqueloo. Também a luta com Nesso (que Nilsson considera de um ciclo temático relativamente tardio) e a tentativa do rapto de Dejanira pelo Centauro são registradas pela tradição cerâmica anterior a Sófocles, que também associa ao filho de Zeus e Alcmena as figuras de Ífito e Íole.

Daí podemos concluir que Sófocles aproveitou motivos da lenda, já tradicionais, para construir *As traquínias*. Ele o fez, no entanto, seletivamente, como compete ao artista, e um dos pontos fulcrais dessa seleção é o motivo da destruição e morte do herói. A sua apoteose é voluntariamente ignorada pelo trágico. À versão escolhida - a morte e a sobrevivência no Hades - liga-se o culto de herói, recebido por Héracles; a apoteose representa a deificação do filho de Zeus.

A escolha sofocliana não é, sem dúvida, a mesma das artes figurativas. Com efeito, a cerâmica representa quase sempre o fim apoteótico do herói, a que já nos referimos. Nilsson dá-nos apenas um exemplo de uma *pelike* existente em Boston e datada de 440 a. C., onde o filho de Zeus figura junto a Hades, Perséfone, Hermes e grupos de mortos humanos e de heróis.

Deu, para tal diferença de escolhas, justificação plenamente satisfatória Reinhardt Habel: é que a tragédia pouco tem a ver, pela sua natureza, com a faceta de Héracles dominador e vencedor de perigos, fundamento da segurança humana, e, por isso, motivo adequado a objetos ornamentais ou de uso quotidiano. Em contrapartida, a dimensão trágica do herói vem-lhe da fraqueza da sua condição, apesar do vigor tradicional, da derrota que é a morte ou a loucura do vencedor do sobre-humano. A sua vitória sobre o

Hades é apenas uma derrota adiada. É a essa figura de contradições, em quem a proximidade do divino não altera a natureza finita, que os poetas trágicos recorrem, para lhe conferir uma profundidade trágica, consonante com a mundividência específica de cada um.

CRONOLOGIA DA PEÇA

Não se conhece a data da primeira representação de *As traquínias*. Constitui hoje opinião quase generalizada a sua inclusão no primeiro grupo de peças de Sófocles: *Ájax*, *Antígona* e *Édipo rei*. Webster põe como termo *ante quem* o ano de 431 a. C. Não seremos tão rigorosos, mas notaremos que, tendo sido *Édipo rei* representado por volta de 427-426 a. C., *As traquínias* devem datar de época anterior, mas próxima, pois que flagrantes são as semelhanças de concepção de erro trágico e seu tratamento dramático.

Tanto Dejanira como Édipo descobrem-se como causa inconsciente de males que não só nunca pensaram cometer como tentaram evitar: Édipo, ao fugir de Corinto para evitar a morte do pai e a união com mãe, vai ao encontro do seu destino; Dejanira, para evitar perder Héracles, em função de quem existe, cava a sua ruína total. O processo de revelação da verdade da condição de Édipo e da infidelidade de Héracles para com Dejanira tem algumas afinidades na cena de confronto entre o Mensageiro de Corinto e o Servo de Tebas numa das peças, e o confronto entre o Mensageiro e Licas na outra peça, embora se note de *As traquínias* para *Édipo rei* um aperfeiçoamento desse tipo de cena.

Tanto Édipo como Héracles são levados de um conhecimento fragmentário da verdade, na má compreensão dos oráculos divinos, ao seu reconhecimento profundo por meio da descoberta da sua própria condição. Para tal tem valor dramático decisivo a alusão à encruzilhada dos três caminhos numa das tragédias (*OT*, 716), e ao nome do centauro Nesso na outra (*Trach*., 1141).

PERSONAGENS

Tal como Ájax e Antígona nos dramas do mesmo nome, Dejanira está presente apenas na primeira parte da peça, longa e pouco movimentada, caracterizada pelas suas extensas intervenções, todas elas referenciadas a Héracles. Em contrapartida, na parte final da peça é Héracles quem está presente e domina a cena com a violência da sua dor, das suas alucinações, do seu destino, que evoca num ritmo vivo e agitado, compensando pela intensidade a extensão bastante mais reduzida desse segundo trecho.

Por razões diversas, ambas as personagens aparecem-nos como seres isolados - Dejanira por fatores externos, Héracles por fatores inerentes ao seu próprio caráter e às circunstâncias especiais em que regressa a Tráquis - o que se reflete na própria natureza das suas intervenções, essencialmente monológicas.

Não se encontram em cena; no entanto, a união fatal dos seus dois destinos, aparentemente separados, permite-nos dizer que a ausência de Héracles ou Dejanira

manifesta como que um modo particular da sua presença por intermédio de Dejanira ou Héracles presente.

Desde o prólogo, Dejanira manifesta-se como uma mulher marcada pela ansiedade, a que a rememoração de trabalhos passados e a intervenção das mulheres que a rodeiam - a Ama e o Coro - confere amplitude temporal: frequentemente se vê "desfeita em lágrimas" (v. 50), ou saudosa e cansada de chorar, como uma "ave entristecida" (vv. 103-107). A noite como tempo de angústia é evocada pela rainha e retomada pelo Coro como tempo de solidão.

As justificações dadas por Dejanira para a sua ansiedade introduzem três núcleos informativos: o do seu passado de jovem núbil, requestada por um monstro e salva por Héracles (vv. 9-25) - de importância fundamental para a compreensão dos seus sentimentos por ocasião da chegada de Íole -, da sua vida de sobressalto e isolamento como esposa do filho de Zeus, e um outro motivo impulsionador da ação dramática - o do oráculo deixado por Héracles, que justifica a renovação da sua angústia e que, por sua vez, vai permitir que Hilo seja enviado em busca do pai, assista à entrega do peplo fatal, e possa regressar, ignorando os motivos da ação de sua mãe, para lhe dirigir violentas acusações que a levarão ao suicídio.

Dejanira não é a mulher de grandes decisões, nada tem de Antígona ou de Electra, a não ser a solidão: mas a sua é uma solidão diferente - a da mulher insegura e frágil que vive dependente em exclusivo da figura de Héracles, a quem referencia toda a sua existência, identificando a morte ou a salvação do herói com a sua própria morte ou salvação (vv. 83-85).

Toda a sua iniciativa, todo o seu poder de decisão e ação nascem da contingência de o perder (vv. 79-85; 531-587). É essa experiência aguda de carência amorosa, a que Platão dará o nome de *penia*, que lhe incentiva os meios de a suprir, lhe dá a força da persuasão, a astúcia, *poros*, segundo a terminologia platônica, nessa análise da dialética não ultrapassada que o filósofo fará do *eros* em *O banquete*. Podemos, assim, compreender donde lhe surge a força do seu discurso inflamado sobre o poder do amor, que, sendo sincero, tem como fim persuadir Licas a contar-lhe toda a verdade sobre a relação de Héracles com Íole. A ironia profunda dessas duas palavras é que as leis do amor, como entidade indomável que Dejanira reconhece operante sobre os deuses e sobre os homens, se irão exercer sobre ela mesma de modo imprevisível. Também ela não vai poder contrariar o impulso amoroso que a liga ao filho de Zeus e, como tal, irá usar de um meio com que pensa atrair um Héracles apaixonado por outra; isto é, o próprio Eros a levará a tentar contrariar as leis de Eros.

Somos, assim, levados a um dos pontos mais polêmicos da peça: qual a natureza e o significado das palavras de Dejanira no final do episódio I (vv. 436-469)? Registrar-se-á, entre a compreensão de Dejanira para com a nova ligação amorosa de Héracles e o começo do episódio II, onde comunica a sua decisão de utilizar o filtro, uma mudança de atitude, ou a primeira *rhêsis* tem um caráter dissimulador das suas verdadeiras intenções?...

A última opinião é perfilhada, entre outros, por Reinhardt, que a fundamenta na integração voluntária de Dejanira nas leis universais de Eros e da relação entre realidade e aparência, que rege a esfera do entendimento humano. Embora essa tese tenha a virtude de chamar a atenção para a importância real do reconhecimento de tais leis,

cremos ser de notar a importância maior de outros fatores, tanto mais que o reconhecimento da relação realidade - aparência nesse momento da tragédia, por parte Dejanira entrde Dejanira, só poderia ser ainda bastante limitado e não tão determinante como a chamada *rhêsis* enganadora de Ájax.

Numa posição intermédia entre a de Kirkwood, que crê na sinceridade total de Dejanira, e a de Reinhardt situa-se Gellie, ao admitir uma gradação de ciúme, primeiramente ainda controlável, mas intensificado fora de cena, depois de ouvir a narrativa de Licas, ciúme que teria levado a esposa de Héracles à decisão de utilizar o filtro. Aceitamos essa progressão, aceitamos que o tempo de permanência de Dejanira, sozinha, no palácio, a tenha propiciado, e que um dos motivos tenha sido o paralelismo sentido por Dejanira entre a sua situação na juventude, a quem a beleza apenas trouxe dor (v. 25), e a da jovem cativa, cuja beleza lhe trouxe a sua ruína e a dos seus (vv. 464-467): paralelismo esse que vem depois preparar o confronto expresso nos vv. 547-549. É que, se Íole se encontra agora no vigor da beleza juvenil, a de Dejanira esvai-se já. É de supor, no entanto, que já no final do episódio I a filha de Eneu se disporia a tentar recuperar Héracles, pensando provavelmente no filtro. Toda a *rhêsis* se articula dentro de um objetivo nítido de persuasão de Licas para assim obter a sua narrativa, acrescentando depois argumentos que o exortam a fazê-la - a sua indulgência para com Héracles, para com a cativa e para com Licas, a censura ao engano que Licas teceu, reprovável em si e ineficaz se o repetir, a admoestação para o caso de se negar a contar a verdade - e, finalmente, nova exortação.

Uma vez obtido o conhecimento dos fatos, decide Dejanira preparar ofertas para Héracles, e justifica-se nestes termos ao arauto:

> É necessário retribuir também com ofertas as ofertas recebidas. Tudo isso levarás. Não parece bem voltares de mãos vazias, tendo aqui chegado com tão grande comitiva.
>
> (vv. 494-496)

A ironia amarga que marca essas palavras - tendo em conta que uma das ofertas será o peplo - nos faz pensar que paira já no espírito da rainha a hipótese de tal recurso. Que não a expresse, por enquanto, é compreensível, pois nem Licas nem as cativas são os confidentes ideais de tal projeto.

Embora condicionada por fatores externos, essa ironia é também a expressão íntima de amargura e de solidão de Dejanira, cujo universo é subitamente destruído, nada lhe restando de seguro, nem sequer a veracidade das notícias trazidas, como o evidenciou a cena entre Mensageiro e Arauto.

Não é, assim, o egocentrismo que faz agir essa mulher, como pensa Harsh, mas o próprio império da lei de Eros, como ela reconhece, que, tornando Héracles o polo do seu existir, a incita a reavê-lo. A sua culpa, aos olhos do ateniense do século V, será apenas o recurso ao filtro, que as leis da cidade condenam.

Reconhecido o seu erro trágico, duplamente aniquilado o centro da sua existência num Héracles que morre e a repudia, Dejanira mergulha na noite de todas as noites de angústia que a perseguiram, no silêncio da solidão que a acompanhou e que a envolve ao partir para o palácio, o silêncio que transformara as suas palavras num monólogo e se

torna, agora, a expressão condensada do finito, da incomunicabilidade, da morte no objeto-símbolo da sua dimensão existencial falhada - o tálamo.

Com essa morte livremente assumida e executada no silêncio contrasta a revolta da agonia pública do filho de Zeus. Ao isolamento que perseguiu Dejanira corresponde agora um isolamento que Héracles persegue, como espírito dominador, inacessível, natureza impetuosa e violenta, que as suas dores presentes exacerbam ainda, a ponto de a sua *nosos* física poder-se confundir com *mania* (vv. 784-1030, 1241, etc.)

Não podemos dizer que Hilo consiga representar um interlocutor seu, pois só a custo Héracles o ouve, terrivelmente fechado no seu mundo, na memória dos seus trabalhos, no ódio cego a Dejanira e no seu corpo corroído. A este se dirige, expressão fundamental do seu estar no mundo como dimensão e esforço físico, que agora dele se afasta, se destaca como uma segunda pessoa, criada pela sua subjetividade, porque ameaçada de destruição.

A abertura à situação presente, isto é, as palavras de Hilo como representante dessa mesma situação, só a referência a Nesso, outra das figuras do seu passado heroico, a permite. Sobre Dejanira nada mais dirá, votando-a ao silêncio que por ela foi assumido. Técnica dramática também utilizada em *Édipo rei*, esta alusão a um dado, aparentemente esquecido por uma das figuras principais, desencadeia um processo interno de rápida compreensão dos fatos, que é, ao mesmo tempo, reconhecimento parcial ou total da situação do herói. Revelação de mundo é, assim, revelação da natureza trágica de Héracles; revelação do erro de Dejanira é revelação do erro da interpretação dos oráculos pelo filho de Zeus e, simultaneamente, da força universal e atuante, representada pelos oráculos e pela sua má compreensão, que rege o destino humano.

A figura de Héracles em *As traquínias* não é, por conseguinte, a do filho de Zeus votado à apoteose, como alguns pretendem, mas a do herói que, apesar da sua filiação divina, se reconhece finalmente como sujeito às leis da finitude humana, na situação-limite da sua destruição física e da consciência do seu erro de intérprete do divino. É a figura de tensões não conciliadas entre homem e deus, conforme Nilsson a interpreta na tradição helênica, que a tragédia explora, nomeadamente a sofocliana.

A força motriz que desencadeia o processo da catástrofe-reconhecimento é Eros, tal como Dejanira o reconhece na sua *rhêsis*. O seu império sobre deuses e homens é idêntico, mas, como força viva, Eros, ao imperar, diferencia e, diferenciando, revela simultaneamente a natureza dos diferenciados: os deuses que existem, imortais, para além da contingência dos próprios filhos que geram, que permanecem "imóveis" - uma forma de Hilo sentir o peso dessa diferença (v. 1269) -, e os homens que na mesma força erótica (se) revelam (n)a sua natureza finita. Por esse Eros venceu Héracles, Aqueloo e Nesso, por ele destruiu a cidade de Íole e por ele vem a perecer, monstrando-se, assim, nessa mesma existência erótica que os separa e une, a relação profunda entre os destinos de Dejanira e de Héracles.

Das personagens menores da peça podemos dizer que têm apenas uma função dramática. Hilo representa a presença de Héracles perante Dejanira e desta perante Héracles. É ele quem, saindo em busca do pai, regressa para levar a mãe ao reconhecimento da dimensão do seu erro e, assim, desencadear a sua morte.

As duas intervenções da Ama têm, respectivamente, a função de sublinhar o isolamento de Dejanira e aconselhá-la à partida de Hilo, no prólogo, e de dar a conhecer ao espectador, no episódio IV, a morte de Dejanira e a reação de Hilo ao tomar conhecimento do erro da mãe. Esse relato prepara o espectador, por sua vez, para a defesa que Hilo irá tomar da rainha perante Héracles.

Quanto ao Mensageiro e a Licas, o arauto, podemos ver neles o tipo do homem vulgar que nos aparece noutras tragédias do mesmo autor. O primeiro corre a contar a verdade para obter algum provento; o segundo apressa-se a contar a mentira porque receia as consequências de um relato dos fatos.

Essas duas figuras e a tensão provocada pelo seu confronto em cena irão ser magistralmente desenvolvidas por Sófocles no diálogo a três de *Édipo rei*, entre Édipo, o Mensageiro de Corinto e o Servo. Essa tensão permanece em *As traquínias* ainda atenuada pela pouca maleabilidade na articulação de um diálogo entre três personagens presentes em cena; o seu efeito, como já referimos e foi notado por Gellie, é o de sublinhar e adensar o isolamento e a incerteza de Dejanira, para quem as próprias notícias não são seguras. O relato mentiroso de Licas, podemos ver que é confuso e essencialmente omisso, mas, comparando-o com o do Mensageiro, concluímos que não há, na técnica de exposição, diferenças estilísticas fundamentais entre revelação da verdade e construção da mentira.

Vejamos, finalmente, qual a natureza e as funções do Coro que, conforme Aristóteles afirma, é uma das personagens da tragédia.

Constituído por um grupo de mulheres de Tráquis, as traquínias, é dele que deriva o nome da peça. A sua natureza feminina permite que se torne o confidente de Dejanira e companheiro do seu tempo de espera e solidão, com ela partilhando atitudes e sentimentos provocados pelos fatos.

A primeira intervenção lírica confere, justamente, amplitude à solidão confessada por Dejanira como esposa de Héracles, tendo, assim, o mesmo caráter que as primeiras palavras da Ama. O tema dos ciclos alternados de tristeza e felicidade com que a heroína iniciara a sua primeira fala na peça retoma-o o Coro à maneira de exortação de esperança dirigida à rainha, alegando que, se a existência humana é formada por opostos alternantes, forçoso é que quem conheceu a desgraça venha um dia a conhecer a fortuna (vv. 122-140). A chegada do Mensageiro, no episódio seguinte, parece confirmar essas palavras, e, por isso, o Coro expressa, num agitado ritmo, o seu júbilo. No entanto, os acontecimentos mostrarão a ironia do párodo: é que o ritmo existencial enunciado pelo Coro não engloba a filha de Eneu.

Às palavras de Dejanira sobre o império do amor (vv. 441-444), corresponde o estásimo I, em que o poder de Cípris é celebrado - é ela quem vence e ilude os deuses (vv. 497-502), é ela quem impele Héracles ao combate com os monstros pela posse de Dejanira (vv. 503-524). A jovem ansiosa que, pela vitória do amado, abandonará seus pais evocara-a Dejanira no prólogo e dela se recorda ao ver Íole. Esse paralelismo, fundamental nesse ponto da peça, nascera já no espírito da rainha e leva-a a uma comparação mais profunda e dramática da juventude de Íole com a sua própria decadência.

A ansiedade que marca o episódio II, em que Dejanira aguarda Héracles e o efeito surtido pelo filtro, expressa-o o Coro no estásimo seguinte (2ª antístrofe), embora com

mais otimismo que a esposa. Traduz um júbilo não minorado ainda, exortando os habitantes da região do golfo Malíaco a celebrar o regresso definitivo do filho de Zeus e o final dos seus trabalhos.

Com o estásimo I contrasta o estásimo III: ambos cantam a força de Cípris, mas a deusa que impele à luta e à conquista é agora revelada como a deusa que engana e destrói. A vinda de Íole nada mais é que a expressão da força operante e mortífera de Cípris que move Dejanira à destruição de Héracles, de um Héracles que, através de uma força amorosa que o afeta e aniquila, vê revelada a verdade dos oráculos divinos. Os monstros do passado voltam agora como sombras vingadoras (1ª estrofe e antístrofe).

A morte de Dejanira é conhecida através do relato da Ama, possibilitado e desenvolvido pela presença e intervenção desse mesmo Coro que vai equilibrar e igualar ambas as catástrofes - a de Dejanira e a de Héracles - no estásimo IV. Essa pequena ode, com uma tensão dramática menor que a da anterior, tem como função essencial articular a morte de Dejanira com a vinda de Héracles, que prepara. O êxodo é caracterizado pelo silêncio quase total das mulheres de Tráquis, a quem o herói não se dirige uma só vez.

O Coro é, assim, marcado por uma profunda dependência da figura de Dejanira, cujos sentimentos e perspectivas espelha. Podemos dizer que algumas odes representam quase o prolongamento lírico das disposições da filha de Eneu.

Das personagens que nesta peça encontram Dejanira e Héracles, o Coro é a única que não representa perante a rainha o filho de Zeus ausente. É que não saiu nem vai sair da sua terra, mas, antes, essas mulheres, que representam o desterro e a solidão de outra mulher, em Tráquis, aguardam Héracles em função e por meio de Dejanira. Por isso interpretam e dão voz ao seu conflito íntimo. O silêncio a que são votadas por Héracles participa ainda do próprio silêncio caído sobre Dejanira. São agora o testemunho mudo, a própria presença da paisagem, por meio dos seus habitantes, a assistir aos fatos inusitados que um dia ocorreram na terra das traquínias.

SENTIDO DA PEÇA

A atenção votada às figuras de Héracles e Dejanira levou-nos já, inevitavelmente, à meditação sobre o sentido da peça, pois que todo o drama é ação humana, e, apenas agindo, o homem se conhece e se define.

Como vimos, não é possível, nesta peça, considerar uma, mas duas figuras, unidas profundamente por um destino que só na aparência é autônomo e as separa. Aceitamos, assim, a opinião de Gellie, ao dizer que a tônica está posta na relação e não na individualidade. Essa relação se chama, na peça, Eros ou Cípris e é reconhecida quer por Dejanira, quer pelo Coro, espectador da totalidade da ação.

É, de fato, a força erótica, manifestada como carência, a raiz profunda que move Dejanira em busca de Héracles e lhe estimula o engenho - quer da persuasão, quer do recurso ao filtro, fruto também de uma situação erótica do passado que atingiu Nesso e moveu Héracles ao combate com o Centauro. A realização não encontrada no falhar do seu projeto representa a finitude latente no agir do homem, que Dejanira irá assumir como morte. Essa é a adesão voluntária ao seu destino último, no momento em que o seu isolamento atinge o clímax na perda afetiva e na destruição física do seu referente - Héracles -, e na própria incompreensão do seu agir, que é tido por Hilo como criminoso.

Mas, por sua vez, a presença de Íole representa já a dimensão erótica de Héracles, movido pelo amor a destruir cidades, como outrora o tinha sido a destruir monstros (cf. vv. 352-355 e 507-516). É essa força, que o afasta agora de Dejanira, que o levará ao encontro da morte, por meio de um testemunho da mesma força que outrora o impelira para a filha de Eneu - o filtro. O passado alia-se agora ao presente para formar com ele um todo, um tempo mais profundo que ilumina a natureza humana, o *ecce* da sua finitude, por meio do amor como experiência originária e dinâmica de práxis.

No entanto, para além da experiência-limite da finitude humana, as personagens são levadas a um reconhecimento mais claro e profundo da sua situação e da sua natureza. É que à destruição sob o poder de Eros se alia a voz dos deuses por intermédio dos oráculos de Zeus. É Dejanira quem, pela primeira vez, alude a um oráculo apresentado sob a forma de alternativa: Héracles encontrará agora o seu fim, ou viverá isento de penas (vv. 79-81). Os acontecimentos irão mostrar que alternativa é aparente e reside, por certo, na interpretação dada ao oráculo, e participada a sua esposa, pelo filho de Zeus. A referência ao nome de Nesso (v.1141) possibilita a Héracles, no seu fim, a compreensão imediata dos oráculos, antes malcompreendidos. À experiência da finitude na morte causada ou sofrida alia-se, assim, o reconhecimento das leis divinas e da limitação do conhecimento humano.

A autoconsciência das personagens evolui, pois, na apreensão das leis universais - expressas como voz dos deuses - por meio de uma situação de sofrimento, em que progridem do erro para a verdade. Como diz Hans Diller, o deus fala consoante a linguagem do seu saber, e o homem entende conforme as limitações do seu entendimento, sem que o erro do seu conhecimento limitado se possa atribuir à responsabilidade divina.

AS TRAQUÍNIAS

PERSONAGENS DO DRAMA

Dejanira
Ama
Hilo
Coro das traquínias
Mensageiro
Licas
Héracles
Ancião

PRÓLOGO

Diante da porta do palácio estão Dejanira e a Ama.

DEJANIRA

Há uma sentença antiga entre os homens que afirma não poder a vida humana, até que a morte venha, ser tida como feliz ou infortunada, mas aquela que eu levo - e mesmo antes de ao Hades descer - sei bem que é infeliz e pesada. Quando eu vivia no palácio de meu pai, Eneu, em Plêuron, um doloroso pavor das núpcias assaltou-me, como a mulher alguma da Etólia. Meu pretendente era um rio, de nome Aqueloo, que sob três formas diferentes me vinha pedir a meu pai: ora se apresentava sob o aspecto de um touro, ora de uma serpente de espirais multicores, ora de um ser humano com cabeça taurina: das suas faces de barba espessa brotavam jorros de água viva. Na expectativa de tal pretendente, eu, triste de mim, ansiava pela morte antes que de um tal leito me aproximasse.

Mas, tempos depois, para meu júbilo, chegou o ilustre filho de Zeus e Alcmena, que entra em luta com o monstro e dele me liberta. Como decorreu o combate, não poderia dizê-lo, pois não sei; mas aquele que tiver assistido, intrépido, a esse espetáculo, poderá falar. Quanto a mim, quedava-me paralisada pelo terror de que a minha beleza viesse algum dia a me trazer sofrimentos. Porém, um desenlace propício nos ofereceu Zeus, senhor dos combates - se acaso propício foi.

Escolhida para com Héracles compartilhar o leito, vou alimentando receio após receio, temendo por ele. Uma noite traz consigo uma pena que a noite seguinte afasta para trazer uma nova. Os filhos que geramos, ele os vê como um lavrador que, tomando um campo distante, o contempla uma só vez ao semeá-lo e uma outra no tempo das colheitas. A tal vida - de regresso a casa e de casa partindo - via-se o meu esposo compelido, sempre ao serviço de alguém.

Agora, todavia, que superou esses trabalhos, é que eu atinjo exatamente o auge do temor. Desde que ele tirou a vida ao robusto Ífito, exilados, habitamos em casa de um estrangeiro, nessa terra de Tráquis. Mas onde Héracles se encontra agora, ninguém o sabe. Quanto a mim, sei apenas que de uma dor penetrante me invade a sua ausência, e quase tenho a certeza que alguma desgraça o atinge: é que um prazo já não escasso - dez meses, após outros cinco - decorre sem notícias suas. Há, decerto, qualquer terrível desgraça: ele confiou-me, ao partir, uma tabuinha especial. Aos deuses rogo, sem cessar, que a sua posse não me traga algum desgosto.

AMA

Dejanira, minha ama, muitas são já as vezes que te vejo desfeita em lágrimas e gemidos, chorando a ausência de Héracles. Agora, porém, se é lícito chamar à razão homens livres por meio de conselhos de escravo, necessário torna-se, pois, que eu te fale das tuas aflições. Como é que tu, com tantos filhos como os teus, não envias então um deles à procura do teu esposo? E não é Hilo o mais indicado, se o inquieta saber se o pai está bem?

Avista Hilo que vem a caminho do palácio.

Mas é ele justamente quem se aproxima e se apressa a entrar no palácio. Desse modo, se te parecerem oportunas as minhas palavras, podes recorrer a ele, usando os meus conselhos.

DEJANIRA *chamando Hilo*

Filho, meu filho, também os homens de baixa estirpe proferem sensatas palavras: esta mulher, uma escrava, acaba de dar conselhos que são dignos de gente livre.

HILO

Que disse ela? Esclarece-me tu, mãe, se acaso o podes fazer.

DEJANIRA

Que, sendo já tão longa a ausência de teu pai, se torna desonroso para ti não tentares saber onde se encontra ele.

HILO

Mas eu o sei, se os rumores algum crédito oferecem.

DEJANIRA

E em que região, meu filho, ouviste dizer que permanece?

HILO

Ao longo de todo o ano passado dizem que suportou a servidão imposta por uma mulher da Lídia.

DEJANIRA

Então, tudo é possível ouvir, se até essa afronta sofreu!

HILO

Mas já se libertou desse jugo, segundo ouvi contar.

DEJANIRA

E, vivo ou morto, onde consta que se encontra agora?

HILO

Dizem que procede à invasão da Eubeia, da cidade de Êurito - ou que ela ainda se prepara.

DEJANIRA

Sabes com certeza, ó filho, uns oráculos dignos de confiança que sobre essa mesma região me deixou.

HILO

Que oráculos, mãe? Desconheço o assunto que falas.

DEJANIRA

Que estaria prestes a alcançar o fim da sua vida ou então, no caso de levar a bom termo esse trabalho, viveria depois feliz o resto de sua existência.

Não partes então, meu filho, para a teu pai te reunires num passo tão crítico? No momento em que nos salvamos com a sua salvação ou com ele juntamente sucumbimos?

HILO

Sim, mãe, vou partir; e se conhecesse o teor desses oráculos, mais cedo teria partido. No entanto, pelo que acabo de saber, nada negligenciarei para conseguir informação completa da verdade dos fatos.

DEJANIRA

Vai então, meu filho; as justas empresas trazem vantagem, mesmo para quem as inicia tarde.

Hilo parte.

PÁRODO

Ó tu, a quem a noite cintilante em agonia — 1ª estr.
gera, para depois adormecer teu brilho,
Hélio, Hélio, eu te suplico:
diz-me onde se encontra
qual, qual é a morada do filho
de Alcmena, ó luminar de brilho inflamado!
São os estreitos marinhos que o retêm?
Ou algum dos dois continentes?
Diz-me tu, pois ninguém supera o teu olhar!

Ansioso vejo sempre o coração de Dejanira — 1ª ant.
A que foi centro de antigas disputas
é agora uma ave entristecida
que nunca adormece a saudade
nem os olhos cansados de lágrimas.
Constante é o receio que a ausência do esposo
lhe alimenta; e no medo e na solidão
do tálamo definha, na expectativa
de uma ruinosa e funesta sorte.

Como as vagas sem fim — 2ª estr.
que alguém, no mar imenso,
vê passar e vir de novo, surgindo
ao sopro contínuo do Noto e do Bóreas,
assim, ao filho de Cadmo,
ora o abatem ora elevam
os trabalhos da existência,
como no mar de Creta. Mas um deus
sempre o afasta das portas
infalíveis do Hades.

Esta censura eu te faço — 2ª ant.

com respeito, e te aconselho:
necessário é que não deixes
esvair-se a doce esperança.
Nem o Crônida, senhor que tudo ordena,
aos mortais atribuiu
vida isenta de aflição;
mas dores e alegrias para todos
vão surgindo nesta roda, como a Ursa
no seu giro circular.

Nada é, para os homens, duradouro: ep.
nem a noite cintilante, nem a dor,
nem a riqueza. Em breve
tudo parte, e a outro homem
chega a vez de se alegrar e se abater.
Por isso te aconselho, ó soberana, que guardes
sempre com esperança estas verdades; quando foi
que alguém viu Zeus abandonar assim seus filhos?

EPISÓDIO I

DEJANIRA *para o Coro*

É por te aperceberes da minha angústia que, segundo penso, aqui te encontras. Mas o que sente o meu coração torturado, que não o aprendas tu pelo sofrimento, que agora és disso inexperiente. É que a juventude cresce em regiões que a ela pertencem, onde nem o calor do astro, nem a chuva, nem os ventos a perturbam: é no prazer e isenta de dor que a sua existência decorre, até que a donzela toma o nome de mulher e recebe, na noite, o seu quinhão de cuidados. Passa então a temer pelo esposo e pelos filhos. Pode ela aí compreender, vendo a sua própria situação, como estes males me oprimem.

Muitas são já as penas que me fizeram chorar, mas de uma, como jamais tive, te vou falar agora. Quando o príncipe Héracles partiu desta casa para a sua última jornada, deixou então no palácio uma antiga tabuinha onde havia assentado disposições suas; nunca antes considerara necessário indicá-las, ao sair para os seus inúmeros combates, uma vez que caminhava para a vitória e não para a morte. Dessa vez, no entanto, designou, como se já não estivesse vivo, quais dos seus bens me caberia receber como esposa e que parte do patrimônio de terras caberia em sorte aos filhos. Estipulou também um prazo de antemão: decorrido um ano e três meses, a partir do dia em que se ausentou desta terra, forçoso era que encontrasse a hora da sua morte ou que, escapando-lhe, porventura, vivesse, a partir de então, e até o fim, uma existência isenta de dor.

Afirmou que o cumprimento de tais fatos era a expressão da vontade divina e marcaria o fim dos trabalhos de Héracles, e que tal revelação a ouvira do antiquíssimo carvalho de Dodona, por intermédio de duas sacerdotisas.

Pois da veracidade destas palavras chegou agora o tempo de confirmar se é necessário que se cumpram; de tal modo que, mesmo no sono mais doce, me apavoro e salto do leito aterrada, amigas, pela ideia de ficar privada do melhor de todos os mortais.

CORO

Afasta esses maus presságios, que eu vejo avançar nesta direção um homem de cabeça coroada, graças às novas de que é portador.

Aproxima-se o Mensageiro, trazendo na cabeça uma coroa de louro.

MENSAGEIRO

Dejanira, minha ama, sou eu o primeiro dos mensageiros a vir libertar-te da ansiedade: fica sabendo que o filho de Alcmena está vivo e triunfante, e transporta consigo troféus da batalha para os deuses desta terra.

DEJANIRA

Que dizes, ancião? Que me contas?

MENSAGEIRO

Que em breve há de chegar ao palácio o teu esposo tão desejado, no brilho do seu poder triunfante.

DEJANIRA

E por quem soubeste o que dizes: por um cidadão ou por um estranho?

MENSAGEIRO

É Licas, o arauto, quem o apregoa à multidão no prado onde pastam as nossas vacas. Então eu, ao ouvi-lo, corri para ser o primeiro a anunciar-te estas novas e obter de ti algum provento, conseguindo as tuas boas graças.

DEJANIRA

Mas por que está ele ausente, se a sorte lhe é propícia?

MENSAGEIRO

Não lhe é assim tão fácil vir, senhora. Todo o povo de Mális o cerca, o interroga e ele não pode avançar. Cada qual pretende saciar o seu desejo de saber e não o deixa partir antes de ele ter satisfeito os seus ouvidos. Assim, Héracles encontra-se no meio deles, não por vontade própria, mas dos que o rodeiam. Em breve poderás, no entanto, vê-lo com teus próprios olhos.

DEJANIRA

Ó Zeus, senhor do prado virginal do Eta, agora nos concedes, por fim, o júbilo! E vós, mulheres que estais dentro ou aqui, fora do palácio, erguei o vosso canto: é uma luz inesperada que desta nova me surge e me enche de alegria!

CORO

Que esta casa faça erguer,
junto ao lar, clamores de triunfo e alegria!
Seu esposo chega breve; em uníssono
celebrem os varões o deus da bela aljava,
Apolo, nosso protetor,
enquanto vós um peã,
um peã entoais, donzelas!

Clamai por Ártemis Ortígia,
irmã de Apolo, de veados caçadora, que uma tocha
em cada mão
segura, e pelas Ninfas, suas companheiras.
Transportada sinto-me e não fugirei
ao som da tua flauta, ó senhor da minh'alma!
Vê, como ela já me excita!
Evoé! A hera faz-me entrar agora
na báquica refrega.
Ai, ai Peã!
Vê, vê tu, amiga minha,
o que a teus olhos se oferece
e torna manifesto!

DEJANIRA

Avisto-a já, amigas; nem aos meus olhos vigilantes escaparia esta comitiva. (*Chega Licas, seguido pelas cativas.*) - Eu te saúdo, arauto que tanto custaste a chegar, se contigo boas novas trazes.

LICAS

Decerto que é propícia a minha chegada e propício é também o que tenho para te dizer, senhora, de acordo com o bom termo da empresa; pois aos triunfos de um homem necessário é que um relato condigno os venha compensar.

DEJANIRA

Meu bom amigo! Conta-me primeiro o que primeiro quero ouvir: acolherei Héracles vivo?

LICAS

Eu mesmo o deixei robusto, vivo e próspero, sem sombra de algum mal.

DEJANIRA

Diz-me onde: em terra pátria ou bárbara?

LICAS

Há um promontório na Eubeia: aí se ocupa ele da consagração de altares e da oferenda de frutos a Zeus do Ceneu.

DEJANIRA

Em cumprimento de um voto, ou na sequência de algum oráculo?

LICAS

Por causa de votos que fez quando, com a sua lança, conquistou e devastou a terra donde provêm essas mulheres que aí tens à tua vista.

DEJANIRA

Essas mulheres, pelos deuses, a quem pertencem? Quem são? Bem dignas de piedade se mostram, se a sua dor não me ilude.

LICAS

São as cativas que Héracles, depois de ter destruído a cidade de Êurito, apartou para si e escolheu para os deuses.

DEJANIRA

Foi por esta cidade que permaneceu longe, tempos sem conta e sem fim?

LICAS

Não. A maior parte do tempo permaneceu na Lídia, conforme ele mesmo o declara, não na qualidade de homem livre, mas por ter sido vendido como escravo. E dessa palavra não é necessário ter vergonha, senhora, desde que Zeus se manifeste como autor dos fatos. Tendo sido vendido a Ônfale, a bárbara, assim permaneceu um ano, conforme ele diz, e de tal modo o triturou essa desonra, que se empenhou num juramento: havia de reduzir à escratura o causador das suas penas e, com ele, o filho e a mulher.

E não foi em vão que o proferiu; uma vez purificado organiza um exército de mercenários e marcha sobre a cidade de Êurito. Este era, segundo Héracles, o único homem responsável pelos seus sofrimentos. Foi ele, quando Héracles se veio sentar junto à sua lareira como antigo hóspede, quem lhe dirigiu sérias provocações, movido por graves e funestos desígnios. Afirmava que, apesar dos seus dardos infalíveis, Héracles seria vencido por seus filhos numa prova de arco, acrescentando que o [herói] se deixaria ultrajar, recebendo o tratamento de escravo por parte de um homem livre; e quando o viu ébrio num banquete, expulsou-o de lá para fora.

Encolerizado por esses vexames, quando, pouco depois Ífito foi até a colina de Tirinto no rasto de uns cavalos extraviados, [Héracles] apanhando-o com os olhos postos num ponto e a atenção dirigida para outro, lançou-o do cimo de uma colina altaneira.

Por causa dessa ação se indignou Zeus Olímpico, pai de todos os homens, que o enviou para ser vendido como escravo, não tolerando que seu filho matasse um homem sequer à traição. Se o tivesse punido abertamente, Zeus ter-lhe-ia perdoado, já que seria justo o seu ataque.

A insolência, porém, de modo algum os deuses apreciam. Os que se mostraram arrogantes na maldade das suas palavras, esses, são agora todos eles habitantes do Hades e a sua cidade está cativa. Quanto às mulheres que aí vês diante de ti, depois de uma vida próspera, conhecem agora uma existência que ninguém lhes inveja.

Essas são as recomendações de teu esposo e eu, seu fiel servidor, as cumpro. Quanto a ele em pessoa, podes contar que chegue, uma vez concluídos os sacrifícios sagrados que a Zeus pai oferece pela sua vitória. Esta é, de todas as notícias que te dei, a mais doce de ouvir.

CORO

Senhora, agora se te oferece uma alegria sem sombras, pelos fatos que tens presentes e pelo relato que ouviste!

DEJANIRA

Como não havia o meu coração de se alegrar com justiça, ao conhecer da boca deste homem o êxito de tal empresa? É de todo forçoso que o que sinto lhe corresponda.

Todavia, é natural que um espírito sensato tema pela sorte de quem é feliz (não vá este, um companhia, soçobrar!). De mim apodera-se um estranha compaixão, amigas, ao ver estas infelizes, perdidas em terra estranha, sem casa e sem família. Mulheres que, certamente, um dia nasceram de pais livres e arrastam agora uma existência de escravas. Ó Zeus da Vitória, que eu não te veja acometer assim a meus filhos ou, se o fizeres, que eu não esteja viva! Tal é a angústia que sinto ao ver estas mulheres!

Dirigindo-se a Íole.

E tu, desventurada, quem és tu entre essas jovens? Uma donzela? Ou já és mãe? Pelo teu aspecto, não me pareces habituada a toda essa desgraça. Deves ter nascido pobre.

Licas, diz-me de quem descende esta estrangeira: quem é sua mãe? Quem é o pai que a gerou? É que, ao olhá-la, sinto dela mais piedade que de qualquer outra, pois, em tal desgraça, só ela sabe dominar-se.

LICAS

Como posso sabê-lo? Por que irias me perguntar? Pertence decerto a uma das boas famílias lá daqueles lugares.

DEJANIRA

Senão mesmo à família real?... Êurito tinha descendência?

LICAS

Não sei; nem, de resto, fiz grandes perguntas.

DEJANIRA

Nem soubeste o seu nome por alguma das companheiras de exílio?

LICAS

De modo algum! Cumpri em silêncio o meu trabalho.

DEJANIRA

Responde tu mesmo então, infeliz, já que é mais um infortúnio para ti nem sabermos quem tu és.

LICAS

Não pronunciará palavra alguma, à imagem do que já fez, que não falou absolutamente nada - nem muito, nem pouco. Mas, atormentada pelo peso da sua desgraça, a infeliz chora, sem cessar, desde que deixou a sua terra exposta aos ventos. A sua sorte é cruel: dá-lhe direito à indulgência.

DEJANIRA

Deixemo-la, pois; que entre nesta casa o melhor que for possível, e que aos desgostos presentes não lhe seja, por minha culpa, uma outra dor acrescida; já basta a que possui! Entremos agora todos. Tu poderás, assim, tomar o tempo que desejas e eu irei fazer com que nada falte no palácio.

Licas e as cativas entram no palácio. Dejanira prepara-se para segui-los, quando o Mensageiro se aproxima dela.

MENSAGEIRO

Um momento, espera um pouco, para saberes por ti, sem a presença delas, quem são as mulheres que vais abrigar no palácio: nada te disseram do que necessitas ouvir. Desses fatos tenho eu plena informação.

DEJANIRA

O que há? Por que me reténs os passos?

MENSAGEIRO

Fica e escuta-me. Não foi em vão que ouviste, há pouco, as minhas palavras, nem me parece que o farás agora.

DEJANIRA

Chamá-los-emos de novo, ou desejas falar apenas na minha presença e na destas mulheres?

MENSAGEIRO

Na tua e na delas, nada o impede; aos outros, deixa-os ir.

DEJANIRA

Já se foram. Mas vamos à tua narrativa.

MENSAGEIRO

Aquele homem, nas suas palavras de há pouco, nada disse em abono da justiça; ou se conduziu agora um torpe mensageiro, ou foi anteriormente que teve uma conduta reprovável.

DEJANIRA

Que dizes? Fala-me claramente de tudo aquilo que sabes. Ignoro por completo a que te pretendes referir.

MENSAGEIRO

O que eu da sua boca ouvi foi dito na presença de muitas testemunhas: que foi por causa desta jovem que Héracles teria atacado Êurito e as altas torres da Ecália, e que foi o amor o único dentre os deuses que o teria enfeitiçado a ponto de empreender esta guerra - e não a estadia entre os lídios, nem a penosa servidão a Ônfale, ou a morte de Ífito, precipitado do rochedo. Disso, agora, dá o arauto outra versão.

Quando ele viu que não persuadia o pai a lhe conceder a filha para uma ligação oculta, forja como pretexto uma insignificante acusação e investe contra o país, e destrói a cidade. Pois agora, conforme vês, dirige-se a esta casa, e não a traz de ânimo leve nem na condição de escrava. Não o esperes, senhora; não é natural, já que o desejo o abrasa.

Pareceu-me que devia te revelar tudo, minha ama, do que, por acaso, tomei conhecimento. Ora, isso muitos dos habitantes de Tráquis o ouviram como eu, em plena ágora, tal como foi dito. Se o que eu conto não te agrada, não ponho nisso prazer: digo, porém, a verdade.

DEJANIRA

Ai de mim, desgraçada, que fiz eu? Que oculta fonte de aflições acabo de acolher sob o meu teto? Ó infeliz! E é então de origem obscura, conforme garantiu quem a trouxe, essa jovem de olhar e porte resplandecente?...

MENSAGEIRO

É filha de Êurito e davam-lhe outrora o nome de Íole. Da sua linhagem não te falou aquele homem há pouco: decerto não andou colhendo informações!...

CORO

Que sucumba, de entre todos os facínoras, aquele que secretamente forja as perfídias que não honram!

DEJANIRA

Que hei de fazer, mulheres, pois que me sinto aterrada por estas palavras?

CORO

Vai e informa-te junto desse homem que talvez te diga a verdade, se estiveres disposta a interrogá-lo com dureza.

DEJANIRA

Pois irei! Não é sem razão que me aconselhas.

MENSAGEIRO

E eu espero aqui, ou que devo fazer?

Surge Licas, saindo do palácio.

DEJANIRA

Fica, pois que esse homem vem saindo do palácio; não que o chamassem enviados meus, mas por sua iniciativa.

LICAS

Que devo eu, senhora, transmitir de volta a Héracles? Ensina-me, pois, como vês, vou partir.

DEJANIRA

Tu, que tardaste em chegar, com que rapidez te apressas a partir, antes mesmo de retomarmos o nosso assunto!

LICAS

Mas se algo desejas perguntar-me, aqui me tens.

DEJANIRA

E dás-me garantias de que posso confiar na verdade das tuas palavras?

LICAS

Juro pelo poder de Zeus que sim, naquilo que eu souber.

DEJANIRA

Quem é, então, essa mulher que vens trazer?

LICAS

É da Eubeia. A sua origem não a posso dizer.

MENSAGEIRO *para Licas.*

Eh, tu, olha cá! A quem pensas que estás falando?

LICAS

E tu, o que é que pretendes com essa pergunta?

MENSAGEIRO

Responde de uma vez ao que pergunto, se conservas a razão!

LICAS

Falo à rainha Dejanira, filha de Eneu e esposa de Héracles - e minha ama -, se os meus olhos não me enganam.

MENSAGEIRO

Era, pois, isso, exatamente isso, que eu desejava ouvir da tua boca. Afirmas que esta é a tua ama?

LICAS

E é verdade!

MENSAGEIRO

Pois quê?! E que corretivo pensas merecer, se se concluir que não foste leal para com ela?

LICAS

Como não fui leal?! Que subterfúgios são esses?

MENSAGEIRO

Nenhum. Quem está procedendo desse modo és tu.

LICAS

Vou-me daqui. Louco sou eu em te escutar tanto tempo.

MENSAGEIRO

Não vais, até responderes a uma breve pergunta.

LICAS

Fala então, se quiseres, já que não sabes te calar.

MENSAGEIRO

Essa cativa que trouxeste para o palácio, conhece-a, sem dúvida?...

LICAS

Confesso-o. Por que o perguntas?

MENSAGEIRO

E não foste tu dizendo que essa cativa que trouxeste, e para quem olhavas como se não a conhecesses, é Íole, filha de Êurito?

LICAS

E a quem foi que o disse? Quem viria assim dar-te o seu testemunho de que estava presente e me ouviu tal afirmação?

MENSAGEIRO

A muitos cidadãos o disseste. Em plena ágora de Tráquis, uma multidão enorme o escutou da tua boca.

LICAS

Sim, eu repeti o que tinha ouvido. Mas não é a mesma coisa expressar uma conjectura e indicar dados exatos.

MENSAGEIRO

Que conjectura? Não afirmaste sob juramento que trazias contigo a própria esposa de Héracles?!

LICAS

Eu, a esposa?! Pelos deuses, diz-me, ó minha querida senhora, quem é este estrangeiro.

MENSAGEIRO

Sou aquele que estava presente e te ouviu contar como toda a cidade foi subjugada devido à paixão de Héracles por Íole, e que não foi essa mulher da Lídia quem a devastou, mas o amor que pela jovem surgiu.

LICAS

Que este homem se retire, senhora! Acompanhar os delírios de um doente não é próprio de uma pessoa sensata.

DEJANIRA

Não, peço-te por Zeus, que lá do cimo verdejante do Eta envia a sua luz, não estejas a iludir-me!

É uma mulher complacente que as tuas palavras encontram, e que bem sabe ser natural nos homens que não se comprazerem sempre com as mesmas coisas. Aquele que ao Amor faz frente, como um lutador no pugilato, não revela sensatez. Ele é quem governa até os deuses a seu bel-prazer - e a mim também. Como não o fará sobre outras como eu?! Grande seria, também, a minha desrazão, se eu dirigisse qualquer censura a um homem tomado por tal doença ou a esta mulher, como causadora do que nada tem de vergonhoso ou para mim é mal algum. Não é assim! E se, porventura, mentes porque ele te ensinou, não é um bom ensinamento o que recebes; se, pelo contrário, tu observas, a ti mesmo, verificarás como foste cruel quando te quiseste tornar um homem prestável. Diz-me, então, toda a verdade: para um homem livre é grande injúria ser chamado mentiroso. Quanto a me enganares, não o conseguirás: muitos com quem falaste virão dizer-me.

E se algo receias, não temes o que deves, pois que o fato de não me informares é que pode acarretar dissabores. Saber é assim tão funesto? Não teve já um homem como Héracles muitas outras mulheres? E jamais alguma recebeu de mim uma palavra rude ou uma censura sequer; esta também não as irá receber, se porventura se consumir toda de amor. É que eu senti forte compaixão ao vê-la, já que a beleza foi a ruína da sua vida e, sem o querer, levou a sua pátria à miséria e à escravidão. Mas sigam as coisas seu rumo! A ti, porém, te digo: se és infiel perante outros, perante mim não mintas nunca!

CORO

Atende aos seus bons conselhos. Não virás a censurar depois esta mulher, e de mim ganharás o meu favor.

LICAS

Pois, minha querida senhora, já que em ti reconheço um ser humano que compreende a natureza humana - e não uma mulher insensível -, dir-te-ei então toda a verdade, sem nada te ocultar. É, de fato, como aquele homem conta.

Uma terrível paixão por essa jovem se apoderou de Héracles um dia, e por sua causa foi tomada a Ecália, terra de seu pai, e destruída pelas armas. O que te estou contando - necessário é, pois, dizê-lo em seu abono - não me recomendou ele que o escondesse ou negasse jamais; mas fui eu, senhora, que temendo ferir o teu coração com estas palavras, eu, quem cometeu esta falta - se como falta julgas o meu gesto.

E agora, que sabes toda a história, para bem dele e de ti, acolhe esta mulher e dispõe-te a manter presentes as reflexões que sobre ela fizeste. É que o homem tudo vence com a força do seu braço, pelo amor desta jovem se deixou de todo vencer.

DEJANIRA

Assim penso e desse modo agirei. Não vou, por mim, suscitar um mal que me oporia aos deuses.

Entremos, pois, no palácio, para eu te fazer portador de uma mensagem. É necessário retribuir também com ofertas as ofertas recebidas. Tudo isso levarás. Não parece bem voltares de mãos vazias, tendo aqui chegado com tão grande comitiva.

Dejanira, Licas e o Mensageiro entram no palácio.

ESTÁSIMO I

CORO

Grande e eterno é o poder da vitória 1ª estr.
que a Cípris acompanha.
Sobre os deuses
me calo, e nem conto como foi que ela enganou
o Crônida
e o Hades tenebroso
ou Poséidon, o deus que abala a terra.
Mas junto desta, que agora é uma esposa,
que robustos pretendentes não vieram,
para a ganhar, e numa nuvem de golpes e poeira

se envolveram em combate!

Um era um rio possante, de altos cornos 1ª ant.
e quatro patas,
na sua forma de ouro,
Aqueloo, de Eníadas, o outro, que veio
de Tebas, a terra
de Baco, brandindo o tenso
arco, a lança e a clava, era filho de Zeus.
Ambos vieram a terreiro
no desejo de obter a sua mão,
e junto deles Cípris, propícia ao himeneu,
arbitrava sozinha este combate.

Grande era então o estrépito: ep.
punhos e armas
e cornos de touro se entrechocam.
Há luta corpo a corpo,
pernas que se entrelaçam e terríveis golpes
de cabeça.
De ambos se ouve o grito surdo;
enquanto a jovem grácil, de olhos belos,
num rochedo ao longe bem visível
se senta, aguardando aquele que será seu esposo.
- Isto que eu conto de sua mãe ouvi.
Ela, objeto da contenda, espera,
angustiada, o seu desfecho!
Logo mesmo da mãe é separada,
qual novilha que o pastor aparta.

EPISÓDIO II

Surge Dejanira, saindo do palácio. Traz consigo um pequeno cofre.

DEJANIRA

Amigas, enquanto esse homem lá dentro fala a todas as cativas, antes de partir, vim até a entrada, junto de vós, para vos dizer em segredo o que preparei, por minhas mãos, e também para convosco lamentar os males de que sofro.

Já não foi uma donzela, suponho, mas uma mulher, que eu aqui abriguei. Como um marinheiro que no seu barco recolhe carga em excesso, assim eu fiz, para ficar com o coração em destroços. E agora seremos duas a aguardar, debaixo da mesma manta, o abraço do mesmo esposo. Tal foi o salário com que Héracles, o homem fiel, conhecido pela sua nobreza, retribuiu à guardiã de sua casa depois de tanto tempo. Eu não sei, no entanto, sentir cólera contra quem tantas vezes sofre de uma tal enfermidade. Mas poderia, por seu turno, uma mulher viver com ela sob o mesmo teto, compartilhar com ela o mesmo esposo?... E eu vejo a beleza de uma que vai desabrochando e a de outra que se vai esvaindo; daquela, os olhos se comprazem em lhe colher a flor, desta hão de se afastar. Estes são os meus receios: que Héracles, meu esposo de nome, o seja de fato

daquela jovem! Mas, como disse, a ira não é própria de uma mulher sensata, e possuo a esperança de uma solução que vos direi.

Conservo, desde há muito, guardada num vazo de bronze, a dádiva de um antigo monstro. Era ainda jovem, quando a recolhi do peito cabeludo de Nesso, no momento em que expirava, assassinado. Mediante um salário, ele costumava atravessar a corrente profunda do Eveno, transportando os homens nos seus braços, sem o auxílio de um remo ligeiro ou de um navio de velas. Também a mim - seguia eu pela primeira vez com Héracles, como sua esposa, o caminho designado por meu pai - transportou ele aos seus ombros quando, no meio da corrente, me toca com as suas mãos insolentes. Eu grito então, e o filho de Zeus, logo se volvendo, arremessa-lhe com o braço uma flecha alada que num silvo lhe trespassa o peito e o atinge nos pulmões. Moribundo, articula o Centauro estas palavras: "Filha do velho Eneu, se crês em mim, tira ao menos uma vantagem desta travessia, já que foste a última que eu transportei. Se recolheres nas tuas mãos o sangue da minha chaga, coagulado à volta da flecha, no local onde o monstro de Lerna, a Hidra, a tingiu de negro, ficarás na posse de um encantamento para o espírito de Héracles, de tal modo que ele não contemplará mulher alguma que possa amar além de ti." Pensando nisso, amigas, conservei o filtro bem guardado em minha casa desde a morte do Centauro. A esta túnica o apliquei agora, consoante ele me havia dito em vida. A tarefa está terminada.

Longe de mim saber ou instruir-me em ousadias criminosas, e às que as praticam tenho horror. Mas se, por ação de uns filtros, de sortilégios que prendam Héracles, eu puder prevalecer sobre ela, sobre essa jovem, está pronta a obra - se o ato não vos parece temerário; caso contrário, desistirei!

CORO

Se tens confiança no que fazes, parece-nos, pela nossa parte, que não foi má decisão.

DEJANIRA

A minha confiança a isto se resume: a um indício, embora não tenha ainda consumado a experiência.

CORO

Mas, para o saberes, é necessário agir; e nem que julgues tê-la poderás ter efetivamente uma prova sem recorrer à experiência.

DEJANIRA

Pois em breve o saberemos; já avisto o arauto às portas do palácio. E vai partir a toda a pressa. Que apenas convosco fique guardado o meu segredo. É que as ações vergonhosas, quando na sombra permanecem, não fazem morrer de vergonha o seu autor.

Licas, saído do palácio, aproxima-se de Dejanira.

LICAS

Que devo fazer? Dá-me as tuas ordens, filha de Eneu, pois já levo um grande atraso.

DEJANIRA

É disso que eu tenho estado tratando, Licas, enquanto falavas lá dentro com as estrangeiras; quero que leves ao teu amo este longo peplo, oferta por minhas mãos preparada. E quando lhe deres, recomenda-lhe que homem algum antes dele o deverá usar, nem contemplá-lo à luz do sol, ou à chama de algum recinto sagrado ou de uma lareira, até que ele, de pé e bem visível, o ostente em público, perante os deuses, num dia de hecatombe. Eu fiz um voto: que, se algum dia o visse ou o soubesse incólume e de regresso à casa, o havia de vestir com esta túnica, para se apresentar aos deuses como um novo sacerdote numa nova veste. Levar-lhe-ás um indício destes meus votos, que ele facilmente reconhecerá: o sinal contido no engaste do meu selo.

Vai então e tem em conta, antes de mais, esta norma - não é próprio de um mensageiro ultrapassar as suas funções; e se, além disso, o meu favor se juntar ao de teu amo, terás o favor de dois em vez de um único.

LICAS

Mas, se é certo que de Hermes eu exerço a arte inviolável, não será contigo que entrarei em falta, por deixar de levar e de apresentar este cofre como deve ser, com as devidas palavras de garantia que proferes.

DEJANIRA

Agora podes partir; e bem sabes como as coisas aqui decorrem no palácio.

LICAS

Sei: direi que tudo corre bem.

DEJANIRA

E viste com os teus próprios olhos a recepção que fiz à estrangeira? Como eu mesma me mostrei afável?

LICAS

Tanto, que o meu coração se comoveu de alegria.

DEJANIRA

E que irás tu dizer mais? Receio que fales demasiado cedo do meu amor por ele, antes de saber se lá longe eu sou amada.

Licas parte ao encontro de Héracles, e Dejanira entra novamente no palácio.

ESTÁSIMO II

CORO

Vós que habitais entre o mar 1ª estr.
e a montanha, junto aos banhos quentes
e às alturas do Eta, vós que à beira do mar interior
de Mália, junto às montanhas
da virgem de áureas flechas habitais,
onde a Assembleia das Portas,
entre os gregos famosas, se reúne,

vós, o som da flauta harmoniosa de novo 1ª ant.
ireis em pouco ouvir.
E não vem acompanhado de um coro de lamentos,
mas de um canto divino, à lira
semelhante. É que o filho de Zeus
e Alcmena se apressa em regressar
à casa, com troféus de todas as vitórias!

Ausente o tivemos da cidade 2ª estr.
todo o tempo. Doze meses aguardamos sem notícias
o seu regresso do mar;
e a sua esposa fiel e amargurada
o amargurado coração mortificava,
sempre banhada em lágrimas.
Mas, agora, o seu ardor belicoso
o libertou de uma vida de trabalhos.

Que ele chegue, que ele chegue! 2ª ant.
E que a nau de muitos remos que o transporta
não se detenha até parar nesta cidade,
uma vez deixado o altar
daquela ilha onde se diz que executa sacrifícios.
E que ele venha suavizado
e envolto na túnica embebida
pelo filtro da sedução, como o Centauro aconselhou!

EPISÓDIO III

De novo Dejanira sai do palácio.

DEJANIRA

Ai, mulheres! Grande é o meu receio de ter-me excedido em tudo o que há pouco fiz.

CORO

Que se passa, Dejanira, filha de Eneu?

DEJANIRA

Não sei. Temo aparecer em breve como autora de um grande mal, após uma risonha esperança.

CORO

Não é nada que respeite às tuas dádivas a Héracles?...

DEJANIRA

É justamente isso! E de tal modo que a ninguém aconselho que se entregue a ações de resultado incerto.

CORO

Diz-nos, se é possível, donde provém o teu receio.

DEJANIRA

O que ocorreu foi de tal natureza que, se eu vou contá-lo, mulheres, aí vereis um incrível prodígio. Foi com um floco de lã virgem, tirado a uma ovelha campestre, que eu ungi há pouco o peplo que ele deverá vestir. Pois desapareceu por completo essa lã, sem que ninguém no palácio a destruísse - ela mesma se consome e reduz a pó sobre as lajes. Mas para saberes como tudo isso ocorreu, melhor é que passe a explicar-te.

Dos preceitos dados pelo Centauro, quando a ponta aguda da flecha lhe atingiu os pulmões, nenhum por mim foi desprezado; guardei-os como a um texto gravado em placa de bronze, que a água não pode apagar: que eu guardasse sempre o filtro longe do fogo e dos raios e calor do sol, no mais recôndito da casa, até que chegasse o momento exato de aplicá-lo. Assim eu fiz. E agora, que chegou esse momento, com ele embebi o peplo lá dentro, em segredo. Servi-me de um floco de lã tirado de uma ovelha da casa. Dobrei o peplo, coloquei-o em seguida no interior da arca, ao abrigo do sol, e entreguei-o para ser oferecido, conforme vistes.

Pois, quando vos deixei para entrar no palácio, depara-se-me um fenômeno incrível, incompreensível para um espírito humano: atirara casualmente com o pedaço de lã para o meio de um raio de sol. Conforme aqueceu, dissolve-e, desaparecendo por completo, consome-se no chão, com aspecto idêntico ao da serradura que se vê cair quando alguém serra um tronco de madeira. E assim permaneceu no chão. Mas da terra, do local onde primeiro ficara, brota uma espuma granulosa, como se alguém tivesse derramado sobre essa terra o espesso licor do fruto glauco de uma vinha de Baco.

De modo que não sei, nesta desgraça, que pensar: vejo-me autora de um feito horrendo. Pois por que razão, por que motivo, havia o Centauro, ao morrer, de se mostrar indulgente para comigo, que fui a causa da sua morte?! Não o faria!

Pelo contrário, no desejo de matar quem o atingiu, iria ludibriar-me. Demasiado tarde, quando já nada há que fazer, tomo eu consciência destes fatos! E serei eu só, eu, na minha desdita, se a razão não me engana, quem o vai aniquilar! A flecha que atingiu o Centauro sei que também causou sofrimentos a uma divindade - Quirão - e que os monstros que atingir, a todos mata. Como é que esse veneno, tinto de sangue, vindo das feridas de Nesso, não o mataria a ele também?! Parece-me evidente! E creio, sem dúvida, que, se algum mal lhe sucedeu, sucumbirei com ele ao mesmo golpe. Não é suportável viver com fama de criminosa para quem sempre cuidou evitar ações criminosas!

CORO

O receio de más obras é uma necessidade, mas não devemos deixar que a expectativa julgue antes da sorte.

DEJANIRA

Não há para desígnios menos nobres qualquer expectativa que empreste alento.

CORO

Mas se é involuntariamente que alguém erra, a ira humana apazigua-se. Será esse o teu caso.

DEJANIRA

Tais pensamentos não são próprios de quem participa no erro, mas daquele a quem nada pesa no seu íntimo.

CORO

Conviria suspenderes as tuas palavras, a menos que pretendas dizê-lo ao teu próprio filho. É que já regressa o joem que há pouco partiu em busca do pai.

Aproxima-se Hilo.

HILO

Oh, mãe! De três soluções, como eu gostaria de escolher uma para ti! - ou que já não estivesses viva, ou, se viva fosses, que outrem te chamasse mãe, ou então que possuísses sentimentos melhores que os que agora te animam.

DEJANIRA

Meu filho, o que há de tão odioso em mim?

HILO

Fica então sabendo que o teu esposo, aquele a quem eu chamo pai, o assassinaste hoje mesmo.

DEJANIRA

Ai de mim, meu filho, o que disseste?!

HILO

O que não deixará de ser um fato; pois quem poderá anular fatos que são já uma evidência?

DEJANIRA

Que dizes, filho?! Por quem soubeste o que afirmas - que eu cometi um ato assim tão reprovável?

HILO

Eu mesmo vi, com os meus próprios olhos, o peso da desgraça de meu pai; não o ouvi de ninguém.

DEJANIRA

E onde o encontraste? Onde te juntaste a ele?

HILO

Se é forçoso que o saibas, tudo eu deverei contar-te. Depois de ter arrasado a ilustre cidade de êurito, voltava ele trazendo consigo os troféus e as primícias da vitória. Há na Eubeia um monte escarpado e batido pelo mar - o cabo Ceneu; pois aí erigiu altares e delimitou o recinto de um bosque sagrado a Zeus, seu pai. Foi nesse local que o fui encontrar; e assim matei as minhas saudades.

Preparava-se para iniciar o sacrifício múltiplo das vítimas, quando junto dele chega então Licas, o seu próprio arauto, que vinha aqui do palácio e consigo levava a tua oferta - o peplo fatal. Veste-o, conforme tinhas recomendado, procede ao sacrifício de

doze bois sem mácula, primícias dos despojos; traz em seguida um rebanho misto de cem cabeças, e inicia o desditoso as suas preces, com ânimo propício e cheio de orgulho pelo vestuário que o ornamenta. Mas, à medida que se ateava a chama do sagrado ritual no sangue e na árvore da resina, um suor brota-lhe da pele e, totalmente colada, a túnica adere-lhe aos flancos, aos membros, como se fosse a obra de um escultor. Percorre-lhe os ossos uma convulsão dilacerante; depois consome-o um veneno, como de víbora mortífera e horrenda. Clama então pelo desgraçado Licas - que não tinha culpa alguma do teu crime; pergunta-lhe que maquinações o levaram a lhe trazer o peplo. De nada sabendo, o infeliz responde que a oferta provinha apenas da tua pessoa, conforme o havias mandado. Quando aquele o ouviu, uma convulsão atroz ataca-lhe os pulmões. Agarrando o arauto pelos pés, junto aos tornozelos, arremessa-o contra um rochedo que o mar banha em toda a volta. De entre os cabelos derrama-se a branca medula do crânio; espalha-se a um tempo cérebro e sangue.

Todo o povo grita horrorizado perante a loucura de um e a morte de outro. Ninguém ousa se aproximar de Héracles. Este rola por terra, depois levanta-se, clamando, soltando gritos estridentes; à volta ecoam os rochedos, as altas falésias da Lócrida e os promontórios da Eubeia. Quando o infeliz cessa de tanto se atirar por terra, de tanto bradar de aflição, maldizendo o leito funesto que é o teu, miserável, o casamento que de Eneu obteve, já que o seu preço fora a destruição da sua vida, levanta então os olhos da chama fuliginosa que o envolve e vê-me, desfeito em lágrimas, entre a multidão. Diz-me, com os olhos fixos em mim: "Meu filho, aproxima-te. Não fujas da minha desventura, mesmo se necessário for que me acompanhes na morte. Vê se me tiras daqui! E leva-me, antes de mais, para onde homem algum me possa ver; mas, se a compaixão te impede, ao menos leva-me desta terra bem depressa, para que eu não morra aqui".

Depois de tais recomendações, depusemo-lo no interior de uma nau e com dificuldade o fizemos aportar a esta terra. Soltava urros de dor. Agora mesmo o irás contemplar, vivo, ou morto ainda há pouco.

Tais são, minha mãe, os fatos em que, pelos teus intentos e ações contra meu pai, estás envolvida. Que deles caia sobre ti o castigo da Justiça vingadora e da Erínia! Se me é legítimo, aos deuses o peço - e decerto que é legítimo, pois que tu me legitimaste ao matar um varão tão ilustre como jamais poderás contemplar outro.

Dejanira retira-se, em silêncio, para o palácio.

CORO

Por que foges silenciosa? Não compreendes que o teu silêncio dá razão a quem te acusa?!

HILO

Deixai que se vá! E que um bom vento a leve, se fugir para longe dos meus olhos. Pois para que precisa ela de manter em vão a dignidade do nome de mãe, se não é de mãe o seu procedimento? Que se vá então em boa hora, e que os prazeres que a meu pai agora dá, os venha ela mesma a experimentar!

Hilo entra, por sua vez, no palácio.

ESTÁSIMO III

CORO

Vede, ó jovens, como nos acaba de atingir — 1ª estr.
a palavra divina do oráculo
outrora revelado.
Ele anunciou que, 12 anos
decorridos, cessaria o fardo dos trabalhos
para o filho de Zeus. Justamente a tal desfecho
se conduzem estes fatos.
Como, como é que, de olhos cerrados,
pode ainda quem morreu
suportar a dura servidão?!

Do Centauro na teia mortífera o envolve — 1ª ant.
a força operante de um ardil.
Seus flancos os consome um veneno
que a Morte concebeu e o dragão multicolor alimentou.
Como pode ver ainda o Sol de um outro dia,
quando o consome a teia horrífica
da Hidra?... E com ela se congrega
o monstro de negra cabeleira
e palavras assassinas. Seu aguilhão
o tortura e caustica.

De nada suspeitara a infeliz. — 2ª estr.
Vendo pesar a ameaça de uma nova esposa
ao palácio de súbito chegada, ela mesma lançou mão
de um remédio que ocorrera preparar
em funesta conjuntura, a conselho de um estranho.
Agora, ou lamenta algures essa desgraça
ou deixa que dos seus olhos caia
um claro jorro de frescas lágrimas.
E a marcha do destino
desvenda-lhe um desastre imprevisível e imenso.

Meus olhos choram em fonte — 2ª ant.
já a doença o possui, oh, desgraça! Como jamais
[por ação de] um inimigo... o avassalou
um mal assim tão grande e lastimoso!
Ai negra lança, que nas primeiras linhas combateste,
tão depressa veio contigo essa noiva
lá das alturas da Ecália
na ponta do teu ferro!
Mas foi Cípris que, operando no silêncio,
se revelou como autora manifesta destes fatos.

EPISÓDIO IV

PRIMEIRO SEMICORO

Sou louca, ou escuto agora mesmo um lamento que ecoa através do palácio?

SEGUNDO SEMICORO

Que é isto? Alguém entoa lá dentro, e bem claro, uma queixa lamentosa.
Algo de novo se passa no palácio.

Do palácio vem saindo a Ama.

CORO

Repara nela, como vem triste e de semblante carregado a anciã que para aqui se encaminha com notícias!

AMA

Ó jovens, não foram pequenos os males que nos veio trazer a dádiva que a Héracles foi enviada!

CORO

A que novos males te referes, anciã?

AMA

Dejanira acaba de partir, sem ter de levantar um pé, para a última de todas as viagens.

CORO

Não queres porventura dizer que morreu?!

AMA

Acabas de ouvir toda a verdade.

CORO

Morreu a desgraçada?

AMA

Uma segunda vez o ouves.

CORO

Oh infeliz, desditosa! Diz-me: como foi a sua morte?

AMA

Cruel, do modo como ocorreu.

CORO

Fala, mulher! Que morte encontrou?

AMA

Por sua própria mão ela morreu.

CORO

Por que impulso ou que loucura?!

AMA

Pôs-lhe fim a ponta de uma espada funesta.

CORO

Como concebeu a sua morte, após a morte dele, e a executou sozinha?

AMA

Com um golpe do ferro que acorda gemidos.

CORO

E tu, minha louca, presenciaste esse desvario?

AMA

Sim, presenciei. Estava bem perto dela.

CORO

Que se passou? E como? Vamos, conta!

AMA

Ela mesma se matou por suas mãos.

CORO

Que dizes?!

AMA

A verdade.

CORO

A nova esposa que chegou fez nascer, sim, fez nascer para esta casa uma pavorosa Erínia.

AMA

Sim, sem dúvida! Mas se tivesse visto então o horror que praticou, tê-lo-ia vivamente lamentado.

CORO

Foi a mão de uma mulher que ousou fazê-lo!

AMA

E de forma terrível! Mas sabê-lo-ás, de modo que possas testemunhar em meu favor.

Quando entrou sozinha no palácio e viu, no pátio, o filho, a preparar o interior de uma padiola para regressar ao encontro do pai, escondeu-se onde ninguém a pudesse ver. Ora se lançava aos pés dos altares, gritando de dor que os deixaria abandonados, ora chorava ao tocar em algum dos objetos de que outrora se havia servido, a infeliz. Vagueando para cá e para lá, no interior do palácio, se acaso via algum dos servos afeiçoados, chorava, a infeliz, ao pôr os olhos nele, invocando o seu próprio destino e a sua casa doravante sem filhos.

Depois que terminou estas ações, vejo-a, de súbito, irromper pelos aposentos de Héracles. Pus-me de vigia num lugar escondido, a observá-la. Verifico então que ela estende mantas no leito de Héracles; depois de o fazer, sobe para o meio do tálamo e senta-se. Por entre as lágrimas quentes que no seu choro lhe caem exclama: "Ó meu leito, meu quarto nupcial, já vos digo adeus para sempre, porque neste tálamo jamais me voltareis a receber como esposa!" Dizendo isto, num gesto rápido, desprende o seu peplo da fíbula que o prende sobre o peito. Assim desnuda a parte esquerda do busto e o ombro. Eu vou então, correndo quanto posso, para avisar o filho dos seus intentos. Mas o tempo de eu poder ir e regressar com ele permitiu que a encontrássemos já ferida por uma espada de duplo gume que lhe atravessara o flanco até o diafragma, abaixo do fígado.

Ao ver tal cena, o filho gemia - apercebeu-se o infeliz que ocasionara esta obra pela sua ira. Soube demasiado tarde, pelos escravos do palácio, que ela agira sem intenção, levada pelas palavras do Centauro. Então o pobre jovem se entrega a toda a espécie de lamentações, geme abraçado à mãe e os seus lábios cobrem-na de beijos. Deixa-se cair lado a lado com ela e assim permanece em longo pranto: que inutilmente a impelira com uma falsa acusação, deplorando a sua condição de filho que, a um tempo, ficava órfão de ambos, de pai e de mãe.

Tais são as desgraças desta casa, de tal modo que, se alguém tecer conjecturas para dois dias ou mais ainda, é insensato: é que não existe um amanhã antes de atravessar com êxito o dia que está para vir.

A ama entra no palácio.

ESTÁSIMO IV

CORO

Qual das duas vai lamentar primeiro, — 1ª estr.
qual das duas é desgraça mais completa,
não consigo avaliar nesta aflição.

Uma, podemos defrontá-la no palácio; — 2ª ant.
outra mantém-nos numa espera ansiosa:
mas é a mesma coisa suportar uma dor ou aguardá-la.

Pudesse um vento rápido — 2ª estr.
e propício soprar sobre esta casa
e daqui me transportar para outra terra.
Assim, de medo eu não teria de morrer
ao contemplar de súbito
o valoroso filho de Zeus.
Dizem que ao palácio se dirige,
preso de males sem cura
- espetáculo de um horror inexprimível!

Já está perto e se aproxima — 2ª ant.
aquele que eu choro como um rouxinol de voz aguda:
lá vem um estranho cortejo de estrangeiros!

Mas como o trazem então?
Com que cuidados de amigo o transportam
na sua marcha pesada e silenciosa!
Ai, ai! Não se ouve o doente que eles trazem!
Que devo pensar: que morreu
ou que ao sono está entregue?

ÊXODO

Hilo, saindo do palácio, vai ao encontro do cortejo que se aproxima e transporta Héracles, adormecido, num leito. Junto dele, caminha o Ancião.

HILO

Ai de mim, meu pai, como eu sou, ai de mim, como eu sou por tua causa infortunado! Que será de mim? Que farei eu? Ai de mim!

ANCIÃO

Silêncio, meu filho! Não exasperes a dor violenta que enfurece teu pai. Ele está vivo, apesar da sua prostração. Mas morde os lábios e contém-te.

HILO

Que dizes, Ancião? Pois ele vive?!

ANCIÃO

Não deves acordá-lo do sono em que caiu, pois irás suscitar e reacender o terrível mal que o alucina, meu filho!

HILO

É que me sinto esmagado pelo imenso peso da desgraça! O meu coração enlouquece.

HÉRACLES *despertando e olhando à volta.*

Oh! Zeus, a que paragens chego? Quem são os homens que rodeiam o leito onde sofro intermináveis dores? Ai de mim, desgraçado! Ei-lo, de novo me dilacera este mal repugnante! Ai!

ANCIÃO

Pois não sabias tu perfeitamente qual o proveito de guardar silêncio e não afugentar o sono das suas pálpebras?!

HILO

É que eu não posso me conter ao contemplar esta desgraça.

HÉRACLES

Oh! Ceneia, base dos altares! De sacrifícios tão solenes tal foi a recompensa atribuída por ti a este infortunado, ó Zeus! À tamanha ruína me levaste, à tamanha ruína! Pudesse eu, infeliz, nunca a ter contemplado com os meus olhos, nunca a ter

defrontado, esta flor inexorável da loucura! Que mágico, que homem que cura com as mãos poderá aplacar este delírio, exceto Zeus?... Visão longínqua de um prodígio!

Ai, deixai, deixai domir este infeliz, deixai-o dormir para sempre!

Onde, onde me tocas? Para onde me voltas? Vais matar-me vais matar-me! Reavivaste o mal adormecido! Ele apodera-se de mim, ai, ai, ai! Avança de novo!

Mas de onde sois vós, os mais infames de todos os gregos, por quem eu, desgraçado, gastei a minha vida expurgando de perigos múltiplos o mar e todos os bosques? Agora nenhum de vós concede a este enfermo o fogo ou uma lança salvadora! Oh! Oh! Ninguém se decide a vir de um golpe deitar por terra a cabeça deste execrando? Ai, ai!

ANCIÃO

Ó jovem, que és filho dele, esta missão é superior às minhas forças; ajuda-me tu, pois estás muito mais apto a salvá-lo do que eu.

HILO *segurando Héracles.*

Os meus braços amparam-no, mas, aqui ou no palácio, não está em mim alcançar um recurso que o faça esquecer a dor que o aflige. Tais sofrimentos é Zeus quem os atribui.

HÉRACLES

Meu filho, onde estás, onde estás tu! Por aqui, por aqui, pega-me e levanta-me! Ai! Ai! Oh, destino meu! Ataca-me de novo, ataca-me este mal abominável, funesto, terrível, violento!

Oh, oh, Palas, de novo ele me abate! Oh, meu filho, chora teu pai, desembainha a tua espada isenta de mácula e enterra-a aqui, abaixo do meu ombro! Cura esta dor com que tua ímpia mãe me enfureceu. Que eu a possa ver caída, exatamente assim como ela me fez cair. Ó doce Hades, irmão de Zeus, faz-me adormecer, adormecer... Com o teu destino de asa rápida destrói este infeliz!

CORO

Eu tremo, companheiras, ao ouvir desgraças tais, que tal soberano atingem!

HÉRACLES

Oh, muitos e escaldantes - até só de contá-los - foram os males que eu suportei com estes braços e este dorso! E, de tal feita, não foi a esposa de Zeus, nem o odioso Euristeu quem os causou, mas a filha de Eneu, de olhar enganador, que sobre os meus ombros lançou uma túnica tecida pelas Erínias, com que agora morro. Colada aos flancos, devora-me a carne até as entranhas, penetra-me e consome as veias dos meus pulmões. Já me sugou o sangue fresco, todo o meu corpo se destrói, subjugado por cadeias inenarráveis. E tudo isto não foi obra de uma lança em batalha campal, nem de lutas com os Gigantes nascidos da Terra, nem da violência de uma fera, nem de grego, nem de bárbaro, ou de quaisquer outros cuja terra eu expurguei. Mas foi uma mulher, uma criatura frágil - e não o vigor de um homem -, uma mulher, apenas ela, quem me matou sem espada!

Meu filho, sê para mim um verdadeiro filho: não conserves o respeito pelo nome de tua mãe. Vai ao palácio buscar aquela que te deu à luz e passa-a das tuas mãos para as minhas, para que eu saiba com nitidez o que te faz sofrer mais: ver o meu corpo

desfigurado ou o dela, quando a punir com justiça. Vai, meu filho, toma coragem! E apieda-te de mim, que muita piedade mereço, eu, que choro e brado como uma donzela - coisa que ninguém pode afirmar ter visto fazer a um homem destes! Pelo contrário, foi sem um único gemido que sempre vivi os meus males. Mas agora um tal varão revela uma fraqueza de mulher, oh, infeliz de mim! Aproxima-te agora, permanece junto de teu pai e dá conta do mal tamanho que me faz sofrer. Vou, pois, mostrá-lo sem véu algum. Vê, contemplai vós todos este corpo torturado, olhai este infeliz, como é digno de piedade!

Ai, ai, ó desgraçado!

Oh, oh! De novo me abrasa agora mesmo um espasmo destruidor! Penetra-me os flancos! Parece que não me quer deixar sossegado este execrando mal que me devora! Ó Hades soberano, acolhe-me! Ó Zeus, que o teu raio me fulmine! Senhor, arremessa o teu raio, lança-o sobre mim, meu pai! De novo me devora e cresce e chega ao auge! Ó mãos, minhas mãos! Meu dorso, meu peito, meus braços amigos, sois vós aqueles que outrora exterminastes, com o vosso vigor, o monstro habitante de Némea, esse leão, flagelo dos pastores, criatura terrível e inabordável, e a Hidra de Lerna, e esse exército de monstros híbridos e selvagens, de patas de cavalo, ímpios, violentos e inexcedíveis na sua força, e a besta do Erimanto, e essa fera invencível, o cão do Hades, de três cabeças, que habita debaixo da terra, nascido da terrível Équidna, e o dragão que guarda os pomos de ouro nos confins do mundo. De outros trabalhos experimentei miríades, sem que alguém obtivesse troféus das minhas mãos. Mas agora, assim débil e destroçado, nesta miséria, me deixou o ataque de um delírio cego, a mim, a quem dizem nascido da mais ilustre mãe, a mim, a quem apontam como filho de Zeus, lá dos céus.

Mas ficai, no entanto, bem cientes do que vos digo: mesmo que eu já nada seja, mesmo que nem me possa arrastar, à autora destes meus males, apesar de tudo, hei de matar! Basta que ela aqui venha, e aprenderá a anunciar a todos que Héracles, vivo ou morto, castiga os criminosos.

CORO

Oh desditosa Hélade, de que luto eu a vejo possuída, se vier a perder este homem!

HILO

Já que o teu silêncio me permite responder-te, pai, presta-me ouvidos, apesar da tua enfermidade. Rogo-te que me concedas o que é justo. Atende o meu pedido, mas não assim, com a cólera a acirrar-te o ânimo a esse ponto. De outro modo não poderás compreender como é vão o teu anseio de gozar a vingança e o teu ressentimento.

HÉRACLES

Fala, diz-me o que pretendes; pois que eu, assim enfermo, nada entendo do teu discurso capcioso.

HILO

Venho falar-te de minha mãe: do que lhe aconteceu e de como ela errou involuntariamente.

HÉRACLES

Ó malvado dos malvados! E ainda te referes à tua mãe, à assassina de teu pai! Como te hei de ouvir?!

HILO

Em tal situação se encontra, que não me devo calar.

HÉRACLES

Não, sem dúvida! Sobretudo quanto aos seus erros passados.

HILO

Nao dirás certamente que não, quanto aos acontecimentos de hoje.

HÉRACLES

Fala, mas evita mostrar-te um traidor.

HILO

Falarei, sofreu, há pouco, uma morte sangrenta.

HÉRACLES

Quem a matou? Um prodígio me anuncias através de maus augúrios!

HILO

A sua própria mão, não a de um estranho.

HÉRACLES

Ai de mim! Antes de morrer às minhas mãos, como devia!

HILO

A tua disposição modificar-se-ia, ao saberes toda a verdade.

HÉRACLES

Estranho discurso começas; mas diz o que te vai na mente.

HILO

Para dizer tudo: errou, movida por um justo desejo.

HÉRACLES

Justas as suas ações, ó miserável? Depois de matar teu pai?!

HILO

Falhou, pondo no filtro amoroso a esperança de te reaver, quando viu aqui dentro a tua nova ligação.

HÉRACLES

E qual dos habitantes de Tráquis faz tamanhos sortilégios?

HILO

Foi Nesso, o Centauro, que a persuadiu outrora de que um tal filtro poderia te enlouquecer de paixão.

HÉRACLES

Ui, ui, que desdita! Morro, infeliz! Estou perdido, perdido! A luz já não brilha mais para mim! Ai de mim, a que desgraça chegamos! Vai, meu filho, deixaste de ter um pai. Convoca-me todos os teus irmãos, convoca a infeliz Alcmena, que inutilmente a Zeus se uniu, para que eu vos transmita a revelação final das predições divinas que conheço.

HILO

Mas tua mãe não está no palácio; acontece que em Tirinto, junto ao mar, foi estabelecer a sua morada e consigo levou alguns dos teus filhos que ela mesma educa. Dos outros, fica sabendo que habitam na cidade de Tebas. Quanto a nós, aqui presentes, faremos o que ordenares, meu pai, se for preciso algo fazer.

HÉRACLES

Ouve pois, então, qual a tua tarefa. Chegaste ao momento em que irás mostrar que homem és e se meu filho queres chamar-te.

Fora-me outrora revelado por meu pai que eu não viria a morrer às mãos de um homem vivo, mas de alguém já morto que habitasse o Hades. Esse alguém é, sem dúvida, o Centauro que, de acordo com o oráculo divino, estando já morto, pôs deste modo fim à minha vida. Mas vou revelar-te novos oráculos, que a este se associam e concordam com outros, mais antigos. Transcrevi-os ao penetrar no bosque sagrado dos montanheses Selos, que dormem no chão, quando o carvalho eloquente de meu pai me revelou que se cumpriria, neste momento presente, a libertação dos meus pesados trabalhos. Julgava tratar-se de um feliz desfecho, mas isto, afinal, nada mais representava do que a minha morte. É que aos mortos não advém sofrimento.

Uma vez que tudo isto se torna manifesto, meu filho, necessário é que a este homem prestes o teu auxílio. Não tentes levar-me a pronunciar rudes palavras. Cede por ti mesmo e ajuda-me, sabendo que a melhor das normas é obedecer a um pai.

HILO

Mas, meu pai, atemoriza-me ver até onde esta troca de palavras nos trouxe. Obedecer-te-ei, no entanto, no que entenderes.

HÉRACLES

Dá-me, antes de mais, a tua mão direita.

HILO

Que pretendes com essa prova de confiança?

HÉRACLES

Vais dar-me da ou não? Não confias em mim?

HILO *estendendo a mão.*

Ei-la, aqui a tens, e nada te recusarei.

HÉRACLES

Jura-o pela cabeça de Zeus que me gerou.

HILO

Mas que devo, pois, fazer? Dir-me-ás então?

HÉRACLES

Cumprir aquilo que por mim te for dito.

HILO

Eu o juro e tomo Zeus por testemunha.

HÉRACLES

Formula o voto de que sobre ti caia a desgraça, no caso de faltares ao juramento.

HILO

Não há de cair, pois cumprirei o que pedires. Formulo, no entanto, o voto.

HÉRACLES

Conheces, decerto, o monte do Eta, sagrado a Zeus Altíssimo?...

HILO

Conheço, pois muitas vezes sacrifiquei lá no alto.

HÉRACLES

Necessário torna-se agora que para lá transporte o meu corpo nos teus próprios braços e com a ajuda dos amigos de que precisares. Corta bastantes ramos de um carvalho de profundas raízes, junta-lhes também lenha de oliveira selvagem, cortada em abundância, põe sobre ela o meu corpo, pega numa tocha ardente de pinheiro e deita fogo à pira. E que não haja lágrimas nem pranto! Pois, se és meu filho, age sem choros nem gemidos; se não o fizeres, esperar-te-ei nos Infernos, e sentirás sobre ti o peso da minha maldição eterna.

HILO

Ai de mim, meu pai, que dizes?! Que acabas de me fazer?

HÉRACLES

O que urge efetuar. E, se não o cumprires, um outro será teu pai, mas deixarás de te chamar meu filho.

HILO

De novo me lamento. Ai de mim, que a tal me intimas, meu pai - a tornar-me teu assassino e carrasco!

HÉRACLES

De modo algum - pelo contrário: vejo em ti a cura e o único remédio das minhas dores.

HILO

Mas como posso eu curar o teu corpo, ateando-lhe fogo?

HÉRACLES

Pois se é isso que te atemoriza, faz então o resto.

HILO

Não te recusarei o cortejo fúnebre.

HÉRACLES

E a execução da pira que eu pedi?

HILO

Também a terás, mas de modo a que as minhas mãos não lhe toquem. Todo o resto eu farei, e pela minha parte não te faltará nada.

HÉRACLES

Pois isso me bastará. Concede-me, ainda, um pequeno favor, para além do muito que já fizeste.

HILO

Mesmo que seja bem grande, dar-lhe-ei cumprimento.

HÉRACLES

Conheces, decerto, a jovem filha de Êurito?

HILO

Referes-te a Íole, pelo que se me afigura.

HÉRACLES

Exatamente. Esta é, pois, a recomendação que eu te faço, meu filho: depois da minha morte, no caso de quereres respeitar a minha memória e a lembrança dos juramentos feitos a teu pai, deverás tomá-la como esposa. Não desobedeças a teu pai. Que nenhum outro homem - a não ser tu - tome para si aquela que dormiu a meu lado. Tu mesmo, filho, cuida desta união. Atende-me. Concedeste-me grandes favores, mas se, agora, os pequenos não me concedes, anulas o efeito dos primeiros.

HILO

Ai de mim! Não é justo irar-me contra um enfermo, mas quem poderá tolerar ver um homem pensando desta maneira?

HÉRACLES

Falas como quem não vai fazer nada do que eu te peço.

HILO

Pode alguém, porventura, receber aquela que foi a causa única da morte de minha mãe, tal como do estado em que te encontras?! Quem o pode fazer, se não o atacou o gênio da vingança?! Melhor seria para mim morrer, meu pai, do que coabitar com o mais odioso dos seres!

HÉRACLES

Segundo me parece, este homem não vai cumprir os deveres para com um pai moribundo. Mas esperar-te-á a maldição dos deuses, por teres desprezado os meus preceitos.

HILO

Ai de mim! Creio que, em breve, darás provas da tua loucura.

HÉRACLES

És tu quem me reavivas o mal adormecido.

HILO

Que desdita a minha! Não sei como hei de proceder!

HÉRACLES

É que tu não vês que deves escutar quem te deu o ser.

HILO

Mas terei eu de aprender a ser ímpio, meu pai?

HÉRACLES

Não se trata de impiedade, uma vez que o farás para me agradar.

HILO

Ordenas-me, então, que eu proceda exatamente assim?

HÉRACLES

Precisamente. Sobre isto invoco o testemunho dos deuses.

HILO

Pois bem, o farei sem recusa, tornando claro aos deuses que a obra é tua. Que eu jamais possa aparecer como um sacrílego por em ti ter confiado, meu pai.

HÉRACLES

Por fim procedes com acerto; mas aos serviços prestados junta de imediato um favor, meu filho. Antes que eu seja invadido por novas convulsões ou pelo aguilhão de alguma dor, lança-me na pira. Vamos, levai-me depressa! Será este o repouso dos meus males - a consumação final da minha vida!

HILO

Nada impede o cumprimento dos teus desejos, pois que assim nos ordenas e a isso nos constranges, meu pai.

HÉRACLES

Vamos já, antes que este mal desperte. Ó minh'alma, endurece e torna-te no anel de aço que cerre os meus lábios como duas pedras ajustadas! Cala teu grito, pois com júbilo executas um trabalho que ninguém por gosto faz.

HILO

Levai-o, companheiros, e, por tudo isso, sede clementes comigo. É que vós sabeis de toda a inclemência dos deuses no decorrer destes fatos. Eles, que geraram e são chamados pais, assistem, impassíveis, a tamanhos sofrimentos.

Os do futuro, ninguém os consegue divisar; os do presente, deploráveis são para nós, e vergonhosos quanto aos deuses. Mas os mais penosos são os que se apresentam ao homem que esta desgraça suporta.

CORO

E vós, donzelas, não fiqueis no palácio. Terríveis e estranhas as mortes que observais, numerosas as penas, e recentes; mas, em tudo isto, nada que não seja obra de Zeus!

Sófocles, *As traquínias*, tradução de Maria do Céu Zambuja Fialho, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996.

Electra

Tradução de Mário da Gama Kury

A OBRA

A *Electra* foi representada pela primeira vez por volta de 413 a.C., ignorando-se a data exata. Essa dúvida reveste-se de certa importância literária, pois dessa incerteza decorre uma discussão interminável entre os eruditos para determinar qual das duas *Electras* foi composta em primeiro lugar: a de Sófocles ou a de Eurípides. Os antecedentes da tragédia estão na lenda da guerra de Troia. Agamêmnon, rei dos argivos (habitantes de Argos mas também os gregos em geral na epopeia) e o mais poderoso dos chefes das minúsculas monarquias da Grécia lendária, após a vitória dos gregos na luta que os manteve afastados de seus lares por dez anos regressou a Micenas, capital de seu reino, onde Clitemnestra, sua esposa, tomara-se de amores pelo usurpador Egisto, primo do infeliz chefe grego; no mesmo dia do regresso de Agamêmnon Clitemnestra matou-o "com o cutelo todo de bronze", ajudada por Egisto, seu amante, com o pretexto de que o esposo sacrificara, antes de partir para Troia, uma de suas filhas (Ifigênia; o casal tinha mais três filhas - Ifiânassa, Crisôtemis e Electra - e um filho - Orestes); por ocasião do crime Electra conseguiu salvar Orestes, então com cerca de dez anos de idade, e enviá-lo a Estrófio, rei da Fócida, amigo de Agamêmnon e pai de Pílades, por um antigo criado (o preceptor da peça); durante cerca de onze anos Electra, que permanecera em Micenas com Crisôtemis e Ifiânassa, junto a Clitemnestra e Egisto, sucessor de Agamêmnon nas prerrogativas reais e conjugais, espera, humilhada, pelo regresso do irmão. Os antecedentes da *Electra*, até o assassinato de Agamêmnon, constituem o tema da belíssima peça de Ésquilo que tem o nome do chefe grego, publicada em tradução nossa por Jorge Zahar Editor juntamente com as duas outras peças que compõem a *Oréstia.*

A *Electra* começa com o retorno de Orestes a Micenas, cerca de onze anos após o crime, para vingar a morte do pai, assunto também das *Coéforas* de Ésquilo.

Na antiguidade o tema da *Electra* inspirou, além das *Coéforas* de Ésquilo, a *Electra* de Eurípides. Em nossa época ele foi retomado por Eugene O'Neil em *Mourning Becomes Electra* e na *Elektra* de Ezra Pound em colaboração com Rudd Fleming (publicada pela Princeton University Press, 1987, reimpressão de 1989).

Para a tradução consultamos com maior frequência, embora sem exclusividade, o texto da edição de A.C. Pearson (*Sophoclis Fabulae*, Oxford, Clarendon Press, 1924); recorremos também às edições de R.C. Jebb (cujo abundante comentário nos foi útil), de P. Masqueray e de A. Dain (ambas da "Belles Lettres"), para desfazer dúvidas na interpretação de passagens difíceis do texto.

Época da ação: idade heroica da Grécia.
Local: Micenas (Grécia).
Primeira representação: 413 a.C. (data aproximada), em Atenas.

PERSONAGENS

CLITEMNESTRA, viúva de Agamêmnon, casada em segundas núpcias com Egisto, seu cúmplice no assassínio do primeiro marido
EGISTO, primo de Agamêmnon
ELECTRA
ORESTES
CRISÓTEMIS
} filhos de Clitemnestra e de Agamêmnon
PRECEPTOR, antigo criado de Agamêmnon
PÍLADES, personagem mudo, amigo inseparável de Orestes
CRIADA de Clitemnestra
CRIADOS (dois) de Orestes
CORO, constituído de mulheres mais idosas que Electra

Cenário

Frontispício do palácio real de Micenas. É madrugada. Pela esquerda entram o PRECEPTOR, ORESTES e PÍLADES. Como o palácio fica na Acrópole, supõe-se que de lá se veem toda a planície de Argos, a ágora e os templos de Apolo e de Hera.

PRECEPTOR
Contempla finalmente, filho de Agamêmnon,
o heroico vencedor de Troia, tudo quanto
há prolongados anos desejavas ver.
Aí está a antiga Argos que buscavas[1],
terra bendita da infeliz filha de Ínaco[2];
ali, Orestes, vês o altar do próprio Apolo[3],
o matador de lobos; mais além, à esquerda,
o templo renomado de Hera; prosseguindo
verás Micenas muito rica e o palácio
ensanguentado tantas vezes dos Pelópidas[4].
Há muito tempo te levei de lá comigo
cumprindo determinações de tua irmã,
teu sangue, Electra, quando mataram teu pai;
salvei-te e desde então cuidei de ti com zelo
para que um dia fosses o seu vingador.
Sem mais qualquer demora, Orestes, e tu, Pílades[5]
- o melhor dos amigos em terras estranhas -,
devemos resolver o que tem de ser feito;
o sol já deixa ver a sua luz e os pássaros
despertam gorjeando com a claridade;
a negra noite das estrelas acabou.
Antes que alguém lá do palácio possa ver-nos
ajamos; não é hora de perdermos tempo.

ORESTES
Meu guia devotado, amigo incomparável,
tenho de elogiar a tua lealdade.
Ages como bravo corcel de raça nobre
que mesmo idoso sempre luta; valoroso,
tu nos incitas e até vais à nossa frente!
Antes explicarei, amigo, nossos planos;
ouve-me atentamente, vê se estás de acordo
e faze as objeções que parecerem justas.
Quando me dirigi ao santuário pítico[6]
para saber como vingar em seus algozes
o meu pai morto, recebi ordens de Febo[7]:
- que sem escolta, por ardis e de surpresa
eu mesmo os abatesse com as minhas mãos.
Foi tudo quanto disse o deus. Vai ao palácio
e trata de saber o que se passa lá;
volta com os esclarecimentos necessários.
Estás idoso, muitos anos transcorreram;
nenhum dos moradores saberá quem és.

Podes apresentar-te como forasteiro
vindo de longe, servo do bom Fanoteu[8],
fiel amigo dos senhores de Micenas.
Dize-lhes e confirma com teu juramento
que por fatalidade Orestes faleceu,
lançado fora de seu carro velocíssimo
nos jogos píticos; assim hás de falar[9].
Enquanto vais derramo tristes libações
na sepultura de meu pai e lhe dedico
também os meus cabelos como quer Apolo.
Após as libações sacramentais traremos
a urna brônzea feita por artista hábil,
oculta por enquanto em meio àquelas árvores,
e iremos alegrá-los com a notícia falsa
de que meu corpo forte não existe mais:
queimaram-no numa fogueira e restam cinzas.
E por que não falar assim? Morto em palavras,
pelas ações mostro-me vivo e ganho glória;
palavras úteis não serão de mau agouro.
De numerosos homens sei que foram tidos
como finados em relatos vãos, mas voltam
depois aos lares com maiores honrarias;
ressurgirei na ocasião propícia, vivo,
e entre meus inimigos a minha presença
terá o brilho das estrelas cintilantes.
Mãe-pátria e divindades todas desta terra!
Com bons augúrios recebei o meu regresso!
E tu, mansão de meus nobres antepassados,
manda-me um deus purificar-te com justiça.
Que eu não retorne desonrado! Sejam minhas
de novo as minhas terras e a casa paterna!
Tudo foi dito; agora cumpre-te, ancião,
realizar a tua parte na incumbência;
nós dois seguimos; vamos arriscar a sorte,
senhora de nossos sucessos e fracassos.

ELECTRA

De dentro do palácio.

Ai! Infeliz de mim!

PRECEPTOR
Escuto neste instante
uma servente lamentando-se lá dentro.

ORESTES

Quem sabe se não é a malfadada Electra?
Queres que fique aqui, ouvindo seus gemidos?

RECEPTOR
Não; mas tratemos de atender, sem vacilar,
às ordens dadas por Loxias; comecemos[10]
oferecendo as libações sacramentais
ao morto, pois somente assim será possível
colher enfim a dificílima vitória.

Saem o PRECEPTOR por um lado e ORESTES e PÍLADES por outro. Pelo fundo entra ELECTRA, vinda do palácio, seguida pelas mulheres do CORO.

ELECTRA[11]
Divina claridade e ar divino,
roupagem lúcida de nossa terra!
Quantas lamentações minhas ouvistes
e quantos golpes surdos desferidos
em meu sofrido peito lacerado
sempre que a noite negra terminava!
E meu leito odiado é testemunha
das lacrimosas e longas vigílias
sofridas no palácio repugnante
e dos soluços por meu pai - coitado! -
que o sanguinário Ares não ceifou[12]
em terras bárbaras, mas minha mãe
e Egisto, seu companheiro de leito,
mataram com seguidos golpes pérfidos
iguais aos de robustos lenhadores
quando cortam tranquilamente as árvores!
E não se escuta aqui outro lamento
além dos meus por esse crime horrível
em que tu foste a vítima, meu pai,
de insidiosa morte! Mas meu pranto
não cessará, nem meus sentidos ais,
enquanto eu contemplar os raios trêmulos
dos astros para sempre cintilantes
e a claridade de todos os dias!
Igual ao pássaro que perde os filhos,
jamais eu pararei de soluçar
e de gritar alucinadamente
diante do palácio de meu pai!
Domínios de Perséfone e de Hades[13]!
Hermes do inferno e Maldição divina,
e vós, augustas, implacáveis Fúrias,
filhas dos deuses todo-poderosos,
vós que vedes os crimes sem castigo
e os vivos neste mundo espoliados
até do próprio leito, socorrei-me
para vingar a morte de meu pai!

Mandai de volta meu irmão Orestes!
Já não consigo suportar sozinha
o peso desta mágoa esmagadora!

CORO
Electra, filha da mulher mais pérfida!
Por que lamentas quem há tanto tempo
foi vítima de sua própria esposa,
autora de uma trama insidiosa?
Por que inda pranteias Agamêmnon,
morto por golpes de mãos criminosas?
Nossas palavras são: morra quem mata!

ELECTRA
Viestes minorar as minhas dores,
nobres amigas; ouço e compreendo
vossas palavras, mas não tenho ânimo
para deixar de lamentar meu pai.
Amigas, cujo amor é igual ao meu,
abandonai-me ao desespero! Peço-vos!

CORO
Jamais, porém, farás teu pai voltar
do silêncio do Hades, fim de todos,
nem com soluços, nem com desespero.
Sem resistência e sem moderação
entregas-te a um pranto interminável
que não te livra de teu sofrimento.
Por que te enamoraste da desgraça?

ELECTRA
Não tem um mínimo de sentimento
quem consegue esquecer por um instante
a morte trágica de um pai amado.
Não! Meu sofrido coração prefere
o aflito pássaro, tão caro a Zeus[14],
chorando os filhos incessantemente.
Ah! Níobe, infeliz eternamente[15]!
És para mim igual às divindades,
tu que, petrificada, choras sempre!

CORO
Não só a ti entre os mortais, Electra,
a dor aflige e tira a quietude;
nisto pareces muito mais sensível
que tuas queridas irmãs - Crisôtemis
e Ifiânassa -, acomodadas[16]
no palácio de nossos soberanos,
e aquele que, feliz e vigoroso
em sua mocidade, há de voltar

dentro de pouco tempo - queira Zeus! –
para viver na terra dos micênios
cheios de glória - Orestes nobilíssimo!

ELECTRA
Espero-o indefinidamente
sem filhos, sem esposo, desditosa,
sem perspectivas e desfeita em lágrimas,
vencida por desgraças sucessivas;
mas ele esquece o que sofreu e ouviu!
As novidades a respeito dele
nos chegam e são logo desmentidas.
Orestes sempre anseia por voltar,
mas mesmo desejando nunca vem.

CORO
Coragem, filha! Deves ter coragem!
Ainda está no céu o grande Zeus
que tudo pode e tudo vê no mundo;
confia-lhe tua penosa cólera.
Não te arremesses contra os inimigos
mas nunca os tires de tua memória;
o tempo é deus e conciliador.
Estão sempre pensando em ti, Electra,
o esperado filho de Agamêmnon
nas campinas bucólicas de Crisa[17]
e o deus supremo do rio Aqueronte[18].

ELECTRA
Eu sei, mas já passou amargamente
a melhor parte de minha existência.
Aguardo a morte sem ter tido filhos
e sem amigos para proteger-me.
Não posso mais!… Como se fosse intrusa
e sem direitos, vivo como serva
neste palácio onde meu pai foi rei,
vestida nesta roupa degradante,
de pé, em frente à mesa sem convivas.

CORO
Tristes gemidos ao chegar de volta,
tristes gemidos nos coxins festivos
de seu palácio, quando o rei caiu[19]
sob os golpes fatais, terríveis, rápidos,
da impiedosa lâmina de bronze!
Mentor foi Dolo e foi verdugo Amor!
Cena terrível, morte preparada
por algum deus ou mesmo por mortais!

ELECTRA

Ah! Dia mais funesto em minha vida!
Ah! Noite inesquecível para sempre!
Ah! Festa horrível e cheia de sangue!
Meu pai previu os golpes crudelíssimos
vindos das mãos da dupla de homicidas
que aniquilaram a minha existência!…
Puna-os, pois, com as mais pesadas penas[20]
o grande e poderoso Zeus Olímpico!
Jamais desfrutem ambos de alegrias,
eles, autores do nefando crime!

CORO
Esforça-te por moderar-te, Electra.
Não percebeste que o ressentimento
já te causou incalculáveis mágoas?
Alimentando sem cessar o ódio
atrais rancor e novos sofrimentos;
é inútil resistir aos poderosos.

ELECTRA
Fatos terríveis inda me constrangem
e não consigo disfarçar a ira;
não poderei silenciar jamais
diante desta enorme desventura.
Quem de bom senso, minhas companheiras,
exigirá que eu abra meus ouvidos
a uma só palavra de consolo?
Deixai-me, companheiras prestimosas!
Males iguais aos meus não têm remédio.
Nunca me livrarei de minha angústia
e destes meus soluços incessantes!…

CORO
Aconselhamos-te, porque te amamos
como se fôssemos mães devotadas,
a não somar desgraças à desgraça.

ELECTRA
Pode-se ponderar no desespero?
É justo negligenciar os mortos?
Entre que homens se procede assim?
Nunca me louvem essas criaturas!
Nem possa eu jamais ter qualquer bem
ou deles desfrutar tranquilamente
se de meus tristes ais fechar as asas
por omitir-me no culto a meu pai!
Se quem é morto criminosamente
jaz transformado em pó e nada mais
e não há punição para quem mata,
então a dignidade e a reverência

não mais existirão entre os mortais!

CORIFEU
Estou aqui, Electra, por teu próprio bem,
que é o meu; mas se não posso convencer-te
prosseguiremos juntas; seja como queres.

ELECTRA
Sinto vergonha, amigas minhas, de entregar-me
a esta dor demasiada; suportai-me;
a tanto me compele o mal que me causaram.
Seria natural outro comportamento
quando vou percebendo cada vez mais nítido
o desmoronamento desta casa ilustre?
Em vez de mãe tenho terrível inimiga;
neste palácio em que deveria ser dona
sou uma escrava dos verdugos de meu pai.
Podeis imaginar a minha vida aqui
vendo no trono de meu pai finado Egisto
envolto nas vestes reais de sua vítima,
propiciando as oferendas consagradas
exatamente no lugar do crime horrível;
ainda mais, tenho de ver o escárnio máximo:
no leito régio o miserável criminoso
com sua torpe cúmplice - com minha mãe
(se é mãe quem compartilha o leito de tal homem!).
Ela, sem recear as Fúrias vingadoras
e como se seu crime fosse um feito honroso,
festeja o dia do assassínio de meu pai,
da morte degradante, com danças e cantos
e sacrifícios aos deuses libertadores!
Que poderia eu fazer senão chorar?
Choro na solidão do palácio paterno
enquanto a festa impiedosa realiza-se,
mas o meu pranto não me traz alívio algum.
Por isso essa mulher fingidamente nobre
lança-se contra mim gritando mil injúrias:
“Peste perversa! Apenas tu perdeste o pai?
Nenhum mortal é infeliz? Só tu, mulher?
Maldita sejas e os bons deuses não te valham!”
São esses os insultos dela, salvo quando
alguém lhe diz que Orestes poderá voltar.
Então o seu furor atinge o paroxismo:
“Tu foste a causadora disso tudo, Electra!
Sei que salvaste o teu irmão naquele dia
premeditando males para tua mãe,
mas não te iludas! Teu castigo chegará!”
Nesses excessos jamais lhe falta o estímulo
do renomado esposo, do covarde em tudo,
que só peleja auxiliado por mulheres.

Agora Orestes é a única esperança
para pôr termo às minhas aflições presentes;
enquanto espero perco o ânimo, definho…
O seu regresso ainda é promessa vã
e já descreio do presente e do futuro.
Pensais ainda, amigas, em moderação
ou reverência? Em meio a males tão terríveis
é natural que também eu proceda mal.

CORIFEU
Ousas falar assim? E se te ouvisse Egisto?
Ou porventura neste instante ele está longe?

ELECTRA
Longe, sem dúvida! Se ele estivesse perto
nem mesmo à porta eu chegaria; foi ao campo.

CORIFEU
Já que podes falar, posso fazer perguntas?

ELECTRA
Tantas quantas quiseres; eu responderei.

CORIFEU
É a propósito de teu irmão ausente.
Virá depressa? Tardará? Ou nada sabes?
ELECTRA
Ele promete vir, mas fica nas promessas…

CORIFEU
É muito natural haver hesitação
antes de grandes e graves resoluções.

ELECTRA
Mas eu não hesitei na hora de salvá-lo!

CORIFEU
Sê corajosa! Orestes é nobre demais
para deixar de vir salvar os seus amigos.

ELECTRA
Confio; se não fosse assim, não viveria.

CORIFEU
Vendo CRISÔTEMIS aproximar-se.
Convém fazer silêncio; vejo tua irmã,
Crisôtemis, trazendo algumas oferendas,
dessas que geralmente se levam aos mortos.

Entra CRISÔTEMIS, com roupas finas e bem cuidadas contrastando com as de ELECTRA.

CRISÔTEMIS
Por que vieste novamente, irmã, gritar
e lamentar-te assim às portas do palácio?
Não aprendeste, decorrido tanto tempo,
que o ódio apenas nutre inúteis esperanças?
Sabes que também sofro com nossa desdita;
mostrar-lhes-ia, se pudesse, meu repúdio,
mas na desgraça é preferível ser prudente
e não premeditar quiméricas vinganças.
Ah! Se pensasses de maneira semelhante!
Sei que a justiça não está comigo, irmã;
está contigo, mas se quero viver bem
devo curvar-me aos detentores do poder.

ELECTRA
Estranho! Teu pai foi um homem tão ilustre
e podes esquecê-lo e cuidas simplesmente
viver bem com tua mãe desnaturada!
Todos os teus conselhos aprendeste dela;
és incapaz de proferir palavras próprias.
Escolhe, então, Crisôtemis, entre a prudência
hostil a teus amigos, que já esqueceste,
e a luta perigosa, cara às almas nobres.
Disseste agora mesmo, irmã, que se pudesses
demonstrarias o teu ódio pelos dois;
a mim, porém, que tudo faço por teu pai,
para vingá-lo, não me dás apoio algum
e tentas impedir até a minha ação!
Aos nossos males vem juntar-se a covardia.
Dize também - ou se preferes eu direi -:
que lucraria pondo fim aos meus lamentos?
Não vivo? Mal, eu sei, mas é suficiente.
Sempre hostilizo nossos arquiinimigos
e talvez isso dê satisfação ao morto,
se os mortos podem ter qualquer satisfação.
Teu ódio, esse vive apenas em palavras;
de fato, segues os algozes de teu pai;
eu, entretanto, não me curvarei a eles
embora me prometam todos os presentes
que agora ostentas com tamanha vaidade;
mostre-se tua mesa cada vez mais farta
e sejam os teus dias superabundantes;
a mim, porém, me satisfaz só o bastante
para viver em paz com minha consciência.
Não pretendi em tempo algum teus privilégios,
nem os desejarias se fosses prudente.
Não queres juntar o teu nome ao de teu pai;

preferes reuni-lo ao dessa mãe perversa
para maior realce de tua baixeza,
traindo o pai vilmente morto e teus amigos!

CORIFEU
Não, pelos deuses! Não te entregues tanto à ira!
As duas colherão proveito certamente
se cada uma ouvir a opinião da outra.

CRISÔTEMIS

Dirigindo-se ao CORO.

De tanto ouvir estou acostumada, amigas,
a esses impropérios muito repetidos,
nem voltaria a discutir se não soubesse
que novos e maiores males a ameaçam,
capazes de acabar com todas as lamúrias.

ELECTRA
Prossegue! Quais serão os males? Se falares
de algum maior que os meus, eu não replicarei.

CRISÔTEMIS
Se queres realmente conhecê-los, falo.
Mandar-te-ão, se não mudares de atitude,
para confins onde jamais verás o sol;
lançada viva em escuríssima caverna
longe daqui, irás cantar teus males nela.
Reflete agora e não me culpes se mais tarde
vieres a sofrer; é tempo de pensar.

ELECTRA
Foi esta a decisão tomada pelos dois?
CRISÔTEMIS
Não tenhas dúvidas; logo que volte Egisto.

ELECTRA
Se depende só disso, volte sem demora!

CRISÔTEMIS
Pareces transtornada! Que desejo é este?

ELECTRA
Que volte sem demora! Não me atemorizam!

CRISÔTEMIS
Para sofreres mais ainda? Já não pensas?

ELECTRA

Para ficar distante dessa gente toda.

CRISÔTEMIS
Não cuidas nesta hora nem de tua vida?

ELECTRA
É grande maravilha minha vida agora…

CRISÔTEMIS
Mas poderia ser, se fosses razoável.

ELECTRA
Não me aconselhes a trair os meus amigos!

CRISÔTEMIS
Ensino a recuar diante dos mais fortes.

ELECTRA
Adula-os! Tuas palavras não me afetam!

CRISÔTEMIS
Sei, mas prefiro não cair por teimosia.

ELECTRA
Pois cairei, mas exaltando nosso pai!

CRISÔTEMIS
Procedo assim, mas ele me perdoará.

ELECTRA
São agradáveis aos covardes tais palavras…

CRISÔTEMIS
Não cederás, então, nem ouvirás conselhos?

ELECTRA
Jamais serei tão insensata! Não e nunca!

CRISÔTEMIS
Então retomarei o meu caminho, irmã.

ELECTRA
Aonde vais? As oferendas, a quem levas?

CRISÔTEMIS
São para nosso pai; mandou-as nossa mãe.

ELECTRA

Mas, como? À pessoa que ela mais odiou?

CRISÔTEMIS
À sua vítima, se é isso que insinuas.

ELECTRA
Quem a persuadiu? Desejo estranho esse…

CRISÔTEMIS
A causa desta vinda foi um sonho insólito.

ELECTRA
Deuses dos meus avós! Enfim estais comigo!
CRISÔTEMIS
Anima-te o terror de nossa mãe agora?

ELECTRA
Responderei se me contares todo o sonho.

CRISÔTEMIS
Do sonho quase nada sei para contar.

ELECTRA
Revela-me esse quase nada; muitas vezes
poucas palavras perdem-nos ou então salvam-nos.

CRISÔTEMIS
Disseram que ela viu meu pai ressuscitado;
ele, empunhando o cetro régio muito antigo,
plantou-o em terra; o cetro transformou-se em árvore
imensa, recobrindo o chão micênio inteiro.
Eis a visão; ao despertar, quis Clitemnestra
comunicá-la ao Sol em suas orações;
o medo fê-la então pensar nas oferendas.
Peço-te pelos deuses! Ouve! Não te perca
a insensatez, irmã! Se agora me repeles,
depois me buscarás, no dia da desgraça!

ELECTRA

Não deixes nada do que tens tocar no túmulo!
Nem os preceitos dos mortais, nem os divinos
permitem a consagração das oferendas
mandadas pela mais perversa das esposas;
será mais natural deixar que o vento as leve
ou escondê-las todas no âmago da terra,
onde jamais possam ir perturbar meu pai;
e quando tua mãe morrer, vá encontrá-las
intactas e guardadas para ela mesma!
Se lhe restasse um mínimo de sentimento

nunca haveria Clitemnestra de pensar
em espargir as libações abomináveis
- mensagem pérfida de óbvia inimizade -
sobre o jazigo de meu pai, de sua vítima!
Supões que o morto acolherá com alegria
presentes dessas mãos manchadas pelo crime,
das mãos que o mutilaram e o assassinaram
como se fosse um inimigo e não marido,
perversas mãos profanadoras que limparam
o sangue ainda quente nos cabelos dele?
Pensas que as oferendas dela apagam crimes?
Não é possível! Deixa-as de lado, irmã;
põe sobre a sepultura alguns de teus cabelos[21];
por mim - é tudo quanto posso dar, coitada! -
dedica-lhe estes meus cabelos maltratados
e este modesto cinto gasto pelo uso.
Prosterna-te diante do sepulcro e roga
a nosso pai que saia do seio da terra
e nos ajude contra nossos inimigos
e mande-nos seu filho para derrotá-los!
Se as nossas súplicas chegarem até ele
iremos no porvir ao túmulo paterno
com mãos muitíssimo mais cheias que as de agora.
Vejo no sonho aterrador de Clitemnestra
a participação de nosso nobre pai;
se deres acolhida ao meu pedido justo
serás tão útil a ti mesma quanto a mim
e ao mais merecedor de apreço entre os mortais,
a nosso pai, que hoje repousa lá no Hades.

CORIFEU
Há piedade em todas as palavras dela.
Atende! Age como ela pediu, Crisôtemis!

CRISÔTEMIS
Vou e obedecerei; não é sensato opor-me;
se isto é justo, manda-me a razão ceder.
Silenciai enquanto estou agindo, amigas;
se minha mãe mesmo de longe suspeitasse,
a desobediência custaria caro.

Afasta-se CRISÔTEMIS.

CORO
Se somos profetisas confiáveis
e nossa mente não quer enganar-nos,
há de a justiça pressentida vir
trazendo-nos a vitória ansiada
em suas mãos; ela virá vingar-nos
sem mais delongas. Volta-nos o ânimo

com a descrição do sonho transparente.
Teu pai, senhor dos gregos vencedores,
não está esquecido, e nos lembramos
da lâmina de bronze de dois gumes
que o golpeou insidiosamente
e lhe tirou a vida. Há de a vingança
vir com pesados, incontáveis pés
e numerosas mãos, dissimulada
em lúgubre cilada inevitável.
Quem não devia deixou-se envolver
em bodas ímpias, mortais, adúlteras[22],
caindo numa voragem fatídica.
Pelos sinais, agora, com certeza
virá para os verdugos e seus cúmplices
o mais cruel de todos os castigos;
se deste sonho nada resultar,
não há nessas negras visões noturnas
nem vaticínios nem simples mensagens
para nós todos, mortais indefesos!
Ah! Corrida remota do rei Pêlops[23],
tão fértil em desditas infindáveis!
Como foste funesta à nossa raça!
Desde que Mírtilo sumiu nas ondas,
lançado brutalmente de seu carro,
jamais esteve ausente desta casa
a violência pródiga em desgraças.

Aparece CLITEMNESTRA, seguida de uma servente, também com oferendas fúnebres.

CLITEMNESTRA

Dirigindo-se a ELECTRA.

Vejo-te espairecer de novo, como queres,
aproveitando a ausência do zeloso Egisto,
pois ele não te deixa, quando está presente,
transpor as portas para injuriar amigos.
A mim, tu não me dás a mínima importância,
embora fales muito e sempre a toda gente
de minha rispidez, do tratamento injusto
e insultos meus a ti e a teus poucos sequazes.
Não te desconsidero nem sou insolente,
e se te falo com severidade às vezes
é que tu mesma me provocas e destratas.
Matei - pretextas sempre - teu querido pai:
sim, fui eu mesma, não irei negar agora,
mas não fui eu sozinha; estava com a justiça
que acatarias se não fosses temerária.
Pois esse pai, por quem ainda e sempre choras,

foi entre os gregos todos o único a ousar
sacrificar aos deuses a filha inocente[24],
sem meditar nas minhas dores quando a tive!
Por que, a quem teu pai tirânico imolou-a?
Dirás que pelos gregos. Poderia ele
assassiná-la? Mas se foi por Menelau[25],
por seu irmão, mereceria ou não castigo?
Dois filhos tinha Menelau, que com razão
de preferência à minha filha deveriam
ter sido as vítimas do sacrifício bárbaro,
pois foi Helena a causadora da contenda.
Teria o Hades tanta fome de meus filhos,
levando-me Ifigênia em vez dos outros dois,
filhos de Helena sedutora e Menelau?
Teria esse pai sem coração perdido
toda a ternura pelos filhos de meu ventre?
Conheces homem mais perverso e insensível?
Sei que discordas, mas meu pensamento é este
e se tivesse voz a minha filha morta
diria o mesmo; devo, então, sentir remorsos?
Aí estão meus sentimentos; se os reprovas,
vê se teu próprio julgamento é mais sensato
antes de censurar quem discorda de ti.

ELECTRA
Não digas desta vez que fui provocadora
e apenas replicaste; se me dás licença,
externarei minhas ideias a propósito
do fim de minha irmã, da morte de meu pai.

CLITEMNESTRA
Permitirei; se me falasses sempre assim,
não me seria tão penoso ouvir-te, Electra.

ELECTRA
Pois falo. Admites o assassínio de meu pai.
Haveria palavras mais cruéis que essas,
fosse o teu crime inominável justo ou não?
E digo que não o mataste justamente;
foste induzida pelo companheiro pérfido
com quem prossegues convivendo ainda hoje.
Pergunta à caçadora Ártemis o insulto[26]
que ela puniu sustando os ventos lá em Áulis[27]!
Ou eu direi pois dela não terás resposta.
Meu pai, segundo contam, passeava um dia
num bosque consagrado à deusa imaculada
quando, assustada com seus passos, irrompeu
malhada corça, rara, com os chifres longos;
ferindo-a, disse meu pai naquele dia
não sei que ímpias palavras de vanglória;

irada, Ártemis reteve a armada grega
e estipulou como resgate necessário
da corça morta por meu pai no bosque santo
o sacrifício ali de sua própria filha.
Foi condição imposta pela deusa casta
para tornar a expedição realizável,
tanto na ida como no retorno à Grécia.
Depois de muito relutar, desesperado,
meu pai sacrificou-a, não por Menelau.
Mas vou pensar por um momento como tu;
se para o bem de seu irmão ele a imolou
disso nasceu o teu direito de matá-lo?
Não viste que, criando semelhante lei,
ensejarias tua própria punição?
Se cada morte fosse castigada sempre
com outra morte, morrerias por vingança.
Não me convencem tão hipócritas desculpas,
pois crime mais infame inda praticas hoje:
convives como esposa com o celerado
que te ajudou a trucidar meu nobre pai;
tens filhos dele, e quanto aos teus primeiros filhos
- honrada prole de união abençoada -
tu os expulsas da mansão que lhes pertence!
Reputas dignas de elogios tais ações?
Vingas também a filha agindo dessa forma?
Se é esta a tua ideia, perdeste a vergonha!
Podes amar um inimigo por vingança?
Nem um conselho posso dar-te; não permites;
irás dizer que falo mal de minha mãe,
mas eu te considero menos mãe que algoz,
tão grandes são os males que me fazes hoje
para maior prazer de Egisto, teu comparsa.
Orestes, que de tuas mãos salvei a custo,
vive distante a vida inglória de exilado.
Acusas-me frequentemente de o ter salvo
para punir mais tarde teu nefando crime;
assim faria se pudesse, tem certeza!
Aponta-me aos micênios como desleal,
como atrevida, até despudorada, ou mais,
pois se sou bem dotada dessas "qualidades"
recebi-as de ti; sou digna de teu sangue!

CORIFEU
Ela respira ódio e nem sequer lhe importa
saber se está ou não do lado da justiça.

CLITEMNESTRA

Dirigindo-se ao CORIFEU.
Que punição merece esta mulher? Insulta

desta maneira insólita a mãe idosa…
Não a julgas capaz de, sem hesitação,
chegar a extremos de torpeza inda piores?

ELECTRA
Tenho vergonha disto, embora não me creias;
não sendo mais criança ajo deste modo,
mas induzida por teus péssimos exemplos;
o mau procedimento faz proceder mal.

CLITEMNESTRA
Desrespeitosa criatura! Quanto assunto
te dão minhas palavras e minhas ações!…

ELECTRA
As más ações são tuas e as palavras más;
apenas a censura é minha; não estranhes.

CLITEMNESTRA
Por Ártemis! Há de custar-te muito caro
o atrevimento! Egisto te castigará!

ELECTRA
Viste? Permites-me falar e logo cedes
ao ódio habitual e me fazes calar!

CLITEMNESTRA
Depois de tanto abuso à minha permissão
pretendes impedir à custa de impropérios
que eu leve minhas oferendas ao defunto?

ELECTRA
Sou eu quem pede; vai, perfaze então os ritos;
esquece meus protestos; nada mais direi.

CLITEMNESTRA dirige-se ao altar de Apolo com uma criada.

CLITEMNESTRA
Ergue, criada, a dádiva de muitos frutos;
é hora de pedir ao deus que me liberte
de meus temores, tenham fundamento ou não.
Apolo protetor! Escuta as minhas súplicas
e sê benevolente se eu não for explícita!
Tenho inimigos e seria perigoso
expor meu pensamento com total clareza
sabendo que ela está perto de teu altar[28];
levada pela ira e por maledicência
ela divulgará pela cidade toda
rumores pérfidos. Terei de ser discreta.
Se for para meu bem, Apolo, concretiza

a singular visão que tive em sonho dúbio.
Mas se o inverso for verdade e anunciar
desastres iminentes, faze-os recair
inteiramente sobre nossos inimigos!
E se algum deles pensa mesmo em usurpar
o meu poder presente, não lhe dês apoio!
Peço-te a graça, deus, de sempre ser senhora
do cetro dos Atridas e de seus domínios,
vivendo bem com meus amigos atuais
e com meus filhos que não sintam pela mãe
nem desamor nem rancorosa prevenção!
Exalça, Apolo, minhas preces ansiosas
e acolhe minhas pretensões; elas são justas.
Quanto ao que tenho de calar, és deus, Apolo,
e facilmente poderás adivinhar;
tudo se evidencia aos filhos do bom Zeus.

Entra o PRECEPTOR, dirigindo-se às mulheres do CORO.

PRECEPTOR
Salve, senhoras! Estou certo imaginando
que este palácio é do famoso rei Egisto?

CORIFEU
Exatamente, forasteiro. É este mesmo.

PRECEPTOR
E porventura sou sagaz conjecturando
que esta senhora tão altiva é Clitemnestra?
Há muita majestade no seu porte nobre.

CORIFEU
Pensaste bem; é ela mesma, forasteiro.

PRECEPTOR
Salve, rainha! Trago-te notícias boas
e também para Egisto; manda-me um amigo.

CLITEMNESTRA
Acolho-te cordialmente, forasteiro,
mas gostaria de saber antes de tudo
o nome de quem te mandou até aqui.

PRECEPTOR
Seu nome é Fanoteu, rei da distante Fócida;
fui incumbido de cumprir grave missão.

CLITEMNESTRA
Qual, estrangeiro? Dize! Vinda de um amigo,
será sem dúvida agradável a mensagem.

PRECEPTOR
Em síntese, teu filho Orestes está morto.

ELECTRA
Ai! Que terrível dor! Agora estou perdida!

CLITEMNESTRA
Que dizes, forasteiro? Não lhe dês ouvidos!

PRECEPTOR
Se perguntas, repito: Orestes está morto.

ELECTRA
Pobre de mim! Nada mais sou! Estou perdida!

CLITEMNESTRA

Dirigindo-se a ELECTRA.

Cuida de ti somente! Não nos importunes!

Dirigindo-se ao PRECEPTOR.

Dize-me, forasteiro: como foi a morte?

PRECEPTOR
Fui enviado para isso; direi tudo.
Orestes foi aos renomados Jogos Píticos[29],
glória de toda a Hélade; com voz solene
o arauto apregoou tonitruantemente
o percurso pedestre - a prova inicial.
Teu filho apresentou-se lépido e brilhante,
maravilhando todos os espectadores;
correu e conquistou os louros da vitória.
Para dizer-te tudo em mínimas palavras,
jamais vi homem cujos feitos e triunfos
pudessem comparar-se aos dele nas disputas.
Em todas as competições anunciadas
(no duplo curso, no pentatlo, nas corridas)
ele foi o vitorioso incontestável.
O público o considerava felicíssimo,
ovacionando Orestes, filho de Agamêmnon
outrora comandante dos soldados gregos.
As duras provas transcorriam normalmente,
mas quando os deuses nos enviam infortúnios
nem mesmo os fortes são capazes de evitá-los.
No dia subsequente, logo após a aurora,
teu filho retornou com novos adversários
para a competição dos carros mais velozes;

um era aqueu, outro espartano; dois da Líbia[30]
apresentaram-se com carros adornados;
Orestes era o quinto, com seus corcéis téssalos[31];
e veio o sexto com dois alazões etólios[32];
seguia-se na linha de partida Magnes;
era eniano o próximo competidor,
com seus corcéis imaculadamente brancos;
vinha de Atenas celebérrima o penúltimo
e o derradeiro concorrente era tebano[33].
Imóveis nos lugares predeterminados,
os carros aguardavam prontos o sinal;
ao toque nítido do estrídulo clarim
partiram todos incitando seus cavalos.
Na pista cheia elevava-se o estrépito
dos carros ruidosos em competição;
nuvens de denso pó subiam pelos ares;
brandiam aguilhões os hábeis condutores,
tentando cada um ultrapassar os outros;
em suas costas os corcéis resfolegavam
e relinchavam espumando nos seus flancos.
Orestes conduzia o leve carro célere
na faixa interna da pista ensurdecedora,
quase tocando nas balizas de contorno
a cada volta pelo extremo do percurso;
ele soltava as rédeas do corcel de fora,
enquanto procurava refrear o outro.
Desenrolava-se a corrida normalmente
mas num instante os dois corcéis desenfreados
do auriga eniano dispararam incontidos
na sexta volta, já bem próximos da sétima,
e o carro, ziguezagueando, foi chocar-se
contra os cavalos de um dos concorrentes líbios;
em consequência sucederam-se os desastres;
os carros se chocavam e desmantelavam-se,
despedaçando-se com pavoroso estrépito;
era pequeno o hipódromo para conter
os montes dos destroços do desastre hípico.
O competente condutor ateniense
pôde esquivar-se a custo, deixando passar
aquela sucessão de carros e cavalos.
Vinha por último teu filho, refreando
seus rápidos corcéis, poupando-os para o fim;
mas, ao ver que de tantos apenas restava
um dos competidores, incitou aos gritos,
na ânsia da vitória, os animais indóceis.
Os carros disparados iam empatados
e ora sobressaía um dos competidores,
ora o rival, na confusão vertiginosa.
Quando na volta extrema o infeliz Orestes
chegou mais perto da baliza de contorno

que transpusera tantas vezes sem tocar,
soltou as rédeas tensas do corcel da esquerda,
mas passou próximo demais; uma das rodas
bateu na aresta da baliza e despregou-se.
Orestes foi lançado fora de seu carro,
emaranhado nas rédeas de couro forte;
os dois cavalos, arrastando o corpo atado
desabalaram soltos pela pista afora.
A multidão gritou ao vê-lo acidentado
e lamentou o desenlace tão funesto
para teu filho, que vencera tantas provas
e estava ali caído e ia pelo chão
aos trambolhões; penalizado, um condutor,
contendo com dificuldade seus dois potros,
pôde soltar o corpo, tão ensanguentado
e mutilado que nem os amigos íntimos
foram capazes de reconhecer o morto.
Após o trágico acidente incineraram
o corpo de teu filho numa simples pira[34].
Trazemos-te, senhora, em urna brônzea, as cinzas,
restos mortais daquele poderoso corpo;
aqui terão as merecidas honras fúnebres.
Findou a descrição fiel, triste de ouvir
(se pode haver tristeza apenas em palavras);
mas o desastre visto foi muito mais triste.

CORIFEU
Agora extingue-se definitivamente
a raça régia dos senhores desta terra!

CLITEMNESTRA
Ah! Zeus! Que vou dizer destas notícias - boas?
Ou tristes mas convenientes? Dura sorte!…
Salvam-me a vida minhas próprias desventuras…
PRECEPTOR
É causa de consternação minha mensagem?

CLITEMNESTRA
Há um poder estranho na maternidade…
As mães jamais conseguem odiar os filhos,
nem quando maltratadas pelos mais perversos…

PRECEPTOR
Então fiz a longa jornada inutilmente?

CLITEMNESTRA
Inutilmente, não; por que inutilmente
se trazes a confirmação da morte dele?
Sim, dele que nasceu de minha própria alma
e se afastou de mim, da mãe que o concebeu,

e se refugiou em terras estrangeiras!
Depois de desterrar-se nunca mais o vi;
apenas ocupava-se de incriminar-me
e de acenar-me com seguidas ameaças,
tantas e tais que nem de noite nem de dia
pousava em minhas pálpebras o leve sono;
aniquilavam-me temores incessantes.
Mas a partir de agora sinto-me liberta
do medo dele e da perniciosa irmã,
que suga o próprio sangue de minha existência;
enfim irei viver em paz, apesar dela!

ELECTRA

Que desde o início da descrição do PRECEPTOR ficara caída no chão, imóvel.

Ai! Infeliz de mim!… O teu destino, irmão,
foi tão impiedoso e inda serves de alvo
a torpes recriminações de tua mãe!
O que já ia bem passou a ir melhor[35]…

CLITEMNESTRA
Tu, não, mas teu irmão vai bem lá onde está.

ELECTRA
Não ouves a blasfêmia, Nêmesis do morto[36]?

CLITEMNESTRA
Tudo ela ouve e tudo arranja a seu alvitre.

ELECTRA
Insulta! Nessa luta coube-te a vitória!…

CLITEMNESTRA
E dela não me privarás, nem tu, nem ele!

ELECTRA
Nem eu nem ele poderemos silenciar-te…

CLITEMNESTRA

Dirigindo-se ao PRECEPTOR e apontando para ELECTRA.

Se conseguisses refrear a sua língua
terias boa recompensa, forasteiro.

PRECEPTOR
Cumpri minha missão; regressarei, senhora.

CLITEMNESTRA
Ainda não! Se te deixasse ir agora
a recepção seria indigna de mim mesma
e de teu amo Fanoteu, que te mandou;
convido-te cordialmente a entrar; deixemo-la.

CLITEMNESTRA e o PRECEPTOR dirigem-se ao palácio.

ELECTRA
Parece-vos aflita esta perversa mãe
e compungida com a morte de seu filho?
Pois ela estava rindo! Ai! Infeliz de mim…!
Orestes muito amado! Matas-me, morrendo…!
Levaste quando foste às minhas esperanças
- que viverias e mais tarde voltarias
para vingar-me e a nosso pai. Mas ai de mim…!
A quem pedir auxílio? Só, sem ti, sem pai…
Terei de conformar-me com a fatalidade:
viver submissa aos assassinos de Agamêmnon.
Belo porvir!… Mas juro que prefiro a morte
a ter de conviver ainda com tal gente!
Deixar-me-ei ficar assim, fora das portas,
e só, consumirei a vida sem amigos.
Matem-me os assassinos se lhes sou hostil!
Se a vida é insuportável prefiro morrer!

CORO
Onde se escondem os raios de Zeus?
Onde se oculta o sol com seu fulgor?
Os deuses inda se comoverão?

ELECTRA
Ai! Ai de mim!…

CORIFEU
Não te lamentes tanto! Por que choras, filha?

ELECTRA
Só tenho lágrimas e me provocas…

CORIFEU
Por quê?

ELECTRA
Falas dos deuses, dando-me esperanças
quanto aos que já estão em outro mundo…

CORO
O rei Anfiarau - sabemos todas[37] -
foi vítima da sanha feminina,

mas hoje, nas profundezas da terra…

ELECTRA
Ai! Ai de mim! Como sou infeliz…!

CORO
… reina depois de ter ressuscitado!

ELECTRA
Ai! Ai de mim!

CORO
Sim! Ai de ti! Aquela mulher pérfida…

ELECTRA
… foi morta!

CORO
Sim, foi morta!

ELECTRA
Surgiu o vingador de Anfiarau,
mas para mim nenhum se mostrará;
rouba-me a morte aquele que viria…!

CORO
Revives mágoas incessantemente.

ELECTRA
Sei disso muito bem, amigas minhas;
é um fluxo constante de tristezas
terríveis, tenebrosas, incessantes…

CORO
Vemos correrem sempre as tuas lágrimas.

ELECTRA
Deixai-me, então, com elas, pois não posso…

CORO
Que dizes?

ELECTRA
… não posso mais viver entre ilusões
de que virá um dia meu irmão,
a última semente de meu pai…!

CORO
Um dia chega o fim de todos nós…

ELECTRA
Mas terminar assim, morrer assim,
levado por corcéis desenfreados,
emaranhado em rédeas retesadas?

CORO
Descomunal desastre! Morte horrível!

ELECTRA
Morrer longe de mim, de minhas mãos…

CORO
Desventurado Orestes! Ai de ti!

ELECTRA
… sem meus cuidados, sem as minhas lágrimas…

Entra CRISÔTEMIS correndo.

CRISÔTEMIS
Grande alegria faz-me vir correndo, irmã[38],
e minha pressa tira-me a moderação.
Sou portadora de agradáveis novidades
que hão de acabar com tuas muitas amarguras!

ELECTRA
Trouxeste algum alívio para minhas mágoas?

CRISÔTEMIS
Orestes já voltou! Eis a pura verdade!

ELECTRA
Perdeste o senso? Zombas de nossa desgraça?

CRISÔTEMIS
Não! Pelo túmulo de nosso pai, não zombo!
Estou mais que segura da presença dele!

ELECTRA
Pobre de mim!… Quem transmitiu essa notícia
em que acreditas pressurosa, minha irmã?

CRISÔTEMIS
Não creio por ouvir dizer, mas por ter visto.
As provas são cabais; não posso duvidar.

ELECTRA
Serão de fato convincentes essas provas?
Deves ter visto coisas realmente sérias;
estás excitadíssima, ou mesmo insana!

CRISÔTEMIS
Irás saber se sou sensata ou sou insana
quando me permitires relatar os fatos.

ELECTRA
Se gostas de contar histórias, fala, irmã…

CRISÔTEMIS
Então escuta bem. Quando me aproximei
do túmulo de nosso pai, vi oferendas,
vi leite recém-derramado em quantidade,
caindo sem parar da lápide no chão;
e vi também ramos de folhas inda frescas.
Fiquei atônita, mas consegui conter-me
e olhei atenta para um lado e para o outro,
tentando descobrir quem estivera lá;
vendo tudo tranquilo nas proximidades,
criei coragem, avancei para mais perto
e percebi na lápide distintamente
cabelos louros em anéis inda viçosos.
Ao contemplá-los uma imagem conhecida
configurou-se em minha mente, clara e nítida:
previu minha alma naqueles simples vestígios
a tão querida presença de meu irmão.
Com devoção e com ternura recolhi-os;
a voz faltou-me e lágrimas irreprimíveis
de intenso júbilo correram de meus olhos.
Senti então, e ainda sinto neste instante,
que eram de Orestes os cabelos encontrados.
Não sendo meus nem teus, de mais ninguém seriam.
Eu não os dei nem tu (e como poderias,
se não permitem que te afastes sem escolta
nem mesmo para reverenciar os deuses?);
o coração de nossa mãe não é afeito
a esses atos, nem ela os praticaria
longe de nossos olhos, sem ostentação.
Só podem ser de Orestes essas oferendas!
Sê corajosa, irmã! Os fados que nos seguem
de maus podem tornar-se bons e este momento
será talvez prenúncio de melhores dias!

ELECTRA
Quanta pena tenho de ti desde o princípio!…

CRISÔTEMIS
Por quê? Não te causa alegria o meu relato?

ELECTRA
Não sabes por que sonhos vagas, nem por onde!…

CRISÔTEMIS
Mas devo duvidar do que meus olhos viram?

ELECTRA
Orestes está morto - ai de nós! Com ele
morreram nossas esperanças infundadas;
em teus projetos já não podes incluí-lo.

CRISÔTEMIS
Quanta desgraça!… Tens certeza dessa morte?

ELECTRA
Testemunhou-a quem nos trouxe a má notícia.

CRISÔTEMIS
Não posso crer!… Mas, onde está o mensageiro?

ELECTRA
Lá dentro, junto à nossa mãe satisfeitíssima.

CRISÔTEMIS
Pobre de mim!… E quem teria então trazido
as oferendas abundantes de que falo?

ELECTRA
Alguém mandado por Orestes moribundo.

CRISÔTEMIS
Ai! Ai de mim! Vim exultante e tão depressa,
com as novidades que julgava tão alegres
e finalmente um novo golpe nos atinge.

ELECTRA
A tua história terminou, mas se me ouvires
talvez também acabem nossas amarguras.

CRISÔTEMIS
Será possível dar aos mortos vida nova?

ELECTRA
Não quero dizer isto. Julgas-me demente?

CRISÔTEMIS
Em tuas intenções incluis o meu auxílio?

ELECTRA
Sê corajosa, irmã, e apoia-me em meus planos!

CRISÔTEMIS
Conta comigo se for útil minha ajuda.

ELECTRA
Deves saber que nada é feito sem esforço.

CRISÔTEMIS
Irei até onde chegarem minhas forças.

ELECTRA
Vais conhecer, então, as minhas intenções[39].
Amigos, hoje sabes que não temos mais;
a morte exterminou-os; nós estamos sós.
Enquanto Orestes era vivo e prosperava,
tínhamos esperanças de vê-lo voltar
para vingar a morte do finado pai;
agora, todavia, após a morte dele,
só tu me restas e terás de auxiliar-me
a exterminar Egisto, algoz de nosso pai;
entre nós duas já não haverá segredos.
Por quanto tempo ainda ficarás inerte?
Ainda nutres quaisquer outras esperanças?
Hás de chorar quando te vires despojada
dos bens deixados por teu pai; e chorarás
quando sentires que jamais terás esposo.
Aguardarás inutilmente as tuas núpcias,
pois Egisto jamais permitirá que nasça
um filho teu ou meu para depois temê-lo.
Se resolveres aceitar os meus conselhos,
demonstrarás amor a Orestes e a teu pai
e recuperarás a liberdade antiga;
condignos pretendentes não te faltarão,
pois todos dão valor às naturezas nobres.
Pensa na fama imorredoura que há de vir
para ti mesma e para mim se me seguires.
Parece até que estou ouvindo desde agora
as expressões de conterrâneos e estrangeiros
elogiando-nos, unânimes, ao ver-nos:
"Olhai, amigos, as irmãs que, sós e frágeis,
salvaram a casa paterna ameaçada!
Seus inimigos, firmes no poder, mandavam,
mas elas, insensíveis a todos os riscos,
mataram-nos, vingando a morte de seu pai!
São ambas dignas de respeito e de homenagens
e onde as notar o povo há de prestar-lhes sempre
o preito de honra compatível com a bravura!"
Frequentes vezes ouviremos tais palavras
e glória não nos faltará, vivas ou mortas.
Vamos, amiga! Unamo-nos! Tem fé em mim!
Irás lutar por teu irmão e por teu pai

e aliviar teus males e pôr fim aos meus!
Só os covardes podem viver desonrados!

CORIFEU
Em horas como a que viveis, a sensatez
é proveitosa a quem escuta e a quem fala.

CRISÔTEMIS

Dirigindo-se ao CORO.
Concordo, amigas; se ela fosse precavida
não falaria com tamanha indiscrição.

Dirigindo-se a ELECTRA.

Não podes esperar ajuda alguma, irmã,
e ainda ages com destemperada audácia
e incitas-me a seguir-te em teus ousados planos?
Ainda ignoras que és mulher, que não és homem,
e tua força é bem menor que a força deles,
e que a fortuna de teus inimigos cresce
enquanto a nossa cai e se reduz a nada?
Quem poderá manter-se vivo por mais tempo
tramando a queda de tão fortes adversários?
Se alguém ouviu tuas palavras, novos males
teremos de sofrer, maiores e piores.
Em que nos aproveitará morrer agora
se só depois de mortas nos aplaudirão?
Pior que a morte é desejar fugir do mundo,
da vida insuportável, e ter de viver!
Imploro, irmã, antes que seja exterminada
a nossa raça inteira; não odeies tanto!
Serei discreta para que tuas palavras
não tenham consequências tristes; sê prudente,
embora tarde, obedecendo a teus senhores!

CORIFEU
Escuta! Nada é mais benéfico aos mortais
do que prever e conduzir-se com prudência.

ELECTRA
Não me causam espanto estas ponderações;
Já esperava pela tua negativa.
Pois seja! Assumirei então os riscos todos,
e só! Minha resolução é inabalável!

CRISÔTEMIS
Por que não demonstraste a mesma decisão
quando meu pai morreu? Que não terias feito!…

ELECTRA
Não era diferente a minha natureza,
mas meu espírito não amadurecera.

CRISÔTEMIS
Melhor seria se ele estivesse imaturo…

ELECTRA
Não contarei contigo; poupa tuas forças.

CRISÔTEMIS
Não contes; pode ser funesto o resultado.

ELECTRA
De minha parte não escutarás louvores.

CRISÔTEMIS
Não jures; muito tempo ainda passará…

ELECTRA
Retira-te! Não há boa vontade em ti!

CRISÔTEMIS
Enganas-te. Não dás ouvidos ao bom senso.

ELECTRA
E quando fores, conta tudo à tua mãe!

CRISÔTEMIS
Por quê? Não sinto o mínimo rancor por ti.

ELECTRA
Como não sentes se me queres desonrada?

CRISÔTEMIS
Desonra, não! Somente penso no teu bem.

ELECTRA
Devo fazer apenas o que julgas justo?

CRISÔTEMIS
Quando fores sensata poderás guiar-nos.

ELECTRA
Que lástima falar tão bem e agir tão mal!…

CRISÔTEMIS
Descreves muito bem as tuas próprias faltas.

ELECTRA

Como? Não te pareço falar justamente?

CRISÔTEMIS
Às vezes a justiça opõe-se à conveniência.
ELECTRA
Não desejo viver sujeita a estas leis.

CRISÔTEMIS
Segue teus planos; logo me darás razão.

ELECTRA
Segui-los-ei; não me farás retroceder.

CRISÔTEMIS
Insistes? Não irás mudar de pensamento?

ELECTRA
Mudar de ideia é um péssimo defeito!

CRISÔTEMIS
Discordas sempre do que digo! Não transiges!

ELECTRA
É inabalável minha deliberação.

CRISÔTEMIS
Então vou retirar-me; não queres ouvir-me
e quanto a mim jamais aprovarei teus planos.

ELECTRA
Pois vai! Agora nossos rumos são diversos;
foi vão o meu esforço para convencer-te.

CRISÔTEMIS
Tens na mais alta conta a tua sensatez.
Conserva-te sensata como te imaginas;
Dirás nas horas tristes a quem falta o senso.

CORO
Quando vemos os pássaros alígeros[40]
nutrindo, cuidadosos, por instinto,
os mais idosos que antes os criaram,
por que não nos quitamos dessa dívida
com devoção pelo menos igual?
Não! Pelos raios fúlgidos de Zeus
e pela etérea Têmis justiceira [41]
não ficarão impunes os ingratos!
Rumor recôndito que vais aos mortos[42]!
Leva nosso piedoso grito ao túmulo
do Atrida, ilustre vencedor de Troia[43],

mensagem triste em tom desalentado;
dize-lhe que periga a sua raça
enquanto entre as herdeiras de seu sangue
luta renhida põe em risco a paz
dos dias plácidos! Electra, só,
abandonada, enfrenta a tempestade,
banhada em lágrimas inesgotáveis
como se fosse um rouxinol plangente,
chorando seu infortunado pai!
A própria morte não te causa medo;
ela descuida até de sua vida
na ânsia de matar as duas Fúrias[43a].
Existirá criatura mais nobre?
Nenhuma alma pura quererá
deixar depois de si um nome vil
por preferir uma existência indigna,
incompatível com a boa fama.
Estás agindo heroicamente, filha,
tu, que preferes o pranto sem fim
à convivência com a desonra ignóbil.
Merecerás louvores redobrados
como a mais santa e a melhor das filhas!
Conceda o céu que ainda te vejamos
no auge do poder e da riqueza,
mais forte que teus inimigos pérfidos
em vez de ser humilhada por eles!
Agora tua vida não é próspera;
só não te falta o reconhecimento
pela fidelidade incontestável
às mais sublimes leis da natureza
e pelo culto a Zeus onipotente!

Entra ORESTES seguido por PÍLADES e dois criados.

ORESTES

Dirigindo-se ao CORO.

Senhoras, fomos porventura bem guiados[44]
e estamos caminhando para nossa meta?

CORIFEU
Quem tu procuras e com que desejos vens?

ORESTES
É meu desejo ir ao palácio ver Egisto.

CORIFEU
Então andaste bem e foi bom o teu guia.

ORESTES
E quem de vós irá dizer aos lá de dentro
que já chegou a comitiva anunciada?

CORIFEU

Apontando para ELECTRA.

Vá esta, então; é a mais próxima parenta.

ORESTES

Dirigindo-se a ELECTRA.

Pois vai, senhora, e leva-lhe nossa mensagem:
somos foceus e desejamos ver Egisto[45].

ELECTRA
Pobre de mim! Vieste confirmar, sem dúvida,
rumores já ouvidos há poucos momentos.

ORESTES
Nada sabemos de rumores; rei Estrófio[46]
mandou-nos vir com novidades sobre Orestes.

ELECTRA
E quais são elas, forasteiro? Tenho medo…

ORESTES

Apontando para uma urna que os criados trazem.

Trazemos nesta urna de pequeno porte
os restos diminutos… Como vês, morreu…

ELECTRA
Que horror! Tenho diante de meus próprios olhos,
em vossas mãos, a prova de minha desgraça!…

ORESTES
Se te comove a sina do coitado Orestes,
encontrarás os restos dele nesta urna.

ELECTRA
Estando aí os restos, deixa-me, senhor[47]
tomá-la em minhas mãos, chorar e lamentar
não só as cinzas dele mas a mim também
e a uma raça toda agora agonizante!

ORESTES

Dirigindo-se aos criados.

Trazei-a, servos, e entregai-a a esta dama;
não sei quem é, porém se tanto se condói
ou foi amiga ou é parenta do finado.

Os criados entregam a urna a ELECTRA.

ELECTRA
Ah! última recordação do muito amado[48],
relíquia lastimável da vida de Orestes!
Quão diferente das sentidas esperanças
com que te vi partir regressas nesta urna!
Que recebo nas mãos neste momento? Nada!
E quando foste, irmão, estavas tão formoso…
Ah! Quem me dera ter morrido, antes de ver-te
seguir para remotas regiões!… Livrei-te
com estas minhas mãos e te salvei da morte,
mas, para quê? Naquele dia morrerias
e jazerias no sepulcro de teu pai.
Quis o destino que, longe do lar, da pátria,
longe de mim, morresses desgraçadamente!…
E minhas mãos não compuseram teu cadáver,
nem recolheram, piedosas, tuas cinzas;
Trazido por estranhas mãos, vens reduzido
a uns restos mortais de cinza e nada mais!
Ah! Infeliz de mim por meus cuidados vãos,
motivos de frequentes e doces fadigas!
Jamais a tua mãe te amou como te amei,
e com desvelo igual ninguém cuidou de ti;
(chamaste-me de irmã querida tantas vezes!…)
Levaste quando foste as nossas esperanças;
meu pai morreu; morreste, irmão! Morro contigo!
Mas nossos inimigos estão rindo! A mãe
que nada tem de mãe quase perdeu o senso,
tão satisfeita está com tua morte, Orestes!
E pretendias castigá-la em teu regresso!…
Mas este trágico destino teu e meu
destruiu tudo e chegam-me de volta agora
apenas estas cinzas e desilusões
em vez de tua esperadíssima presença!…

ELECTRA começa a chorar.

Ai! Infeliz de mim! Tristes despojos[48a]!
Ai! Ai de mim! Quanta infelicidade!
Dura separação, fatal viagem

a que te expus para meu desespero!
Apenas desespero, irmão querido!
Leva-me, Orestes, desta vida horrível,
a mim, que nada sou, para teu nada,
onde eu possa afinal ficar contigo
por toda a eternidade! Enquanto vivos,
nosso destino sempre foi igual;
compartilhemos hoje o mesmo túmulo,
pois só depois da morte as mágoas cessam!

ELECTRA chora convulsivamente.

CORIFEU
Teu nobre pai, Electra, era mortal; ou não?
Orestes também era; por que choras tanto
se todos vamos ter um dia o mesmo fim?

ORESTES
Não posso dominar-me!… Tenho de falar[49]!
Já não consigo impor silêncio à minha boca!

ELECTRA

Mais calma.

Que falas? Algo te perturba, forasteiro?

ORESTES
Ah! Dize-me, senhora: teu nome é Electra?

ELECTRA
Este é o nome da muito infeliz que sou…

ORESTES
Lamento imensamente tanta desventura!…

ELECTRA
Será mesmo de mim que te condóis, senhor?

ORESTES
Devem ser grandes tuas penas. Sinto muito[50]…

ELECTRA
Tuas palavras cabem-me como a ninguém.

ORESTES
Destino amargo!… Sem esposo… Desditosa …

ELECTRA
Por que te mostras comovido, forasteiro?

ORESTES
Não tinha consciência de meus próprios males…

ELECTRA
E como percebeste isso neste instante?

ORESTES
Vendo teus sofrimentos, tantos e tão grandes.

ELECTRA
Pois vês pequena parte de minhas desgraças.

ORESTES
Existirão ainda outras, e piores?

ELECTRA
Existem; forçam-me a viver com os assassinos.

ORESTES
De que assassinos falas? Quem eles mataram?

ELECTRA
Meu pai. E mais ainda: sou escrava deles!

ORESTES
Quem te sujeita a tão cruel constrangimento?

ELECTRA
Dão-lhe o nome de mãe, mas das mães nada tem.

ORESTES
Como procede? É rude? Priva-te de quê?

ELECTRA
É rude, priva-me de tudo e atormenta-me.
ORESTES
Não há quem possa socorrer-te e moderá-la?

ELECTRA
Aqui estão as cinzas de quem poderia.

ORESTES
Ah! Infeliz! É tão penoso ver-te assim!…

ELECTRA
Pois ouve: apenas tu tens compaixão de mim.

ORESTES
Porque somente a mim me tocam tuas mágoas.

ELECTRA
Serás alguém de nossa raça, porventura?

ORESTES

Apontando para as mulheres do CORO.

ORESTES
Responderia, se todas fossem amigas[51].

ELECTRA
Mas são amigas, sim, e todas devotadas!

ORESTES
Responderei, então, mas põe de lado a urna.

ELECTRA

Apertando a urna contra o peito.

Não! Pelos deuses, forasteiro! Isto não!

ORESTES
Confia em mim e tudo ficará melhor!

ELECTRA
Suplico-te! Não me tires o que mais quero!

ORESTES
Não deves insistir em tê-la junto a ti.

ELECTRA

Dirigindo-se à urna.

Serei ainda mais desventurada, Orestes,
se não me permitirem sepultar-te as cinzas!

ORESTES
Evita maus agouros e não chores mais!

ELECTRA
Devo cessar de lamentar meu irmão morto?

ORESTES
Não uses tais palavras a respeito dele!

ELECTRA

Julgas-me então indigna de falar do morto?

ORESTES
Indigna de ninguém!

Apontando para a urna.

Mas isto não é nada[52].

ELECTRA
É muito, se contém as cinzas de um irmão!

ORESTES
Mas não contém; tudo foi pura encenação.

ORESTES tira gentilmente a urna das mãos de ELECTRA.

ELECTRA
Então onde é a tumba do infeliz Orestes?

ORESTES
Em parte alguma; os vivos não têm sepultura.

ELECTRA
Que me dizes, menino[53]?

ORESTES
Digo-te a verdade.

ELECTRA
Então ele inda vive?

ORESTES
Não pareço vivo?

ELECTRA
És ele?

ORESTES
Sou. Observa bem este sinete[54],
outrora de meu pai, e dize se não sou!

ELECTRA
Bendito dia!

ORESTES
Mais ainda para mim!

ELECTRA

É esta a tua voz?

ORESTES
Só esta escutarás!

ELECTRA

Abraçando ORESTES.

Tenho-te então nos braços?

ORESTES
Terás para sempre!

ELECTRA

Dirigindo-se ao CORO.

Amigas minhas! Eis Orestes! Contemplai-o!
Fingindo-se de morto, ei-lo afinal de volta,
vivo e saudável, graças a seu fingimento!

CORIFEU
Estamos vendo, filha, e por esta ventura
choramos incontidas lágrimas de júbilo!

ELECTRA
Filho de um pai extremamente amado[55],
chegaste aqui de volta finalmente!
Vieste, achaste e viste quem querias!

ORESTES
Este era o meu desejo, mas guarda silêncio!

ELECTRA
Por quê?

ORESTES
Calemos ambos; alguém pode ouvir-nos.

ELECTRA
Não! Pela deusa virgem! Não! Por Ártemis!
Não há motivos para recearmos
mulheres indolentes confinadas
lá no palácio, simples peso inútil!

ORESTES
Não deves esquecer, porém, de que há mulheres
de espírito viril, e tu és uma delas.

ELECTRA
Ouvindo-te falar vem-me à memória
a imensidade de meu infortúnio
indisfarçável e nunca esquecido…

ORESTES
São óbvios teus motivos; no momento próprio
serão rememorados esses fatos tristes.

ELECTRA
Mas todos os momentos - todos, sim! -
seriam próprios para meus queixumes.
Quase não tive até o teu retorno
meus lábios livres para os expressar.

ORESTES
Concordo, mas resguarda tua liberdade.

ELECTRA
Dize-me, então, o que devo fazer.

ORESTES
Não fales muito, pois seria inoportuno.
ELECTRA
Como trocar a voz pelo silêncio
se regressaste enfim a teu palácio?
Como calar, agora que te vejo,
quando já nem pensava, nem sonhava?

ORESTES
Pois já me tens; só hoje os deuses permitiram.

ELECTRA
Ouvindo-te dizer que retornaste
mandado pelos deuses, rejubilo-me;
estás de volta por favor divino.

ORESTES
Custa-me cercear o teu contentamento,
mas estas efusões podem causar desgosto.

ELECTRA
Tardaste muito a devolver-me a paz
com teu regresso à nossa terra; agora…

ORESTES
Que fiz?

ELECTRA

Não me roubes este consolo
tão doce! Não me obrigues a deixar-te!

ORESTES
Mas nem forçado eu te abandonaria, Electra!

ELECTRA
Atendes-me?

ORESTES
E por que não te atenderia?

ELECTRA

Dirigindo-se ao CORO.

Ouvi, amigas minhas, uma voz
que julgava calada para sempre;
como manter contidas, nesta hora,
as emoções, sem gritos de alegria?

Dirigindo-se a ORESTES.

Sofri demais, mas hoje estás comigo!
Desfruto a claridade, meu irmão,
dessa tua presença tão querida
que sempre aparecia à minha mente,
mesmo no auge de meu desespero.

ORESTES
Evita todas as palavras dispensáveis;
não fales dos crimes cruéis de nossa mãe;
omite as prodigalidades de seu cúmplice,
Egisto, dilapidador de nossos bens;
a descrição consumiria muito tempo.
Fala, antes, de coisas que nos favoreçam
na pronta realização de nossos planos:
onde nos mostraremos ou esconderemos?
Qual a maneira mais segura de pôr fim
à torpe usurpação de nossos inimigos?
Cuidado! Se não conseguires dominar-te,
quando chegarmos ao palácio com a urna
nosso segredo se exporá à tua mãe
em teu semblante alegre; ensaia algum lamento
pelo falso desastre que lhe relataram;
teremos tempo, após a próxima vitória,
para manifestar o nosso regozijo.

ELECTRA
Tudo se passará como mandaste, irmão[56];

o meu contentamento é teu, não me pertence;
nem o maior dos bens seria desejável
à custa do menor transtorno para ti;
não fosse assim, eu estaria sendo ingrata
aos deuses poderosos, nossos protetores.
Já sabes como vão as coisas por aqui?
Egisto se ausentou, mas volta ainda hoje,
e nossa mãe está lá dentro, mas não temas
que em hora alguma eu lhe apareça sorridente;
meu ódio antigo permanece inalterado.
Apresentar-me-ei com lágrimas nos olhos
porque também se chora de alegria, Orestes.
Parece-te excessivo o meu contentamento?
Não devo estar alegre se num mesmo dia
primeiro regressaste morto e depois vivo?
Tanta perplexidade tudo isto causa
que se eu visse voltar meu pai, ressuscitado,
não descreria nem assim de meus sentidos;
a tua vinda não foi menos milagrosa.
Dispõe de mim; ordena e obedecerei[57].
Ainda que faltasses eu já decidira:
matá-los-ia, mesmo só, ou morreria!

ORESTES
Silêncio, irmã! Alguém saiu lá do palácio!

Aparece o PRECEPTOR, vindo do palácio.

ELECTRA

Dirigindo-se a ORESTES e PÍLADES.

Vinde, estrangeiros, pois nesta missão bendita
ninguém irá dificultar os nossos passos,
nem mesmo os que tiverem de sofrer com isso.

PRECEPTOR

Dirigindo-se a ELECTRA e a ORESTES.

Crianças insensatas! Não prezais a vida?
Ou a temeridade não vos deixa ver
que vos achais já não direi apenas próximos
mas dentro da voragem de mortais perigos?
Não fossem meus cuidados os vossos projetos
decerto anteceder-vos-iam no palácio!
Mas felizmente fui capaz de proteger-vos.
Agora terminai essas falas sem fim,
os repetidos gritos de contentamento,
e entrai; não deve haver delongas nestas horas;

é tempo de levar a termo nossos planos.

ORESTES
Será propícia para mim a ocasião?

PRECEPTOR
Ninguém te reconhecerá; não há perigo.

ORESTES
Anunciaste a minha morte no palácio?

PRECEPTOR
És simples sombra para a gente lá de dentro.

ORESTES
Foi grande a alegria deles? Que disseram?

PRECEPTOR
Direi no fim; agora tudo marcha bem
lá dentro para nós, até o que vai mal.

ELECTRA
Podes dizer quem é este ancião, Orestes?

ORESTES
Não adivinhas?

ELECTRA
Não consigo descobrir…

ORESTES
Não lembras mais das mãos em que me depuseste?

ELECTRA
Que mãos? Que dizes?

ORESTES
As que outrora me levaram,
graças a ti, até os campos lá da Fócida.

ELECTRA
Será aquele mesmo que no dia horrível
da morte de meu pai foi meu único amigo?

ORESTES
Exatamente, mas não faças mais perguntas.

ELECTRA
Quanta ventura junta! Eis também de volta

o homem que evitou o fim de nossa raça!
És realmente o salvador de meu irmão
e meu também? Abençoadas mãos as tuas!
Mas, como conseguiste, servo fidelíssimo,
permanecer por tantas horas junto a mim
sem revelar quem eras nem dar um sinal
da luz que chega enfim ao meu destino negro,
e até amargurando-me com tuas fábulas
enquanto me ocultavas a melhor verdade?
Salve, meu pai, pois foste para mim um pai!
Bem-vindo sejas, mas no transcurso de um dia[58]
senti por ti rancor tão grande e tanto amor
quanto jamais sentira por nenhum mortal!

PRECEPTOR
Compreendo-te, mas para; as coisas do passado
são tantas que dias seguidos, muitas noites
consumirei para poder contá-las todas.

Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.

Eis meu conselho quanto a vós: vamos agir!
Neste momento Clitemnestra está sozinha;
estão ausentes do palácio os homens todos
mas se vos demorardes tereis pela frente
não um casal apenas, porém inimigos
em muito maior número e mais destemidos.

ORESTES
Amigo Pílades, ouvimos o bastante;
entremos já! É hora da resolução!
Peçamos proteção aos deuses da família,
constantes defensores destas portas amplas.

Entram ORESTES e PÍLADES pela porta central do palácio, levando a urna, seguidos pelo PRECEPTOR. ELECTRA continua fora.

ELECTRA
Protege-os, Apolo! Ajuda-me também!
Ah! Quantas vezes vim depor em teu altar
piedosas oferendas, quase sempre humildes,
pois outras não podiam minhas mãos devotas!
Com todas as preces que sei, divino Apolo,
venho pedir-te, suplicar, rogar ansiosa:
sê-nos propício, apoia nossas intenções
e mostra aos ímpios o castigo merecido
que o céu inexoravelmente lhes envia!

ELECTRA dirige-se também ao palácio.

CORO
Avança agora a morte inexorável
querendo sangue! Acabam de transpor
as portas do palácio as negras Fúrias,
perseguidoras lentas mas fatais
da culpa tenebrosa! Em pouco tempo
tornar-se-á enfim realidade
a nítida visão de nosso espírito.
O núncio das soturnas divindades[59].
insinuou-se na morada muito antiga
de seus antepassados nobilíssimos,
tendo a morte cortante em suas mãos.
Hermes, o filho ardiloso de Maia[60],
dissimula nas sombras a cilada
e mostra o rumo; o fim já se aproxima!

Reaparece ELECTRA, vinda do palácio.

ELECTRA
Silêncio, amigas! Tudo se consumará
dentro de pouco tempo; fiquemos atentas.

CORIFEU
Que acontecerá?

ELECTRA
Ela cuida da urna
e das exéquias; eles estão a seu lado.

CORIFEU
Por que saíste?

ELECTRA
Espero o retorno de Egisto;
não queremos que volte sem ser pressentido.

CLITEMNESTRA

Gritando de dentro do palácio.

Ai! Ai de mim!
Vejo-me só e a casa cheia de assassinos!

ELECTRA
Alguém está gritando! Vós também ouvistes?

CORIFEU
Ouvimos… Temos medo… Ah! Se não ouvíssemos!…

CLITEMNESTRA

Estou perdida! Ai! Egisto! Onde estás?

ELECTRA
Gritam de novo, amigas minhas! Ouço os gritos!

CLITEMNESTRA
Matas quem te deu vida, Orestes? Ai! Meu filho!

ELECTRA
Tu não tiveste piedade ou compaixão
nem dele, nem de nosso pai que assassinaste!

CORO
Ah! Reino e raça malfadados! Ai!
Consuma-se neste momento exato
o fado que sempre nos perseguiu!

CLITEMNESTRA
Estou ferida!..

ELECTRA
Fere mais, Orestes! Fere!

CLITEMNESTRA
Ai! É a morte!…

ELECTRA
Assim pereça o teu Egisto!

CORO
As maldições ainda estão agindo!
Os enterrados vivem! Corre o sangue
pelo sangue que já se derramou,
sugado dos verdugos pelas vítimas!

CORIFEU
Eles já voltam. As mãos sangrentas gotejam
do sacrifício feito; não vou censurá-los.

ELECTRA
Orestes! Como foste?

ORESTES
Tudo marcha bem
se estão corretas as divinas profecias.

ELECTRA
A culpada morreu?

ORESTES
Não a receies mais;
já não te humilhará como antes Clitemnestra.
CORIFEU
Silêncio! Egisto se aproxima! Está chegando!

ELECTRA

Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.

Escondei-vos os dois!

ORESTES
Mas onde vês Egisto?

ELECTRA
Ali, muito contente e quase em nossas mãos!

CORIFEU

Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.

Voltai depressa e ocultai-vos no vestíbulo!
Sede felizes como até agora fostes!

ORESTES
Seremos; confiai!

ELECTRA
Então andai depressa!

ORESTES
Estamos indo!

ELECTRA
Cuidarei de tudo aqui.

ORESTES e PÍLADES tornam a entrar no palácio.

CORO
Será prudente recebê-lo agora
saudando-o com falsa gentileza;
desprevenido, ele perecerá
na trama da justiça pertinaz.

Entra EGISTO.

EGISTO
Onde estarão os estrangeiros recém-vindos
para dizer-nos que afinal morreu Orestes,

segundo afirmam, num desastre com seu carro?

Dirigindo-se a ELECTRA.

Tu mesma, com o teu orgulho e arrogância
(suponho que a notícia te atingiu de perto…),
indica onde? Certamente sabes! Onde?

ELECTRA
Eu sei… Não poderia deixar de saber,
pois preocupa-me o destino dos parentes…

EGISTO
Dize: que direção tomaram? Fala logo!

ELECTRA
Eles entraram no palácio há pouco tempo;
suponho que atingiram a fidalga dona[61]…

EGISTO
E confirmaram realmente a morte dele?

ELECTRA
Mais do que isto; trazem as provas da morte.

EGISTO
E poderei ver o cadáver? Onde está?

ELECTRA
Sim, podes. Não é dos melhores espetáculos…

EGISTO
Dás-me notícias agradáveis sem querer.

ELECTRA
Se tens motivos, solta as rédeas de teu júbilo!…

EGISTO
Abre de par em par, mas em silêncio, Electra,
as portas do palácio! Quero que os micênios
e todos os argivos vejam o cadáver[62];
se alguém ainda insiste em esperar a volta
de teu irmão, em face de tal evidência
há de curvar-se e aceitar o meu domínio,
antes de ser dobrado por castigo duro.

ELECTRA
Por mim, adoto a decisão mais ponderada[63]:
vou ser prudente; seguirei o vencedor.

ELECTRA abre a porta principal do palácio. ORESTES e PÍLADES vêm saindo. Empurram uma essa provida de rodas, sobre a qual está um cadáver coberto por um lençol, levando-a até onde está EGISTO.

EGISTO
Bom Zeus! Meus olhos veem uma cena agora
capaz de provocar inveja até nos deuses!
(Se houver blasfêmia em minhas expressões, renego-as!).

Dirigindo-se a ORESTES e a PÍLADES.

Tirai depressa o véu que lhe recobre o rosto!
quero prestar-lhe o meu tributo de lamentos,
pois afinal de contas sou parente dele…

ORESTES
Retira tu o véu; repara no cadáver
e dize-lhe palavras ternas, se quiseres.

EGISTO
É bom conselho; aceito-o.

Dirigindo-se a ELECTRA.

Antes vai lá dentro
e chama Clitemnestra, se puderes vê-la.

ORESTES
Por que chamá-la se ela está perto de ti?

EGISTO descobre o cadáver num gesto brusco.

EGISTO
Não! Que vejo?

ORESTES
Tens medo? Estranhas este rosto?

EGISTO
Traição! No meio de que gente, em que cilada
eu vim cair?

ORESTES
Inda não percebeste, Egisto,
que os mortos - assim te expressavas - estão vivos[64]?

EGISTO
É muito tarde… Decifrei o enigma… E tu,

não podes ser senão Orestes são e salvo…

ORESTES
A percepção tardou; não és um bom profeta.

EGISTO
Estou perdido! Derrotado!… Ainda posso
dizer uma simples palavra?

ELECTRA
Pelos deuses!
Não lhe permitas, meu irmão, dizer mais nada,
nem defender-se! Se um mortal é envolvido
na trama do destino, que proveito há
em prolongar a vida por mais uns momentos?
Deves matá-lo já! Atira seu cadáver
distante de meus olhos, bem longe, aos abutres,
coveiros dos malvados desta qualidade!
Assim há de pagar os males que me fez!

ORESTES

Dirigindo-se a EGISTO.

Anda, e depressa! Para que falar? É inútil!
Não queremos palavras, mas a tua vida!

EGISTO
Por que me levas ao palácio? Se há justiça
em tua ação, por que procuras esconder-te?
Não quer a tua mão ainda golpear-me?

ORESTES
Não mandes! Mostra em que lugar meu pai foi morto!
Onde o mataram, lá tu morrerás! Caminha!

EGISTO
Quer o destino que o palácio dos Atridas
assista a todas as inúmeras desgraças
presentes e futuras da raça de Pêlops!
ORESTES
Às tuas, pelo menos; não sou mau profeta.

EGISTO
Teu pai não teve o dom de que te vanglorias!

ORESTES
Falas demais e te retardas! Vamos! Marcha!

EGISTO
Segue na frente!

ORESTES
Segue tu! Irás na frente!

EGISTO
Receias minha fuga?

ORESTES
Não escolherás
a forma de morrer e não te faltará
tortura alguma na hora de tua morte!
Queiram os céus que a firme espada vingadora
golpeie fatalmente todos os perversos!
Assim será menor a malvadez no mundo!

CORO
Bravos filhos de Agamêmnon!
Quantos males suportastes
por amor à liberdade!
Ei-la enfim recuperada
graças à vossa bravura!

FIM

NOTAS À *ELECTRA*

1. *Argos*: região do sudeste da Grécia, onde reinara Agamêmnon; sua cidade principal era Micenas, em cuja acrópole ficava o palácio real.

2. *Infeliz filha de Ínaco*: Ínaco, um rio divinizado, primeiro rei lendário de Argos; Io, sua filha, foi a primeira sacerdotisa do templo de Hera; Zeus, para livrá-la dos ciúmes de sua augusta esposa, transformou-a em novilha, mas a metamorfose não livrou a infeliz sacerdotisa das perseguições da rancorosa Hera. Veja-se a nota seguinte.

3. *Apolo*, e dois versos adiante *Hera*: divindades importantes da mitologia grega; Apolo era o patrono e inspirador dos principais oráculos da Grécia e, respondendo a uma pergunta de Orestes, como se verá depois, aconselhou-o a vingar a morte de Agamêmnon. *Matador de lobos* traduz o epíteto apolíneo *Lykeios* (quando os epítetos ocorrem desacompanhados do nome dos deuses, conservo a forma original, que será explicada em nota).

4. *Pelópidas*: descendentes de Pêlops, rei lendário de Argos, avô de Agamêmnon, e fundador da dinastia dos Atridas.

5. *Pílades*: filho de Estrófio (rei da Fócida - região do norte da Grécia - e amigo de Agamêmnon; a seu palácio o preceptor conduziu Orestes, por incumbência de Electra, no dia do crime); Pílades representa na mitologia grega o protótipo do amigo fiel.

6. *Santuário pítico*: um dos oráculos onde vaticinavam as sacerdotisas de Apolo (pitonisas), situado em Delfos, na Fócida.

7. *Febo*: epíteto de Apolo (literalmente: luminoso).

8. *Fanoteu*: tio e inimigo de Estrófio, o rei da Fócida; Orestes, atribuindo a Fanoteu - amigo de Egisto - a iniciativa de mandar notícias de sua suposta morte e suas cinzas, procura tornar esses incidentes mais plausíveis.

9. *Jogos píticos*: competições atléticas disputadas junto ao templo e oráculo de Apolo em Delfos, na Fócida; mais adiante, na descrição da imaginária corrida de carros, a referência é a esses jogos.

10. *Loxias*: outro epíteto de Apolo (literalmente: oblíquo), alusivo à obscuridade de seus vaticínios.

11. Esta é a primeira parte lírica, em que Electra contracena com as mulheres do coro. Nas representações modernas de dramas gregos, estas partes costumam ser declamadas (as do coro em uníssono).

12. *Ares*: deus da guerra; por extensão, personifica todos os feitos sanguinolentos.

13. *Perséfone e Hades*: divindades infernais. Nos versos seguintes: *Hermes do Inferno*: Hermes, filho de Zeus e de Maia, entre outras atribuições tinha a de conduzir as almas dos mortos ao Hades (além de significar o próprio deus, Hades também designava seus domínios, destino dos mortos). *Augustas Fúrias*: as Fúrias personificavam o remorso.

14. *Aflito pássaro, tão caro a Zeus*: o rouxinol. Segundo a lenda, o rouxinol chorava sempre os filhos que sem querer matara quando tinha a forma humana, que perdeu em consequência desse incidente fabuloso. Mensageiro de Zeus porque anuncia a primavera.

15. *Níobe*: filha lendária de Tântalo; orgulhosa porque tinha 14 filhos, considerava-se superior a Leto (uma das esposas de Zeus, que só tivera dois filhos: Apolo e Ártemis); essa insolência provocou a ira de Leto, que mandou Apolo matar os sete filhos de

Níobe, e Ártemis as sete filhas, uma das quais - Clóris - conseguiu salvar-se; transtornada pela desgraça, Níobe transformou-se em rochedo; desse rochedo brotara uma fonte, testemunho de seu pranto perene.

16. Das duas irmãs vivas de Electra, Crisôtemis aparecerá em alguns episódios subsequentes; de Ifiânassa não se falará mais.

17. *Campinas bucólicas de Crisa*: Crisa era um lugarejo da Fócida, onde ficara Orestes.

18. *Deus... do Aqueronte*: Hades; o Aqueronte era um rio lendário que atravessava as regiões infernais.

19. Agamêmnon fora morto durante uma festa, que Clitemnestra preparara para comemorar o regresso do esposo.

20. No original este verso é composto por quatro palavras, todas começando pela letra "p".

21. *Alguns de teus cabelos*: era hábito na Grécia heroica dedicar os cabelos aos parentes mortos.

22. *Bodas ímpias*: alusão ao adultério de Clitemnestra e Egisto.

23. Pêlops, avô de Agamêmnon e fundador da dinastia dos Atridas (v. a nota 4). Enomau, rei de Pisa, na Élis (Grécia Ocidental), prometera a mão de sua filha Hipodâmia ao pretendente que o derrotasse numa corrida de carros; o jovem Pêlops, filho de Tântalo, apresentou-se para competir, e subornou o condutor do carro de Enomau, Mírtilo, que traiu o seu senhor, afrouxando os pinos que prendiam as rodas ao eixo do carro; essa traição permitiu a Pêlops conquistar a vitória e Hipodâmia. Mas Mírtilo não sobreviveu por muito tempo à sua deslealdade; um dia insultou Hipodâmia e foi lançado ao mar por Pêlops enraivecido; ao desaparecer nas águas Mírtilo amaldiçoou a casa de Pêlops, e a esse fato, ao qual ainda haverá alusões no decurso da tragédia, atribuíam-se as desgraças dos Atridas (filhos e demais descendentes de Atreu, que por sua vez era filho de Pêlops e pai de Agamêmnon e de Tiestes; Egisto, o sedutor e cúmplice de Clitemnestra, era filho de Tiestes, e portanto primo de Agamêmnon).

24. *A filha inocente*: Ifigênia, irmã de Electra, sacrificada por Agamêmnon antes de sua partida para Troia, a fim de tornar os ventos propícios à expedição; Electra explicará depois o sacrifício.

25. *Menelau*: irmão de Agamêmnon e participante da expedição a Troia; foi de certo modo o causador da famosa guerra, pois a expedição teve como pretexto a vingança do ultraje de Páris, que, após hospedar-se no palácio de Menelau, lhe raptara a esposa - Helena -, fugindo com ela para Troia, onde reinava Príamo, pai do raptor.

26. Á*rtemis*: irmã de Apolo, deusa solitária e casta, que vivia nos bosques, dedicada à caça.

27. Á*ulis*: porto da costa ocidental da Grécia, onde se reunira e ficara retida pela calmaria, antes do sacrifício de Ifigênia, a armada grega que ia conduzir a Troia a expedição comandada por Agamêmnon.

A propósito desse longo "discurso" de Electra, note-se que ele é característico do espírito racionalista dos gregos da época de Sófocles, já influenciada pelos sofistas; primeiro, Electra dá a Clitemnestra uma explicação apoiada nas tradições religiosas, mas logo depois, como se ela mesma não estivesse convencida, passa a raciocinar

dentro de rigorosa lógica; essas justificações eram muito agradáveis aos atenienses, hábeis querelantes.

28. *Ela*: Electra.

29. *Jogos píticos*: veja-se a nota 9; o preceptor segue as instruções de Orestes na primeira cena. A longa descrição da imaginária corrida de carros em que ocorre a suposta morte de Orestes, tem sido interpretada diversamente pelos comentadores de Sófocles; muitos consideram-na supérflua, mas, em última análise, é perfeitamente cabível, e Sófocles traça aqui a psicologia da mentira; os mentirosos são amigos dos mínimos detalhes, que dariam maior credibilidade às suas invenções; para Clitemnestra, essa riqueza de minúcias tornou mais plausível a mentira.

30. *Aqueu*: da Acaia, região da Grécia situada no litoral do golfo de Corinto. *Espartano*: de Esparta, região da Grécia em que reinava Menelau. *Da Líbia*: Líbia era a denominação genérica do norte da África na antiguidade. No verso 729: … *um dos concorrentes líbios*: literalmente: do auriga barqueu (de Barca, na Líbia).

31. *Corcéis téssalos*: eram famosos na antiguidade os cavalos da Tessália, região do norte da Grécia onde se elevava o monte Olimpo.

32. Da Etólia, região do nordeste da Grécia. *Magnes*: habitante do litoral ocidental da Tessália (Magnésia). Os *enianos* habitavam o sul da Tessália.

33. *Tebano*: literalmente *beócio*, habitante da Beócia, na Grécia central; lá ficava Tebas, a famosa cidade onde reinou Édipo.

34. *Incineraram … numa pira*: na Grécia heroica os cadáveres eram geralmente incinerados; a inumação simples era excepcional.

35. É evidente a ironia amarga das palavras de Electra, que antes já dissera a Crisôtemis: "É grande maravilha minha vida agora…" (verso 388).

36. *Nêmesis*: uma das divindades infernais, vingadora do ultraje, da arrogância e da impiedade; quase no fim da peça, quando lhe dizem que poderá ver o cadáver de Orestes, Egisto, depois de estimar a sua sorte como capaz de causar inveja aos próprios deuses, dirá, pensando em Nêmesis: "Se houver blasfêmia em minhas expressões, renego-as!" (verso 1469).

37. *Anfiarau*: rei lendário, dotado de espírito profético; desposou Erifile, irmã de Adrasto, antigo rei de Argos. Por ocasião da guerra contra Tebas Anfiarau ocultou-se, para fugir à expedição, pois sabia que haveria de morrer diante das portas daquela cidade; sua esposa o denunciou, e ganhou por isso um colar de ouro e diamantes; descoberto, Anfiarau teve de ir à guerra, em que morreu, mas deixou um filho - Alcmêon (v., na introdução, o fragmento do poeta cômico Antifanes, alusivo a alguns desses incidentes míticos), incumbido de vingá-lo tão pronto soubesse de sua morte; logo que recebeu a notícia, Alcmêon desincumbiu-se de sua missão.

38. Sófocles usa magnificamente a certeza do espectador de que Orestes está vivo e de volta; a impressão de Electra de que ele está morto; e as dúvidas de Crisôtemis, para compor uma situação de grande efeito dramático.

39. Aqui, novamente, Electra se comporta como um orador ateniense do tempo de Sófocles, defendendo sua causa com todos os argumentos cabíveis: já vimos antes que esses debates eram muito do gosto dos atenienses da época, influenciados pelos sofistas; mas Crisôtemis, em suas respostas, mostra-se argumentadora tão hábil quanto Electra.

40. Essas reflexões do coro são sugeridas pelo contraste da atitude das duas irmãs: por que Crisótemis não segue os mandamentos da piedade filial, que os próprios pássaros praticam? Por que não segue o exemplo de Electra? Os antigos acreditavam que alguns pássaros, na velhice, eram alimentados pelos filhos.

41. *Têmis*: na mitologia grega Têmis era a personificação da justiça, das leis humanas em sentido abstrato, dos usos e costumes estabelecidos entre os homens.

42. *Rumor recôndito: Phama* (correspondente a fama - o que se diz entre o povo), outra personificação da mitologia grega.

43. *Atrida*: Agamêmnon, filho de Atreu.

43a. *As duas Fúrias*: Clitemnestra e Egisto.

44. A ausência prolongada de Orestes explica o fato, de outro modo difícil de admitir-se, de Electra não o reconhecer. É ainda mais natural que Orestes não a reconheça, pelas mesmas razões, e também por seu aspecto, desfigurada em consequência dos sofrimentos, dos maus-tratos, e da humildade no vestir.

45. *Foceus*: habitantes da Fócida.

46. *Estrófio*: rei da Fócida, a quem o Preceptor levara Orestes, por incumbência de Electra, no dia da morte de Agamêmnon (veja-se a nota 5).

47. *Estando aí os restos…*: procuramos conservar a ambiguidade do original, que é notável em toda esta cena; é a ironia trágica dos dramaturgos gregos. Os espectadores sabem que nada há na urna, mas Electra supõe que ela contém as cinzas de Orestes; o verso pode ser entendido como uma forma inconsciente de condicional, e também pode soar como se Electra dissesse: já *que os restos estão aí…* Mais adiante há o mesmo uso da ambiguidade quando Electra diz: *Que recebo nas mãos neste momento? Nada*. Isso pode significar, para o espectador, que a urna está vazia, mas para Electra quer dizer que Orestes está reduzido a nada.

48. Neste trecho Electra dirige-se à urna que tem nas mãos e que, no seu entender, contém as cinzas de Orestes. O *nada* do verso 1130 tem duplo sentido, como se fosse uma premonição de Electra de que a urna vinha vazia.

48a. A mudança de metro nestes doze versos, que está no original, acentua o desespero de Electra.

49. Orestes reconhecera Electra pouco tempo antes, por sua maneira de falar dirigindo-se à urna.

50. Orestes, que até aqui tratara Electra cerimoniosamente, pois ainda não a reconhecera, passa a tratá-la intimamente.

51. As palavras de Orestes explicam por que não se deu a conhecer logo que reconheceu Electra.

52. *Mas isto não é nada*: Orestes diz a palavra "isto" apontando para a urna.

53. *Que me dizes, menino?*: a passagem do cerimonioso "forasteiro" para o carinhoso "menino" (tal como está no original) assinala o primeiro lampejo de esperança para Electra; a expressão "menino" é natural, pois Electra, embora seja apenas alguns anos mais velha que Orestes, foi quem dedicou maiores cuidados ao irmão, segundo suas próprias palavras ao dirigir-se à urna em que supunha estarem as cinzas de Orestes.

54. *Observa bem este sinete*: sinete (*sphragis*) era um anel em que estava gravado o selo real, insígnia do poder. Alguns comentadores acham que o reconhecimento foi muito rápido, e o sinete era prova problemática, mas pode-se dizer, a favor de Sófocles, que num instante, diante do objeto familiar, Electra teve revelação da identidade do

irmão, mesmo porque, ao usar a expressão "menino", dois versos antes, já demonstrara uma atitude mais inquiridora.

55. Até o verso 1279 a alegria de Electra leva-a a desprezar a forma falada e adotar a forma lírica, mas Orestes, ainda preocupado com o que lhe restava fazer para consumar a vingança, prossegue falando normalmente.

56. Compreendendo que a situação ainda era grave, Electra refreia o júbilo, que a levara a expressar-se liricamente, e retoma a forma falada.

57. Note-se a transformação de Electra; até reconhecer o irmão mostrara-se heroica, inflexível, porque "tinha de fazer tudo sozinha"; mas agora, que Orestes voltou, torna-se submissa e deixa as resoluções ao irmão.

58. O sentimento revelado por Electra nestas palavras é profundamente feminino, e caracteriza a mudança de sua atitude, humanizando-se.

59. *O núncio*: Orestes; *As soturnas* são as divindades infernais vingadoras das mortes injustas.

60. *Hermes, filho de Maia*: veja-se a nota 13. Maia fora uma das muitas conquistas de Zeus, e desses amores nascera Hermes, o deus da dissimulação e da astúcia, e também o condutor dos mortos ao Hades.

61. Outra ambiguidade, mais sensível no original, onde o texto grego equivale aproximadamente a "atingiram a fidalga dona"; pela dupla acepção da palavra grega equivalente a "atingiram", os espectadores entendem "feriram", mas Egisto entende "chegaram até" a dona.

62. *Argivos*: habitantes de Argos.

63. Mais uma ambiguidade: para Egisto, as palavras de Electra significavam que ela resolveu submeter-se a ele, mas Electra quer dizer, veladamente, que Orestes chegou, e ela está seguindo-o em seus planos e ações; é neste último sentido que entendem os espectadores.

64. *Os mortos*: Egisto julgava Orestes morto.

Sófocles, *Electra*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

Filoctetes

Tradução de Josiane Teixeira Martinez

Odisseu

1 Esta é a falésia da terra de Lemnos, cercada pelo mar e jamais trilhada ou habitada pelos mortais. Aqui, Neoptólemo, filho de Aquiles, rebento do mais poderoso pai entre os gregos, eu abandonei outrora o maliano[1] (1 *Maliano:* da terra Mália, na região da Tessália.) filho de Peante. Agi assim cumprindo ordens dos soberanos, porque, vertendo ele pus do pé em decorrência de uma doença voraz, nem de libações nem de sacrificios era possível nos ocuparmos tranquilos - ele fazia alastrar continuamente por todo campo de batalha imprecações ferozes, gritando, gemendo[2] (2 O argumento de Odisseu é religioso: as imprecações de Filoctetes impediam os gregos de manterem o silêncio piedoso que deveria ser observado durante os sacrificios, cf. Webster (1970, p.67) e Kamerbeek (1980, p.27).). Mas, por que é preciso dizer essas coisas? O momento não é para nós de grandes discursos - que ele não saiba

da minha vinda e eu lance por terra, assim, todo o estratagema com o qual conto capturá-lo em breve.
15 É tarefa tua ir já cuidando do que resta e observar onde está a gruta de duas entradas, que permite, no inverno, a dupla entrada solar, e, no verão, através de ambas as aberturas da caverna, a brisa que envia o sono. Um pouco abaixo, à esquerda, talvez possas ver uma nascente d.água, se ela ainda estiver lá[3] (3 Como bem observa Webster (p. 68), Odisseu descreve a gruta de modo a atenuar a crueldade da situação.). Avançando em silêncio, indica-me se ele ainda ocupa o mesmo lugar ou se habita em outra parte, de modo que ouças o restante do discurso - e eu explicarei - e levemos adiante uma ação conjunta[4] (4 Primeira definição dos papéis dos dois homens: Odisseu fala e Neoptólemo (como subordinado) ouve.).

Neoptólemo
26 Senhor Odisseu, falas de uma tarefa que não se delonga, pois creio avistar a caverna mencionada.

Od.
28 No alto ou embaixo? Não a diviso.

Neop.
29 Ali no alto, e não há nenhum rumor[5] (5 Apesar do texto de Pearson trazer *marca* (de passos), optamos por *rumor*, conforme o texto estabelecido na edição "Les Belles Lettres" (P. Masqueray-1934; A. Dain-1960), pois *rumor* nos parece ser mais coerente com a fala seguinte de Odisseu.) de passos.

Od.
30 Vê se ele não se encontra imerso em sono.

Neop.
31 Vejo uma habitação vazia, sem ninguém.

Od.
32 E nela não há provisão que a torne habitável?

Neop.
33 Folhas batidas, como para alguém que ali pernoite.

Od.
34 E quanto ao resto, vazia? Nada sob o teto?

Neop.

35 Uma rústica taça de madeira, obra de algum tosco artesão, e ainda lenha, para a fogueira.

Od.
37 É o tesouro dele o que indicas.

Neop.

38 Oh! Que nojo... Secam também estes outros trapos, cheios de uma supuração repugnante.

Od.
40 É evidente que o homem habita este lugar, e provavelmente não está longe daqui, pois como poderia afastar-se muito alguém adoecido, cujo pé foi afetado por uma antiga desgraça[6] (6 O termo original - *Knpi* - abrange tanto a noção de doença quanto a de desgraça e de destino. (Mantive a substituição dos caracteres gregos por latinos ocorrida da passagem do PDF para RTF. (N. do R.))? Ou saiu em busca de comida ou de alguma planta que lhe mitigue as dores, se souber onde encontrar uma. Envia, portanto, o servo aqui presente para uma exploração, a fim de que Filoctetes não se abata inadvertidamente sobre mim, pois ele preferiria capturar-me a capturar todos os gregos juntos.

Neop.
48 O homem já se encaminha e a trilha será vigiada. Tu, se algo tens em mente, formula outro discurso.

Od.
50 Filho de Aquiles, deves ser valoroso em relação ao que te trouxe aqui - e não somente com o corpo! - mas, se ouvires algo até então inaudito, devesprestar ajuda, pois estás aqui na condição de meu subordinado.

Neop.
54 O que ordenas então?

Od.
54 A fim de, com palavras, enganares o espírito de Filoctetes, é necessário, quando ele te perguntar quem és e de onde vens, que digas ser filho de Aquiles - isto não deves ocultar - e que navegas para casa, depois de abandonar a armada dos Aqueus, uma vez que experimentaste um grande ódio: eles, que te instaram com preces a vir de casa - única possibilidade de tomar Ílion - não julgaram digno dar as armas de Aquiles a ti, quando as pleiteava legitimamente, mas as entregaram a Odisseu. Profere as injúrias que quiseres contra nós, as piores possíveis. De fato, nada disso me afligirá; entretanto, se não o fizeres, lançarás dor sobre todos os argivos: se o arco dele não for capturado, não te será possível devastar a planície dardânia.
70 Fica sabendo por que para mim não é possível - enquanto o é para ti - estabelecer com ele uma relação confiável e segura. Tu não navegaste ligado a alguém por juramento ou por obrigação, e tampouco participaste da primeira expedição, ao passo que, no que me conceme, nada disso pode ser negado; assim, se ele, na posse do arco, notar minha presença, estarei perdido e a ti também farei perder, estando comigo. São exatamente esses os estratagemas dos quais deves fazer uso para te tornares o ladrão das armas invencíveis. Sei perfeitamente, menino, que não é de tua natureza dizer tais coisas nem urdir tramas sinistras, mas ousa, pois doce é lograr a posse da vitória; em outra ocasião nos mostraremos justos. Agora, entrega-te a mim para uma ação despudorada pelo curto espaço de um dia, e depois, no restante do tempo, sê chamado o mais pio de todos os mortais[7] (7 Observe-se que parece haver uma superposição dos deveres militares e religiosos

no código ético do guerreiro; nessa situação, Odisseu estaria lançando mão de um elemento religioso a fim de convencer Neoptólemo.).

Neop.
86 Eu sofro ao ouvir tais palavras, filho de Laerte, e considero odiável colocá-las em prática. Não é de minha natureza, nem, como dizem, da de quem me gerou, agir por meio de artifício funesto. Mas estou pronto a conduzir o homem à força e não com estratégias enganosas, pois, com um só pé, ele não se imporá pela força sobre tantos de nós. Na condição de teu colaborador, temo ser chamado traidor, mas desejo, senhor, antes fracassar agindo com lealdade do que vencer deslealmente.

Od.
96 Filho de nobre pai, também eu quando jovem tinha a língua inoperante e as mãos operosas. Agora, depois de ter me colocado à prova, vejo que é a língua, e não as ações, que tudo conduz entre os mortais.

Neop.
100 Que outra coisa me ordenas, a não ser mentir?

Od.
101 Ordeno que captures Filoctetes por meio de artifícios.

Neop.
102 Por que devo conduzi-lo antes por artifícios do que pela persuasão?

Od.
103 Não seria persuadido, e pela força tu não o capturarias.

Neop.
104 Ele tem uma confiança assim extraordinária em sua própria força?

Od.
105 Dardos infalíveis, condutores da morte.

Neop.
106 Acaso dele não posso aproximar-me sem perigo?

Od.
107 Não, a não ser que o captures com ardis, como eu afirmo.

Neop.
108 Não consideras, então, vergonhoso mentir?

Od.
109 Não, se a mentira conduz à salvação.

Neop.
110 Com que cara alguém ousará falar essas coisas em voz alta?

Od.
111 Quando fazes algo visando um ganho, não convém hesitar.

Neop.
112 Que ganho me trará a ida dele para Troia?

Od.
113 Somente este arco tomará Troia.

Neop.
114 Mas não serei eu a destruí-la, como vós dizíeis?[8] (8 Neoptólemo refere-se aos meios de persuasão através dos quais Odisseu e Fênix o convenceram a ir para Troia; segundo Kamerbeek (1980; 42), nessa fala é perceptível um certo pesar de Neoptólemo.)

Od.
115 Nem tu sem o arco, nem o arco sem ti.

Neop.
116 Então, se é assim, ele deve ser caçado.

Od.
117 Fazendo isso, dois prêmios levas.

Neop.
118 Quais? Conhecendo-os, não me poderia negar a agir.

Od.
119 Serás chamado sábio e virtuoso a um só tempo[9] (9 Observe-se a manipulação que Odisseu faz dos conceitos que definem a excelência - *cnodóç* e *ayaBóç*.).

Neop.
120 Que seja![10] (10 O original *íw,* como observa Webster (1970; 77), também aparece na *Medeia* de Eurípides, v. 819, quando Medeia decide matar seus filhos e deixa que o destino siga seu curso, sabendo que este pode ser desastroso. Nos dois casos, a palavra parece sugerir uma decisão marcadamente impetuosa e passional.) Farei, lançando à margem todo escrúpulo!

Od.
121 Recordas, então, o que te recomendei?

Neop.
122 Estejas certo disso, uma vez que definitivamente concordei[11] (11 A rima, com o verso anterior, parece resumir os dois diferentes papéis iniciais desses homens, bem como a entrega fmal de Neoptólemo; cf. Kamerbeek (1980; 42).).

Od.
123 Tu, agora, permanecendo neste lugar, recebe-o, enquanto eu me retiro, para não me fazer ver junto a ti; enviarei o vigia de volta à nau. E aqui, se me parecer que demorais demasiadamente, de novo enviarei este mesmo homem, disfarçado de capitão mercante,

a fim de que se aproxime sem ser reconhecido. Do que o marinheiro proferir com astúcia, recolhe, filho, sempre o que for proveitoso de suas palavras.
132 Eu irei até a nau, confiando-te essas coisas; que Hermes, o condutor ardiloso[12] (12 Hermes e seu epíteto invocados por Odisseu parecem traduzir o espírito da empreitada em Lemnos.), guie-nos, bem como Atena, protetora da pólis, deusa da Vitória[13] (13 Além do epíteto *NíkT*, Atena aqui é denominada também com o epíteto de *Hoytóç*, sob o qual era honrada no mais antigo templo que lhe era consagrado em Atenas.), a qual sempre me salva.

Coro
135 Estrangeiro em terra estrangeira, o que, senhor, o que eu devo esconder ou falar ao homem que olha de soslaio? Diz-me.
138 Pois uma arte prevalece sobre outras artes e a sabedoria daquele em cujo favor se move o divino cetro de Zeus.
141 Todo este poder antigo tocou a ti, filho; diz-me, portanto, em que devo servir-te.

Neop.
144 Como talvez agora queiras ver o lugar afastado que ele ocupa, olha bem e sem receio; mas, tão logo surja com seu passo assustador, sai desta caverna! Sempre ao aceno de minha mão, procura ajudar no que for preciso!

Coro
150 Falas de um cuidado que há muito me ocupa, senhor: manter os olhos vigilantes sobretudo no que te é oportuno. Agora diz-me qual morada ele habita e onde está, pois é oportuno que eu saiba, para evitar um ataque inadvertido de alguma parte, qual lugar ou morada ocupa, que caminho percorre, se está dentro ou fora.

Neop.
159 Aqui vês a morada de duas entradas, de pétreo leito.

Coro
161 Para onde se ausentou o miserável?

Neop.
162 É evidente para mim que, por necessidade de comida, se arrasta por algum lugar próximo; pois, segundo se diz, ele leva esse tipo de vida, miseravelmente mísero, atravessando as feras com flechas aladas, sem ninguém que se lhe aproxime para curá-lo de seus males.

Coro
169 Apiedo-me dele, pois sem ter mortal algum a assisti-lo, carente de um olhar companheiro, infeliz, sozinho sempre, padece de um mal cruel, aturdido em face de cada necessidade que surge. Como, então, como, desafortunado, resiste? Ó golpes dos deuses, ó infeliz raça de mortais, para os quais a vida não é comedida!
180 Ele, talvez não inferior a ninguém das mais antigas famílias, privado de tudo na vida, sozinho jaz, à margem dos demais, junto a feras hirsutas ou malhadas. Em meio a dores e fome, é digno de pena, oprimido por pesares incuráveis e negligenciados[14] (14

Seguimos texto de Page, *apud* Kamerbeek, p. 50.), e o eco loquaz longitroante espalha seus amargos lamentos.

Neop.
191 Nada disso me assombra, pois decorre de decisão divina. Até onde compreendo, aquele sofrimento lhe sobreveio por obra da cruel Crisa[15] (15 *Crisa* é um epíteto da deusa Atena, que tinha um templo na ilha de mesmo nome, perto de Lemnos.), e também o que agora padece sem que dele se ocupem não é senão o desígnio de algum deus, para que não disparasse os divinos dardos invencíveis contra Troia antes que chegasse este tempo, em que, dizem, se há de subjugar Troia com eles.

Coro
201 Silêncio, menino!

Neop.
201 O que foi?

Coro
202 Um ruído se fez ouvir, caracteristico de alguém esgotado, não sei se por aqui ou em outro lugar. Alcança-me, alcança-me verdadeiramente a voz daquele que arrasta seus passos por força da necessidade, e não me escapa a pesada voz, à distância, de um homem dilacerado, pois ele solta gritos demasiadamente claros.
210 Mas, presta atenção, jovem...

Neop.
210 Diz em quê.

Coro
211 Novas preocupações: pois o homem não está fora, como um pastor dos campos, com o canto da siringe, mas dentro; ou coxeando em algum lugar, por necessidade, lança gritos que se ouvem ao longe, ou está com os olhos fixos no inóspitoancoradouro vazio, pois continua a gritar algo terrível.

Filoctetes
219 Oh, estrangeiros! Quem sois vós que aportais com vossos remos nesta terra, sem bom porto ou habitações? De que pátria ou linhagem poderia acaso dizer que sois? Pois as roupas parecem gregas - a mim caríssimas!, mas desejo ouvir a língua. Não fiqueis chocados, temendo a mim, hesitantes, por meu aspecto selvagem, mas tende compaixão por um homem infeliz, solitário, desertado assim e sem amigos, em estado deplorável, e dizei se chegais como amigos.
230 Respondei, pois não é justo que eu não obtenha isso de vós e vós de mim.

Neop.
232 Bem, estrangeiro, sabe isto em primeiro lugar: somos helenos, pois isso desejas saber.

Filoc.

234 Ó caríssimo som! Oh! Obter uma palavra deste homem depois de tão longo tempo! O que te trouxe, filho, qual necessidade te impeliu? Qual interesse? Qual vento mais caro? Fala-me isso tudo, para que eu saiba quem és.

Neop.
239 Eu sou por nascimento de Ciro, circundada pelo mar, e navego para casa. Chamam-me Neoptólemo, filho de Aquiles. Sabes, agora, tudo[16] (16 Observe-se a ironia e a estratégia retórica nas palavras de Neoptólemo, que faz uso apropriado dos eventos do passado e no momento oportuno (*Katpóç*), como preconizado por Isócrates em seu *Panegyricus* (citado por Kerferd, *The Sophistic Movement,* p. 82). Sabemos que o que Neoptólemo diz não é tudo, pois falta o principal, que diz respeito ao seu intento.).

Filoc.
242 Ó filho de caríssimo pai, da estimada terra, descendente do velho Licomedes, com que expedição aportas nesta terra, navegando de onde?

Neop.
245 É de Ílion que venho agora em meu navio.

Filoc.
246 Como disseste? Tu não navegavas conosco no início da viagem a Ílion.

Neop.
248 Participaste tu também daquela fadiga?

Filoc.
249 Filho, não conheces quem vês?

Neop.
250 Como, pois, posso conhecer quem nunca vi?

Filoc.
251 Nem do meu nome, nem da fama dos males que me arruinaram soubeste nada?

Neop.
253 Podes estar certo de que nada sei acerca do que me perguntas.

Filoc.
254 Oh! Misérrimo, odioso aos deuses! Estando como estou e a notícia jamais alcançou a minha casa ou parte alguma da terra helena! Mas, os que me expulsaram impiamente riem em silêncio, enquanto minha doença sempre floresce e vai crescendo mais.
260 Ó menino, ó filho de Aquiles, eu sou aquele de quem provavelmente ouviste falar como o senhor das armas de Hércules, o filho de Peante, Filoctetes, que os dois generais e o comandante dos cefalenos vergonhosamente atiraram aqui sozinho,apodrecendo com uma doença cruel, depois de ter sido mordido por uma víbora homicida.
268 Com essa doença, deixaram-me abandonado nesta ilha e partiram, quando, provenientes da marítima Crisa, aqui aportaram com a armada. Felizes então, quando me viram dormindo, depois de uma tormenta[17] (17 O termo "tormenta" deve ser entendido no sentido figurado, pois se refere ao ataque da doença que corrói Filoctetes, ataque ao qual se segue o sono,

como veremos adiante nos vv. 762 ss.; cf. Webster, p.89.), à beira de uma gruta abobadada, foram-se, abandonando-me, após deixarem, como a um pobre homem, uns poucos trapos e também um pouco de comida como recurso. Tal sorte caiba a eles!
276 Tu, filho, imaginas que despertar tive ao acordar então do sono, depois de terem partido? Quanto chorei, quanto deplorei meus males, ao ver que as naus, antes comandadas por mim, haviam partido todas, e que não havia um só homem comigo, nem alguém que me ajudasse ou cuidasse do sofrimento da doença? Mirando por toda parte, nada encontrei exceto dor, e isso em grande abundância, filho.
285 Dia após dia o tempo passava por mim e eu precisava, sob este mísero refúgio, cuidar sozinho de mim mesmo. O que era necessário ao ventre este arco encontrava, atingindo as pombas aladas, mas, para alcançar o que a flecha estirada abatia para mim, eu mesmo, infeliz, arrastava-me, puxando o funesto pé, para alcançar. Se necessitasse também conseguir um pouco d'água, ou se, quando o gelo se espalhava, tal como no inverno, precisasse também rachar alguma lenha, rastejando para fora eu - infeliz!- arquitetava isso. Ademais, costumava não haver fogo, mas, a duras penas, esfregando pedra contra pedras, eu fiz aparecer uma fagulha oculta, a qual sempre me salva[18] (18 Observe-se que este verso de Filoctetes ecoa o último verso do prólogo antes da entrada do coro, em que Odisseu invoca Atena como eterna protetora. A ironia parece residir no fato de que enquanto um dos homens é protegido e sempre salvo por uma deusa, o outro o é por uma fagulha, obtida com muita dificuldade. O contraste entre os dois homens é gritante.). Um refúgio habitado pelo fogo proporciona tudo, exceto eu não padecer.
300 Vamos, filho, aprendas agora também o que se refere à ilha. Dela nenhum marujo aproxima-se de bom grado, pois não há um porto, nem um lugar onde, navegando, obtenha ganho com o comércio ou seja recebido como hóspede. Por aqui os sensatos não navegam. Talvez a contragosto alguém o tenha feito, pois estas coisas muitas vezes podem acontecer na longa vida dos homens. Esses, quando vêm, filho, em palavras apiedam-se de mim, e, em sua piedade, deixam-me um pouco de comida ou alguma roupa; mas, nenhum deles, quando os lembro disto, deseja transportar-me salvo até em casa; ao invés, infeliz, pereço já no décimo ano, em meio à fome e aos males, alimentando a doença voraz. Isso, filho, me fizeram os Atridas e a violência de Odisseu. Que os deuses olímpicos lhes deem o castigo por meu sofrer!

Coro
317 Como os estrangeiros que antes aqui estiveram, creio que também me compadeço de ti, filho de Peante.

Neop.
319 Também eu sou testemunha destas palavras, pois sei que são verdadeiras, depois de me deparar com os infames Atridas e com a violência de Odisseu.

Filoc.
322 Também tu tens alguma acusação contra os deletérios Atridas, assim impelido pelo que te fizeram passar?

Neop.

324 Que eu possa satisfazer a cólera com minha mão um dia, para que Micenas e Esparta saibam que também Ciro é mãe de homens valorosos.

Filoc.
327 Bravo, filho! De que vieste acusá-los com tamanha ira?

Neop.
329 Filho de Peante, direi, e direi com dificuldade[19] (19 De acordo com Kamerbeek (p. 70), o que essas palavras exprimem pertence ao *tópos* de que o relato das injúrias e sofrimentos passados renova a aflição, do qual o exemplo mais antigo estaria na *Odisseia* (IX, 12) e o mais famoso na *Eneida* (II, 3ss). Podemos também interpretar essas palavras como um indício da repulsa de Neoptólemo em pôr o plano de Odisseu em prática.), em que fui ultrajado por eles ao chegar em Troia. Quando o fado trouxe a morte a Aquiles...

Filoc.
332 Ai de mim! Não me contes mais nada, antes que eu saiba primeiro isto: o filho de Peleu está morto?

Neop.
334 Está morto, abatido não por um homem, mas por um deus, como dizem, pelas flechas de Febo.

Filoc.
336 De nobre origem quem matou e também quem morreu. Não estou seguro, filho, se primeiro indago sobre o teu sofrimento ou se lamento o dele.

Neop.
339 Creio que a ti são suficientes as tuas dores, de modo a não lastimares as dores dos outros.

Filoc.
341 Falas corretamente; conta-me então mais uma vez a tua história e como te ultrajaram.

Neop.
343 Com uma nau de proa colorida, vieram até mim o divino[20] (20 Kamerbeek (p.73) observa que não seria impossível pressupormos um certo matiz irônico da parte de Neoptólemo ao usar o epíteto homérico (*õioç* - divino) para nomear Odisseu.) Odisseu e aquele que criou meu pai[21] (21 Fênix, cf. *Ilíada* IX.), dizendo - seja verdade ou mentira - que não era lícito, considerando que meu pai estava morto, a nenhum outro, a não ser a mim, tomar a cidadela de Pérgamo.
348 Ao dizerem isso assim, estrangeiro, pouco tempo me retiveram antes que eu logo embarcasse, sobretudo pelo afã de estar com o morto, a fim de vê-lo antes que fosse sepultado, pois não o havia visto vivo; ademais, some-se a isso o nobre motivo de que, se eu fosse, conquistaria a pérgama Troia.
354 Estava já no segundo dia de navegação, quando aportei, favorecido pelo vento e pelos remos, no amargo Sigeu[22] (22 Sigeu: promontório perto de Troia, no qual Aquiles teria sido sepultado; daí o adjetivo "amargo" (*miepóv*), o qual também poderia estar sendo usado por Neoptólemo

para referir-se ao suposto ultraje que teria sofrido da parte de Agamêmnon e Odisseu, cf. Webster, p. 94, Kamerbeek, p. 74.). Tão logo desembarquei, todo o exército ao meu redor acolhia-me afetuosamente, jurando ver de novo vivo quem não mais existia, Aquiles. Ele, então, jazia, e eu, desafortunado, depois de lamentá-lo, logo fui até os Atridas (amigos, como era de se presumir) e reclamei as armas de meu pai e quantas outras coisas houvesse.
363 Mas, ai de mim! Eles pronunciaram as mais descaradas palavras: "Filho de Aquiles, tu podes tomar para ti as outras coisas de teu pai, mas aquelas armas, outro homem as possui agora, o filho de Laertes." E eu, em lágrimas, levantei-me, tomado por uma pesada cólera, e, experimentando viva dor, disse: "Miserável[23] (23 Neoptólemo dirige-se primeiro a Agamêmnou, usando o singular, portanto; depois, aos que tomaram a decisão.), vós ousastes dar as minhas armas a alguém que não a mim, antes de me consultar?"
371 E Odisseu respondeu, pois se encontrava perto: "sim, menino, eles as deram justamente, pois eu, estando presente, salvei tanto as armas quanto a ele." E eu, irado, imediatamente esgotei contra ele todas as injúrias, sem poupar nenhuma, pois me tomava as armas.
377 Ele, nesse momento, embora não seja dado à ira, ficou ofendido com o que ouviu e retrucou deste modo: "não estavas onde estávamos, mas longe, onde não devias estar, e como falaste com insolência, com essas armas não navegarás para Ciro jamais." Tendo ouvido essas injúrias, navego para casa, ultrajado, privado do que é meu por Odisseu, sordidíssimo filho de gente sórdida. E não o culpo como culpo os que detêm o poder, pois a cidade toda e a armada inteira são daqueles que estão no comando. Os transgressores tomam-se maus devido às palavras de seus mestres.
389 Já disse tudo o que tinha a dizer: aquele que odeia os Atridas, seja tão caro aos deuses quanto a mim!

Coro
391 Montanhosa Terra, nutriz de todos os homens, mãe do próprio Zeus, e que habitas e governas o grande Pactolo[24] (24 Pactolo: aurífero rio de Sardis, onde havia um culto a Cibele.), rico em ouro, também lá eu te invocava, mãe poderosa, quando toda insolência dos Atridas avançava sobre este homem, e transferiam as armas paternas, o mais alto signo de honra, ao filho de Laertes, ó bem-aventurada que te sentas sobre leões tauricidas[25] (25 O coro invoca a deusa Cibele, identificada com Geia e Reia.).

Filoc.
403 Navegastes até aqui, como parece, com uma autêntica prova de vosso pesar, estrangeiros, e vossa experiência ecoa a minha, de modo que reconheço serem essas ações da lavra dos Atridas e de Odisseu; sei bem que prestaria sua língua a toda palavra nefasta e a trapaças, a partir das quais nada de justo ele cumpriria no final.
410 Mas isso em nada me surpreende, mas sim que Ájax, o maior, estando presente e vendo essas coisas, tenha-as tolerado.

Neop.
412 Ájax não mais vivia, estrangeiro, pois estivesse ele vivo, eu não teria sido despojado de minhas armas.

Filoc.
414 O que disseste? Também ele se foi, morto?

Neop.
415 Fica sabendo que sobre ele não paira mais a luz.

Filoc.
416 Ai de mim, infeliz! Nem o filho de Tideu nem o de Sísifo, comprado por Laertes, estão mortos; esses sim, não deveriam estar vivos.

Neop.
419 Certamente não. Sabe-o bem! Mas estão vivos e grande influência exercem agora no exército argivo.

Filoc.
421 O quê? O meu velho e nobre amigo, Nestor de Pilos, não está vivo? Com seus sábios conselhos, refreava os desmandos daqueles.

Neop.
424 Sofre de modo atroz com a morte do filho que o acompanhava, Antíloco[26] (26 Nestor, rei de Pilos, aparece na *Ilíada* no papel de sábio conselheiro do exército. A morte de seu filho Antíloco em Troia pelas mãos de Mêmnon é citada na *Odisseia* (IV, 188), mas é Píndaro o primeiro a narrar como Antíloco morre para salvar o pai *(Pít.* 6, 38); cf. Mirto, M. S., *Sofocle: Trachinie - Filottete,* 1990, p. 205.).

Filoc.
426 Ai de mim! Deixaste-me a par das duas mortes que eu jamais quisera ouvir. Ai! O que se deve pensar, então, se ambos estão mortos, mas Odisseu vivo, quando seu cadáver, e não o deles, é que deveria ser dado a conhecer?

Neop.
431 Ele é um sábio adversário, mas as mentes sábias também dão seus tropeços com frequência, Filoctetes.

Filoc.
433 Vamos, fala, pelos deuses, onde estava Pátroclo na ocasião, a quem teu pai reservava afeto particular?

Neop.
435 Também ele estava morto. Em poucas palavras te explicarei isso: a guerra nunca leva de bom grado um homem covarde, mas, sempre, os de valor.

Filoc.
438 Concordo contigo; por isso mesmo te indagarei sobre um tipo desprezível, mas hábil e sagaz quanto à língua, como ele se encontra agora.

Neop.

441 De quem mais falas, senão de Odisseu?

Filoc.
442 Não me refiro a ele, mas a um tal de Tersites, que não se contentava em falar apenas uma vez, mesmo quando não lhe permitiam[27] (27 A caracterização de Tersites segue de perto a tradição homérica *Il.,* II, 212 ff.. Não deixa de ser bastante irônico o fato de Neoptólemo confundir sua descrição com a de Odisseu: se na *Ilíada* é Odisseu quem pune a insolência de Tersites, aqui se sugere uma certa identificação entre eles.). Sabes se ele está vivo?

Neop.
445 Não o vi, mas ouvi dizer que ainda está vivo.

Filoc.
446 Deve estar, pois nenhum covarde pereceu ainda. Os deuses cercam essa gente de cuidados e até se deleitam em trazer essa canalha curtida e consumada de volta do Hades[28] (28 Provavelmente uma das alusões a Sísifo, que chegou a enganar o próprio Plutão, persuadindo este a deixá-lo voltar dos Infernos, para punir sua mulher, a qual havia sido proibida pelo próprio Sísifo de lhe render qualquer honra fúnebre; cf. Mirto, *op. cit.,* p. 206.), ao passo que sempre enviam os justos e honestos para lá. O que se deve pensar disso? Como entoar louvores, se louvando o que é divino descubro os deuses injustos?

Neop.
453 Filho do Eta, quanto a mim, no futuro, olhando de longe Ílion e os Atridas, tomarei cuidado; onde o torpe pode mais que o bom, e o honesto sucumbe e o covarde prevalece... eu jamais tolerarei esses homens. De agora em diante basta-me a rochosa Ciro, e me satisfaça minha casa.
461 Agora irei para o navio. Adeus, filho de Peante, de todo coração, adeus. Que os deuses te livrem da doença, como tu mesmo desejas! Nós iremos, e assim que um deus nos propiciar a navegação, imediatamente empreenderemos viagem.

Filoc.
466 Já te preparas para partir, filho?

Neop.
466 A ocasião pede que olhemos de perto a navegação, e não à distância.

Filoc.
468 Por teu pai, por tua mãe, filho, pelo que te é mais caro, se algo o é em teu lar, como suplicante te imploro, não me deixes assim só, abandonado em meio a esses males que vês e aos quantos ouviste habitarem em mim. Acolhe-me como algo sem importância[29] (29 Palavras carregadas de ironia dramática, uma vez que levar Filoctetes é o objetivo principal de Neoptólemo; cf. Kamerbeek, p. 84.); avalio bem quão grande será o desconforto causado por este fardo, contudo, suporta-o: aos nobres a vergonha é odiosa e a virtude, gloriosa. Se te omitires, não será belo o opróbrio, mas, se me levares, menino, imensos serão os prêmios de glória, quando eu chegar vivo à terra do Eta[30] (30 Note-se que as promessas de Filoctetes seguem de perto as de Odisseu: um dia de sofrimento em troca da glória.).

480 Vamos, nem um dia inteiro durará o incômodo, coragem, leva-me e atira-me onde quiseres, na sentina, na proa, na popa, onde eu moleste o menos possível os companheiros de navegação. Consente, pelo próprio Zeus, deus dos suplicantes, filho, deixa-te persuadir. Caio aos teus joelhos, embora impotente[31] (31 Isto é, "mesmo sem controle sobre meus membros".), miserável, manco que sou. Não me abandones assim sozinho, longe do convívio humano; ao contrário, salva-me, levando-me para tua casa ou para a de Caledonte na Eubeia[32] (32 Caledonte, rei dos Abantes na Eubeia, foi, assim como Filoctetes, companheiro de Héracles, ajudando-o na luta contra a Élide. A razão de Caledonte ser mencionado deve-se, provavelmente, a sua ligação com Héracles, tratando-se, portanto, de uma alusão a este último.) - de lá não será longa a viagem até o Eta e a montanhosa Traquínia, ou até o Espérquio amplivazante - para que me mostres ao meu amado pai. Há muito temo tê-lo perdido, pois, por intermédio dos que aqui vieram, enviando preces súplices, muitas vezes instei-o a que viesse ele mesmo me salvar, enviando-me um navio que me restituísse ao lar. Mas, ou ele está morto, ou são coisas de mensageiros, que - como é lícito supor - creio, fizeram pouco do que me concerne e apressaram a viagem para casa.
500 Agora, recorro a ti, a um só tempo guia e mensageiro, salva-me, apieda-te de mim, considerando que tudo é terrível e repousa em risco para os mortais, no que concerne à boa experiência e a seu inverso. Estando fora da penúria, não se deve perder de vista a adversidade, e quando alguém vive bem, deve, nesse momento sobretudo, examinar a própria vida, para que ela não seja destruída inadvertidamente.

Coro
507 Compadece-te, senhor. Ele nos falou das lutas contra muitos sofrimentos intoleráveis, tais que nenhum de meus amigos jamais os encontre!
510 Se odeias os cruéis Atridas, senhor, eu, em teu lugar, converteria o mal deles em beneficio para esse homem, fazendo com que chegasse a sua casa, aonde ele deseja, em seu bem equipado e rápido navio, e escaparia ao castigo dos deuses[33] (33 Castigo por não atender um suplicante.).

Neop.
519 Cuida para não seres um observador solícito agora e, quando estiveres farto do convívio com a doença, tu mesmo não mais sustentares essas palavras.

Coro
522 Não, esta censura jamais me farás com justiça.

Neop.
524 Seria vergonhoso eu parecer menos disponível que tu para prestar um serviço ao estrangeiro quando o momento se apresenta. Se te parece apropriado, naveguemos; que ele venha rapidamente, pois a nau o levará e não será recusado. Apenas possam os deuses nos salvar desta terra, levando-nos para onde queremos navegar!

Filoc.
530 Que dia caríssimo! Amabilíssimo homem, amigos marujos, como eu poderia mostrar com meus atos que me tornastes vosso amigo[34] (34 O termo original, *npoonyn* (bem-disposto), implica a ideia de gratidão e obrigação.)? Vamos, menino, saudemos reverentemente a

terra no interior dessa habitação inabitável, para que saibas de que sobrevivi e o quão forte foi meu coração, pois suponho que nenhum outro, exceto eu, suportaria sequer a visão desses males, enquanto eu, por necessidade, aprendi a resignar-me a eles.

Coro
539 Esperai: dois homens, um marujo de teu navio e um estrangeiro, aproximam-se. Saibamos o que têm a dizer e, depois de sabê-lo, entrai.

Mercador
542 Filho de Aquiles, pedi a este companheiro, vigia de teu navio juntamente com outros dois, que me dissesse onde tu te encontravas, uma vez que nossos caminhos se cruzaram e pelo acaso, sem imaginar, fui levado a ancorar nesta mesma terra. Estava navegando, no comando de um navio com pouca tripulação, de Ílion para minha casa, Peparetos das belas videiras; como ouvi dizer que todos esses marujos eram teus companheiros, não me pareceu bom calar-me e continuar a viagem sem antes falar contigo e obter uma recompensa adequada. Talvez tu não saibas nada das coisas a teu próprio respeito, dos novos planos dos argivos para ti, e não só planos, mas fatos que não serão protelados.

Neop.
557 O favor de tua consideração, estrangeiro, se não sou de natureza vil, me será caro; explica o que mencionaste, para que eu saiba quais são os inesperados planos dos argivos em relação a mim.

Mercador
561 O velho Fênix e os filhos de Teseu estão a caminho, perseguindo-te com uma frota.

Neop.
563 Para me reconduzirem à força ou pela persuasão?

Merc.
564 Não sei. Sou portador da informação que ouvi.

Neop.
565 Fênix e seus companheiros de navegação empenham-se com tal zelo em favor dos Atridas?

Merc.
567 Fica sabendo que essas coisas não estão mais em via de ocorrer, são um fato.

Neop.
568 E como Odisseu não se prontificou a navegar como mensageiro ele mesmo dessas notícias? Reteve-o acaso um certo medo?

Merc.
570 Ele e o filho de Tideu preparavam-se para perseguir outro homem, quando eu levantava âncora.

Neop.
572 Atrás de quem Odisseu lançava-se ao mar, em carne e osso?

Merc.
573 Era um tal de ... mas primeiro me diz quem é esse aí. Ao dizeres, modera a voz.

Neop.
575 Estás diante do ínclito Filoctetes, estrangeiro.

Merc.

576 Não me faças mais perguntas agora, mas parte, foge o quanto antes desta terra.

Filoc.
578 O que ele está dizendo, menino? Por que o marujo, com suas palavras, negocia contigo a meu respeito, de modo obscuro?

Neop.
580 Não sei ainda o que diz, mas deve falar claramente o que tem a dizer, diante de ti, de mim e dos demais.

Merc.
582 Filho de Aquiles, não me jogues contra o exército, fazendo-me falar o que não devo: muitos favores recebo deles, em troca do que lhes faço, como homem pobre que sou.

Neop.
585 Eu sou inimigo dos Atridas, e este é o meu amigo mais caro, uma vez que os odeia. Vindo na condição de meu amigo, nada deves nos ocultar do que ouviste.
Merc.
589 Olha lá o que fazes, menino.

Neop.
589 Não é de hoje que o cogito.

Merc.
590 Deponho em ti a responsabilidade por essas coisas.

Neop.
590 Que seja, mas fala.

Merc.
591 Pois bem. É em busca dele que os dois homens de quem falei, o filho de Tideu e o violento Odisseu, se lançam ao mar, sob juramento de levá-lo, persuadindo-o com palavras ou pelo poder da força. Todos os acaios ouviram claramente, enquanto Odisseu falava, pois ele tinha mais confiança no sucesso do que o outro.

Neop.

598 Em virtude do que os Atridas, decorrido tanto tempo, voltam-se para ele, que há muito abandonaram? Que desejo os tomou - ou terá sido imposição e vingança dos deuses, que punem as más ações?

Merc.
603 Deixo-te a par de tudo, pois talvez o ignores. Havia um adivinho de nobre origem, filho de Príamo, chamado Heleno, o qual esse homem, o fraudulento Odisseu, de quem se diz toda sorte de impropério e ultraje, capturou, saindo sozinho à noite[35] (35 Seguindo lição de Webster, Dain, optamos por *OóAtoç* (fraudulento) e não *OóAotç* (por meio de fraudes).). Conduzindo-o acorrentado em meio aos acaios, exibiu a bela presa. Ele profetizou, entre muitas coisas, que a pérgama Troia jamais seria arrasada se não levassem esse homem, persuadindo-o com palavras, desta ilha em que vive agora. Tão logo ouviu isso do adivinho, o filho de Laertes imediatamente prometeu conduzir o homem e apresentá-lo aos acaios; acreditava antes trazê-lo por bem, mas, não fosse o caso, a contragosto. Se não conseguisse, deixaria sua própria cabeça ser cortada por quem o desejasse. Ouviste tudo, menino; pressa é o que recomendo a ti e a ele, se te inquietas por alguém mais.

Filoc.
622 Ai de mim, infeliz! Ele, o nocivo em pessoa, jurou conduzir-me, persuadido, até os acaios? Do mesmo modo que serei persuadido, depois de morrer, a voltar do Hades para a luz, como seu pai[36] (36 Filoctetes alude novamente a Sísifo como pai de Odisseu. A frase revela a ira de Filoctetes de forma irônica, pois ressuscitar um morto do Hades é tarefa impossível, uma vez que os mortos são surdos à persuasão; cf. Mirto, p. 219, nota 49.)!

Merc.
626 Disso não sei, mas irei para o navio; que um deus ajude a ambos da melhor forma possível.

Filoc.
628 Não é espantoso, menino, que o filho de Laertes tenha esperança de, com palavras brandas, exibir-me, conduzindo-me do navio em meio aos argivos? Não! Antes daria ouvido à minha maior inimiga, à víbora que me deixou assim estropiado! Mas, por esse homem, tudo pode ser dito, tudo pode ser ousado, e agora sei que virá. Vamos, filho, que um amplo pélago nos separe do navio de Odisseu! Partamos: a pressa oportuna traz, passado o apuro, o sono e o descanso.

Neop.
639 Tão logo amaine o vento de proa, partiremos, pois ele agora nos é contrário.

Filoc.
641 O vento é sempre favorável, quando foges da desgraça.

Neop.
642 Não neste caso; mas também para eles o vento é contrário.

Filoc.
643 Não há ventos contrários para os piratas, quando se trata de roubar e sequestrar com violência.

Neop.
645 Se te parece certo, partamos, tão logo pegues lá dentro o que te é útil e o que mais desejares.

Filoc.
647 De algumas coisas necessito, das poucas de que disponho.

Neop.
648 Que coisa é essa que não se encontra em meu navio?

Filoc.
649 Uma planta, com a qual sempre adormeço em muito esta chaga, de modo a mitigá-la[37] (37 A doença de Filoctetes parece ser comparada a uma fera, pois o verbo origina *Lrrpcdivetv* (apaziguar, acalmar), relaciona-se à domesticação de animais selvagens; cf. Karnerbeek, p. 101.) totalmente.

Neop.
651 Pega-a. Que outra coisa ainda desejas pegar?
Filoc.
652 Se me escapou, por descuido, alguma de minhas flechas, para que outro não a tome.

Neop.
654 Esse é o famoso arco, o que agora seguras?

Filoc.
655 Sim, não é outro o que tenho em mãos.

Neop.
656 Acaso posso tê-lo mais perto de minha vista, segurá-lo e adorá-lo como a um deus?

Filoc.
658 Certamente, filho, e também tudo mais que seja meu e te seja útil.

Neop.
660 Eu o desejo, sem dúvida, mas com esta condição: se me for lícito, quero; caso contrário, não insisto.
Filoc.
662 Tuas palavras são reverentes, filho, é lícito, sim, a ti, o único que me permitiu ver a luz do sol, ver a terra do Eta, o velho pai, os amigos, tu que, estando eu em poder de meus inimigos, alçaste-me além deles. Coragem! Tu podes tocar o arco, restituí-lo a quem te deu e vangloriar-te de ser o único entre os mortais a tocá-lo por causa de tua excelência - também eu o obtive praticando o bem[38] (38 Isto é, acendendo a pira de Héracles.).

Neop.
671 Não me pesa ter te encontrado e me tornado teu amigo, pois quem sabe fazer o bem, tendo-o recebido, torna-se um amigo mais precioso do que qualquer tesouro. Podes entrar.

Filoc.
674 Sim, e eu te conduzirei, pois minha doença requer teu amparo.

Coro
676 Ouvi falar, mas nunca vi eu mesmo, que o filho onipotente de Cronos arrojou[39] ([39] Optamos por *Ebayev* (Dain, Jebb, Campbell e outros, Vat. Palat.287) ao invés de *Eyabev* (Pearson, maioria mss).), preso à célere roda, aquele que uma vez se aproximou do tálamo de Zeus[40] ([40] O coro refere-se ao mito de Íxion, que cometeu o sacrilégio de assassinar o sogro. Entre os deuses, apenas Zeus apiedou-se e purificou-o: apesar disso, Íxion mostrou-se ingrato, tentaodo violentar Hera. Como castigo, Zeus o atou a uma roda incendiada que gira sem cessar jamais.); mas não sei de nenhum outro mortal, por ouvir dizer ou ver, que tenha encontrado destino mais nefasto do que o desse homem, que, sem prejudicar ou roubar ninguém, justo entre os justos, pereceu assim sem o merecer. Eis o que me causa espanto: como, então, ouvindo sozinho as ondas quebrarem-se ao redor, como suportou uma vida tão cheia de lágrimas?
691 Aqui ele mesmo seu próprio vizinho[41] ([41] Seguimos lição de Kamerbeek e substituimos *hpóoojov* por *hpóoonpoç*.), incapaz de dar um passo, sem um companheiro para seus males, junto ao qual pudesse chorar o gemido repercutido profundovoraz sangrento; tampouco havia quem aplacasse o mais tépido jorro sanguíneo, que escoava das chagas do convulso pé, com plantas lenitivas, colhidas da terra fecunda, caso algum ataque o acometesse.
701 Arrastava-se de um lado para o outro, rastejando como uma criança sem a ama querida, em quem encontraria alívio quando cedesse o flagelo que lhe corrói o coração.
707 Não tomava para seu sustento os grãos da terra sagrada, nem o que de resto nos nutre, homens industriosos[42] ([42] A locução original, *àvepeç ayotonaí*, é homérica e contrapõe a cultura do homem "civilizado", baseada na agricultura, àquela da caça e coleta de frutos, a do homem "selvagem", conforme a qual vive Filoctetes.), salvo se, com as flechas aladas de seu célere arco, conseguisse comida para o ventre.
712 Ó triste alma, que em dez anos não conheceu o prazer do vinho, mas sempre se voltava para a água estagnada, onde, observando, a descobria.
719 Agora, tendo encontrado o filho de valorosos homens, logrará ser bem aventutado e grandioso depois de tudo: após tantos meses, esse homem o conduzirá, num navio que sulca o mar, até a pátria, morada das ninfas malianas, às margens do Espérquio, onde o herói do brônzeo escudo aproximou-se de todos os deuses, todo-luzente de fogo divino, sobre os pincaros do Eta[43] ([43] Mais uma menção a Héracles que alude à proximidade entre esse herói e Filoctetes.).

Neop.
730 Vem, se te apraz. Por que, sem motivo nenhum, silencias, estático?

Filoc.
732 Ah... ah... ah...

Neop.
733 O que é?

Filoc.
733 Nada grave. Vai, filho.

Neop.
734 Sofres a dor da tua doença habitual?

Filoc.
735 Não, creio já sentir um alívio agora. Oh ... deuses!

Neop.
737 Por que invocas os deuses gemendo assim?
Filoc.
738 Para que se nos apresentem protetores, benévolos. Ah... ah... ah...

Neop.
740 O que sentes? Não dirás, permanecerás assim calado? É evidente que algum mal te aflige.

Filoc.
742 Estou perdido, filho, e não poderei vos esconder meu mal, aah... aaah... ele me transpassa, transpassa. Infeliz, pobre de mim! Estou perdido, filho, estou sendo devorado, filho, ah... ah... ah... aaaah... aaaah! Pelos deuses, se tens uma espada à mão, golpeia meu pé: corta-o de imediato, não me poupes a vida. Vai, menino!

Neop.
751 O que de novo te sobrevém tão de repente, por que produzes tamanho grito e gemido por ti mesmo?

Filoc.
753 Sabes, filho?

Neop.
753 O quê?

Filoc.
753 Sabes, menino?

Neop.
754 O que tens? Não sei.

Filoc.
754 Como não sabes? Ah... ah... ah...

Neop.

756 Terrível é o fardo de tua enfermidade[44] (44 Seguimos lição de Kamerbeek - *Emcrayiua* (fardo, peso), ao invés de *Emcrtyiua*, como traz o texto de Pearson, reeditado por Webster.).

Filoc.
756 Terrível e indizível! Mas apieda-te de mim!

Neop.
757 O que devo fazer?

Filoc.
757 Não me traias, temeroso, pois minha doença vem depois de longo tempo, talvez saciada de suas errâncias[45] (45 Segundo o escoliasta, a metáfora da doença errante é baseada nos hábitos das feras selvagens (cf. Mirto, 1990); o que vemos, portanto, é a comparação da doença de Filoctetes a uma fera errante.).

Neop.
759 Ah! Infeliz, infeliz na verdade tu me pareces, em meio a todo esse sofrer! Queres que te segure e ampare um pouco?

Filoc.
762 Não, isso não; mas segura este arco, como me pediste há pouco, até que passe este acesso da doença, guarda e vigia-o, pois o sono me toma assim que essa dor me deixa - não há possibilidade de ela cessar antes. Tu deves deixar-me dormir em paz. Se nesse meio tempo eles vierem, em nome dos deuses, imploro a ti que não entregues o arco - de boa ou de má vontade, de modo algum! - para não te tornares meu assassino e ao mesmo tempo o teu próprio, sendo eu teu suplicante[46] (46 Filoctetes seria destruído se perdesse o arco e Neoptólemo seria punido pelos deuses por trair um suplicante, cf. Kamerbeek.).

Neop.
774 Confia em minha cautela. Além de ti e de mim, ninguém terá o arco. Deixa-o comigo; que a Fortuna te assista.

Filoc.
776 Eis, toma-o, menino; e suplica à Inveja[47] (47 Embora tenhamos usado a palavra inveja para traduzir *OBóvoç* (*Bewv* - dos deuses), estamos cientes de que o termo português não corresponde plenamente a esse conceito. Entre os gregos, acreditava-se que os deuses ressentiam-se de qualquer êxito ou felicidade humana quando esta atingia grandes proporções, tais que alçassem o homem, ainda que por um momento, acima de sua condição de mortal e este usurpasse, portanto, uma prerrogativa divina - daí o conceito de *OBóvoç* (*Bewv*). É preciso também diferenciar a conotação que este termo apresenta no período clássico em relação aos anteriores, pois, segundo Dodds, é apenas no final da época arcaica e início do período clássico que a ideia de *OBóvoç* torna-se urna expressão de angústia religiosa. Vide E. R. Dodds, *The Greeks and the lrrational,* cap. II. Jebb traduz *OBóvoç* por *jealous gods;* Masqueray, por *Envie;* Grene, por *God's envy;* e Pattoni, por *lnvidia.*) que ele não te seja a causa de muitos sofrimentos, como foi para mim e para quem o possuiu antes de mim.

Neop.
779 Ó deuses, que assim seja a ambos; que a navegação seja propícia e tranquila, para onde o deus julgue justo e a viagem se cumpra[48] (48 As palavras de Neoptólemo são ambíguas:

para Filoctetes significam urna prece para voltarem à casa com sucesso, mas podem também significar uma prece para conquistarem Troia; cf. Kamerbeek e Webster.).

Filoc.
782 Temo, menino, que teu voto seja vão, pois novamente este sangue rubro goteja, escorrendo do fundo da ferida, e espero um novo acesso. Ai! Ah, ai, ai! Meu pé, quanto mal me farás; serpeia, perto se insinua, infeliz! Aqui o tens, não fujas de modo algum. Ai, ai, ai, ai!
791 Ó estrangeiro cefalênio[49] (49 Cefalênio: habitante das ilhas Cefalênias, que constituem o reino de Odisseu.), se ao menos pudesse esta dor transpassar teu peito! Ai! Ai! Ai! Par de generais, Agamêmnon e Menelau, como gostaria que nutrísseis esta doença em meu lugar, pelo mesmo tempo!
796 Ai de mim! Ó morte, morte, como podes não vir, eu sempre te invocando assim, dia após dia? Ó filho, nobre criança, prende-me, queima-me com o fogo de Lemnos, a mim que te invoco, ó nobre; também eu outrora julguei certo fazer isso ao filho de Zeus, em troca dessas armas, que tu agora proteges. O que dizes, menino? O que dizes? Por que te calas? Onde te encontras, filho?

Neop.
806 Há tempos eu sofro, lamentando teus males.

Filoc.
807 Filho, tem coragem, pois este mal cortante vai e vem, e rapidamente passa. Suplico, não me abandones sozinho.

Neop.
810 Confia, ficaremos.

Filoc.
810 Ficarás mesmo?

Neop.
810 Não o duvides.

Filoc.
811 Julgo indigno impor-te um juramento, filho.

Neop.
812 Não me é lícito partir sem ti.

Filoc.
813 Dá-me tua mão em sinal de fidelidade.

Neop.
813 Ei-la, ficarei.

Filoc.
814 Para lá, agora, lá me...

Neop.
814 Para onde?

Filoc.
814 No alto ...

Neop.
Que delírio é esse, novamente? Por que contemplas acima, o círculo celeste?

Filoc.
816 Deixa-me, deixa-me ..

Neop.
816 Deixar onde?

Filoc.
816 Deixa-me agora.

Neop.
817 Afirmo que não deixarei.

Filoc.
817 Tu me destruirás, se me segurares.

Neop.
818 Eu te deixo, caso estejas mais lúcido agora.

Filoc.
819 Ó terra, recebe-me moribundo assim como estou, pois este mal não permite que me restabeleça[50] (50 O termo original, o verbo *OpBovoBai*, é ambíguo, pois pode siguificar tanto "levantar, ficar em pé", quanto "ter restabelecida a saúde", daí a escolha por "restabelecer-me"; cf. Kamerbeek, *op. cit., ad loc.*).

Neop.
821 Parece que o sono não tarda a apoderar-se do homem: a cabeça lhe cai pra trás, o suor inunda-lhe todo o corpo, e uma veia negra da ponta do pé arrebentou, jorra um rio sanguíneo. Deixemo-lo tranquilo, amigos, para que mergulhe no sono.

Coro
827 Sono que ignora a dor, sono que ignora o sofrer, vem-nos com sopro suave, benéfico, benéfico, ó senhor. Em seus olhos mantém esta luz serena, que agora se difunde, vem, vem a mim, tu que curas[51] (51 O termo original, n*aiwv* (curador), serve também de epíteto a Asclepius, e *aiy^a* (clarão, serenidade, v.831) é o nome de sua filha, o clarão de serenidade que o deus da cura traz; cf Webster, *ad loc.*)!
833 Filho, vê onde te colocas, aonde irás, que cuidado me reservas a partir de agora. Vês? Dorme. O que esperamos para agir? O momento oportuno[52] (52 *Kaipóç* é o momento certo, aqui personificado. De acordo com Íon de Chios, que escreveu um hino ao *Kaipóç*, este era o filho mais novo de Zeus *(Hermes* 71 (1936), p. 266); cf. Kamerbeek e Webster, *ad loc.*), que tudo decide,

mantém todo poder a seus pés[53] (53 Embora a locução original, *kapà kòga*, seja uma expressão idiomática, com o sentido de "imediatamente", optamos por traduzi-la aqui como "a seus pés", mantendo o primeiro sentido de *kòga* (pé), dada a relevância semântica dessa palavra no contexto do drama.).

Neop.
839 Ele nada ouve, mas eu vejo que possuímos em vão esta presa do arco, se navegarmos sem ele: dele é a coroa da vitória; ele é quem o deus disse para levarmos. Orgulhar-se do inacabado, com mentiras, é um descaramento vergonhoso.

Coro
843 Filho, disso cuidará o deus. Ao me responderes agora, suave, suave, envia-me, filho, o som de tuas palavras, que o sono insone de todos os enfermos é perspicaz em tudo ver. Mas, o quanto possas, examina como farás aquilo, sorrateiramente, aquilo, pois sabes a que me refiro. Se manténs essa[54] (54 Seguimos aqui lição de Kamerbeek, optando por *iaviav* ao invés de *iaviâ* (v.853).) tua opinião sobre isso, é certo que os sensatos antevejam problemas intransponíveis.
855 O vento é favorável, filho, favorável; o homem está de olhos fechados; sem defesa, distende-se noturno - profundo é o sono estival - sem o domínio das mãos, dos pés, de nada, como alguém que jaz no Hades. Vê, olha se é oportuno o que dizes: até onde alcança meu espírito, menino, a tarefa que não suscita medo é a melhor.

Neop.
865 Ordeno que te cales e não percas a razão, pois o homem move os olhos e levanta a cabeça.

Filoc.
867 Ó luz que sucede ao sono, e auxílio inacreditável, pois inesperado, desses estrangeiros! Eu jamais esperaria isso, menino, que tu suportasses assim piedosamente meu sofrimento, assistindo-me, amparando-me. Os Atridas, entretanto, não tiveram ânimo para suportar isso tão facilmente, os excelentes generais! Mas, nobre é a tua natureza, filho, nobre tua ascendência, e tornaste tudo isso fácil, mesmo farto dos gritos e do mau odor.
877 E agora, já que parece haver um certo esquecimento e trégua deste mal, filho, levanta-me tu mesmo, coloca-me em pé, filho, para que, tão logo o torpor me deixe, lancemo-nos ao navio e não tardemos a viagem.

Neop.
882 Alegro-me ao ver-te, contra as expectativas, abrindo os olhos sem dor e ainda respirando, pois, dado o recente ataque, teus sintomas pareciam os de um morto. Agora, levanta-te, mas, se preferes, estes homens te levarão, pois não hesitam diante da fadiga, se a ti e a mim parecer que devam fazê-lo.

Filoc.
889 Agradeço, menino, levanta-me, como pretendes, mas deixa-os, que o mau cheiro não os moleste antes do necessário, pois no navio haverá fadiga o suficiente para quem me acompanhar.

Neop.
893 Como queiras; mas fica em pé e apoia-te em mim.

Filoc.
894 Nada temas; o velho hábito me manterá em pé.

Neop.
895 Ai, ai, ai! O que eu devo fazer agora?

Filoc.
896 O que é, menino? Para onde te desviaste com tal discurso[55] (55 O termo original, o verbo *EkBaívw*, em retórica, significa "sair do assunto", "fazer digressões".)?

Neop.
897 Não sei para onde dirigir minha linguagem em aporia.

Filoc.
898 Estás em aporia em quê? Não digas isso, filho.

Neop.
899 Mas é exatamente este o estado em que me encontro agora.

Filoc.
900 Não terá sido a aversão à doença que te induziu a não mais me levares em teu navio?

Neop.
902 Tudo é aversão, quando alguém, abandonando a própria natureza, não age corno convém a ela.

Filoc.
904 Mas tua ação e tua fala em nada contrariam quem te gerou, prestando auxílio a um homem íntegro.

Neop.
906 Parecerei infame; isso há muito me atormenta.
Filoc.
907 Certamente não pelo que fazes, mas o que dizes me inquieta.

Neop.
908 Ó Zeus, o que fazer? Mais uma vez me tomarão por vil, por ocultar o que não devo e por proferir a mais vergonhosa palavra?

Filoc.
910 Este homem, se não julgo mal, parece prestes a zarpar, traindo-me e abandonando-me.

Neop.

912 Abandonar-te? Não, mas antes te levar à custa de teu pesar, isso é o que há muito me atormenta.

Filoc.
914 O que estás dizendo, filho? Não compreendo.

Neop.
915 Nada te ocultarei: deves navegar para Troia, para junto dos aqueus e da armada atrida.

Filoc.
917 Ai de mim! O que dizes?

Neop.
917 Não lamentes antes de compreender.

Filoc.
918 Compreender o quê? O que pensas fazer comigo?

Neop.
919 Livrar-te primeiro deste mal; depois, devastar os campos troianos ao teu lado.

Filoc.
921 Pensas realmente em fazer isso?

Neop.
921 Uma grande necessidade impõe isso; tu não te irrites ao ouvir.

Filoc.
923 Estou perdido! mísero, fui traído! O que fizeste comigo, estrangeiro[56] (56 Filoctetes, que até então se dirigia a Neoptólemo usando apenas termos como *kaî* (menino, rapaz) e *tékvov* (filho), aqui expressa bem seu distanciamento em relação ao jovem, chamando-o *Eéve* (estrangeiro); cf. Kamerbeek, *ad loc.*)? Devolve-me, rápido, o arco.

Neop.
925 Impossível, pois o dever[57] (57 Dever de um subalterno para com seus superiores.) e o interesse me fazem ouvir a quem comanda.

Filoc.
927 Oh! Tu, fogo todo-horror, sórdido artifício de terrível velhacaria, o que me fizeste! Como me enganaste! Não te envergonha ver-me, prostrado, suplicante? Ó miserável! Privas-me da vida, tirando-me o arco. Devolve-o, suplico-te, devolve-o, eu rogo, filho. Pelos deuses paternos, não me tires a vida! Ai de mim, mísero! Sequer me contesta, mas assim, como se nunca houvesse de soltá-lo, desvia o olhar.
936 Ó portos, promontórios, ó feras montesas com quem vivo, ó rochas íngremes, a vós, pois não conheço outro a quem falar, a vós, companheiros de sempre, lastimo o que me fez o filho de Aquiles! Tendo jurado conduzir-me para casa, leva-me para Troia; tendo me estendido a mão direita, tomou-me e consigo mantém o arco sagrado de Héracles, filho de Zeus, e pretende exibi-lo aos argivos! Como se tivesse capturado um homem

vigoroso, leva-me à força e não adverte que está matando um cadáver, a sombra de um fumo, um simples simulacro. Não me teria capturado, tivesse eu ainda vigor, pois nem assim como me encontro teria conseguido, não fosse o dolo.
Agora, sem ventura, fui ludibriado. O que devo fazer? Devolve-o, torna, ao menos agora, a ser tu mesmo. O que dizes? Calas; mísero, sou nada.
952 Ó forma rochosa de dupla entrada, de volta, mais uma vez, novamente te adentrarei, inerme, sem ter o que comer: consumirei a mim mesmo, só, nesta gruta, sem matar os pássaros alados, nem as feras das montanhas com o arco, mas eu mesmo, mísero, morto serei repasto daqueles de quem me alimentava, e os que antes caçava agora me caçarão, expiarei suas mortes com a minha, mísero, por obra de quem aparentava não conhecer qualquer sordidez. Morras! Mas não antes de eu saber se voltarás atrás em tua decisão, se não, pereças miseravelmente!

Coro
963 O que devemos fazer? De ti depende, senhor, navegarmos agora ou cedermos a suas palavras.

Neop.
965 Precipita-se sobre mim uma assustadora compaixão por este homem; não de agora, mas há muito.

Filoc.
967 Tem piedade, menino, pelos deuses, não permitas que te façam objeto de censura, por teres me enganado.

Neop.
969 Ai de mim, o que farei? Quisera jamais ter deixado Ciro, tanto me oprime o que estou presenciando.

Filoc.
971 Tu não és vil, mas pareces vir instruido na infâmia por homens vis. Deixa-a agora aos outros, a quem ela é natural[58] (58 Seguimos sugestão de Webster e Kamerbeek, preferindo *oîç* a *oî*. (v. 973).), e iça as velas, depois de me entregares as armas.

Neop.
974 O que devemos fazer, homens?

Odisseu
974 Ó pior dos homens, o que fazes? Não me entregarás o arco e te afastarás daqui?

Filoc.
976 Ai de mim! Quem é esse homem? É Odisseu quem ouço?

Od.
977 Odisseu, sem dúvida, em carne e osso é quem vês.

Filoc.

978 Ai de mim! Fui vendido, é o meu fim! Então esse foi quem me capturou e me roubou as armas!

Od.
980 Eu, sem dúvida, e não outro, reconheço-o.

Filoc.
981 Devolve-me, entrega-me o arco, menino!

Od.
981 Isso, ainda que deseje, não fará jamais; ao contrário, também tu deves vir com o arco, ou te levarão à força.

Filoc.
984 A mim, ó vil entre os vis, cuja insolência desconhece limites, esses levarão à força?

Od.
985 Se não vieres de bom grado.

Filoc.
986 Ó terra de Lemnos, fogo plenipotente, obra de Hefesto, é tolerável isso, que esse homem à força me arranque de ti?
Od.
989 Foi Zeus - deves sabê-lo - Zeus, senhor desta terra, Zeus quem decidiu isso, e eu o sirvo.

Filoc.
991 Ó ódio! Quanto inventas ao falar! Colocando os deuses nisso, fazes dos deuses mentirosos.

Od.
993 Não, verazes. A viagem deve se cumprir.

Filoc.
994 Digo não.

Od.
994 Mas eu digo sim. É preciso obedecer.

Filoc.
995 Ai de mim, infeliz! Meu pai me gerou escravo e não homem livre, isso é bem claro!

Od.
997 Não, mas semelhante aos melhores, com os quais tu deves tomar Troia e devastá-la violentamente.

Filoc.
999 Enquanto houver o solo íngreme desta terra, jamais, nem que eu deva padecer todos os males.

Od.
1001 O que pretendes fazer?

Filoc.
1001 Farei desta minha cabeça um jorrar de sangue, precipitando-me desta pedra sobre a pedra abaixo.

Od.
1003 Prendei-o: que não faça isso.

Filoc.
1004 Ó mãos, o que sofreis na falta do caro nervo do arco, aprisionadas por este homem! Tu, que não pensas nada são ou digno de um homem livre, como me surpreendeste de novo, como me caçaste, usando como anteparo esse menino que eu não conhecia, indigno de ti, mas digno de mim. Ele nada sabia, a não ser cumprir ordens; agora, está claro, suporta dolorosamente as faltas que ele próprio cometeu, e que eu sofri. Mas tua mente pérfida, perscrutando-o sempre no mais íntimo, contra sua vontade e natureza ensinou-o bem a ser hábil na perfídia. E agora, a mim, ó miserável, tendo me atado, pretendes levar-me desta costa escarpada, na qual me atiraste sem amigo, solitário, sem pátria, morto em vida. Ah... ! Morras: frequentemente foi esse o meu augúrio! Mas, como os deuses não me concederam nenhum prazer, tu te alegras com a vida, enquanto eu sofro por viver, e vivo com múltiplos males, mísero, objeto de riso para ti e para os dois generais filhos de Atreu, aos quais serves nisso tudo. Todavia, tu navegaste com eles subjugado pela astúcia e pela necessidade[59] (59 Filoctetes alude ao fato de Odisseu ter tentado se esquivar ao juramento prestado por ele e pelos demais pretendentes de Helena, de que todos se uniriam em torno do escolhido em caso de necessidade. Para tanto, quando Helena foi raptada por Páris e Menelau foi cobrar a promessa feita pelos pretendentes, Odisseu fingiu-se de louco, semeando sal em seus campos, mas foi desmascarado pela astúcia de Palamedes, que colocou Telêmaco em frente ao arado, obrigando Odisseu a parar e revelar assim que reconhecera seu filho. Cf. Grimal, P. *(Diccionario de la Mitologia Griega y Romana.* Barcelona, Ed. Labor, 1965), pp. 398-99.), ao passo que eu, todo-infeliz, que navegava voluntariamente no comando de sete naus, fui abandonado sem honra, dizes que por eles; eles, por ti.
1029 Por que me levais agora? Por que me arrastais? Com que propósito? Sou um nada, há muito um morto para vós. Como, ó ser execrável aos deuses, agora não sou coxo, fétido, para ti? Como é possível queimar oferendas aos deuses, como ainda fazer libações, se navego convosco? Pois esse foi teu pretexto para me abandonares. Pereçais do pior modo! E perecereis, vós que fostes injustos com este homem, se aos deuses releva a justiça. Sei bem que releva, pois nunca vos teríeis metido nessa empresa por este miserável, se um aguilhão divino não vos tivesse trazido a mim.
1040 Terra pátria e deuses vigilantes, puni, puni todos eles juntos, ainda que tardiamente, se tendes por mim alguma compaixão! Pois vivo de modo deplorável, mas, se os visse destruídos, me pareceria fugir a minha doença.

Coro
1045 Gravoso é o estrangeiro e gravosas são as palavras que profere, inflexíveis às adversidades, Odisseu.

Od.
1047 Muito teria a dizer em resposta ás palavras desse homem, se julgasse conveniente, mas agora só posso dizer uma palavra. Se for preciso um homem de tal tipo, eu o sou, e onde houver uma competição entre homens justos e bons, não encontrarás ninguém mais pio que eu; necessito, por natureza, vencer em tudo, exceto no que se refere a ti: de ti agora me afasto de bom grado. Deixai-o, não toqueis mais nele, deixai-o permanecer. Não necessitamos de ti, possuindo essas armas: Teucro está conosco e é perito em seu uso, além de mim mesmo, que, penso, não sou nada inferior a ti em dominá-las e apontá-las com mão segura. Por que então precisamos de ti? Sê feliz passeando por Lemnos. Nós partiremos, e em breve, talvez, o teu bem mais precioso[60] (60 O termo original, *yépaç*, tem o sentido de "o que é próprio de alguém, seu apanágio, o que lhe dá honra".) confira a mim a honra que deveria ser tua.

Filoc.
1063 Ai de mim! Mísero, o que farei? Tu te exibirás entre os argivos com o adorno de meu armamento?

Od.
1065 Não troques mais uma palavra comigo, que já estou partindo.

Filoc.
1066 Filho de Aquiles, nem tu me dirigirás mais a palavra, mas irás assim?

Od.
1068 Retira-te, não lhe dirijas o olhar! Que a tua nobreza não arruíne o que nos trouxe a sorte.

Filoc.
1070 Também vós, estrangeiros, me abandonareis assim na solidão, sem piedade?

Coro
1072 Esse menino é o comandante do nosso navio: o quanto ele te disser, nós também te diremos.

Neop.
1074 Ouvirei deste homem que minha natureza é plena de piedade, contudo, permanecei, se lhe apraz, o tempo necessário até que os marujos preparem o navio e façamos nossas preces aos deuses. Quem sabe, no entretempo, alimente melhor pensamento a nosso respeito. Nós dois, portanto, iremos, e vós, quando chamarmos, apressai-vos a vir.

Filoc.
1081 Ó cavidade de pedra côncava, cálida e gélida, não me cabia te deixar, jamais; ao contrário, serás testemunha de minha morte, mísero que sou! Ai de mim, ai! Ó mísera gruta, plena do meu sofrer, como meus dias se sucederão? De que parte, de onde tirarei

a esperança de alimento, um ser inútil? Ide, aves que antes acima vos encolhíeis, ide através do vento agudo: não mais tenho como capturar-vos[61] (61 Tanto Webster quanto Kamerbeek discutem a corrupção nesses versos e suas alternativas; optamos aqui por seguir a emenda proposta por Jackson, *apud* Kamerbeek, p. 151-52.).

Coro
1095 Foste tu, tu quem decidiste, ó desafortunado; de mão mais forte não advém a tua fatalidade, pois, quando houve ocasião para seres sensato, ao destino melhor preferiste o pior.

Filoc.
1101 Mísero, mísero eu sou, aviltado pela dor; de agora em diante, no porvir, vivendo aqui na companhia de ninguém, mísero, perecerei. Ai! Ai! Sem a posse do alimento que minhas setas aladas iam buscar, seguras por mãos fortes: palavras veladas, de uma mente dolosa, em mim se insinuaram. Pudera vê-lo, o autor dessa trama, sofrer pelo mesmo tempo as minhas dores!

Coro
1116 Fatalidade - fatalidade divina! - te colhe, e não um dolo de minhas mãos. Dirige a odiosa e infausta maldição a outros, pois o meu afã é que preserves nossa amizade.

Filoc.
1123 Ai de mim, ai! Sentando-se num ponto qualquer da orla esbranquiçada do mar, ri-se de mim, mísero, vibrando com sua mão minha arma nutriz, que ninguém jamais empunhou. Ó caro arco, arrancado de caras mãos, certamente vês com compaixão, se tens algum sentimento, o tão desafortunado herdeiro de Hércules, que não mais te usará de agora em diante; em troca, serás empunhado por outro homem, o de mil artifícios. Verás as fraudes vergonhosas, o homem odioso e execrável, e uma miríade de males surgindo, tais como a que tramou contra nós.

Coro
1140 É próprio de um homem dizer o que seja justo, mas, ao dizer, não deixar escapar da lingua um ferrão de dor invejosa. Ele, somente, por muitos designado para o encargo, levou a termo um serviço de comum vantagem para os seus.

Filoc.
1146 Ó presas aladas e raça de feras selvagens de olhos brilhantes, que essa terra alimenta em suas montanhas, não mais fugireis de mim quando vos aproximardes desta caverna, pois não tenho em mãos a antiga força dos dardos, infeliz que sou agora! Este lugar está guardado sem proteção, não vos incute mais medo. Vinde, agora, saciar o belo bico vingador a vosso prazer em minha lívida carne, em breve deixarei a vida - pois de onde virá minha subsistência? Quem assim de brisa alimenta-se, sem mais se apoderar de nada do que a terra fecunda oferece?

Coro

1163 Pelos deuses, se tens alguma reverência, aproxima-te do estrangeiro que se aproximou com toda benevolência, mas reflete, reflete bem: depende de ti escapar a este teu mal, pois é deplorável alimentá-lo, sem aprender a suportar os inúmeros fardos que o acompanham.

Filoc.
1169 Mais uma vez, mais uma vez, recordaste-me a antiga dor, ó mais nobre dos que estiveram aqui antes. Por que me arruínas? O que me fizeste?

Coro
1173 Por que dizes isso?

Filoc.
1174 Porque tu esperas levar-me à terra troiana, que me é execrável.

Coro
1176 Sim, na verdade, penso ser o melhor.

Filoc.
1177 Então deixa-me imediatamente.

Coro
1178 Grata, grata me é a tua ordem e a executarei de bom grado. Vamos, vamos para o nosso lugar no navio.

Filoc.
1181 Não, por Zeus que ouve as maldições dos suplicantes, não vás, suplico-te.

Coro
1182 Modera-te.

Filoc.
1182 Estrangeiros, ficai, pelos deuses.

Coro
1185 Por que gritas?

Filoc.
1186 Ai, ai, ai, ai! Destino, destino meu! Pereço, mísero! Ó pé, pé, que farei de ti na vida que me resta, mísero? Estrangeiros, vinde, retornai.

Coro
1191 Para fazer o quê? Tens propósito diferente dos que revelavas antes?

Filoc.
1193 Certamente não se pode culpar quem, convulso por uma tempestuosa dor, grita fora de si.

Coro

1196 Ó mísero, vem, então, como te pedimos.

Filoc.
1197 Nunca, nunca, sabe que isto é imutável, mesmo que o ignífero Zeus que lança raios venha me consumir com o fulgor do trovão. Pereça Ílion e todos quantos sob seus muros ousaram rechaçar meu pé! Estrangeiros, atendei um único pedido meu.

Coro
1204 Que pedido é esse?

Filoc.
1204 Uma espada, se tiverdes, ou uma acha, ou uma arma qualquer, trazei-me.

Coro
1206 Para que realizes que estratagema?

Filoc.
1207 A cabeça e as vértebras, tudo, com minha mão, cortarei. O meu espírito agora quer a morte, a morte.

Coro
1210 Mas, por quê?

Filoc.
1210 Para procurar meu pai.

Coro
1211 Onde?

Filoc.
1211 No Hades, pois não está mais na luz. Ó cidade, ó cidade pátria, quisera eu contemplar-te, homem miserável, que, tendo deixado tua sagrada fonte[62] (62 Filoctetes refere-se às águas do Espérquio.), fui prestar ajuda aos execráveis dânaos! Já não sou nada.

Coro
1218 No que conceme a ti, há muito eu já teria me encaminhado para minha nau, não tivéssemos visto a pouca distância Odisseu se aproximando e o filho de Aquiles vindo em nossa direção.

Od.
1222 Não poderias me dizer por que retomas assim, com tanta pressa?

Neop.
1224 Para reparar o erro que cometi antes.

Od.

1225 Assusta-me o que dizes; o erro, qual foi?

Neop.
1226 Obedecer a ti e a todo o exército.

Od.
1227 O que fizeste que não fosse digno de ti?

Neop.
1228 Capturei um homem por meio de dolo e ardis vergonhosos.

Od.
1229 O quê? Oh, não! Certamente não tomaste uma nova resolução?

Neop.
1230 Nova, não, mas ao filho de Peante ...

Od.
1231 O que farás? Um temor me assalta.

Neop.
1232 De quem tomei este arco, novamente, de volta ...

Od.
1233 Zeus! O que dizes? Não estás pensando em devolvê-lo?

Neop.
1234 Sim, pois o tomei e o mantenho de forma vergonhosa e injusta.

Od.
1235 Pelos deuses! Dizes isso para escarnecer?

Neop.
1236 Se for escárnio dizer a verdade ...

Od.
1237 O que dizes, filho de Aquiles? Que discurso é esse?

Neop.
1238 Desejas que eu repita duas ou três vezes as mesmas palavras?

Od.
1239 Quisera não tê-las ouvido sequer uma vez.
Neop.
1240 Fica bem ciente de que agora ouviste tudo.

Od.
1241 Há alguém, há quem te impedirá de agir.

Neop.

1242 O que dizes? Quem me impedirá?

Od.
1243 Todo o exército aqueu, e, entre eles, eu.

Neop.
1244 Tu, que és de natureza sábia, nada de sábio proferes.

Od.
1245 E tu não falas e tampouco queres agir com sabedoria.

Neop.
1246 Mas, se minhas ações são justas, valem mais que as sábias[63] (63 Assim como *ooOóç*, o termo gíkaioç tem conotações completamente diferentes para Odisseu e Neoptólemo: se para este justo é devolver o arco a Filoctetes, para Odisseu justo é Neoptólemo obedecer as suas ordens, o que segue de perto a definição de justiça de Trasímaco, que a vê como a vantagem de quem está no comando; cf. Webster, *ad loc.*).

Od.
1247 E como pode ser justo deixar escapar o que conseguiste graças aos meus conselhos?

Neop.
1248 Tentarei reparar a falta vergonhosa que cometi.

Od.
1250 Não temes o exército aqueu ao fazeres isso?

Neop.
1251 Com a justiça ao meu lado, não temo tua ameaça.

Od.
..... [64] (64 Lacuna no texto original.).

Neop.
1252 Nem mesmo pela tua mão sou convencido a agir deste modo.

Od.
1253 Então não contra Troia, mas contra ti, lutaremos.

Neop.
1254 Que seja o que deve ser.

Od.
1254 Vês minha mão direita tocando os copos da espada?

Neop.
1255 Pois também a mim verás fazer o mesmo, e sem hesitar.

Od.

1257 Deixar-te-ei, mas, ao chegar, contarei isso a todo o exército, que te punirá.

Neop.
1259 Recobraste a razão e, se no futuro pensares assim, é provável que mantenhas o pé longe das lamentações. Quanto a ti, filho de Peante, falo contigo, Filoctetes, vem, sai desse abrigo pétreo.

Filoc.
1263 Que ruído de vozes se levanta de novo junto à gruta? Por que me chamais? O que desejais, estrangeiros? Ai! Boa coisa não é. Acaso vindes agregar um mal maior aos que já sofro[65] (65 Optamos por seguir lição de Kamerbeek: *nÉia* ao invés de *vÉa* (v. l265), e *kakóv* ao invés de *kaká* (v. 1266).)?

Neop.
1267 Coragem! Escuta o que vim dizer.

Filoc.
1268 Pois eu temo: antes, por conta de belas palavras, fui mal sucedido[66] (66 O que traduzimos aqui, um tanto prosaicamente, por "fui mal sucedido", é uma locução antônima (*kakwç Ènpaça*) da expressão idiomática *Eû npáóóeiv*, cujo sentido é "sair-se bem, ser bem sucedido, obter bom resultado", daí a tradução por que optamos.), persuadido por tuas palavras.

Neop.
1270 Então não é possível também mudar de opinião?

Filoc.
1271 Assim eras com as palavras também quando me roubaste o arco: leal, secretamente funesto.

Neop.
1273 Mas certamente agora não é assim. Quero saber de ti o que decidiste, se persistes em ficar ou se navegarás conosco.

Filoc.
1275 Para, não fales mais; tudo que disseres será em vão.

Neop.
1277 Assim está decidido?

Filoc.
1277 Até mais do que possa dizer, acredita-me.

Neop.
1278 Desejaria te convencer com minhas palavras, mas, se não falo a propósito, calo-me.

Filoc.

1280 Falas tudo em vão, pois jamais encontrarás benevolente meu espírito, tu que com o dolo me destruíste, tomando-me a vida. E em seguida vens me advertir, prole vergonhosíssima de excelente pai! Pereçais, sobretudo os Atridas, depois o filho de Laerte, e tu.

Neop.
1286 Chega de imprecações. Recebe de minha mão estas flechas.

Filoc.
1288 O que disseste? Acaso outro dolo?

Neop.
1289 Juro que não, pela sagrada majestade do altíssimo Zeus.

Filoc.
1290 Oh! Gratas palavras, se o que dizes for verdade.

Neop.
1291 Minha ação te mostrará. Estende a mão direita e apodera-te de tuas armas.

Od.
1293 Eu o proíbo, os deuses sejam testemunhas, em nome dos Atridas e de todo o exército!

Filoc.
1295 Filho, essa voz que ouvi, não é a de Odisseu?

Od.
1296 Sem dúvida, de perto me vês, a mim, que te levarei à força às planícies troianas, queira ou não o filho de Aquiles.

Filoc.
1299 Mas não impunemente, se esta flecha for direto ao alvo.

Neop.
1300 Não, de modo algum, pelos deuses, soltes a flecha.

Filoc.
1301 Solta-me, pelos deuses, solta minha mão, caríssimo filho.

Neop.
1302 Não poderia soltar.

Filoc.
1302 Ai! Por que me impediste de matar com minhas flechas um inimigo odioso?

Neop.
1304 Não seria nobre nem para mim nem para ti.

Filoc.
1305 Fica sabendo, então, que os príncipes do exército, os pseudo-arautos dos aqueus, audaciosos com as palavras, são covardes na batalha[67] (67 Os versos expressam um comentário devastador sobre o Odisseu desta peça e, por serem genéricos, sobre qualquer homem que ele possa representar; cf. Kamerbeek, *ad loc.*)!

Neop.
1308 Muito bem, já tens o arco, e não há qualquer motivo de cólera ou censura contra mim.

Filoc.
1310 Concordo. Mostraste a natureza de que foste gerado: não a de Sísifo, mas a de Aquiles, de excelsa fama quando estava entre os vivos e, agora, entre os mortos.

Neop.
1314 Alegro-me por louvares meu pai e a mim, mas ouve o que desejo obter de ti: os homens são constrangidos a suportar a sorte dada pelos deuses, mas aos que voluntariamente encontram-se na miséria, como tu, a esses não é justo conceder o perdão e tampouco lamentá-los. Tu te tornaste selvagem, não aceitas quem te aconselhe, e, se alguém te censura com benevolência, tu odeias, julgando-o um inimigo malévolo.
1324 Malgrado isso, falarei. Zeus, protetor dos juramentos, invoco por testemunha; sabe e grava isto em teu coração: tu padeces esse mal por destino divino, ao teres te aproximado da guardiã de Crisa, a serpente que, oculta vigiando, protege o sagrado recinto a céu aberto. Fica sabendo que jamais haverá alívio para essa dolorosa doença - enquanto o mesmo sol levantar-se deste lado e mergulhar no outro novamente - antes de ires, tu mesmo, por tua própria vontade, para os campos de Troia, quando serás curado dessa doença ao encontrares os dois filhos de Asclépio entre nós e, com este arco e ao meu lado, serás o devastador das terras de Pérgamo.
1336 Como sei que isso se dará, te direi: há conosco um homem, um prisioneiro troiano, Heleno, excelente adivinho, que disse claramente como essas coisas devem acontecer, e, ainda, que é fatal Troia cair completamente neste verão. Oferece-se voluntariamente à morte, caso esteja mentindo a respeito.
1343 Agora que sabes disso, cede, então, de bom grado, pois esplêndida é a recompensa: estimado o melhor entre os helenos, ir, primeiro, para mãos que curem e, então, conquistada Troia pluriárdua, colher a glória excelsa.

Filoc.
1348 Ó vida odiosa, por que, por que me manténs vivo e não me permites descer ao Hades? Ai de mim! O que farei? Como não acreditar nas palavras deste homem que, benevolente, me aconselhou? Devo ceder, então? Mas, como, depois disso, mísero, me verei diante dos homens? A quem dirigirei a palavra? Como vós, olhos que viram tudo que sofri, suportareis ver-me ao lado dos filhos de Atreu, que me destruíram? Ao lado do maldito filho de Laerte? Não é a dor do passado que me corrói, mas quantas ainda devo sofrer junto a eles é que pareço antever, pois aqueles cuja mente tornou-se mãe de crimes são educados por essa a serem criminosos em tudo.

1362 Quanto a ti, isto me espanta: tu mesmo jamais deverias ir para Troia, mas sim nos afastar de lá; eles te ultrajaram, despojando-te do tesouro paterno. E tu, depois disso, vais combater com eles e me obrigas a fazer o mesmo? Não, filho, não. Cumpre o que prometeste, leva-me para casa, e tu, permanecendo em Ciro, deixa que esses pérfidos pereçam miseravelmente. Obterás desse modo minha dupla gratidão[68] (68 A dupla gratidão a que Filoctetes alude refere-se ao fato de ser levado para casa e de Neoptólemo abandonar os Atridas; cf. Webster, *ad loc.*), e dupla será a do pai[69] (69 O texto original é ambíguo, pois *kaipóç* aparece no segundo termo do período (*8inyñv 8È kaipóç*) sem pronome possessivo, o que poderia significar que o pronome é o mesmo que aparece no primeiro termo do período (*Ènov*), referindo-se. portanto, ao pai de Filoctetes, ou que o pronome "teu" (*crov*) está subentendido. Neste último caso, Filoctetes estaria aludindo à gratidão de Aquiles (por Neoptólemo ajudar um amigo e comportar-se de acordo com sua nobre origem, não sendo perjuro nem cúmplice de ardis).): não parecerás, por secundares canalhas, de natureza igual à deles.

Neop.
1373 Tuas palavras são coerentes, entretanto, quero que confies nos deuses e em minhas palavras e partas com este teu amigo desta terra.

Filoc.
1376 Para os campos de Troia e para o execrável filho de Atreu, com este pé miserável?
Neop.
1378 Para os que colocarão fim à dor, livrando-te, e a esse pé supurante, da doença.

Filoc.
1380 Que terrível conselho me dás! O que estás dizendo?

Neop.
1381 Para ti e para mim vejo o que será melhor.

Filoc.
1382 Não te envergonhas perante os deuses ao dizeres isso?

Neop.
1383 Por que alguém sentiria vergonha por ser beneficiado?

1384 Falas de beneficio para os Atridas ou para mim?

Neop.
1384 A ti, certamente, como amigo que sou, é como tal que falo.

Filoc.
1386 Como, se desejas entregar-me aos inimigos?

Neop.
1387 Caro, aprende com a adversidade a ser menos inflexível.

Filoc.
1388 Tu me destruirás com estas tuas palavras, conheço-te.

Neop.
1389 Não eu, certamente. Afirmo que não entendes.

Filoc.
1390 Eu não sei que os Atridas me abandonaram?

Neop.
1391 Abandonaram, mas vê se dessa vez vão te salvar.

Filoc.
1392 Nunca, se tiver de ver Troia por vontade própria.

Neop.
1393 O que fazemos nós, então, se não posso te convencer com nada do que falo? É mais fácil para mim deixar de lado os discursos e, para ti, viver como vives agora, sem salvação.

Filoc.
1397 Deixa-me sofrer o que é necessário que sofra; mas o que me prometeste ao tocar minha destra - mandar-me para casa - cumpre, filho. E não demores nem recordes mais Troia: já tive lágrimas o bastante.

Neop.
1402 Se é o que queres, vamos.

Filoc.
1402 Nobres palavras!

Neop.
1403 Agora apoia teu passo.

Filoc.
1403 O quanto eu possa.

Neop.
1404 Como escaparei às acusações dos aqueus?

Filoc.
1404 Não te preocupes.

Neop.
1405 Como não, se podem devastar minha terra?

Filoc.
1405 Eu estarei presente.

Neop.

1406 Que ajuda me prestarás?

Filoc.
1406 Com os dardos de Héracles ...

Neop.
1407 O que dizes?

Filoc.
1407 Impedirei que se aproximem de tua terra.

Neop.
1407 Se desejas fazer isso como dizes, vem, depois de saudares com reverência a terra.

Héracles
1409 Não ainda, não até ouvires minhas palavras, filho de Peante. Dize ouvir a voz de Héracles e o seu semblante ver. É por ti que venho, deixando a morada celestial, para te anunciar os desígnios de Zeus e deter-te no caminho que segues. Ouve, tu, minhas palavras.
1418 Primeiro te recordarei o que aconteceu comigo, quantas penas suportei e como, ao superá-las, alcancei excelência imortal, como é possível ver. Também tu deves passar por isso, não tenhas dúvida: a partir desse sofrimento, alcançar uma vida gloriosa. Indo com esse homem para a cidade troiana, primeiro porás fim à triste doença, e, por tua excelência, te distinguirás como o primeiro do exército. Com meu arco tirarás a vida de Páris, causa destes males, e devastarás Troia. Os despojos que receberes do exército como prêmio de teu valor enviarás para tua casa, a teu pai Peante, no platô do Eta, tua pátria e, desses, uma parte leva até minha pira, em memória de meu arco.
1433 E a ti, filho de Aquiles, também aconselho isto[70] (70 Seguimos lição de Kamerbeek e Webster, optando por *iavi'* ao invés de *iawi'*.), pois tu não poderás tomar a planície troiana sem Filoctetes nem ele sem ti; como dois leões que caçam juntos, protegei um ao outro. Eu enviarei Asclépio, que te curará da doença, a Ílion, pois é fatal que seja conquistada pela segunda vez com meu arco. Mas, quando devastardes a terra, isto devei ter em mente: serdes pios com os deuses - todo o resto é secundário para Zeus pai, pois a piedade não morre com os homens: vivam ou morram, ela não perece.

Filoc.
1445 Ó tu que envias tão desejada voz e apareces depois de tanto tempo, não desobedecerei a tuas palavras.

Neop.
1448 Quanto a mim, a decisão é a mesma.

Héracles
1449 Então, não tardeis em agir. O momento propício e este vento favorável impelem fortemente a popa.

Filoc.

1452 Deixa, então, que eu saúde esta terra ao partir. Adeus, teto que partilhou minha vigília, adeus, ninfas de úmidos prados, adeus, fragor viril do mar contra o promontório, onde, muitas vezes, no interior de minha caverna, minha cabeça foi banhada pelos golpes do Noto[71] (71 Vento sul-sudoeste, chuvoso e quente.). Adeus, montanha de Hermes[72] (72 Montanha dedicada ao deus Hermes, mencionada também por Ésquilo *(Agam.* 283).), que muitas vezes me enviou um gemido, eco de minha voz, quando me encontrava em meio a tormenta.
1461 E agora, nascentes e fontes lícias [73] (73 Certamente fontes consagradas a Apolo Lício, talvez conhecidas pela plateia, mas não mencionadas em nenhum outro lugar; cf. Webster e Kamerbeek, *ad loc.*), estamos vos deixando, deixando por fim - uma expectativa jamais trilhada. Adeus, terra de Lernnos, circundada pelo mar, concede-me, a contento, uma boa navegação para onde conduz a poderosa Moira, a decisão dos amigos e o deus soberano, o qual levou isso a termo.

Coro
1469 Vamos, então, todos juntos, suplicando às ninfas equóreas[74] (74 As Nereidas.) que protejam nosso regresso.

Sófocles, *Filoctetes*, apud: *Filoctetes, de Sófocles - Introdução, Tradução e Notas*, Dissertação de Mestrado de Josiane Teixeira Martinez, Instituto de Estudos de Linguagem, Unicamp, 2003.

Édipo em Colono

Tradução de Mário da Gama Kury

A OBRA

Representada pela primeira vez em 401 a.C., postumamente, em Atenas.

Os antecedentes do *Édipo em Colono* estão em grande parte no *Édipo Rei*. Depois de cegar-se perfurando os olhos quando descobriu a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas, e ele, após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, chegou afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, consagrado às Eumênides. A ação da peça inicia-se nesse momento. Édipo pressentiu que chegara ao lugar, anunciado pelo oráculo, onde findariam as suas provações. O infeliz herói deteve-se lá com Antígona e pediu asilo a Teseu (*Teseus*), rei de Atenas, prometendo-lhe, em compensação, proteger a cidade a partir de então contra qualquer agressão proveniente de Tebas. Nesse ínterim Ismene vem juntar-se ao pai e à irmã. Pouco tempo depois da chegada de Édipo, Creonte, informado por um oráculo de que a terra onde repousasse o cadáver de seu infeliz cunhado seria abençoada pelos deuses, aparece no local com um contingente de soldados tebanos e tenta levá-lo de volta a Tebas. A proteção de Teseu frustra os propósitos de Creonte, que se retira prometendo vingar-se de Atenas. Em seguida aparece Polinices, que se preparava para uma expedição contra Tebas, cujo trono pretendia tomar de Etéocles, seu irmão e usurpador do poder real. A intenção de Polinices era atrair a proteção dos deuses para sua causa, se Édipo se decidisse a apoiá-lo. Diante do fracasso de sua tentativa Polinices retira-se pedindo a Antígona que, se ela voltasse a Tebas, lhe desse uma sepultura condigna no caso de sua morte, estabelecendo assim uma ligação com a terceira peça da "trilogia" (a *Antígona*). Édipo reitera a maldição aos filhos e profetiza que os dois irmãos se matariam um ao outro, insistindo em permanecer no lugar a que chegara e onde obtivera o apoio de Teseu. Ouvindo em seguida o trovão de Zeus, que segundo o oráculo prenunciaria a hora de sua morte, Édipo parte para o local onde sabia que deixaria o mundo dos vivos. Acompanha-o até o último momento apenas Teseu, a quem o herói pede que guarde segredo absoluto a respeito do local em que desapareceria, como condição para a felicidade de Atenas. Édipo some misteriosamente em direção às profundezas da terra. Suas filhas, que não presenciaram o acontecimento, depois de uma tentativa inútil de convencer Teseu a mostrar-lhes o túmulo do pai pedem ao rei de Atenas para mandá-las de volta a Tebas, onde tentariam evitar a luta em que seus dois irmãos se matariam.

Todo o enredo da peça, como aliás de outras da "trilogia", obedece à tradição épica consolidada na *Tebaida* (poema de que restam apenas fragmentos), seguida também por Ésquilo e por Eurípides.

O *Édipo em Colono* foi escrito por Sófocles pouco tempo antes de sua morte e apresentado postumamente por um neto do poeta em 401, obtendo o primeiro lugar no concurso trágico a que concorreu.

O longo período de tempo decorrido entre a composição do *Édipo Rei* e da *Antígona*, de um lado, e do *Édipo em Colono*, de outro (cerca de 35 anos no caso da *Antígona* e cerca de 24 no caso do *Édipo Rei*) deixou marcas na última peça de Sófocles. De fato, o *Édipo em Colono* é uma peça prolixa (o mais longo de todos os dramas gregos conservados) e às vezes até repetitiva, mas, embora lhe faltem a severidade e a

concentração do *Édipo Rei* e mesmo da *Antígona*, ainda assim não desmerece a genialidade de Sófocles. Com efeito, no *Édipo em Colono* o poeta usa mais os meios externos para produzir piedade e temor, e recorre mais obviamente a efeitos visuais e auditivos, passando a ser, em linguagem moderna, mais melodramático e menos trágico. Há também apelos frequentes ao espetacular, como a retirada de Édipo do local consagrado às deusas, sua ida para o bosque a fim de ocultar-se, os movimentos ameaçadores do coro, a intercessão de Antígona e sua subsequente captura em cena, a tentativa de Creonte de levar Édipo à força consigo, os gestos do velho cego quando suas duas filhas lhe são devolvidas, o apelo das irmãs a Polinices, e depois a seu pai. Deve-se mencionar também o recurso a meios acústicos e luminosos (trovões e relâmpagos). Outro aspecto marcante no É*dipo em Colono* é que a peça não termina num desastre, e sim na reconciliação entre o herói infeliz e os deuses, com a mudança da má sorte para a boa sorte. A falta de um ponto culminante natural de interesse dramático, oriunda da própria fabulação, torna o drama inevitavelmente episódico.

Mas, mesmo ficando às vezes aquém das culminâncias insuperáveis do *Édipo Rei*, Sófocles continua a ser o artista supremo. O *Édipo em Colono* difere do *Édipo Rei*, mas não é menos interessante que ele.

Época da ação: idade heroica da Grécia.
Local: Colono, um povoado situado a pouca distância de Atenas.
Primeira representação: 401 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS
ÉDIPO, ex-rei de Tebas
ANTÍGONA, filha de Édipo e de Jocasta

ESTRANGEIRO (um habitante de Colono)
CORIFEU
CORO de anciãos da Ática
ISMENE, filha de Édipo e de Jocasta e irmã de Antígona
TESEU, rei de Atenas
CREONTE, rei de Tebas, sucessor de Édipo no trono
POLINICES, filho de Édipo e de Jocasta e irmão de Antígona e Ismene
MENSAGEIRO

Cenário

Orla de um bosque diante do qual passa um caminho por onde chega ÉDIPO, cego e guiado por ANTÍGONA. Vê-se a pouca distância a estátua do herói COLONO, epônimo do povoado.

ÉDIPO
Filha do velho cego, a que lugar chegamos,
Antígona? A que cidade? De que povo
é esta terra? Quem irá oferecer
a Édipo sem rumo uma mísera esmola?
Peço tão pouco e me dão menos que esse pouco
e isso basta-me; de fato, os sofrimentos,
a longa convivência e meu altivo espírito
me ensinam a ser paciente. Mas, se vês
um chão onde eu possa deter-me e repousar,
seja em solo profano, seja em algum bosque
dos deuses, para e deixa-me sentar,
pois quero perguntar o nome desta terra;
devemos como forasteiros consultar
os cidadãos daqui e ouvir-lhes os conselhos.

ANTÍGONA
Meu pai, desventurado Édipo, já vejo
as torres protetoras da cidade ao longe;
este lugar é certamente consagrado;
há por aqui muitos loureiros, oliveiras
e também parreiras, e sob essa folhagem
os rouxinóis de um coro alado estão cantando
harmoniosamente. Senta logo aqui,
repousa nesta pedra gasta; teu caminho
foi muito longo para o ancião que és.

ÉDIPO
Leva-me à pedra, então, e cuida deste cego.

ANTÍGONA
O tempo me ensinou também a fazer isso.

ÉDIPO
Podes dizer-me agora aonde nós chegamos?

ANTÍGONA
Pelo que vejo, estamos próximos de Atenas.

ÉDIPO
Ouvimos dos passantes essa informação.

ANTÍGONA
Devo indagar o nome desta região?

ÉDIPO
Sim, filha, e se podemos residir aqui.

ANTÍGONA
Já posso ver os habitantes; não teremos
de procurá-los; um deles já se aproxima.

ÉDIPO
Ele está caminhando em nossa direção?

Aproxima-se a passos rápidos um morador.

ANTÍGONA
Ei-lo presente; dize o que te parecer
conveniente; o homem está entre nós.

ÉDIPO
Ouço, estrangeiro, esta moça que vê por mim
e vê também por si mesma dizer que estás
perto de nós para tirar as nossas dúvidas…

ESTRANGEIRO
Antes de completar a tua indagação
sai dessa pedra; estás em local interdito.

ÉDIPO
Em que local estamos, e qual é seu deus?

ESTRANGEIRO
Ninguém pode pisá-lo nem demorar nele,
pois suas donas são as deusas pavorosas,[1]
filhas do Solo e das Sombras impenetráveis.

ÉDIPO
E por que nome augusto pode-se invocá-las?
ESTRANGEIRO
A gente desta terra as chama geralmente
de Eumênides onividentes; outros povos
preferem dar-lhes nomes mais de seu agrado.

ÉDIPO
Então, acolham elas favoravelmente
seu suplicante, pois jamais me afastarei
deste lugar onde afinal me sento agora.

ESTRANGEIRO
Que dizes?

ÉDIPO
É o mandamento de meu destino.

ESTRANGEIRO
Por mim não tenho a pretensão de remover-te
sem ordem da cidade; antes perguntarei,
à luz dos fatos, o que deverei fazer.

ÉDIPO
Peço-te, então, em nome de todos os deuses:
não deixes de dizer a este pobre errante
aquilo que tanto desejo ouvir de ti.

ESTRANGEIRO
Explica-te e não te recusarei resposta.

ÉDIPO
Qual é, de fato, este lugar em que pisamos?

ESTRANGEIRO
Escuta-me e ouvirás tudo que eu mesmo sei.
Este lugar é consagrado; ele pertence
a Poseidon, senhor dos mares; nele mora
o titã Prometeu, deus portador do fogo.
O chão que pisas é chamado umbral de bronze
destas paragens, sustentáculo de Atenas.
Os campos próximos pretendem que Colono,
o deus equestre cuja estátua vês ali,
foi seu primeiro dono, e todos nós daqui
usamos juntos o nome tirado dele.
São coisas, estrangeiro, que não mereceram
entrar na história; vem-se aqui para aprendê-las.

ÉDIPO
Há, então, habitantes nesta região?

ESTRANGEIRO
Há, certamente, e devem o seu nome ao deus.

ÉDIPO
Alguém os rege, ou a palavra está com o povo?

ESTRANGEIRO
Seu governante é o rei, que vive na cidade.

ÉDIPO
Quem é o dono da palavra e do poder?

ESTRANGEIRO

Teseu é o rei, e seu pai foi o antigo Egeu.

ÉDIPO
E algum de vós será capaz de ir falar-lhe?

ESTRANGEIRO
Para informá-lo, ou pedir-lhe que venha cá?

ÉDIPO
Para colher um grande bem com um favor mínimo.

ESTRANGEIRO
Que bem lhe poderá trazer um homem cego?

ÉDIPO
Falar-lhe-ei com a máxima clarividência.

ESTRANGEIRO
Percebes, forasteiro, o que deves fazer
agora se quiseres evitar um erro?
És nobre, bem se vê, apesar da má sorte.
Fica onde estavas quando cheguei e te vi,
até que eu vá contar aos outros moradores
daqui, e não aos da cidade, as novidades;
eles decidirão se ficas ou se partes.

Sai o ESTRANGEIRO.

ÉDIPO
Dize-me, filha: foi-se embora o estrangeiro?

ANTÍGONA
Ele partiu, meu pai, e já podes falar
o que quiseres, pois só eu estou aqui.

ÉDIPO
Terrificantes deusas, já que vosso assento
é o primeiro nesta terra sobre o qual
dobrei os meus joelhos, não me hostilizeis,
nem ao deus Febo,[2] pois quando ele proclamou
o meu destino cheio de infelicidade
disse que este lugar seria o meu refúgio,
depois de errar por muitos anos, ao chegar
a este solo onde acharia finalmente
um paradeiro acolhedor, inda que fosse
para encerrar aqui a minha triste vida;
e por haver morado nesta região
traria o bem a quantos me acolhessem
e ruína certa a quem quisesse repelir-me,
fazendo-me voltar à estrada. Prosseguindo,

o deus me descreveu sinais reveladores
dos eventos futuros, como terremotos,
relâmpagos vindos de Zeus, talvez trovões.
Percebo agora que em minha longa jornada
me conduziu seguramente a este bosque
uma premonição qualquer que me mandastes;
se assim não fosse, jamais nos encontraríamos,
vós, a quem não é lícito ofertar o vinho,
e eu, que não o tenho para oferecer-vos;
sem vós jamais me sentaria nesta pedra
santificada que nunca ninguém talhou.
Então, deusas, de acordo com as ordens de Apolo
dai-me afinal um meio de findar a vida,
se não me achais indigno dessa vossa graça,
eu, escravo para sempre das desditas
mais lamentáveis reservadas aos mortais!
Ouvi-me, doces filhas das primevas Sombras!
Ouve-me, Atenas, também tu que recebeste
o nome ínclito de Palas,[3] tu, cidade
mais venerada que todas as muitas outras!
Tende piedade dos vestígios infelizes
de Édipo, que já não é o homem de antes!

ANTÍGONA
Cala-te! Estão chegando aqui alguns anciãos;
agora olham-te sentado nesta pedra.

ÉDIPO
Calar-me-ei, e tu, oculta-me no bosque,
fora da estrada; quero ouvir-lhes as palavras,
pois as informações nos fazem ser prudentes.

ÉDIPO oculta-se no bosque com ANTÍGONA; entra o CORO, composto de anciãos colonenses distribuídos em pequenos grupos e conversando em cena.

CORO
Muita atenção! Quem é? Onde ele está?
Em que lugar se oculta este insolente
mais que todos os outros? Olha bem,
procura atentamente em toda parte!
O ancião por certo é um vagabundo,
um simples vagabundo; ele não é
um morador deste lugar; se fosse,
nunca, jamais invadiria o bosque
proibido das Virgens Invencíveis,
cujo nome pronunciamos trêmulos
e pelas quais passamos sem olhar
e sem falar sequer uma palavra,
com a boca em devoção silenciosa.
Agora dizem que chegou aqui

um homem que não as reverencia;
ainda não consigo percebê-lo;
embora meu olhar percorra todo
este lugar sagrado, inda não posso
ver onde fica o seu esconderijo.

ÉDIPO

Saindo com ANTÍGONA do esconderijo.

O homem que estais buscando sou eu mesmo; enxergo
graças às vozes, como diz certo provérbio.

CORIFEU
Esta cena é terrível de ver e de ouvir!

ÉDIPO
Suplico-vos que não me olheis como um facínora!

CORIFEU
Zeus protetor! Quem será este pobre ancião?

ÉDIPO
De forma alguma alguém capaz de merecer
a primazia entre as criaturas venturosas,
guardiãs desta terra! Se não fosse assim
não me veríeis caminhando por aqui
com os olhos de outrem,[4] e eu, que sou um homem feito,
não usaria uma menina como guia.

CORO
Ah! Esses olhos!… Já nasceste cego?
Viveste muito, é obvio; tua vida
foi dura, mas se depender de mim
não a sobrecarregarás ainda
com novas desventuras, ancião.
Foste longe, longe demais! Evita,
andando sobre a relva deste bosque
mudo, chegar inadvertidamente
até a grande taça cuja água
é misturada ao mel nas libações!
Cuidado, estrangeiro infeliz! Afasta-te
daí! Há entre nós um amplo espaço.
Estás me ouvindo, andarilho inditoso?
Se tens algo a dizer-nos em conversa,
afasta-te do sítio proibido;
quando estiveres em lugar aberto
a todos, fala! Até então, cuidado!

ÉDIPO
Que decisão devo tomar agora, filha?

ANTÍGONA
Devemos adaptar-nos, pai, às tradições
dos habitantes desta terra, obedecendo-lhes
sempre que seja necessário e os ouvindo.

ÉDIPO
Concordo; pega a minha mão!

ANTÍGONA
Já a seguro.

ÉDIPO
Não permitais que eu seja injustiçado agora,
estrangeiros, por ter acreditado em vós
e abandonado o meu refúgio para ouvir-vos.

CORIFEU
Não, ancião; jamais alguém tirar-te-á
contra a tua vontade daí onde estás.

ÉDIPO começa a caminhar.

ÉDIPO

Detendo-se após alguns passos.

Uns passos mais?

CORO
Avança mais um pouco!

ÉDIPO
Mais?

CORO
Fá-lo avançar, moça, pois enxergas!……
……
……[5]

ANTÍGONA
Vem, pai, comigo, vem andando assim…

ÉDIPO
Ai de mim!

ANTÍGONA
…vem marchando como um cego.

CORO
Resigna-te, infeliz, como estrangeiro
em solo alheio, a detestar agora
tudo que é interdito nesta terra,
e a respeitar tudo que ela prefere.

ÉDIPO
Leva-me, filha, então, ao lugar onde eu possa
falar e ouvir sem infringir a piedade;
não devemos lutar contra o inevitável

ÉDIPO, avançando, pisa num degrau de pedra existente no limiar do bosque.

CORIFEU
Para! Não ultrapasses o degrau que a rocha
forma nesse local por onde estás passando!

ÉDIPO
Assim?

CORO
Não vás mais longe! Estás me ouvindo?

ÉDIPO
Devo sentar-me?

CORO
Sim, lateralmente,bem junto à extremidade do rochedo,
baixando-te tanto quanto possível.

ANTÍGONA
Isto é comigo, pai; vamos com calma…

ÉDIPO
Ai de mim…

ANTÍGONA
…acerta o passo e apoia
teu corpo exausto em meu braço amistoso.

ÉDIPO
Ai! Que destino impiedoso o meu!

CORO
Agora que estás calmo, infeliz, fala:
de que mortais nasceste? Quem és tu,
o infortunado que levam assim?

Posso saber qual é a tua pátria?

ÉDIPO
Fui desterrado, estrangeiros, mas não…

CORO
Que não devemos fazer, ancião?

ÉDIPO
…não insistais em saber quem eu sou,
não pergunteis, não tenteis ir mais longe!

CORO
Que dizes?

ÉDIPO
Minha origem é horrível!

CORO
Fala!

ÉDIPO

Dirigindo-se a ANTÍGONA.

Ah! Minha filha! Que direi?

CORO
De quem descendes do lado paterno?

ÉDIPO
Pois falarei! Não tenho outra saída.

CORO
Demoras muito. Vamos! Colabora!

ÉDIPO
Conheceis o filho de Laio?

CORO
Ah!

ÉDIPO
E a raça dos labdácidas?[6]

CORO
Ah! Zeus!

ÉDIPO

E Édipo desventurado?

CORO
És tu?

ÉDIPO
Não vos assustem as minhas palavras.

CORO
Ai! Ai!

ÉDIPO
Como sou infeliz!

CORO
Ai! Ai!

ÉDIPO
Que acontecerá agora, filha?

CORO
Tens de partir! Sai já deste lugar!

ÉDIPO
E não ireis cumprir vossa promessa?

CORO
O destino jamais puniu alguém
por castigar o seu provocador;
o embuste que recebe a sua réplica
em outros embustes traz decepções
ao seu autor, e não sucesso; ergue-te,
parte, afasta-te de minha cidade!
Não sejas causa de males maiores!
ANTÍGONA

Interpondo-se entre o CORO e ÉDIPO.

Estrangeiros de alma benevolente,
não quisestes ouvir meu velho pai
depois de conhecer os seus pecados
involuntários; tende piedade,
então, de mim, que sou tão inditosa,
quando venho fazer-vos um apelo
por este mesmo pai, um desvalido.
Meus olhos não são cegos e com eles
postos nos vossos quero suplicar-vos
por ele como se corresse em mim
o vosso sangue: tende compaixão
deste infeliz! De vós, como de deuses,

dependemos em nossa desventura!
Ouvi-nos, concedei-nos essa graça
que nem nos atrevemos a esperar!
Por tudo que tendes de mais precioso
- filhos, mulher, tesouro ou deus - imploro-vos!
Sabeis vós mesmos que nenhum mortal
escapa à sorte quando um deus o guia.

CORIFEU

Após um breve silêncio.

Filha de Édipo, sentimos pena igual
de ambos quando vemos o vosso destino.
Tememos entretanto os deuses e por isso
não poderíamos dizer-te mais que a ele.

ÉDIPO
Que bem, então, resulta da reputação
e glória, se tudo termina em vãs palavras?
Disseram-nos que Atenas era uma cidade
temente aos deuses mais que todas, a única
pronta a salvar um forasteiro ameaçado,
a única também capaz de protegê-lo.
Onde estará agora esta disposição
quando se trata de mim, se pouco depois
de me haverdes persuadido a abandonar
o assento me expulsais assim, apavorados
apenas por ouvir meu nome? Não agistes
por causa de minha pessoa e de meus atos.
Se eu pudesse falar agora de meu pai
e minha mãe, perceberíeis que meus atos
foram de fato muito mais sofridos
que cometidos, e apenas por causa deles
me escorraçais agora cheios de terror
para longe de vós (sei disso muito bem).
Seria eu, então, um criminoso nato,
eu, que somente reagi a uma ofensa?
Ainda que tivesse agido a sangue-frio
não poderíeis chamar-me de criminoso.
Mas, no meu caso, cheguei até onde fui
sem perceber; meus agressores, ao contrário,
queriam destruir-me conscientemente.
Logo, estrangeiros, suplico-vos pelos deuses:
já que me compelistes a deixar o assento,
valei-me, e se de fato venerais os deuses,
não vos priveis daquilo a que eles têm direito;
considerai, antes de agir, que se eles olham
para as pessoas piedosas, também veem
as ímpias, e como sabemos muito bem,

mais de um mortal sacrilégio ficou impune.
Iluminados pelos deuses, evitai
obscurecer a fama brilhante de Atenas,
compactuando com procedimentos ímpios.
Fui acolhido por vós como um suplicante;
fizestes-me promessas; defendei-me, então,
auxiliai-me e não me deixeis só porque
minha aparência horrível vos afeta os olhos.
Chego como homem predestinado e devoto,
trazendo bênçãos para os cidadãos daqui.
Quando vosso senhor - o rei - aparecer,
falar-lhe-ei e ficareis a par de tudo.
Antes, não vos equipareis a criminosos.

CORIFEU
Teus argumentos, ancião, persuadiram-me;
apresentaste-os com palavras ponderadas.
É bom que nossos chefes julguem esta causa.

ÉDIPO
Onde pode ser encontrado o vosso rei?

CORIFEU
Como seus pais, ele mora na capital.
O homem que te viu primeiro e me mandou
em teu encalço está agora indo buscá-lo.

ÉDIPO
Acreditais que um cego possa interessar-lhe
ou intrigá-lo a ponto de fazê-lo vir
pessoalmente até aqui ao meu encontro?

CORIFEU
Sim, certamente; logo que ouvir o teu nome.

ÉDIPO
Quem lhe teria transmitido a informação?

CORIFEU
A caminhada é longa, mas as novidades
dos viajantes vencem todas as distâncias.
Não tenhas preocupações; quando as ouvir,
o rei virá. Teu nome é de tal forma célebre
em toda parte que embora esteja em repouso
ele, quando souber, virá no mesmo instante.

ÉDIPO
Que venha; é bom para a cidade e para mim;
os benfeitores também gostam de si mesmos.

ANTÍGONA
Que direi, Zeus? Em que devo pensar, meu pai?

ÉDIPO
Que há, Antígona, minha filha querida?

ANTÍGONA
Vejo uma moça vindo em nossa direção
cavalgando uma poldra nascida no Etna.[7]
Um chapéu da Tessália protege-lhe o rosto
contra os raios do sol. Será, ou não será?
Engana-me a impressão? Sim, ou não? Já não sei
o que venho dizendo! Ah! Infeliz de mim!
Mas não é outra! À proporção que se aproxima
ela me acaricia com o olhar alegre,
fazendo-me sinais; tenho certeza agora!
Só pode ser minha muito querida Ismene!

ÉDIPO
Que dizes, minha criança?

ANTÍGONA
É tua filha, minha irmã! Já podes reconhecer-lhe a voz!

Entra ISMENE seguida por um velho servo.

ISMENE
Ah! Duplamente doces nomes, pai, irmã!
Sofri demais para encontrar-vos e hoje sofro
pela segunda vez ao ver-vos neste estado!

ÉDIPO
Vieste, filha!

ISMENE
É triste ver-te assim, pai!

ÉDIPO
Apareceste, filha!

ISMENE
Foi muito difícil!

ÉDIPO
Chega-te a mim!

ISMENE
Toco nos dois ao mesmo tempo!

ÉDIPO

Minhas filhas, irmãs![8]

ISMENE
Ah! Vidas sofridas!

ÉDIPO
Dela e minha?

ISMENE
Sou a terceira desditosa!
ÉDIPO
Por que vieste, filha?

ISMENE
Estava ansiosa, pai.

ÉDIPO
Querias ver-me.

ISMENE
Sim e trazer-te notícias, seguida pelo último servo fiel.

ÉDIPO
E os dois rapazes, teus irmãos, que fazem eles?

ISMENE
Estão lá onde estão; vivem dias difíceis.

ÉDIPO
Por sua índole e seu modo de portar-se
vivem os dois como se estivessem no Egito,
onde os maridos ficam sentados em casa,
tecendo, enquanto as mulheres vão para a rua
na luta para conseguir os alimentos.[9]
Convosco, minhas filhas, acontece o mesmo:
enquanto aqueles que deviam trabalhar
ocupam-se de questiúnculas domésticas
como se fossem moças, vós, em seu lugar,
tratais sem trégua dos males de vosso pai.
Uma, ainda criança, sentindo seus membros
mais firmes, decidiu guiar um ancião
em suas longas caminhadas, sempre errante,
descalça, percorrendo os bosques perigosos,
faminta, atormentada repetidamente
pelas águas das chuvas, pelo sol ardente,
já esquecida do conforto de seu lar,
cuidando apenas de dar alimento ao pai.
E tu, Ismene, vieste em dias passados,[10]
sem que os cadmeus[11] soubessem, trazer ao teu pai
todas as manifestações oraculares

pertinentes a mim; tornaste-te além disso
fiel observadora em Tebas desde o dia
em que fui expulso de minha terra. Agora,
Ismene, que notícias tens para me dar
nesta nova missão que te afastou do lar?
Não vens por razões fúteis - disto estou seguro -;
deves trazer-me novidades alarmantes.

ISMENE
Não vou contar os meus padecimentos, pai,
tentando descobrir onde estavas vivendo.
Não quero para mim um duplo sofrimento
tendo de repeti-los depois de sofrê-los.
Estou aqui para informar-te das desditas
que afligem teus desventurados filhos.
Antes quiseram fazer de Creonte o rei,
na expectativa de livrar sua cidade
da mácula, mas veio-lhes depois à mente
a tara antiga que segue a raça maldita.
Agora, pobre pai, por causa de algum deus
e de desígnios criminosos teus dois filhos
três vezes arrogantes estão separados
por uma desavença súbita e funesta:
cada um deles tenta obter de qualquer modo
o cetro e o poder real para si mesmo.
O mais novo, menos dotado de direito
pela idade, privou do trono o primogênito,
Polinices, e o expulsou de sua pátria.
Este, se acreditarmos em fortes rumores,
foi para Argos rodeada de colinas,
e lá, como exilado, conseguiu formar
uma aliança nova graças aos amigos,
que lhe proporcionará muitos soldados;
ele imagina que dentro de pouco tempo
Argos conquistará gloriosamente Tebas
ou esta será celebrada até nos céus.
Não se trata somente de palavras, pai,
mas de fatos terríveis. Não sei, entretanto,
quando os deuses enfim terão pena de ti
levando em consideração teus sofrimentos.

ÉDIPO
Tens esperanças de que os deuses se interessem
por mim a ponto de me salvarem um dia?

ISMENE
Tenho; disseram isso oráculos recentes.

ÉDIPO
Que oráculos? Qual foi a profecia, filha?

ISMENE
Segundo dizem, os tebanos vão querer-te
vivo ou após a morte, pois os salvarás.

ÉDIPO
Que benefício esperaria alguém de mim?

ISMENE
Dizem que seu sucesso depende de ti.

ÉDIPO
Hoje, que nada sou, volto então a ser homem?

ISMENE
Agora exaltam-te os deuses que te puniram.

ÉDIPO
É tão pouco exaltar um mísero ancião
quando a melhor parte da vida já passou…

ISMENE
Pois ouve: Creonte virá buscar-te aqui
por isso, agora, e não no futuro distante.

ÉDIPO
Quais são as suas intenções? Sê mais explícita!

ISMENE
Ele pensa em levar-te para as vizinhanças
de Tebas, onde lhe serias muito útil,
mas não quer que pises no chão de tua terra.

ÉDIPO
Que ganharia Tebas apenas por ter
um morto sepultado em frente às suas portas?

ISMENE
Se o teu sepulcro sofrer qualquer violência
eles terão de arcar com sérias consequências.

ÉDIPO
Mesmo sem ser um deus, isso se compreende.

ISMENE
Eis o motivo de eles quererem levar-te
para a proximidade de suas fronteiras,
onde não possas ser senhor de teus desejos.

ÉDIPO
Cobrir-me-ão o corpo com a terra de Tebas?

ISMENE
Não, pai; esse direito o parricídio tira-te.

ÉDIPO
Então jamais acatarei as suas ordens.

ISMENE
Tua vontade custará caro aos tebanos.

ÉDIPO
Em que combinação de circunstâncias, filha?

ISMENE
A tua ira os ferirá, vinda do túmulo.

ÉDIPO
Quem te contou o que me dizes, minha filha?

ISMENE
Os mensageiros de volta do altar de Delfos.[12]

ÉDIPO
Febo manifestou-se assim a meu respeito?

ISMENE
Foi essa a informação de quem voltou a Tebas.

ÉDIPO
Ouviu essas palavras algum de meus filhos?

ISMENE
Ambos estão perfeitamente a par de tudo.

ÉDIPO
Então aqueles sórdidos, sabendo disso,
põem sua ambição pelo poder real
acima do dever de me chamar de volta?

ISMENE
Sofro ao ouvir-te, mas tenho de confirmar.

ÉDIPO
O meu desejo é que os deuses jamais extingam
essa funesta desavença, e me permitam
tomar a decisão final sobre o combate
em que se enfrentarão os dois num dia próximo
de lança em punho! Nem o detentor do cetro

e do trono será capaz de preservar
o seu poder, nem aquele que abandonou
sua cidade entrará nela novamente,
pois nenhum deles no momento em que seu pai
era banido vilmente de sua terra
apareceu para apoiá-lo e defendê-lo;
ao contrário, ambos me viram sendo expulso
de meu palácio e levado para as estradas
para viver como exilado. Talvez digas
que esse era então o meu desejo e que a cidade
me fez apenas um favor ao me punir.
Mas não; naquele dia infausto, no momento
em que minha alma ainda fervia e certamente
teria sido mais suave para mim
morrer apedrejado, ninguém avançou
para ajudar-me, a mim, que só queria a morte.
Depois, quando amadureceu a minha dor
e percebi que a minha ira me levara
longe demais punindo-me por velhos erros,
Tebas baniu-me, dessa vez com violência
- muito mais tarde! - e meus dois filhos, que podiam
ter me ajudado - filhos ajudando o pai -
nada fizeram; então, por não terem dito
uma simples palavra, passei a viver
errante por terras estranhas, exilado,
como mendigo. Estas meninas, ao contrário,
dão-me apesar de seu sexo meu alimento
de cada dia e segurança nas estradas.
Em contraste com esse apoio devotado,
meus filhos preferiram em vez de seu pai
os poderes ligados ao cetro e ao trono.
Nunca me aliarei a eles e jamais
lhes advirá proveito de seu mando em Tebas.
Disso estou certo após ouvir esses oráculos
mencionados por minha filha, e quando penso
nas velhas profecias[13] cuja validade
Febo já comprovou há tempo contra mim.
Mandem Creonte até aqui para levar-me
ou qualquer outro dos tebanos; se quiserdes,
estrangeiros, juntar-vos às deusas temíveis,
senhoras deste solo, para garantir
a minha segurança, proporcionareis
à vossa terra um valioso salvador,
e ao mesmo tempo a ruína de meus inimigos.

CORIFEU
Compadeci-me de ti, Édipo, e também
de tuas filhas, mas, já que reivindicaste
em tua fala a condição de salvador
de Atenas, gostaria de dar-te um conselho

do qual só poderão advir-te benefícios.

ÉDIPO
Guia-me, grande amigo; vou seguir-te em tudo.

CORIFEU
Faze então uma oferenda lustral às deusas
às quais nos referimos quando te encontramos.

ÉDIPO
De que maneira, estrangeiro? Dize-me logo!

CORIFEU
Traze primeiro com mãos puras água viva
de uma fonte para sagradas libações.

ÉDIPO
E que farei quando tiver água impoluta?

CORIFEU
Aqui há taças, obras de hábil artesão;
Orna-lhes dos dois lados as asas e as bordas.

ÉDIPO
Com ramos, ou com lã, ou usando outros adornos?

CORIFEU
Com lã recém-tosada de uma ovelha nova.

ÉDIPO
Isso já sei, mas, como devo terminar?

CORIFEU
Esparge as libações, de pé, rumo ao Levante.

ÉDIPO
Usando para isso as taças mencionadas?

CORIFEU
Faze três libações por taça, mas na última
derrama de uma vez o que restar da água.

ÉDIPO
Mas, dize-me também: de que terei de enchê-las
antes de pô-las no lugar de onde as tirar?

CORIFEU
De água e de mel; evita o vinho na mistura.

ÉDIPO
E quando o chão à sombra da folhagem negra
houver bebido as libações oferecidas?

CORIFEU
Põe nele com ambas as mãos três vezes nove
ramos de uma oliveira rezando uma prece…

ÉDIPO
Anseio por ouvi-la, pois é importante.

CORIFEU
Já que as chamamos de Deusas Benignas,[14] roga-lhes
uma acolhida salvadora ao suplicante
com o coração repleto de benevolência.
Deves fazer tu mesmo a prece, ou pede então
a alguém que a faça por ti com a voz inaudível;
afasta-te depois sem voltar a cabeça.
Feita esta prece, poderei valer-te;
sem ela, Édipo, eu temeria por ti.

ÉDIPO
Ouvistes, filhas, as palavras do estrangeiro?

ANTÍGONA
Ouvimos; dize-nos o que deve ser feito.

ÉDIPO
Não vou poder dar os passos iniciais;
faltam-me as forças e a visão, um duplo mal.
Uma das duas filhas agirá por mim.
Em se tratando de cumprir a obrigação,
penso que uma pessoa só pode falar
por muitas outras se o fizer piedosamente.
Andai depressa, filhas, mas não me deixeis
aqui sozinho, pois meu corpo não teria
forças para mover-se sem ajuda ou guia.

ISMENE
Então irei fazer o que tem de ser feito.

Dirigindo-se ao CORIFEU.

Dize-me aonde devo ir; quero saber.

CORIFEU
À orla deste bosque. Se necessitares
de algo, haverá lá alguém para informar-te.

ISMENE

Vou até lá, então. E quanto a ti, Antígona,
cuida de nosso pai aqui. Se é por um pai
que nos cansamos, não falemos em fadiga.

Sai ISMENE.

CORO
Pensar em velhos males esquecidos
é perigoso; embora seja assim,
desejo que me fales, estrangeiro…

ÉDIPO
De quê?

CORO
Do sofrimento insuportável
e inevitável que tens enfrentado.

ÉDIPO
Suplico-te pela hospitalidade:
cala-te! São coisas horripilantes.

CORO
Trata-se de rumores persistentes
e múltiplos; estou interessado,
estrangeiro, em saber toda a verdade.

ÉDIPO
Ah! Infeliz de mim!…

CORO
Cede! Suplico-te!

ÉDIPO
Ai de mim!

CORO
Satisfaze-me! Assim,
farei o mesmo quanto aos teus desejos.

ÉDIPO
Meus sofrimentos são inesquecíveis;
sofri-os sem saber o que fazia.
Os deuses são as minhas testemunhas
e tudo aconteceu malgrado meu.

CORO
Mas, como?

ÉDIPO
Numa união criminosa,
sem meu conhecimento a própria Tebas
colheu-me na armadilha de umas núpcias
que foram a minha infelicidade.[15]

CORO
Levaste para o leito nupcial
a tua própria mãe - ouvi dizer -,
dando-lhe então aquele nome infame?

ÉDIPO
Ah! Estrangeiro!… Ouvir estas palavras
é como se fosse a morte! Essas minhas
duas crianças…

CORO
Que vais dizer, Édipo?

ÉDIPO
…minhas filhinhas, duas maldições…

CORO
Ah! Zeus!

ÉDIPO
…nasceram da mãe que me teve!

CORO
As duas são portanto filhas tuas…

ÉDIPO
…e ao mesmo tempo irmãs do próprio pai!

CORO
Ah!

ÉDIPO
Sucessão de inúmeras desgraças!

CORO
Sofreste!

ÉDIPO
Sim, males inolvidáveis!

CORO
Pecaste!

ÉDIPO
Não! Eu não pequei!

CORO
Mas, como?

ÉDIPO
Minha cidade ofereceu-me um prêmio
por meus serviços, que eu preferiria
em tempo algum ter recebido dela.

CORO
Que dizes, infeliz? Foste de fato…

ÉDIPO
Que me perguntas? Que tentas saber?

CORO…o causador da morte de teu pai?

ÉDIPO
Ah! Estrangeiro! Agora estás ferindo-me
pela segunda vez, golpe após golpe!

CORO
Mataste!

ÉDIPO
Sim, matei; tenho entretanto…

CORO
O quê?

ÉDIPO
…algo para justificar-me.

CORO
Mas, como?

ÉDIPO
Digo-te; quando o matei
e massacrei agia sem saber.
Sou inocente diante da lei,
pois fiz tudo sem premeditação.

CORIFEU
Mas, eis aqui convosco o nosso rei, Teseu,
filho de Egeu; veio atendendo ao teu apelo.

Chega TESEU com sua escolta.

TESEU
Depois de ouvir de muita gente no passado
que perfuraste os próprios olhos, reconheço-te,
filho de Laio; agora, por ouvir dizer
a caminho daqui, tenho plena certeza.
Identificam-te os andrajos e esse rosto
marcado pela dor; cheio de compaixão,
quero saber de ti, desventurado Édipo,
que súplica farás a mim e à cidade
com tua infortunada companheira. Fala!
De fato, a tua sina deve ser terrível,
e não lhe ficarei indiferente, eu que
cresci no exílio, um desterrado como tu,
e que arrisquei como ninguém a minha vida
lutando muitas vezes em terras estranhas.[16]
Por isso, a nenhum forasteiro igual a ti
eu hoje poderia recusar ajuda.
Sei muito bem, ancião, que sou apenas homem
e que não me pertence o dia de amanhã,
da mesma forma que não és senhor do teu.

ÉDIPO
Tua nobreza mostra-se em poucas palavras,
Teseu, e pouco tenho de falar agora;
disseste quem eu sou, o nome de meu pai
e de onde vim; resta-me apenas revelar-te
o meu desejo, e tudo te exporei agora.

TESEU
Explica-me, pois só assim irei saber.

ÉDIPO
Venho para ofertar-te meu sofrido corpo;
ele é desagradável para quem o vê,
mas o proveito que te poderá trazer
torna-o mais valioso que o corpo mais belo.

TESEU
Que benefício pretendes trazer-me assim?

ÉDIPO
Com o tempo saberás; neste momento, não.

TESEU
Quando esse benefício se revelará?

ÉDIPO
Quando eu morrer e me tiveres sepultado.

TESEU
Falas apenas do final de tua vida;
esqueces-te do tempo que ainda te resta,
ou não dás o menor valor a todo ele?

ÉDIPO
Em minha opinião o fim abrange tudo.

TESEU
Pedes, então, um favor insignificante.

ÉDIPO
Presta atenção! A contenda não será fácil!

TESEU
Estás falando de teus filhos ou de mim?

ÉDIPO
Já os vejo dando ordens para me levarem…

TESEU
É isso que desejas? Não penses, então,
que teu exílio possa cobrir-te de glória.

ÉDIPO
Enquanto eu desejava eles me rechaçaram.

TESEU
És tolo se não sabes que o ressentimento
é prejudicial durante a adversidade.

ÉDIPO
Censura-me depois de ouvir-me; antes, não.

TESEU
Fala. Nada direi sem estar informado.

ÉDIPO
Sofri demais, Teseu, desgraça após desgraça.

TESEU
Queres falar de antigos males da família?

ÉDIPO
Não; eles são o assunto dos helenos todos.

TESEU
Então, de que males padeces mais que humanos?

ÉDIPO
Aconteceu comigo que meus próprios filhos
me expulsaram da pátria, e como parricida
nunca, jamais poderei regressar a ela.

TESEU
Por que, então, te mandariam procurar
se desejassem que ficasses longe deles?

ÉDIPO
A voz dos próprios deuses[17] os compele a isso.

TESEU
Que mal receiam eles, vindo dos oráculos?

ÉDIPO
Um golpe inevitável dos atenienses.

TESEU
Mas, como as relações entre Atenas e Tebas
se tornariam atritantes a tal ponto?

ÉDIPO
Filho caríssimo de Egeu: somente os deuses
fogem aos males da velhice e aos da morte;
o tempo onipotente abate tudo mais;
decai a força da terra, decai o corpo;
a lealdade finda e floresce a perfídia
e tanto entre os amigos quanto entre as cidades
não prevalece para sempre o mesmo ânimo;
agora para uns, amanhã para outros,
cede a doçura seu lugar ao amargor
e depois volta a transformar-se em amizade.
Com Tebas acontece o mesmo. Atualmente
tudo está bem por lá em relação a ti,
porém durante a sucessão interminável
das noites e dos dias que o tempo infinito
vai produzindo, podem eclodir de súbito
lutas armadas capazes de destruir
as boas relações que hoje vos aproximam.
Assim, meu gélido cadáver em seu sono,
oculto sob a terra, um dia beberá
seu sangue quente, se Zeus ainda for Zeus
e se Apolo, filho de Zeus, diz a verdade.
Mas, já que não é agradável retomar
assuntos interditos, deixa-me parar
no ponto de partida. Apega-te somente
à tua lealdade e nunca poderás
queixar-te de que Édipo foi para ti
um simples habitante inútil desta terra

- se os deuses não quiseram apenas mentir.

CORIFEU

Dirigindo-se a TESEU.

Desde o princípio, rei, este homem demonstrou
o seu desejo de cumprir essas promessas
e também outras a favor de nossa terra.

TESEU

Dirigindo-se ao CORIFEU.

Quem poderia ser indiferente, então,
a este homem que nos vem como um amigo?
Primeiro, o lar de um aliado sempre acolhe
um hóspede que pode usá-lo como dono;
depois, ele chegou aqui na condição
de suplicante em relação aos nossos deuses,
oferecendo-nos, a mim e à nossa terra,
um tributo que nada tem de desprezível.
Em retribuição a tal favor, acolho-o
como habitante do lugar; se ele prefere
ficar aqui, incumbo-te de cuidar dele.

Dirigindo-se a ÉDIPO.

Mas, se ao contrário, preferires, estrangeiro,
partir comigo, a escolha depende de ti;
em qualquer circunstância eu estarei de acordo.

ÉDIPO
Sê generoso sempre com tais homens, Zeus!

TESEU
Que preferes, então? Ir para a minha casa?

ÉDIPO
Se eu tivesse direito. Mas, este é o lugar…

TESEU
Onde farás o quê? Não criarei obstáculos.

ÉDIPO
…onde triunfarei dos que me repeliram.

TESEU
Então tua presença aqui é grande dádiva.

ÉDIPO
Se de teu lado prometes auxiliar-me.

TESEU
Confia quanto a mim; não te abandonarei.

ÉDIPO
Não quero sequer que jures, como um vilão.

TESEU
Por mim, jurar não valerá mais que falar.

ÉDIPO
Que vais fazer?
TESEU
Que tens? Dize-me claramente!

ÉDIPO
Homens virão…

TESEU

Indicando os homens do CORO.

Estes daqui cuidarão disso.

ÉDIPO
Mesmo deixando-me, cuida de mim, Teseu.

TESEU
Não te cabe ensinar-me a cumprir o dever.

ÉDIPO
Quem está receoso, necessariamente…

TESEU
Mas o meu coração não tem receios, Édipo.

ÉDIPO
Ignoras, rei, as numerosas ameaças…

TESEU
Estou certo de que ninguém virá tirar-te
daqui se eu não quiser. Infladas pela cólera
as ameaças com frequência se propagam
como palavras vãs, mas logo que o espírito
retoma o seu domínio elas desaparecem.
Se essas pessoas creem-se bastante fortes
para tentar amedrontar-nos propalando
que têm poderes para levar-te daqui,

poderão confrontar-se em seu cometimento
com um mar imenso e, mais ainda, intransponível.
Mesmo sem te fazer promessas eu garanto
que nada tens a recear, se realmente
foi Febo quem te trouxe até estas paragens.
Enfim, ainda que me afaste estou seguro
de que basta meu nome para proteger-te.

TESEU afasta-se com sua escolta.

CORO
Neste lugar de bons corcéis terás
o paradeiro mais belo, estrangeiro,
que existe na terra: Colono, a clara.
Aqui o rouxinol, constante hóspede,
entoa sempre o canto harmonioso
no fundo destes vales muito verdes;
seu ninho é feito na hera sombria,
inviolável ramagem do deus,
compacta proteção ao mesmo tempo
contra o calor do sol e contra o vento
de todas as tempestades; aqui
vagueia o próprio deus das bacanais,
Diôniso, quando ele vem prestar
o culto às divindades que o nutriram.[18]
Aqui, graças ao orvalho do céu,
florescem por incontáveis manhãs,
em cachos muito belos, os narcisos,
essas coroas desde priscas eras
das Grandes Deusas,[19] bem como o açafrão
de reflexos dourados. Aqui passam
as águas que nunca param nem baixam
do vagabundo Céfiso, que sempre
fluem na ânsia de fertilizar
os prados desta terra emoldurada
por vastos flancos, que os coros das Musas
jamais se recusam a frequentar
com Afrodite das rédeas douradas.[20]
Cresce uma árvore somente aqui
(até onde vai meu conhecimento
ela jamais deu seus frutos na Ásia
nem na grande ilha dórica de Pêlops)
capaz de refazer-se por si mesma,[21]
e de sobreviver até às armas
dos inimigos, e que neste solo
medra melhor que em qualquer outra parte:
a oliveira de folhagem glauca.
Nutriz de nossos filhos, ninguém, jovem
ou velho, pode destruí-la usando
de maneira brutal as suas mãos,

nem saqueá-la, pois Zeus protetor
dos olivais e Atena de olhos glaucos
em tempo algum deixam de protegê-la
com seu olhar eternamente atento.
Devo falar ainda de outra glória,
a mais grata a esta cidade-mãe:
nossos cavalos e potros e o mar,
dons recebidos de um deus poderoso[22]
de que todos nos envaidecemos.
Foste tu, filho de Cronos, que um dia
nos elevaste a este grau de orgulho,
tu, Poseidon, senhor de todos nós,
quando nos deste pela vez primeira
os freios que dominam os cavalos,
e em nossas mãos puseste os remos bons
que saltam sobre o mar fazendo as naus
parecerem Nereides de cem pés.[23]

ANTÍGONA

Dirigindo-se ao CORO depois de pressentir a aproximação de CREONTE.

Ah! Terra celebrada com tantos louvores!
Ilustra agora tuas lendas fulgurantes!

ÉDIPO
Que há de novo, filha?

ANTÍGONA
Percebo Creonte
aproximando-se de nós com sua escolta!

ÉDIPO
Queridos anciãos! A partir deste instante
a minha salvação está em vossas mãos!

CORIFEU
Confia! Ela virá! Se sou um ancião,
a força desta terra não envelheceu!

Entra CREONTE com sua escolta.

CREONTE
Nobres senhores, habitantes desta terra,
percebo em vossos olhos um receio súbito
em face de minha chegada. Não temais
e não pronuncieis palavras agressivas,
pois não estou chegando com más intenções.
Sou velho e sei que entrei em terra poderosa
como nenhuma outra é em toda a Hélade.

Mandaram-me, considerando a minha idade,
para persuadir este homem que acolhestes
a regressar comigo à cidade de Cadmo;
não me mandou até aqui um homem só:
a determinação partiu de todo o povo.
Por ser parente me incumbiram os tebanos
de partilhar os males deste infortunado.
Deixa-te convencer, Édipo desditoso:
retorna a Tebas. O povo cadmeu unânime
te chama justamente, e mais que todos eu;
e isso é muito natural, pois só se eu fosse
a mais ignóbil de todas as criaturas
não me comoveria com tua desgraça,
vendo-te aqui na deplorável condição
de um estrangeiro permanentemente errante,
um mendigo amparado apenas pela filha
que nunca imaginei ver reduzida assim
a tais extremos de penúria - infortunada! -,
guiando-te e proporcionando-te alimento,
levando a vida de pedinte nessa idade,
sem conhecer o casamento e à mercê
em seu caminho de qualquer estuprador.
É lamentável este ultraje que te atinge,
e a mim também, e a toda a nossa nobre raça!
Mas, já que é de todo impossível disfarçar
essa evidência, livra-nos os olhos, Édipo,
desse espetáculo definitivamente!
Peço-te pelos deuses de teus ancestrais:
confia em mim, consente em regressar agora
à tua pátria, à casa que foi de teus pais,
dizendo adeus a esta terra acolhedora.
Ela é digna de ti, mas tua própria terra
tem mais direito à tua consideração,
pois em tempos passados ela te nutriu.

ÉDIPO
Tu, que te prestas a qualquer atrevimento
e tens o dom de transformar numa trapaça
com aparência enganadora o mais honesto
de todos os propósitos, por que vieste
até aqui tentar pela segunda vez
armar uma cilada em que minha captura
seria ainda mais penosa? No passado,
quando, fora de mim por causa das desgraças
que sem querer eu mesmo me causei, ansiava
por me ver exilado, não te dispuseste
a conceder-me o benefício desejado;
contrariando-me reiteradamente,
logo que viste o fim de minhas aflições
e que já me agradava estar em minha casa,

então quiseste repelir-me e me expulsaste.
Não tinhas interesse algum naquela época
pelos laços de parentesco de que falas…
Agora, em face da acolhida generosa
que esta cidade e todos os seus habitantes
me dispensaram, tentas tirar-me daqui,
dissimulando tuas intenções brutais
com palavras cobertas de suavidade.
Mas, que prazer é este de amar as pessoas
contra a sua vontade? De certa maneira
é como se implorasses que te dessem algo,
mas nada conseguisses e não te ajudassem,
e só quando teu coração já estivesse
cansado de tanto querer e desistisses
alguém se dispusesse a te satisfazer,
pois a conquista já não seria conquista.
Não te pareceria vão esse prazer?
Estás me oferecendo exatamente isso:
bens em palavras, males na realidade.
Quero, entretanto, dirigir-me aos circunstantes
para mostrar-lhes quão grande é tua maldade.
Não vens buscar-me para me reconduzir
à minha casa, e sim para me abandonar
nas imediações das fronteiras de Tebas,
salvando assim tua cidade dos perigos
que lhe sobreviriam vindos desta terra.
Teu destino, entretanto, não é este; é ver
meu nume vingador fixar-se para sempre
neste lugar, e o destino de meus dois filhos
é conseguir de minha terra o necessário
para morrerem. Dize, então: não são melhores
que as tuas próprias as minhas informações
a respeito de Tebas? Com certeza são,
e muito, pois saíram de bocas verazes,
de Febo e - quem sabe? - do próprio Zeus, seu pai.
E hoje chegas aqui, com a boca mentirosa
e com a língua afiada, mas tuas palavras
hão de trazer-te mais males que benefícios.
Sei bem que não posso persuadir-te; vai,
deixa-me em paz vivendo aqui a minha vida;
apesar das agruras a minha existência
não será triste se esta for a minha sorte.

CREONTE
Crês que com tais palavras estás atingindo-me
em meus projetos mais que a ti em tua causa?

ÉDIPO
Será melhor que não consigas convencer-nos,
nem a mim mesmo, nem aos circunstantes.

CREONTE
Ah! Infeliz! Nem todo o tempo já vivido
deu-te bom senso; aviltas a tua velhice!

ÉDIPO
És hábil em palavras; digo-te, porém,
que jamais encontrei na vida um homem justo
capaz de falar bem sobre qualquer assunto.

CREONTE
Falar demais não é falar como convém.

ÉDIPO
Queres dizer que falas pouco e como deves?

CREONTE
Para quem tem a mente igual à tua, não.

ÉDIPO
Advirto-te em meu nome e em nome dos presentes:
retira-te! Não deves demorar aqui,
espionando o lugar onde morrerei.

CREONTE

Apontando para os homens do CORO.

Invoco-os como testemunhas, não a ti:
se um dia eu conseguir deter-te como quero…

ÉDIPO
E quem será capaz de um dia me deter
contra a vontade destes aliados meus?

CREONTE
Garanto-te: não sofrerás menos por isso!

ÉDIPO
A que ações tuas palavras se referem?

CREONTE
Já capturei uma de tuas pobres filhas,
e sem demora me apoderarei da outra.

ÉDIPO
Ai de mim!

CREONTE
Gemerás ainda mais depois!

ÉDIPO
Tens minha filha?

CREONTE

Apontando para ANTÍGONA.

E logo deterei a outra!

ÉDIPO

Dirigindo-se ao CORO.

Ah! Estrangeiros! Que fareis? Serei entregue?
Não ireis expulsar de vossa terra este ímpio?

CORIFEU

Dirigindo-se a CREONTE.

Parte, estrangeiro! Sai daqui sem mais delongas!
Não ages bem agora, nem agiste há pouco!

CREONTE

Dirigindo-se aos seus soldados e indicando ANTÍGONA.

Chegou a hora de a levardes, mesmo à força
se ela não resolver ir espontaneamente.

ANTÍGONA
Ai! Ai de mim! Quero fugir, mas para onde?
Que deus, que homem poderá vir socorrer-me?

CORIFEU
Dirigindo-se a CREONTE, que avança em direção a ANTÍGONA.

Que fazes, estrangeiro?

CREONTE
Não quero tocar
no homem, mas esta menina me pertence!

ÉDIPO
Senhores deste chão!

CORIFEU
Não podes, estrangeiro!

CREONTE
Tenho direito!

CORIFEU
Que direito dizes ter?

CREONTE

Segurando ANTÍGONA.

Levo comigo pessoas que me pertencem!

ÉDIPO
Ah! Cidade!

CORIFEU
Que ação praticas, estrangeiro?
Solta-a, ou vais sentir a força de meu braço!

CREONTE
Deixa-me!

CORIFEU
Não, diante do que estás fazendo!

CREONTE
Terás de enfrentar Tebas se me maltratares!

ÉDIPO
Isso eu predisse…

CORIFEU
Afasta as mãos desta menina!

CREONTE
Não me dês ordens, pois não és o meu senhor!

CORIFEU
Repito-te que a soltes!

CREONTE
E eu que te afastes!

CORIFEU
Socorro! Vinde! Vinde, meus concidadãos!
Ultrajam a nossa cidade! Socorrei-nos!

ANTÍGONA
Arrastam-me, estrangeiros! Ah! Pobre de mim!

ÉDIPO
Onde estás, filha?

ANTÍGONA
Levam-me com violência!

ÉDIPO
Dá-me teu braço, filha!

ANTÍGONA
Já não tenho forças!…

CREONTE

Dirigindo-se aos seus soldados.

Não a levais?

ÉDIPO
Pobre de mim! Pobre de mim!

Saem os soldados levando ANTÍGONA.

CREONTE

Dirigindo-se a ÉDIPO.

Livro-te agora para sempre de apoiar
teus passos vacilantes nesses dois bordões.[24]
Estás querendo sobrepor-te à tua pátria
e a teus amigos, cujas ordens cumpro aqui
embora seja rei. Pois bem! Triunfa agora!
Com o tempo compreenderás - tenho certeza -
que não estás servindo à tua própria causa
quando ages contra a vontade de tua gente,
de tal maneira que te deixas dominar
por essa cólera que é sempre a tua ruína.

CREONTE tenta acompanhar seus soldados.

CORIFEU
Para, estrangeiro!

CREONTE
Digo-te que não me toques!

CORIFEU
Não posso permitir que partas desta terra
levando em tua companhia a filha de Édipo!

CREONTE
Com essa rebeldia atrairás somente
maiores represálias contra a tua pátria.
Não levarei comigo apenas as meninas…

CORIFEU
Que vais fazer?

CREONTE
Prendo e levo comigo Édipo!

CORIFEU
Tuas palavras são brutais!

CREONTE
E sem demora
observarás que elas se realizarão,
salvo se o próprio rei vier opor-se a mim.

ÉDIPO
Voz impudente! Mas, atreves-te a tocar-me?

CREONTE
Ordeno que te cales!

ÉDIPO
Peço às divindades
deste lugar que não contenham por mais tempo
imprecações presas em minha boca ao ver-te,
covarde máximo, ansioso por privar-me
de mais dois olhos além dos que já perdi,[25]
agora que estou indefeso, e por voltar
tranquilamente a percorrer o teu caminho!
Por isso queira o Sol, o deus onividente,
dar-te algum dia, a ti e à tua raça,
uma velhice igual à que eu estou vivendo!

CREONTE
Vedes sua atitude, varões desta terra?

ÉDIPO
Eles me veem, e também a ti, mas sabem
que minha reação aos teus atos cruéis
se manifesta apenas em simples palavras.

CREONTE
Já não consigo dominar a minha cólera;
embora esteja só e a idade me pese,
levá-lo-ei comigo recorrendo à força!

ÉDIPO
Ai! Infeliz de mim!

CORIFEU

Dirigindo-se a CREONTE.

Tua resolução
é realmente inabalável, estrangeiro,
pois te leva a pensar que serás vencedor.

CREONTE
E penso!

CORIFEU
Nada mais serei em minha terra
se conseguires consumar o teu intento.

CREONTE
O fraco vence o forte quando a causa é justa.

ÉDIPO
Ouviste-lhe as palavras?

CORIFEU
Sim, eu as ouvi,
mas nunca ele as transformará em realidade.

CREONTE
Zeus sabe; tu, porém, não podes ter certeza.

CORIFEU
Não percebes que estás dizendo uma insolência?

CREONTE
É insolência, mas terás de suportá-la.

CORIFEU
Conclamo todos vós do povo e vossos chefes
a virem ajudar-nos imediatamente!
Eles já marcham para cruzar a fronteira!
Entra TESEU e seu séquito.

TESEU
Que apelo é este? Que se passa? Qual a causa
desse temor que me obrigou a interromper
o sacrifício oferecido ao deus dos mares,
protetor de Colono, em frente ao seu altar?
Dizei-me, pois desejo estar a par de tudo;

por que tive de vir correndo até aqui
com rapidez superior à de meus pés?

ÉDIPO
Meu grande amigo (reconheço a tua voz!):
aquele homem tratou-me de modo ignóbil.

TESEU
Que te fizeram? Quem te destratou? Explica-me!

ÉDIPO
Foi Creonte, que ainda vês ali, disposto
a retirar-se depois de me arrebatar
minhas filhas queridas, meu único bem.

TESEU
Que estás dizendo?

ÉDIPO
Ouviste o mal que ele me fez.

TESEU

Dirigindo-se ao seu séquito.

Apresse-se um de vós a ir rapidamente
até os altares e exortar o povo todo
- cavaleiros com as rédeas soltas e peões -
a desistir do sacrifício e vir depressa
para o local onde as estradas se interceptam.
Não quero que as meninas nos sejam tomadas,
e eu, resignado diante da violência,
mereça ouvir as zombarias do estrangeiro.
E quanto àquele,[26] se eu cedesse a toda a cólera
a que faz jus, por certo não escaparia
impune às minhas mãos. Mas se ele tem a ideia
de impor-nos novas leis, tratá-lo-ei de acordo
com suas próprias leis, e não com quaisquer outras.

Dirigindo-se a CREONTE.

Não terás permissão para sair daqui
antes de trazer-me de volta essas meninas,
antes de tê-las posto sob as minhas vistas.
Agiste de maneira indigna em relação
à tua pátria, a mim e aos teus antepassados.
Entras num território submisso à justiça,
onde nada se faz contrariando a lei,
e menosprezas os seus chefes e te atreves
a tirar dele à força aquilo que te apraz.

Ages como se achasses que minha cidade
fosse deserta de homens ou fosse habitada
apenas por escravos, e eu nada valesse.
Tebas não te criou para fazer o mal,
pois não costuma preparar seus cidadãos
para serem vilões. Sem dúvida, Creonte,
ela não te elogiaria se soubesse
que roubas os meus bens e até os bens dos deuses
tentando retirar daqui violentamente
esses seus suplicantes[27] tão desventurados.
Eu, ao contrário, não me atreveria nunca
a penetrar em tua terra, embora tendo
razões melhores, sem obter a permissão
dos detentores do poder, quaisquer que fossem;
não ousaria arrebatar ninguém de lá
e saberia como deve comportar-se
um estrangeiro em relação aos cidadãos.
Tu, entretanto, desonras a tua cidade,
que não merece essa desconsideração;
os anos que viveste fizeram de ti
ao mesmo tempo um ancião e um insensato.
Disse e repito: traze-me as meninas já!
Se não obedeceres passarás a ser
um habitante da cidade a contragosto
e não por tua própria escolha e decisão.[28]

CORIFEU
Vês, estrangeiro, em que situação estás?
Por tua origem deverias ser bondoso;
teus atos, entretanto, demonstram que és mau.
CREONTE
Não quis dizer, filho de Egeu, que faltam homens
aqui, nem procedi imponderadamente
como disseste; agi por não ter percebido
que alguns dos habitantes da cidade iriam
interessar-se tanto por parentes meus
a ponto de contra a minha própria vontade
quererem protegê-los. Nunca imaginei
que Atenas iria acolher um parricida
com sua mácula, um homem cujo himeneu
se revelou incestuoso. Mais ainda:
eu soube que o sábio Conselho com assento
no topo da colina de Ares[29] proibiu
a estada de andarilhos desse tipo aqui.
Por haver confiado em tais informações
tentei apoderar-me agora desta presa.
E nem assim teria feito a tentativa
se ele não tivesse lançado imprecações
amargas contra mim e toda a minha raça.
Diante desse tratamento insultuoso,

considerei-me no dever de revidar.
A cólera não envelhece e só a morte
a doma; apenas os defuntos não a sentem.
Procede, então, como te parecer melhor;
digo que embora minha causa seja justa,
o fato de estar longe de minha cidade
deixa-me fraco; mas, apesar da velhice,
reagirei a quaisquer atos contra mim.

ÉDIPO
Quem queres insultar, coração impudente?
Este ancião que sou, ou queres atingir-te?
Teus lábios lançam contra mim assassinatos,
núpcias, desgraças, tudo que tenho sofrido
- ah! infeliz de mim! - sem qualquer culpa minha,
para a satisfação dos deuses, ressentidos
- quem sabe? - há muito tempo com meus ancestrais;
em mim não acharias sequer um pecado
que me infamasse e me fizesse merecer
a acusação de provocar todos os outros
que por acaso cometi contra mim mesmo
e contra meus parentes sem me aperceber.
Agora explica-me: se por meio do oráculo
a voz de um deus disse ao meu pai que um filho seu
um dia o mataria, como poderias
condenar-me por essa morte justamente,
a mim, que ainda não tinha sequer nascido,
que nenhum pai havia até então gerado,
que nenhum útero de mãe já concebera?
E se, nascido apenas para desventuras
- como nasci -, vi-me diante de meu pai,
fui obrigado a enfrentá-lo e o matei
sem ter a mínima noção do que fazia
e sem saber também quem era a minha vítima,
como alguém poderia agora condenar-me
por um ato sabidamente involuntário?
A respeito de minha mãe - de tua irmã -,
não te envergonhas, infeliz, de compelir-me
a relembrar o que foram as suas núpcias,
como farei agora, pois não vou calar-me
depois de ouvir tuas palavras infamantes?
Sim, ela era minha mãe - que desventura!
Ambos desconhecíamos toda a verdade
e essa mãe me deu os filhos que tivemos
para sua vergonha! Ao menos uma coisa
eu sei: difamas-nos deliberadamente
aqui, enquanto a desposei malgrado meu,
e é malgrado meu que me refiro a isso.
Mas, não quero que me atribuam como crimes
nem esse casamento nem o assassínio

de um pai, que me lanças ao rosto sem cessar,
insultando-me ainda com rudes ultrajes.
Responde apenas a uma pergunta minha:
se alguém aparecesse aqui neste momento
e tentasse matar-te - a ti, Creonte, o justo -,
quererias saber se quem te ameaçava
era teu pai, ou antes o castigarias?
Penso que por amor à vida punirias
teu agressor sem maiores indagações
quanto ao teu pleno direito de eliminá-lo.
Pois esta foi exatamente a desventura
com que me defrontei, levado pelos deuses.
Se a alma de meu pai inda tivesse vida
não me desmentiria agora. Tu, porém,
que não és justo e sempre tens a pretensão
de estar falando bem, sem fazer distinção
entre os assuntos lícitos e os interditos,
vens lançar sobre mim essas infâmias todas,
apesar de haver tanta gente nos ouvindo!
Achas conveniente ainda enaltecer
o nome de Teseu e seu modo louvável
de governar a sua terra, mas ignoras
em meio a tantos elogios que se existe
uma cidade cuidadosa dos deveres
em relação aos deuses mais que qualquer outra,
ela se chama Atenas; pois queres roubar-lhes
o suplicante, o ancião que agora sou
e já te apoderaste de minhas crianças
para levar-nos contigo tranquilamente!
Por isso invoco aqui e agora aquelas deusas,
suplico-lhes, conjuro-as com minhas preces
a me ajudarem como santas aliadas,
para que possas afinal aquilatar
a galhardia dos guardiães deste lugar.

CORIFEU
Este estrangeiro, rei, é um homem de bem.
Suas desditas arruinaram-lhe a existência
e lhe dão o direito de ser socorrido.

TESEU
Já se falou demais; os agressores agem,
e nós, as vítimas, estamos indecisos.

CREONTE
Que deverei fazer como homem indefeso?

TESEU
Mostra-me a rota que nos levará a elas.[30]
Seguir-te-ei, pois se as deténs onde imagino

tu mesmo hás de levar-me até o esconderijo.
Se seus guardas se dispuserem a fugir,
nada farei, pois outros agirão por mim
e deles teus homens jamais escaparão
para dar graças aos bons deuses. Caminhemos!
Fica sabendo: quem prendia será preso
e o destino já tem nas mãos o caçador.
Tesouro obtido pela astúcia desonesta
não se conserva, e nisto não terás ninguém
para ajudar-te, pois tenho plena certeza
de que não te faltaram cúmplices e apoio
para chegares à ousadia e violência
que agora ostentas. Confiavas certamente
em alguém quando decidiste agir assim.
Terei de estar atento a essas circunstâncias
para evitar que considerem minha pátria
tão fraca a ponto de curvar-se a um homem só.
Segues o meu raciocínio, ou minha fala
está soando agora tão inútil quanto
te pareceu na hora de tramar teus golpes?

CREONTE
Enquanto eu estiver aqui não farei críticas
a nada que disseres, mas, de volta a Tebas,
sei muito bem qual é o meu dever.

TESEU
Embora ameaçando, trata de marchar.
Tu, Édipo, deves ficar aqui em paz;
garanto que se a morte não me levar antes,
nada me impedirá de devolver-te as filhas.

ÉDIPO
Meu desejo, Teseu, é ver-te premiado
pela nobreza e pelo empenho justiceiro
demonstrados por ti em relação a mim.

Saem TESEU e CREONTE com suas escoltas.

CORO
Ah! Como eu gostaria de encontrar-me
nas paragens amadas por Apolo
ou nas iluminadas pelas tochas
sagradas[31] onde nossos inimigos
terão de dar dentro de pouco tempo
a meia-volta e engajar-se em luta,
assustados com o estridor do bronze!
Lá se celebram os ritos solenes
instituídos pelas Grandes Deusas
para a felicidade dos mortais

em cujos lábios põe-se a chave de ouro[32]
de seus oficiantes, os Eumôlpidas.
É lá que em minha opinião Teseu,
o herói de quem dependem as batalhas,
e as duas irmãs virgens sem destino
se juntarão após o duro embate.
A não ser que depois de ultrapassarem
os campos de Oia os tebanos prefiram
seguir na direção do oeste, indo
para o pico nevado,[33] porfiando
para fugir em seus corcéis ou carros
numa disputa de velocidade,
é certa a sua perdição. A luta
será terrível, e também terrível
vai ser a valentia dos Teseidas.[34]
Brilham os freios na tropa montada
dos jovens devotos de Atena Equestre
e do deus rei do mar que abraça a terra,
filho querido da divina Rea.[35]
Já estarão pugnando, ou se preparam
para o combate? Uma premonição
me vem à mente e diz que sem demora
eles trarão intactas as meninas
vítimas de perseguição cruel
e cruelmente tratadas agora
por gente cujo sangue é o mesmo seu.
Mas hoje Zeus porá fim aos seus males!
Quero augurar vitória no confronto
e gostaria de ser uma pomba
mais rápida que o próprio vento, oculta
nas alturas de uma nuvem etérea
para ver com meus olhos o combate.
Zeus! Tu que tens o dom de tudo ver,
senhor supremo de todos os deuses,
concede aos homens fortes desta terra
em seu vigor vitorioso a graça
de capturar com suas mãos a presa!
Invoco ainda tua augusta filha,
Palas Atena, e além dela Apolo,
divino caçador acompanhado
por sua irmã,[36] companheira das corças
de pele pintalgada e patas rápidas,
reiterando-lhes o meu desejo
de vê-lo vir com sua dupla ajuda
trazendo auxílio aos homens desta terra!

CORIFEU
Pobre estrangeiro errante! Não irás dizer
ao teu guardião que ele foi um falso profeta.
Já vejo as tuas filhas! Ambas se aproximam

bem escoltadas, vindo em nossa direção.

Entram ANTÍGONA e ISMENE em companhia de TESEU.

ÉDIPO
Onde? Onde? Que há? Que dizes?

ANTÍGONA
Pai! Meu pai!
Ah! Se um deus te deixasse ver neste momento
o homem ótimo que nos devolve a ti!

ÉDIPO
Ah! Minhas filhas! Estais realmente aqui?

ANTÍGONA
Estamos, pai, e devemos a salvação
às mãos de Teseu e às de seus bons companheiros.

ÉDIPO
Ah! Minhas filhas! Vinde a mim, ao vosso pai!
Quero sentir os vossos corpos novamente,
pois já perdera as esperanças de encontrar-vos!

ANTÍGONA
Será como desejas; teu prazer é o nosso.

ÉDIPO
Onde estais? Onde?

ANTÍGONA
Bem perto de ti, meu pai.

ÉDIPO
Ah! Crianças queridas!

ANTÍGONA
Tudo é caro a um pai.

ÉDIPO
Meus dois bordões![37]

ANTÍGONA
E fracas como tu, meu pai!
ÉDIPO
Para mim, todavia, o bem mais estimado.
Mesmo na morte, filhas, não conhecerei
desventura total se apenas vos sentir
perto de mim. Chegai-vos, abraçai-me agora
e tereis posto fim a esta solidão

que torna lastimável minha vida errante.
Depois, contai-me os fatos, mas concisamente
(poucas palavras condizem com vossa idade).

ANTÍGONA

Indicando TESEU.

Aqui está quem nos salvou. Deves ouvi-lo,
pois ele foi o autor do feito; assim, meu pai,
atendo ao teu pedido quanto à brevidade.

ÉDIPO

Dirigindo-se a TESEU.

Não deves admirar-te se estou abusando
e se prolongo esta conversa na presença
destas meninas que reencontrei agora,
quando já não tinha esperanças de revê-las.
Sei que minha alegria em relação a elas
me vem de ti, de mais ninguém, pois as salvaste,
apenas tu entre os mortais; suplico aos deuses
que te protejam e ao teu povo como quero,
pois entre vós, acima de todos os homens,
encontrei piedade, retidão, e lábios
avessos à mentira; sei bem o que digo
quando te recompenso, embora com palavras,
pois recebi de ti, Teseu, tudo que tenho,
e de nenhum outro mortal. Peço-te, rei,
que me estendas agora a tua mão direita;
quero apertá-la, e se for lícito desejo
beijar-te a fronte… Mas me excedo na ousadia!
Como, sendo o infeliz que sou, posso atrever-me
a impor-te o contacto com um homem cujo corpo
abriga a mácula de todos os pecados?
Não vou tocar-te, nem permito que me toques,
Somente quem passou por provações iguais
pode participar das minhas; cumprimento-te
de onde me encontro e peço-te que no futuro
me ajudes lealmente como até agora.

TESEU

Não me admira que tenhas prolongado um pouco
a tua fala, alegre por rever as filhas,
nem que tua atenção tenha sido primeiro
para as palavras delas e não para mim;
de fato, não há nada de ofensivo nisso.
Não quero ornar a minha vida com discursos,
e sim com atos; já dei provas do que digo,

pois não faltei a uma sequer das promessas
feitas há pouco tempo, ancião; estou aqui
trazendo as tuas duas filhas vivas, livres
de todos os perigos que as ameaçavam;
quanto à vitória consequente à nossa luta,
por que irei vangloriar-me inutilmente?
Estas meninas te porão a par de tudo,
agora que ambas vão permanecer contigo.
Mas, quero consultar-te acerca de rumores
que ouvi há pouco tempo a caminho daqui.
Embora possam parecer pouco importantes,
talvez causem admiração; homem nenhum
deve ser negligente a respeito de fatos.

ÉDIPO
Que é, filho de Egeu? Explica-te melhor,
pois nada sei acerca de tua consulta.

TESEU
Disseram-me que um forasteiro, apresentando-se
não como teu concidadão, mas como teu parente,
há pouco tempo se lançou ao pé do altar
de Poseidon, no qual eu mesmo oferecia
um sacrifício antes de vir ao teu encontro.

ÉDIPO
De onde ele é? Que espera como suplicante?

TESEU
Apenas sei que se interessa em ter contigo
uma conversa breve, não muito enfadonha.

ÉDIPO
Mas, sobre o quê? Ninguém assume essa atitude
para tratar de assuntos insignificantes.

TESEU
Dizem que ele pretende obter algo de ti
e logo partirá sem se expor a perigos.

ÉDIPO
E quem quer ver-me apenas para um pedido?

TESEU
Medita um pouco: não terás algum parente
em Argos, ansioso por certo favor?

ÉDIPO
Não, melhor dos amigos! Para neste ponto!

TESEU
Que há contigo?

ÉDIPO
Não me faças tais perguntas!

TESEU
Sobre que assunto? Fala!

ÉDIPO
Depois de escutar-te
já percebi, Teseu, quem é o suplicante.

TESEU
Quem é? Isso daria razões para queixas?

ÉDIPO
Ah! Soberano! Ele é meu filho detestado.
Suas palavras me fariam sofrer mais
que as de qualquer outra pessoa neste mundo.

TESEU
Mas, como? Não podes ouvi-lo sem fazer
o que não queres? Que há de tão doloroso
no simples fato de escutar suas palavras?

ÉDIPO
A sua voz, senhor, tornou-se odiosíssima
aos ouvidos de um pai. Não deves constranger-me
a concordar contigo quanto ao teu pedido.

TESEU
Mas, essa aquiescência seria devida
à sua condição de suplicante; lembra-te
de respeitar o deus que o acolheu aqui.

ANTÍGONA
Ouve-me, pai, embora eu seja muito jovem
para dar-te conselhos. Deves concordar
com este homem; permite-lhe atender
à sua consciência e mais ainda ao deus,
pois esse é o seu desejo; a nós duas, meu pai,
concede-nos esse encontro com nosso irmão.
Fica tranquilo; ele não pode demover-te
à força de tua firme resolução
com palavras contrárias ao teu próprio bem.
Que risco pode haver em ouvi-lo falar?
Planos perversos se revelam na linguagem.
Tu o geraste; logo, ainda que ele fosse
fazer-te as mais impiedosas vilanias

não terias direito de retaliar
tratando-o com maldade. Numerosos pais
já puseram no mundo filhos celerados
e sentiram por eles a mais forte cólera,
mas as ponderações suaves dos amigos
como se fossem sortilégios contiveram
os ímpetos iniciais de sua índole.
Não olhes tuas desventuras atuais,
e sim as do tempo passado, cuja culpa
coube ao teu pai e à tua mãe; se meditares,
verás - tenho certeza - que maus sentimentos
só podem conduzir a resultados maus.
Tens uma prova nada desprezível disso
na perda de teus olhos para sempre cegos.
Deixa-te convencer por nós. A intransigência
deve ceder diante de um pedido justo,
e não convém a quem recebeu um favor
recusar-se a pagá-lo em retribuição.

ÉDIPO
Vencendo-me com tua exortação, consegues
uma vitória amarga que te alegra, Antígona;
seja então tudo como queres, minha filha.

Dirigindo-se a TESEU.

Peço-te apenas, estrangeiro, que se o homem
vier até aqui, não deixes que nem ele
nem ninguém ponha as mãos sobre minha pessoa.

TESEU
Uma vez é bastante; não é necessário
que me digas essas palavras duas vezes.
Não pretendo vangloriar-me, mas afirmo
que agora tua vida está segura, ancião,
enquanto os deuses assegurarem a minha.

TESEU afasta-se com seu séquito.

CORO
Quem não se satisfaz com um quinhão
normal de vida e deseja um maior,
parece-me em verdade um insensato.
Dias sem número nunca reservam
a ninguém nada mais que dissabores
mais próximos da dor que da alegria.
Quanto aos prazeres, não os discernimos
e nossa vista os buscará em vão

logo que para nossa desventura
chegamos ao limite prefixado.
E desde então o nosso alívio único
será aquele que dará a todos
o mesmo fim, na hora de chegar
de súbito o destino procedente
do tenebroso reino onde não há[38]
cantos nem liras, onde não há danças
- ou seja, a Morte, epílogo de tudo.
Melhor seria não haver nascido;
como segunda escolha bom seria
voltar logo depois de ver a luz
à mesma região de onde se veio.[39]
Desde o momento em que nos abandona
a juventude, levando consigo
a inconsciência fácil dessa idade,
que dor não nos atinge de algum modo?
Que sofrimentos nos serão poupados?
Rixas, rivalidades, mortandade,
lutas, inveja, e como mal dos males
a velhice execrável, impotente,
insociável, inimiga, enfim,
na qual se juntam todas as desditas.[40]
Não é apenas meu esse destino.
Vede este infortunado semelhante
a um promontório defrontando o norte,
açoitado em todas as direções
por altas ondas e duras tormentas.
Este infeliz também é flagelado
sem tréguas por desventuras horríveis,
como se fossem vagalhões, uns vindos
lá do Poente, outros lá do Levante,
outros lá de onde o sol lança seus raios
ao meio-dia, outros do alto Ripeu
sempre coberto pela noite escura.[41]

ANTÍGONA
Parece-me que o forasteiro se aproxima;
ele está só, meu pai, e correm de seus olhos
lágrimas abundantes enquanto caminha.

ÉDIPO
E quem é ele, filha?

ANTÍGONA
Aquele em quem pensávamos
há pouco tempo; está presente Polinices.

POLINICES
Ah! Meninas! Que faço? Chorarei primeiro

por minha própria desventura, ou pela dele,
meu pai idoso, que já posso ver ali?
Venho encontrá-lo aqui convosco, em solo estranho,
usando esses andrajos gastos, horrorosos,
cujo tecido lhe maltrata os velhos flancos
mal cobertos, enquanto sobre sua fronte
o vento agita-lhe os cabelos desgrenhados
que não me deixam ver-lhe os olhos sem visão.
Combinam bem com sua roupa os alimentos
com que ele está nutrindo seu sofrido ventre.
Eu, o maldito, fico a par desses horrores
tarde demais, e testemunho que provei
ser o pior dos homens todos no tocante
aos cuidados para contigo; de mim mesmo,
e não de outro qualquer, fica sabendo disso.
Mas, junto a Zeus e partilhando o mesmo trono,
senta-se a Piedade, atenta aos nossos atos.
Que venha ela, então, ficar perto de ti.
Não é possível corrigir faltas passadas,
nem tampouco podemos torná-las mais graves.

Pausa.

Por que não falas? Dize alguma coisa, pai,
não te afastes de mim… Não me responderás
e queres humilhar-me mandando-me embora
sem uma única palavra e sem dizer
qual a razão de teu rancor para comigo?
Vós, que sois suas filhas e minhas irmãs,
tentai, ao menos vós, tirar uma palavra
desses lábios intransigentes, incapazes
de pronunciar qualquer palavra acolhedora,
para que ele não mande embora um suplicante
do deus, humilhado a tal ponto e sem resposta!

ANTÍGONA
Revela-lhe, infeliz, tu mesmo, o que te obriga
a vir aqui; muitas vezes certas palavras
de júbilo ou de angústia, talvez ternura,
podem até restituir a voz aos mudos.

POLINICES
Então falarei tudo; teu conselho é bom.
Tomo primeiro como defensor o deus
aos pés do qual eu me encontrava quando o rei
mandou-me levantar e vir ao vosso encontro,
assegurando-me o direito de falar,
de ouvir e finalmente de me retirar
em segurança. Espero que esse compromisso
seja honrado por vós, estrangeiros presentes,

e por minhas irmãs, e também por meu pai.
Agora desejo falar contigo, pai,
para dizer-te por que vim até aqui.
Fui banido de minha terra e me exilei
por ter querido como filho primogênito
subir ao trono e reinar soberanamente.
Por isso Etéocles, apesar de mais jovem,
expulsou-me de minha pátria sem tentar
persuadir-me graças a bons argumentos
e sem mostrar-se mais valente e poderoso,
somente por haver seduzido a cidade.
Parece-me que a causa dessa usurpação
foi antes de mais nada a tua maldição,
como também revelam os próprios oráculos.
Chegando a Argos dórica tornei-me genro
de Ádrasto e consegui formar na terra de Ápis,[42]
mediante juramento, um grupo de guerreiros
considerados os primeiros em bravura
e honrados como tais. Organizei com eles
um grande exército de sete contingentes,
e à sua frente pus-me em marcha contra Tebas,
disposto a expulsar de lá os responsáveis
pela brutal usurpação ou a morrer
por uma causa inexcedivelmente justa.
Continuando, por que vim até aqui?
Para fazer-te como suplicante, pai
uma prece em meu próprio nome e ao mesmo tempo
em nome de meus aliados que sitiam
agora mesmo, com seus sete contingentes
e sete chefes, Tebas e sua planície.
Começo por Anfiarau de dardo rápido,
primeiro no combate e primeiro em presságios;
o segundo é Tideu, filho de Eneu, etólio;
em terceiro lugar está o argivo Etéoclo;
em quarto Hipomedon, enviado por Talau,
seu próprio pai; o quinto chefe é Capaneu,
que prometeu queimar a cidade de Tebas,
aniquilando-a para sempre; o sexto chefe,
Partenopeu, leal e belicoso arcádio
que deve o nome a Talante, sua mãe,
virgem impávida durante muito tempo.
O último sou eu, teu filho - ou, se não teu,
gerado pelo mais cruel destino - eu,
conhecido como teu filho, condutor
das valorosas hostes de Argos rumo a Tebas.
E todos nós, por estas tuas filhas, pai,
e até por tua vida, juntos imploramos
que diminuas o grave ressentimento
contra teu filho no momento da partida
para vingar-se de um irmão usurpador

que o despojou de sua pátria. Se devemos
dar crédito aos oráculos, o vencedor
será aquele que obtiver o teu apoio.
Agora, então, por nossas fontes,[43] pelos deuses
de nossa raça, ouve, cede à minha súplica!
Que sou aqui? Simples pedinte, um exilado,
como tu mesmo um estrangeiro. Ambos tivemos
destino igual, sempre lisonjeando os outros.[44]
Etéocles, muito ao contrário, atualmente
- ah! infeliz de mim! - é rei em nosso trono
e zomba vaidosamente de nós dois.
Mas, se eu contar com teu apoio em meus propósitos,
dentro de pouco tempo e com pouca fadiga
poderei dispersar aos ventos suas cinzas.
Em seguida regressarás ao teu palácio,
e a ele voltarei também, logo depois
de o forçar a deixá-lo. Se for teu desejo,
já posso alardear triunfo, mas sem ti
não sei sequer se sobreviverei à luta.

CORIFEU
Em atenção àquele que o envia, Édipo,
dize ao recém-chegado algo que o esclareça
e só depois dá-lhe ordens para ir-se embora.

ÉDIPO
Ah! Chefes desta terra! Se o próprio Teseu
não o tivesse encaminhado a mim aqui,
considerando justo que ele recebesse
uma resposta minha, este homem não teria
ouvido a minha voz; agora, todavia,
quando partir de volta estará satisfeito
depois de ouvir palavras que não se destinam
a dar-lhe a mínima alegria em sua vida.

Dirigindo-se a POLINICES.

Perverso, que quando tiveste o cetro e o trono
usufruídos hoje por teu próprio irmão
em Tebas, expulsaste, tu mesmo, teu pai
e o transformaste simplesmente num apátrida
coberto por estes andrajos cujo aspecto
te leva às lágrimas, porém somente agora
que vives nessa angústia semelhante à minha!
Já não é hora de chorar; cumpre-me apenas,
enquanto estiver entre os vivos, suportar
meus males, ciente de que és o meu verdugo.
É tua a culpa se vivo nesta miséria,
pois me expulsaste, e se levo uma vida errante
de mendigo pedindo o pão de cada dia,

tu és a causa. E se eu não tivesse gerado
estas meninas a quem devo o meu sustento,
e dependesse só de ti para viver,
já estaria morto. Devo-lhes a vida
e minha nutrição, pois elas se comportam
como se fossem homens em vez de mulheres
para ajudar-me em minha existência penosa.
Etéocles e tu nasceram de outro pai,
e não de mim. Por isso os olhos do destino
fixam-se em ti, não tanto agora, mas depois,
se os contingentes de que falas já avançam
em direção a Tebas. Ouve bem: jamais
poderá conquistá-la; antes morrerás
sangrentamente e teu irmão cairá contigo.
É esta a maldição que vos lancei há tempo
e reitero agora para a vossa ruína,
pois só assim achareis justa a reverência
em relação a quem vos deu a existência
e injusto o menosprezo por vosso pai cego
que vos gerou assim; estas duas meninas,
ao contrário, não se portaram como vós.
Por isso minhas maldições serão mais fortes
que tuas súplicas e que teu trono e cetro,
se a imemorial Justiça está sentada
de fato ao lado das antigas leis de Zeus.
Vai-te embora daqui, coberto de vergonha,
filho sem pai, o mais perverso dos perversos,
levando as maldições que chamo contra ti.
Queiram os deuses que jamais a tua lança
possa vencer a terra que te viu nascer!
Queiram eles também que nunca mais regresses
a Argos rodeada de muitas colinas,
e que, ferido pela mão de teu irmão
usurpador, morras e ao mesmo tempo o mates!
Esta é a minha maldição: primeiro invoco
as sombras paternais do Tártaro,[45] pedindo-lhes
que te recebam em seu seio. Invoco ainda
as divindades tutelares desta terra,
e Ares, enfim, que depôs em teu coração
e no de teu irmão este implacável ódio.
Ouviste-me; retira-te e vai revelar
a todos os cadmeus[46] e aos seus bons aliados
quais são os privilégios que neste momento
Édipo está atribuindo aos seus dois filhos!

CORIFEU
Ah! Polinices! Não devo felicitar-te
por tuas últimas gestões; apenas digo
que deves retirar-te imediatamente.

POLINICES
Ai de mim por minha viagem fracassada!
Ai de mim por meus numerosos companheiros!
Que fim terá a caminhada para a qual
saí de Argos? Ah! Como sou infeliz!
Não posso anunciar a todos os amigos
este insucesso, nem fazê-los recuar,
e só me resta agora marchar em silêncio
para enfrentar o meu destino inelutável!
Ah! Filhas dele! Ah! Minhas queridas irmãs!
Ao menos vós, que ouvistes as imprecações
impiedosas deste pai, não me afronteis.
Em nome de todos os deuses vos suplico:
se um dia sua maldição se consumar
e se tiverdes meios de voltar a Tebas,
dai-me uma sepultura e oferendas fúnebres![47]
Assim, aos elogios que hoje recebeis
por vossa carinhosa ajuda a este homem
somar-se-ão outros louvores não menores
pelos cuidados que me houverdes dispensado.

ANTÍGONA
Ouve uma ideia minha, Polinices! Peço-te!

POLINICES
Que devo ouvir, Antígona querida? Fala!

ANTÍGONA
Ordena ao teu exército que volte a Argos
tão depressa quanto possível, se não queres
destruir-te a ti mesmo e à tua cidade.

POLINICES
Mas, isto é impossível! Como eu poderia
assumir novamente o comando das tropas
depois de acovardar-me nesta ocasião?

ANTÍGONA
Não cedas novamente à cólera, menino!
Que lucrarás levando tua pátria à ruína?

POLINICES
Fugir é sempre vergonhoso, sobretudo
se na condição de mais velho eu me expuser
a ser o alvo do escárnio de meu irmão.

ANTÍGONA
Não vês aonde te levam diretamente
as profecias de Édipo quando ele disse

que logo os dois se matariam um ao outro?

POLINICES
É isso que ele quer. Não devemos ceder.

ANTÍGONA
Ah! Infeliz de mim! Mas, quem se atreverá
a te apoiar se conhecer as profecias
que este homem proferiu aqui a teu respeito?

POLINICES
Não vou ser mensageiro de notícia más,
pois um bom comandante divulga somente
os fatos favoráveis e cala os funestos.

ANTÍGONA
Então, menino, é esta a tua decisão?

POLINICES
Sim, e seria vão tentares demover-me.
Agora devo percorrer o meu caminho
e ver se ele vai ser fatal em consequência
das palavras de mau agouro de meu pai
e de suas Fúrias.[48] Porém quanto a vós duas,
queira Zeus conduzir-vos por caminhos bons
se após a minha morte me proporcionardes
os funerais pedidos, já que não podeis
fazer por mim ainda em vida coisa alguma.

Esquivando-se dos abraços das irmãs.

Soltai-me, e adeus, pois nunca mais me vereis vivo!

ANTÍGONA
Ah! Quanta desventura!

POLINICES
Não chores por mim!

ANTÍGONA
Mas, quem não choraria, meu irmão, sabendo
que já vais caminhando para o outro mundo[49]
aberto à tua frente para te engolir?

POLINICES
Se for inevitável, terei de morrer.

ANTÍGONA
Não digas isso! Deixa-me persuadir-te!

POLINICES
Não me venhas dizer o que não devo ouvir!

ANTÍGONA
Serei muito infeliz se tiver de perder-te!

POLINICES
Se tudo vai acontecer de um modo ou de outro,
somente os deuses sabem. Peço-lhes apenas
que afastem as desditas de vosso caminho,
pois todos acham que ambas já sofreram muito.

Sai POLINICES.

CORO
Chegam-nos novos males dolorosos
vindos também deste estrangeiro cego,
a não ser que o próprio destino atinja
agora a sua meta, pois eu mesmo
nunca diria que jamais os deuses
tomam em vão as suas decisões.
O tempo cuida, cuida sempre delas,
tirando agora a boa sorte de uns
e dando-a no dia seguinte a outros.

Ouve-se um trovão.

Ah! Zeus! Estrondam trovões nas alturas!

ÉDIPO
Ah! Filhas, minhas filhas! Seria tão bom
se algum dos moradores do lugar trouxesse
até aqui Teseu, o melhor dos heróis!

ANTÍGONA
Que ideia te faz ter esse desejo, pai?

ÉDIPO
O raio alígero de Zeus me levará
dentro de alguns instantes para o outro mundo.
Agi! Mandai buscar Teseu sem perder tempo!

CORO
Retumba agora sobre nós o estrondo
enorme, incrível, mandado por Zeus!
Sobe o terror até a extremidade
de meus cabelos; minha alma aturdida
se esvai. Luziu no céu outro relâmpago!
Que evento ele estará prenunciando?
O medo me domina, pois jamais

ele alça voo em vão; a desventura
é sua companheira inseparável.
Saúdo-te, éter imenso! Ah! Zeus!

ÉDIPO
Ah! Minhas filhas! Pressinto a proximidade
do fim prenunciado pelos próprios deuses
e nada poderá desviá-lo de mim!

ANTÍGONA
Como podes saber? Que aviso recebeste?

ÉDIPO
Percebo claramente. Mandai neste instante
alguém chamar por mim o senhor desta terra!

CORO
Ouvistes? Novo estrondo prolongado
assusta-nos! Sê generoso, deus,
sê generoso se trazes à terra
que é nosso berço alguma estranha dádiva!
Mostra-te receptivo à minha prece
e só por teres visto este maldito
não queiras dar-me participação
em tuas recompensas desastrosas!
Clamo apenas por ti, Zeus soberano!

ÉDIPO
Teseu já se aproxima? Irá ele encontrar-me
ainda vivo e senhor de minha razão?

ANTÍGONA
Que segredo pretendes confiar-lhe, pai?

ÉDIPO
Em retribuição a tantos benefícios
quero prestar-lhe num sinal de gratidão
um favor ponderável que lhe prometi
ao conhecê-lo em nosso encontro inicial.

CORO
Chega depressa, filho, não demores,
embora estejas no vale profundo
sacrificando um touro a Poseidon,
o deus do mar, em seu refúgio; vem!
Este estrangeiro quer oferecer,
a ti, à nossa pátria, aos seus amigos,
o justo prêmio pelos benefícios
que recebeu. Apressa-te, senhor!

Reaparece TESEU.

TESEU
Por que se escutam novamente tantas vozes
soando ao mesmo tempo, a vossa, muito nítida,
e a do estrangeiro, também clara? Que se passa?
Caiu algum raio de Zeus, ou se aproxima
uma tormenta precedida por relâmpagos?
Tudo é possível quando o deus desencadeia
alguma tempestade cheia de ameaças.

ÉDIPO
Tua presença, rei, atende aos meus desejos,
e um deus transforma tua vinda neste instante
numa oportunidade feliz para ti.

TESEU
Que fato novo aconteceu, filho de Laio?

ÉDIPO
A minha vida está apenas por um fio
e não quero morrer frustrando-vos agora,
a ti e a Atenas, quanto ao que vos prometi.

TESEU
Que sinal do destino te deixa em suspenso?

ÉDIPO
Os próprios deuses vieram anunciar
meu fim sem omitir os sinais combinados.

TESEU
Por que supõe, ancião, que eles se manifestam?

ÉDIPO
Pelos trovões, prolongados e repetidos,
seguindo-se a relâmpagos inumeráveis,
saídos todos de suas mãos invencíveis.

TESEU
Convences-me, pois sei que já fizeste muitas
e nunca desmentidas profecias, Édipo.
Dize-me agora o que me compete fazer.

ÉDIPO
Dir-te-ei, filho de Egeu, qual será o tesouro
que deveis preservar, tu e tua cidade,
imune aos males inerentes à velhice.

Agora vou mostrar-te sem guia nenhum
o pedaço de terra onde devo morrer.
Em tempo algum, porém, poderás revelar
a qualquer outro homem o lugar oculto,
nem mesmo a região onde ele se situa,
se queres que eu te envie no futuro ajuda
igual à de escudos e lanças incontáveis
mandados por vizinhos para socorrer-te.
Conhecerás mais tarde o mistério sagrado
lá no local, só tu, pois nem eu mesmo posso
transmiti-lo a nenhum de teus concidadãos,
nem às minhas próprias crianças, apesar
do meu amor por elas. Terás de guardá-lo
por toda a vida, e na hora de tua morte
confia-o somente ao súdito mais digno,
para que por seu turno ele o revele um dia
a um sucessor fiel e assim se faça sempre.
Desta maneira manterás a tua pátria
ao abrigo das incursões devastadoras
dos soldados de Tebas.[50] Cidades sem número,
apesar de bem governadas, muita vezes
adotam a arrogância em relação a outras,
porém o olhar dos deuses, embora demore,
descobrirá aquelas que, contrariando
a divina vontade, agem com violência.
Cuida, filho de Egeu, de evitar esse mal.
Mas, por que dar lições a quem já sabe disso?
Partamos já para o lugar a que aludi,
sem mais hesitações, pois o deus me compele.
Vamos, filhas, assim - hoje o guia sou eu,
estranho, certamente, porém tão capaz
quanto fostes até agora para mim.
Vinde, não me toqueis; deixai-me descobrir,
eu mesmo, o túmulo sagrado onde o destino
impõe que me sepultem nesta terra amiga.
Avançai por aqui, assim! É por aqui
que me conduzem Hermes, guia dos finados,
e a deusa dos infernos. Ah! Luz que meus
olhos não podem ver! Há muito tempo foste minha
e pela derradeira vez meu pobre corpo
está sentindo-te presente. Parto agora
para ocultar meu último dia de vida
nas profundezas infernais. Sede felizes,
tu, o melhor de todos os anfitriões,
tua Pátria, Teseu, e todos os teus súditos!
Não me esqueçais, porém, nos vossos dias prósperos,
mesmo depois de minha morte, se quiserdes
ser venturosos para sempre, todos vós!

Saem todos acompanhando ÉDIPO.

CORO
Se posso recorrer contritamente
em minhas preces à deusa invisível,[51]
e a ti, senhor das sombras, Aidoneu,
imploro-vos que o estrangeiro desça
à planície dos mortos, à morada
de Estige, onde tudo desaparece,
sem enfrentar as penas da agonia!
Amarguras sem conta o abateram,
sem culpa sua, mas a divindade
vai premiá-lo honrando-o novamente.
Ah! Deusas infernais! Ah! Monstro invicto
que em frente às portas por onde penetram
continuamente inumeráveis hóspedes,
ficas deitado ladrando em teu antro,
considerado pela tradição
o guardião indômito do inferno.
Filho do Tártaro[52] e da Terra! Peço-te:
abre a passagem para o estrangeiro
em marcha para a planície infernal
onde todos os mortos se reúnem!
Suplico-te, deus do sono sem fim![53]

Chega um MENSAGEIRO.

MENSAGEIRO
Posso dizer-vos em resumo, cidadãos;
Édipo já morreu; não me é, porém, possível
narrar sumariamente os fatos ocorridos,
pois eles não aconteceram num instante.

CORIFEU
Morreu, então, o infeliz?

MENSAGEIRO
Fica sabendo:
ele acaba de conquistar a vida eterna.

CORIFEU
De que maneira? A interferência de algum deus
livrou o desditoso de todos os males?

MENSAGEIRO
Há justamente nesse ponto uma razão
para nos admirarmos. No momento exato
em que ele se afastou daqui - estava perto
e sabes como eu sei - não ia à sua frente
nenhum de seus amigos; nosso guia, então,

foi Édipo. Quando seus passos o levaram
à frente do escarpado umbral onde se veem
os primeiros degraus de bronze de uma escada
que leva às raízes recônditas da terra,[54]
ele parou diante de uma das estradas
que partem do local, perto de uma cratera
onde se guardam para sempre os juramentos
de lealdade outrora feitos por Teseu
e por Pirítoo. Ali, a igual distância
da cratera profunda, da rocha Torícia,
de uma pereira oca e da tumba de pedra,
afinal Édipo sentou-se. Lá tirou
seus míseros andrajos e elevando a voz
pediu às suas filhas que fossem buscar
água corrente onde a encontrassem, pois queria
lavar-se e fazer libações. As duas foram
a uma colina visível à sua frente,
dedicada a Deméter, deusa protetora
das plantas inda tenras, e logo atenderam
à vontade do pai; em seguida o lavaram
e o vestiram com roupas cerimoniais.
Logo depois de ele ter a satisfação
de sentir-se como queria, e no momento
em que nada mais desejava, reboaram
os trovões de Zeus Infernal; ouvindo o estrondo,
as meninas tremeram e se prosternaram
aos pés do pai, batendo sem cessar no peito
enquanto soluçavam consternadamente.
Ele, entretanto, ouvindo o pranto amargurado
abraçou-as e disse-lhes: “Ah! Minhas filhas!
“De hoje em diante vosso pai já não existe;
“de fato, agora acaba-se tudo que fui
“e cessa o vosso encargo de cuidar de mim
“- muito penoso, eu sei, minhas pobres crianças -;
“uma palavra só, porém, vos recompensa
“por tantos sofrimentos: de ninguém tivestes
“amor maior que o deste homem sem o qual
“ireis viver pelo resto de vossas vidas!”
Os três se estreitavam nos braços uns dos outros
mas, quando seus gemidos chegaram ao fim
e já não se podia ouvir-lhes os soluços,
todos ficaram em silêncio absoluto.
Subitamente uma voz se elevou, chamando-o;
num instante os cabelos dos três se arrepiaram
quando se ouviu a voz insistente do deus:
“Por que tardamos tanto a pôr-nos a caminho,
Édipo? Fazes-te esperar há muito tempo!”
Quando ele percebeu que um deus o convocava,
mandou chamar Teseu para perto de si
e pressentindo-o nas proximidades disse-lhe:

“Querido amigo! Dá agora às minhas filhas
“a garantia jurada de tua mão
“e vós, meninas, dai-lhe reciprocidade!
“E tu, Teseu, promete agora que jamais
“as abandonarás se depender de ti,
“e tanto quanto permitir tua bondade
“faze o possível para protegê-las sempre.”
Provando que era realmente um homem nobre,
Teseu, sem vacilar, jurou ao estrangeiro
que atenderia ao seu pedido. Isto feito,
Édipo se apressou em pôr sobre as meninas
suas mãos cegas e lhes disse: “Agora, filhas,
“deveis reanimar em vossos corações
“toda a nobreza, abandonando este lugar
“sem ter a pretensão de ver ou de escutar
“o que não vos é permitido. Ide embora
“neste momento, mas Teseu, o soberano,
“deve ficar para presenciar os fatos.”
Assim ele falou e todos nós ouvimos,
e soluçando retiramo-nos com elas.
Quando nos afastávamos, logo depois,
olhamos para trás e notamos que Édipo
já não estava lá; vimos somente o rei
com as mãos no rosto para proteger os olhos
diante de alguma visão insuportável.
Pouco depois - quase no mesmo instante - vimo-lo
fazendo preces e adorando juntamente
a terra e o divino Olimpo com seus gestos.
Mas nenhum dos mortais, salvo o próprio Teseu,
pode dizer como Édipo chegou ao fim.
Não o atingiu qualquer relâmpago de Zeus,
nem um tufão vindo do mar naquela hora.
Deve ter sido o mensageiro de algum deus,
ou então os abismos sempre tenebrosos
do mundo subterrâneo podem ter-se aberto
para levá-lo sem lhe causar sofrimentos.
O homem desapareceu sem lamentar-se
e sem as dores oriundas de doenças,
por um milagre inusitado entre os mortais.
E se pareço estar falando loucamente,
Não posso reprovar quem me chamar de louco.

CORIFEU
Mas, onde estão as suas filhas e a escolta
que foi com elas até aquele lugar?

MENSAGEIRO
Ambas não estão longe; ouvem-se claramente
os seus soluços, prenúncio de sua volta.

ANTÍGONA[55]
Ai de nós! Sim, é somente a nós duas
que desta vez, mais do que em qualquer outra,
nos cabe deplorar a maldição
de nosso sangue, do sangue de um pai
que nos teve para nossa desgraça!
Por ele, enquanto vivo, suportamos
inumeráveis penas sem alívio
e agora vamos ter de acrescentar-lhes
a narração de fatos espantosos
por nós presenciados e sofridos.

CORO
Que houve?

ANTÍGONA
Apenas imagino, amigo.

CORO
Ele se foi?

ANTÍGONA
Morreu, e da maneira
mais desejável. Queres saber como?
Ele não encontrou em seu caminho
nem lutas nem o mar; arrebataram-no
os prados onde só existem trevas
num fim misterioso. Quanto a nós,
uma noite mortal escureceu
nossa visão. Ah! Como poderemos
agora, errantes em terra distante,
ou sobre as vagas do oceano, obter
o pão do qual depende a nossa vida?

ISMENE
Não sei. Suplico a Hades[56] assassino
que me leve daqui para onde está
meu velho pai - como sou infeliz!
Não posso mais viver a minha vida!

CORO
Ah! Duas filhas de fato excelentes!
Tendes de suportar valentemente
o fardo imposto pelas divindades.
Evitai que este impulso vos domine,
pois vossa vida tem sido exemplar!

ANTÍGONA
De certo modo antigas desventuras
podem ter sido prazeres perdidos;

as coisas menos doces eram doces
enquanto o tinha aqui entre meus braços!
Meu pai! Amigo meu! Já foste embora
levado para sempre em direção
aos abismos do mundo subterrâneo,
mas, nem nas trevas onde estás agora
te faltarão o meu amor e o dela!

CORO
Coube-lhe a sorte…

ANTÍGONA
…a sorte desejada.

CORO
Mas, qual?

ANTÍGONA
Ele morreu em solo estranho
de acordo com sua própria vontade.
Seu leito está oculto para sempre
e ao nosso luto não faltarão lágrimas.
Meus olhos, pai, não param de chorar
sentidamente, e não sei - ai de mim! -
se terá fim essa tristeza imensa
que me deixaste. Querias morrer
em solo estranho, mas, por que morreste
assim, tão só, longe dos meus cuidados?

ISMENE
Ah! Infeliz de mim! Que nos reserva
a sorte, minha amiga, a mim e a ti,
agora que perdemos nosso pai?

CORO
Mas, já que sua vida terminou
de maneira feliz, cessai, amigas,
de lamentar-vos, pois ninguém na vida
está a salvo da infelicidade.

ANTÍGONA
Voltemos ao local, irmã querida.

ISMENE
Para fazer o quê?

ANTÍGONA
Sinto o desejo…

ISMENE
De quê?

ANTÍGONA
…de ver a morada profunda…

ISMENE
De quem?

ANTÍGONA
…de nosso pai, pobre de mim!

ISMENE
Mas, como poderíamos ir lá?
Não pensas nisso?

ANTÍGONA
Por que me censuras?

ISMENE
Há outro ponto…

ANTÍGONA
Que dirás ainda?

ISMENE
Ele está morto, mas sem sepultura,
afastado de todos os olhares.

ANTÍGONA
Leva-me lá; matar-me-ei também.

ISMENE
Ah! Infeliz de mim! Em que lugar
irei viver, só e desamparada,
minha vida repleta de infortúnios?

CORO
Não há razões para temor, amigas.

ANTÍGONA
Mas, onde tentarei refugiar-me?

CORO
Já tendes um refúgio…

ANTÍGONA
Em que lugar?

CORO
…onde nada tereis a recear.

ANTÍGONA
Penso…

CORO
Por que pensar inutilmente?

ANTÍGONA
…nos meios de voltar à nossa casa,
mas não consigo ver a solução.

CORO
Nem tentes.

ANTÍGONA
A fadiga me domina.

CORO
Há muito tempo ela te dominava.

ANTÍGONA
Ora a angústia, ora algo pior…

CORO
Tendes à vossa frente um mar de males.

ANTÍGONA
Sei muito bem.

CORO
Meu pensamento é o mesmo.

ANTÍGONA
Ai! Ai de mim! Aonde iremos, Zeus?
Com que esperança a sorte nos acena?

Entra TESEU.

TESEU
Cessai vossas lamentações, meninas!
Quando contamos com a benevolência
dos deuses infernais, por que gemer?
Provocaríamos a sua cólera.

ANTÍGONA
Ajoelhamo-nos e suplicamos-te, filho de Egeu!

TESEU

Que pretendeis, meninas?

ANTÍGONA
Queremos ver, nós mesmas, o sepulcro
de nosso pai.

TESEU
Mas isto é interdito!

ANTÍGONA
Que estás dizendo, rei, senhor de Atenas?

TESEU
O próprio Édipo deu-me a incumbência
de não deixar qualquer mortal chegar
às vizinhanças daquele lugar
e de impedir que até com sua voz
alguém pudesse perturbar a paz
do túmulo sagrado onde ele jaz;
terei, se respeitar a sua ordem,
uma Pátria livre de provações.
Dessas promessas foram testemunhas
o nosso deus e o próprio Juramento,
filho do grande Zeus que ouve tudo.

ANTÍGONA
Se é este o seu desejo, que assim seja.
Manda-nos logo de retorno a Tebas,
nossa antiga cidade, para que,
se for possível, consigamos ambas
deter a marcha da carnificina
funesta para nossos dois irmãos.

TESEU
Vou tomar essa providência e todas
que me competem para vos servir
e para dar satisfação ao morto
recém-partido; não descansarei
enquanto não cumprir minhas promessas.

CORIFEU
Agora basta; não há mais motivos
para insistir nessas lamentações.
Tudo está decidido para sempre.

FIM

NOTAS AO *ÉDIPO EM COLONO*

1. As Eumênides (veja-se verso 47), epíteto eufemístico das Fúrias (Erínies), cujo nome não se podia pronunciar. Veja-se também o verso 535.

2. *Febo*: epíteto de Apolo, significando "luminoso" (*phoibos*).

3. *Palas*: um dos nomes de Atena.

4. Isto é, guiado por Antígona.

5. O esquema métrico deste trecho faz pressupor uma lacuna de três versos nos manuscritos.

6. *Labdácidas*: descendentes de Lábdaco, avô de Édipo.

7. Era famosa na Grécia uma raça equina oriunda das proximidades do monte Etna, na Sicília.

8. Em decorrência do casamento incestuoso de Édipo com Jocasta, Antígona e Ismene eram ao mesmo tempo filhas e meio-irmãs de Édipo.

9. Veja-se Herôdotos, *História*, 11, 35.

10. Vejam-se os versos 344/345: "… sofro/pela segunda vez."

11. *Cadmeus*: epíteto dos tebanos, significando descendentes de Cadmo.

12. *Delfos*: local onde se situava o mais famoso dos oráculos de Apolo (Febo).

13. As profecias referentes ao parricídio e ao incesto.

14. *Deusas Benignas*: veja-se a nota 1. Outro epíteto eufemístico das Fúrias (Erínies).

15. Quando Creonte, grato a Édipo após a decifração dos enigmas da Esfinge, deu-lhe Jocasta em casamento e o pôs no trono de Tebas.

16. Teseu, como Édipo, passou sua infância longe da pátria; somente ao chegar à adolescência soube, por intermédio de sua mãe, que era filho de Egeu e voltou a Atenas, depois de uma viagem acidentada durante a qual enfrentou e matou vários bandidos perigosos.

17. A "voz dos próprios deuses" eram os oráculos.

18. As "deusas que alimentaram" Diôniso eram as Ninfas de Nisa.

19. As Grandes Deusas eram Deméter e sua filha Perséfone (ou Core). O narciso era a flor consagrada a Perséfone. No verso 771, Céfiso é um rio da Ática.

20. Todas essas alusões tinham uma significação especial para os habitantes da região de Colono, onde Sófocles nasceu. Nesse "hino" o poeta imortalizou as belezas e peculiaridades de sua terra natal.

21. Veja-se Herôdotos, *História*, VIII, 55.

22. O "deus poderoso" é Poseidon, cultuado especialmente em Colono.

23. Poseidon era o deus dos cavalos e das naus e se lhe atribuía a invenção dos freios e dos remos.

24. Alusão às duas filhas que serviam de apoio ("bordões") a Édipo. Veja-se o verso 1287, onde ocorre novamente a alusão metafórica a "bordões".

25. Alusão a Antígona, guia de seu pai cego.

26. "Aquele" é Creonte.

27. "Suplicantes": ao chegar a Colono, Édipo invocara a proteção divina para si mesmo; veja-se o verso 50.

28. Teseu dá a entender que prenderá Creonte.

29. O Areópago.

30. "Elas": Antígona e Ismene.

31. Locais situados na região de Elêusis, onde eram especialmente veneradas as Grandes Deusas (Deméter e Perséfone).

32. Os iniciados aos quais os Eumôlpidas (descendentes de Êumolpos) revelavam os mistérios das Grandes Deusas, que não podiam ser divulgados aos profanos.

33. O monte Aigialeus ou a elevação de File.

34. Os partidários de Teseu.

35. Deusa-Titã, confundida com Gé, ou Gaia (a Terra). O deus do mar é Poseidon.

36. Ártemis.

37. Veja-se o verso 962.

38. "Do tenebroso reino"; literalmente "de Hades", o reino dos mortos (e também o deus maior do mundo dos mortos, ou Inferno).

39. Sófocles repete aqui, quase literalmente, conceitos pessimistas contidos nos versos 425/428 do poema de Teôgnis (poeta moralista do século VI a.C.). Herôdotos (1,31) atribui conceitos semelhantes a Croisos (Creso), rei da Lídia de 560 a 546 a.C.

40. Compreende-se melhor essa manifestação pessimista de Sófocles tendo-se em vista que esta tragédia foi escrita no fim de uma longa vida.

41. *Ripeu*: montanha lendária tida como a fronteira setentrional do mundo conhecido pelos antigos.

42. *Ápis*: um dos nomes do Peloponeso, derivado do profeta e mágico homônimo.

43. As fontes, principalmente a Dirceia, eram especialmente veneradas em Tebas. Veja-se a *Antígona*, versos 115 e 942.

44. Na condição de exilados, Polinices e Édipo tinham de mendigar e lisonjear.

45. A parte mais recôndita no Inferno, onde eram castigados os piores criminosos.

46. Veja-se a nota 11.

47. Sófocles antecipa aqui o tema da *Antígona*.

48. As Erínies, deusas vingadoras dos crimes dos filhos contra seus pais. Vejam-se as notas 1 e 14.

49. Literalmente: "para o Hades", o mundo dos mortos.

50. Literalmente: "dos homens semeados", a raça tebana oriunda dos dentes de dragão semeados por Cadmos no local onde seria fundada Tebas.

51. "Deusa invisível": Perséfone. Aidoneu, em seguida, é outro nome de Hades, o deus dos mortos, "senhor das sombras". Estige (*Styx)*, um dos rios do Inferno. O "monstro invicto" do verso 1859 é o cão Cérbero.

52. Veja-se a nota 45.

53. A última invocação ("deus do sono sem fim") parece referir-se a Tânatos (a morte personificada).

54. Uma fenda na rocha, que segundo a lenda era a entrada para o mundo dos mortos. Teseu e Pirítoo teriam descido aos infernos por essa fenda, quando os dois foram ao Hades numa tentativa para raptar Perséfone. Esses detalhes topográficos, da mesma forma que os mencionados em seguida, eram familiares aos atenienses da época de Sófocles.

55. Este trecho final, até o verso 2063, constitui um treno, composição lírica marcada pela tristeza. Nesta peça, como nas outras duas, procuramos acompanhar, na medida do possível, a diversidade dos metros do original.

56. *Hades*: veja-se a nota 38.

Sófocles, *Édipo em Colono*, tradução do grego de Mário da Gama Kury, Rio de Janeiro, Zahar, 15ª reimpressão, 1989.

Revisado e adequado ao NAO por ***Joroncas***.